

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE INIMIGO NOS DISCURSOS DE OSAMA
BIN LADEN NO PERÍODO DE 1996 A 2004**

BRUNO MENDELSKI DE SOUZA

Porto Alegre

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE INIMIGO NOS DISCURSOS DE OSAMA
BIN LADEN NO PERÍODO DE 1996 A 2004**

Dissertação apresentada como exigência para
conclusão do Mestrado em Relações
Internacionais da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

BRUNO MENDELSKI DE SOUZA

Orientador: Prof. Dr. Ari Pedro Oro

Porto Alegre

2012

CIP - Catalogação na Publicação

Souza, Bruno Mendelski de
A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE INIMIGO NOS DISCURSOS
DE OSAMA BIN LADEN NO PERÍODO DE 1996 A 2004 / Bruno
Mendelski de Souza. -- 2012.
228 f.

Orientador: Ari Pedro Oro.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Relações
Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. Al-Qaeda. 2. Pensamento Islâmico Radical. 3.
Osama bin Laden. I. Oro, Ari Pedro, orient. II.
Título.

*Aos meus pais, Vera e Regis,
e ao amor da minha vida, Amália*

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa. Primeiramente, agradeço ao meu orientador, professor Ari Pedro Oro, uma pessoa prestativa e atenciosa, que durante toda esta jornada sempre edificou um ambiente tranquilo e profícuo para que eu pudesse desenvolver esta pesquisa da melhor forma possível. No meio acadêmico, sou profundamente grato aos professores: Maria Susana Soares, Graciela di Conti Pagliari, Mariana Dalalana Corbellini, Emerson Giumbelli, Marcial Garcia Suarez, Richard Jackson, Nicholas Onuf, Fabiano Mielniczuk, Raúl Rojo, Carlos Ruiz Ferreira e Nara Widholzer, que demonstraram toda a grandeza de compartilhar o seu conhecimento.

Também agradeço aos amigos Radamés Rodrigues, Leonardo Alles, Maurício Sant'Anna dos Reis, Paula Dreyer Ortmann, ao colega Edson Neves Junior, e a todos os meus colegas do Mestrado, em especial ao Leonardo Braga, Andressa Ternes, Silvana Simon e Bruno Mariotto.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de Mestrado que tanto contribuiu para o desenvolvimento desta dissertação.

Por fim, agradeço a toda a minha família pela ajuda e paciência que tiveram para com a minha pessoa. Em especial aos meus pais, Vera e Regis, e ao amor da minha vida, Amália.

RESUMO

Objetivamos analisar a construção do conceito de inimigo representado nos discursos de Osama bin Laden, durante o período de 1996 a 2004. Estes inimigos são constituídos a partir da edificação de uma realidade que apresenta Estados Unidos, Israel e seus aliados, como opressores dos muçulmanos. A fim de melhor compreender esta construção simbólica, buscaremos estudá-la com base na dinâmica de dois eixos fundamentais para a constituição do pensamento político-religioso de bin Laden: a herança teórica do islamismo radical, conjugada com a sua percepção acerca dos principais eventos geopolíticos contemporâneos envolvendo o mundo muçulmano. Dentro desta perspectiva, empregaremos o construtivismo em sua corrente linguística dos autores Nicholas Onuf e François Debrix como arcabouço teórico. Nos guiaremos pela prerrogativa de que a compreensão do mundo e da realidade ocorre de acordo com o modo como nós nos referimos a eles a partir de nossa linguagem. Como referencial metodológico que orientará nosso exame da construção do conceito de inimigo nos discursos de bin Laden, utilizaremos as categorias de operação da ideologia propostas por John Thompson na obra “Ideologia e Cultura Moderna – Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação”.

Palavras-Chave: Al-Qaeda – Pensamento Islâmico Radical – Osama bin Laden.

ABSTRACT

We aimed to analyze the construction of the concept of enemy represented in Osama bin Laden's speeches, during the period 1996 to 2004. These enemies are making from the building of a reality that presents U.S., Israel and its allies, as oppressors of muslims. To better understand this symbolic construction, we will seek to study it based on the dynamics of two pillars for the constitution of bin Laden's politico-religious thought: the theoretical heritage of radical islam, combined with the author's perception about the main events contemporary geopolitical involving the muslim world. From this perspective, we will employ the Linguistic Constructivism of the authors Nicholas Onuf and François Debrix, as theoretical framework. We will be guided by the prerogative of the understanding of the world and reality occurs according to the way we refer to them from our language. As a methodological framework that will guide our examination of the construction of the concept of enemy in bin Laden's speeches, we will use the categories of operation of ideology proposed by John Thompson in his work "Ideology and Modern Culture - Critical Social Theory in the Era of the Media."

Key-Words: Al-Qaeda – Radical Islamic Thought – Osama bin Laden

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 Mapa contendo a distribuição dos muçulmanos no mundo	44
Ilustração 2 Avanço Soviético e resistência Afegã	82
Ilustração 3 Dinâmica da Guerra do Golfo	86
Ilustração 4 Invasão Norte-Americana no Afeganistão	91
Ilustração 5 Invasão Norte-Americana no Iraque	92
Ilustração 6 Presença da Al-Qaeda na Península Arábica.....	105
Ilustração 7 Região de atuação da Al-Qaeda no Magreb Islâmico.....	107
Ilustração 8 Presença militar Norte-Americana no Oriente Médio, Ásia Central e parte da Ásia Meridional, em 2002.....	128
Ilustração 9 Diversidade religiosa da região do Cáucaso.....	149
Ilustração 10 Limites geográficos do suposto Estado do Grande Israel, segundo as demarcações sugeridas por bin Laden.....	158
Ilustração 11 Divisões políticas geradas pelo Acordo de Sykes-Picot	161

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: APRESENTANDO E DISCUTINDO CONCEITOS: O PAPEL DA LINGUAGEM PARA O ENTENDIMENTO DOS ATORES INTERNACIONAIS.	18
1.1 O CONCEITO DE IDEOLOGIA SEGUNDO THOMPSON	20
1.2 A PROBLEMÁTICA DO CONCEITO DE “FUNDAMENTALISMO”	23
1.2.1 A origem e contexto sócio-religioso do conceito “fundamentalismo”	24
1.2.3 As lacunas do uso de “fundamentalismo” para o islamismo.....	26
1.2.4 As conotações ideológicas de “fundamentalismo”	28
1.3 A PROBLEMÁTICA DO CONCEITO “TERRORISMO”	31
1.3.1 O poder do discurso para a construção da realidade a partir do conceito terrorismo	32
1.3.2 O problema da inexistência do consenso sobre o uso de terrorismo e seu uso na “Guerra ao Terror”	33
1.3.3 A incapacidade de imparcialidade do vocábulo terrorismo	37
CAPÍTULO II: A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO RADICAL ISLÂMICO DE OSAMA BIN LADEN	40
2.1 O ISLAMISMO.....	41
2.1.1 Origens.....	41
2.1.2 Os primeiros Califados e a grande divisão do Islã	44
2.1.3 O Sunismo.....	46
2.1.3.1 A Escola Hanafita	46
2.1.3.2 A Escola Malekita	47
2.1.3.3 A Escola Shafita	47
2.1.3.3 A Escola Hanbalita	48
2.1.4 O Xiismo.....	48
2.1.4.1 Os Xiitas dos Doze <i>Imãs</i>	49
2.1.4.2 Os Ismaelitas.....	50
2.1.4.3 Os Zaiditas	50
2.1.5 O Sufismo.....	51
2.2 A BASE TEÓRICA DO RADICALISMO ISLÂMICO SUNITA E SUA INFLUÊNCIA EM OSAMA BIN LADEN.....	52

2.2.2 Taqi Ad-din Ahmed ibn Taymiyya (1263-1328)	54
2.2.3 Ibn Abd al-Wahhab (1703-1792)	58
2.2.4 Mawlana Mawdudi (1903-1979)	63
2.2.5 Sayyid Qutb (1906-1966)	66
2.2.6 Abdullah Azzam (1941-1989)	71
2.2.7 Osama bin Laden (1957-2011).....	78
CAPÍTULO III: O SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA AL- QAEDA	81
3.1 A INVASÃO SOVIÉTICA NO AFEGANISTÃO (1979-1989) E A FORMAÇÃO DA VANGUARDA ISLÂMICA DENTRO DA RESISTÊNCIA AFEGÃ	82
3.4 O PERÍODO NO AFEGANISTÃO (1996-2001).....	88
3.5 O PÓS 11 DE SETEMBRO E A DESCENTRALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES (2001-2010).....	89
3.6 OBJETIVOS	94
3.7 FINANCIAMENTO.....	97
3.8 ESTRUTURA OPERACIONAL.....	100
3.8.1 A liderança da Al-Qaeda	101
3.8.2 Afiliados reconhecidos pela Al-Qaeda.....	103
3.8.2.1 Al-Qaeda na Terra dos Dois Rios.....	103
3.8.2.2 Organização da Al-Qaeda na Península Árábica	104
3.8.2.3 Al-Qaeda no Magreb Islâmico	107
3.8.2.4 Al-Qaeda no Afeganistão	108
3.8.3 Autoproclamados afiliados	108
3.8.4 Grupos e indivíduos que são inspirados pela Al-Qaeda mas que não possuem ligação com a organização	109
CAPÍTULO IV: A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE INIMIGO NOS DISCURSOS DE OSAMA BIN LADEN	112
4.1 O <i>MODUS OPERANDI</i> DA IDEOLOGIA SEGUNDO THOMPSON	112
4.2 DISCURSO DE AGOSTO DE 1996	117
4.2.1 Inimigos: EUA e Israel.....	117
4.2.2 Inimigos: EUA e Israel e governos que oprimem os muçulmanos	119
4.2.3 Inimigos: EUA e Israel.....	122
4.2.4 Inimigo: o regime saudita	124
4.3 DISCURSO DE FEVEREIRO DE 1998.....	125
4.3.1 Inimigos: EUA e Israel.....	125

4.3.2 A construção teórica da obrigação da <i>jihad</i> contra o inimigo EUA e seus aliados.....	126
4.3.3 Operacionalização da <i>jihad</i> contra o inimigo EUA e seus aliados.....	127
4.3.4 Inimigos: EUA e Israel.....	131
4.4 DISCURSO DE 21 DE OUTUBRO DE 2001.....	134
4.4.1 A lógica da vingança e o poder financeiro como inimigo: a visão de bin Laden sobre o 11 de Setembro.....	134
4.4.2 Inimigos: Governos árabes.....	135
4.4.4 Inimigos: EUA e Israel.....	139
4.4.5 Outros inimigos: Japão, Austrália e Alemanha.....	141
4.4.6 A batalha contra os inimigos cruzados globais.....	142
4.4.7 O combate ao inimigo cruzado para a instalação do Califado islâmico... ..	143
4.5 DISCURSO DE 3 DE NOVEMBRO DE 2001.....	145
4.5.1 A construção da “Guerra ao Terror” como “Guerra aos muçulmanos”	145
4.5.2 O inimigo Russo.....	147
4.6 NOVEMBRO DE 2002.....	150
4.6.1 Inimigos secundários: aliados estrangeiros dos EUA e Israel.....	150
4.7 14 DE FEVEREIRO DE 2003.....	153
4.7.1 A representação do 11 de Setembro como indicador do declínio dos EUA.....	153
4.7.2 A obrigação da <i>jihad</i> contra os inimigos EUA e Israel.....	154
4.7.3 Inimigos: Israel.....	157
4.7.4 Inimigos: EUA e Inglaterra (O eixo Bush-Blair).....	160
4.7.5 Inimigos: Estados árabes.....	162
4.8 4 DE JANEIRO DE 2004.....	165
4.8.1 A construção do conceito de “inimigo” para os EUA e Israel em razão da invasão do Iraque.....	165
4.8.2 Os inimigos: governantes árabes (especialmente os dos Estados do Golfo).....	167
4.8.2.1 Razões externas para a ilegitimidade dos governos árabes.....	167
4.8.2.2 Razões internas para a ilegitimidade dos governos árabes.....	169
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	173
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	177
ANEXOS.....	185
ANEXO A – Discurso de 23 de Agosto de 1996.....	185

ANEXO B – Discurso de Fevereiro de 1998	188
ANEXO C – Discurso de 21 de Outubro de 2001.....	190
ANEXO D – Discurso de 03 de Novembro de 2001	203
ANEXO E – Discurso de 12 de Novembro de 2002	206
ANEXO F – Discurso de 14 de Fevereiro de 2003.....	207
ANEXO G – Discurso de 04 de Janeiro de 2004.....	218

INTRODUÇÃO

A organização da Al-Qaeda, fundada e liderada pelo saudita Osama bin Laden, têm estado no centro das atenções dos principais Estados mundiais desde os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos (EUA), quando desferiu um inédito e espetacular ataque contra a maior potência do globo, deixando cerca de três mil mortos e uma grande ferida no orgulho norte-americano. Tal operação teve como resposta a ofensiva político-militar “Guerra do Terror”, perpetuada pelos EUA e seus aliados contra a Al-Qaeda e contra toda e qualquer entidade designada como “terrorista” (sobretudo aquelas com orientação islâmica). Entre as principais ações desta campanha destacam-se as invasão do Afeganistão (2001-) e do Iraque (2003-2011), intervenções que alteraram a geopolítica mundial.

Neste cenário belicoso foram construídos dois inimigos centrais que enfrentam-se em uma escala global: as organizações muçulmanas associadas ou inspiradas pelo discurso retórico de bin Laden *versus* a coalização internacional liderada pelos EUA e pela Inglaterra. Ambos os lados articulam-se pela depreciação do oponente: seja pela qualificação do outro de “infiel” ou de “terrorista”. Será a partir desta representação negativa do outro, através da linguagem discursiva, que se construirão as legitimações para o combate ao adversário.

No presente trabalho optamos por estudar o processo construtivo do conceito de inimigo segundo a visão da Al-Qaeda, de acordo com a análise dos discursos de seu membro mais importante e influente: Osama bin Laden. Para tanto, buscou-se identificar e compreender o processo formativo do pensamento político-religioso de bin Laden, a partir da articulação de dois eixos principais: a influência do islamismo radical sobre ele, conjugada com a dinâmica dos principais acontecimentos geopolíticos contemporâneos envolvendo o mundo muçulmano.

Sobre o primeiro eixo tentaremos evidenciar a conexão entre as ideias atuais de bin Laden com a longa herança do pensamento islâmico de caráter mais conservador. Nesse exercício, buscaremos demonstrar a importância de conceitos muçulmanos tradicionais como *jihad*¹ e vanguarda islâmica. De modo paralelo e ao mesmo tempo complementar, procuraremos indicar o estreito atrelamento do impacto que eventos-chaves transcorridos no mundo muçulmano, como a criação do Estado de Israel (1947), invasão Soviética no Afeganistão (1979-1989), a Guerra do Golfo (1990-1991), a invasão Norte-Americana no Afeganistão (2001-) e invasão Norte-Americana no Iraque (2003-2011), tiveram sobre a percepção do mundo de Osama bin Laden.

O estudo que empreenderemos sobre esta organização igualmente busca contribuir para o preenchimento de uma grande lacuna na qual este tema encontra-se inserido, no que tange o meio acadêmico nacional. Apesar de ser presença constante nos círculos militares e acadêmicos dos grandes Estados internacionais, o estudo da Al-Qaeda no âmbito brasileiro das Relações Internacionais ainda é muito deficitário. Apenas uma dissertação de mestrado – “A Globalização do Radicalismo Islâmico: um estudo de caso da Al-Qaeda sob a luz do Choque de Civilizações”, de Alexandre Santos de Amorim – foi publicada sobre o grupo.

Particularmente, estudamos a organização da Al-Qaeda desde o ano de 2008 (quando iniciamos nossos contatos com o assunto, em virtude do trabalho de conclusão do curso de graduação em Relações Internacionais do Centro Universitário Unilasalle) e desde então, a elevada complexidade e contemporaneidade deste tema tem se transformado em um instigante e apaixonante objeto de pesquisa.

Para o estudo deste complexo objeto de pesquisa empregaremos, com o intuito de fornecer uma base teórica consistente, o construtivismo em sua vertente linguística. Esta escolha ampara-se na atenção especial que construtivistas como Nicholas Onuf e François Debrix atentam ao estudo da linguagem como mecanismo de compreensão das dinâmicas internacionais atuais. Entender a linguagem que os atores utilizam para se referir ao mundo significa, de acordo com esta visão construtivista, compreender o modo como estes atores vêm e atuam sobre esse

¹ Termo árabe que significa luta em favor de Deus; aplicada tanto para a busca do auto-controle quanto à islamização da sociedade e a luta armada contra os infiéis. Por possuir um conceito muito amplo, *jihad* não possui aceitação universal em relação à definição dada acima.

mundo que, por sua vez, é socialmente construído e representado por meio da linguagem.

Acreditamos que essa perspectiva nos auxiliará na melhor compreensão da importância e da influência que as ideias contidas na tradição islâmica de caráter mais radical tiveram sobre a formação do pensamento extremista de bin Laden. Igualmente, esse arcabouço teórico facilitará nosso entendimento da articulação retórica que bin Laden utiliza (a partir de conceitos herdados do islamismo radical) para construir um mundo onde os muçulmanos são oprimidos pelo Ocidente liderado por EUA e Israel.

Trabalhando juntamente com a teoria, empregaremos como metodologia para a análise do conceito de inimigo contido nos discursos de bin Laden, as categorias de operação da ideologia propostas pelo sociólogo e professor da Universidade de Cambridge, John Thompson. Trabalhando a ação da ideologia a partir da articulação das formas simbólicas (conjunto de ações, falas, imagens e textos produzidos por sujeitos e reconhecidos por outros como construtos significativos), este autor nos fornece um interessante quadro analítico, que empregaremos para analisar como bin Laden vale-se da ideologia do islamismo radical para construir o conceito de inimigo em seus discursos. Como método, aplicaremos as cinco categorias de operação de ideologia de Thompson: *Legitimação, Dissimulação, Unificação, Fragmentação e Reificação*.

Em relação ao *corpus discursivo* analisado nesta pesquisa, fazem-se necessárias três observações. A primeira diz respeito às fontes. Todos os discursos examinados são originários da obra *Messages to the World: The Statements of Osama bin Laden*, editada pelo professor de religião da Universidade de Duke, Bruce Lawrence (Doutor em História das Religiões pela Universidade de Yale). Os discursos compilados neste trabalho (que cobrem o período de 1994 a 2004) foram traduzidos do seu original em árabe para o inglês por James Howarth, Doutor em Revivalismo Religioso no Pensamento Contemporâneo Árabe, e Mestre em Linguística Árabe, pela Universidade de Londres. As subseqüentes traduções do inglês para o português, nas citações efetuadas neste trabalho, são de nossa responsabilidade.

A segunda refere-se ao recorte do período histórico (1996 a 2004) do *corpus discursivo* e a seleção analítica do mesmo. De modo fundamental, ambas as situações foram decisivamente norteadas pela ocorrência das melhores

possibilidades discursivas de identificação do caráter de inimigos, proposta por bin Laden.

Sobre a opção de restringir a análise ao período acima, além de a mesma estar plenamente incluída na obra de Lawrence, deve-se em razão de que este representa o momento mais profícuo de bin Laden no que diz respeito a emissão de declarações. Não por acaso, encontramos cronologicamente neste período quatro grandes acontecimentos intimamente ligados à organização liderada por bin Laden: a primeira declaração de guerra contra os EUA (agosto de 1996); os atentados de 11 de setembro de 2001; a invasão norte-americana no Afeganistão (outubro de 2001); e a invasão norte-americana no Iraque (março de 2003).

Durante do período de 1996 a 2004, bin Laden efetuou cerca de vinte e dois discursos. Dentro da impossibilidade de se examinar tamanha quantidade sem perder a qualidade e o rigor acadêmico, preferiu-se privilegiar aqueles que contemplassem diretamente os eventos descritos acima. Estes, em razão de seu elevado valor simbólico para os muçulmanos, artilmente articulados dentro da retórica de bin Laden, constituem-se em importantes conjunturas para o processo de construção do conceito de inimigo de bin Laden.

Também priorizamos os discursos que apresentassem aos leitores, além dos inimigos principais (EUA, Israel e os governantes árabes aliados aos primeiros), inimigos secundários, como os Estados aliados à Guerra ao Terror (países Europeus, Japão e Austrália) e países que possuem históricos de confronto com populações muçulmanas (Rússia, Indonésia, Índia, entre outros).

Para podermos alcançar nosso objetivo de identificar e analisar a construção do conceito de inimigo nos discursos de bin Laden, dividimos esta dissertação em quatro capítulos.

O primeiro tem como objetivo apresentar as prerrogativas da abordagem teórica do construtivismo linguístico, a fim de construir um aporte teórico satisfatório para a tarefa de análise do conceito de inimigo nos discursos de bin Laden. Com base neste modelo teórico também iremos, neste capítulo, exhibir e discutir dois conceitos que aparecem intimamente ligados à organização da Al-Qaeda, mas que em nossa visão prejudicam uma verdadeira e imparcial pesquisa acadêmico-científica. Trata-se dos termos fundamentalismo islâmico e terrorismo.

O capítulo posterior busca compreender a formação do pensamento político-religioso de Osama bin Laden a partir de uma profunda investigação do

islamismo como religião, modo de vida e sistema político. Para tal tarefa, dividimos o presente capítulo em duas partes: a primeira apresenta de forma elucidativa um estudo geral sobre o islamismo; a segunda traz uma exposição dos principais ideólogos do islamismo político que influenciaram Osama bin Laden.

O terceiro capítulo versa sobre o surgimento e consolidação da Al-Qaeda como organização islâmica radical. Abordar-se-á a evolução histórica do grupo, desde suas origens na invasão soviética até a atualidade. Também analisaremos os objetivos da organização, suas fontes de financiamento, bem como sua estrutura operacional. Destacar-se-á que com o passar dos anos a organização alterou profundamente o seu mecanismo de operação: até a invasão norte-americana no Afeganistão (outubro de 2001) o grupo era dependente de um território e possuía um comando hierárquico centrado em bin Laden. Após esse período, a Al-Qaeda descentralizou profundamente suas atividades, passando a atuar de forma clandestina e fragmentada, metamorfoseando-se de um grupo territorialmente situado para uma ideologia de vanguarda islâmica radical.

O quarto e último capítulo empreende uma análise dos discursos de bin Laden com o intuito de identificar e examinar a construção do conceito de inimigo proposto pelo autor. Já assinalamos que como ferramenta metodológica empregaremos as categorias de operação de ideologia de John Thompson, as quais julgamos que nos proporcionam ótimas perspectivas para uma apreciação coesa e elucidativa da construção do conceito de inimigo indicado por bin Laden.

Por fim, demonstramos como a herança do pensamento islâmico radical, combinada com a percepção de bin Laden sobre os principais eventos geopolíticos do mundo muçulmano, determinaram a construção do conceito de inimigo para ele.

CAPÍTULO I: APRESENTANDO E DISCUTINDO CONCEITOS: O PAPEL DA LINGUAGEM PARA O ENTENDIMENTO DOS ATORES INTERNACIONAIS

Dentro do construtivismo como abordagem teórica das Relações Internacionais, há alguns autores que colocam a linguagem e o discurso como centrais na análise dos eventos internacionais. Eles representam a corrente conhecida como virada linguística das Relações Internacionais. Como principais autores deste movimento destacam-se Friedrich Kratochwill (*Rules, Norms and Decisions: On the Conditions of Practical and Legal Reasoning in International Relations and Domestic Affairs* – 1989), Nicholas Onuf (*World of Our Making – Rules and Rule in Social Theory and International Relations* – 1989) e, mais recentemente, François Debrix (*Language, Agency, and Politics in a Constructed World* – 2003).

Estes autores consideram que o mundo não é pré-determinado, mas sim construído a partir da ação dos atores, indicando que o mundo é uma construção social. Dentro desta construção social, há agentes e estruturas que são co-constituídos. Segundo Nogueira e Messari, “é a interação entre os atores, isto é, os processos de comunicação entre os agentes, que constrói os interesses e as preferências destes agentes” (2005, p. 166).

Estes agentes são profundamente influenciados por ideias e valores que condicionam a sua relação com o mundo material, ao desempenharem uma função de constituição do conhecimento dos agentes sobre o mundo. Ainda segundo Nogueira e Messari:

Se por um lado, os construtivistas não descartam as causas materiais, por outro, consideram que as ideias e os valores desempenham um valor central na formulação do conhecimento sobre este mesmo mundo. Isso

significa que os construtivistas não ignoram que exista “um mundo lá fora”, mas consideram que ele só faz sentido a partir do momento que nos referimos a ele, e mediante os meios que usamos para nos referirmos a eles (2005, p. 167).

Neste ponto de compreensão dos meios representacionais do mundo, é que os construtivistas da virada linguística focam seus esforços teóricos. Para eles, o mundo como conhecemos é o resultado do modo como nós nos referimos a ele através das nossas falas e discursos. A linguagem que adotamos é responsável pela construção da realidade que vivemos. Nesse sentido, a visão que temos de determinado objeto decorre do modo como nos referimos discursivamente a ele, a qual tende a motivar nossos entendimentos e ações. Segundo Onuf:

Fundamental para o construtivismo é a preposição de que os seres humanos são seres sociais, e que nós não seríamos humanos se não pelas nossas relações sociais. Em outras palavras, as relações sociais fazem ou constroem as pessoas – nós mesmos – para o tipo de seres que somos. Reciprocamente, nós fazemos o mundo o que ele é, das matérias-primas que a natureza proporciona, fazendo o que nós fazemos uns com os outros e dizendo o que dizemos uns aos outros. **Na verdade dizer é fazer: a fala é indiscutivelmente o caminho mais importante que nós percorremos para fazermos o mundo do jeito que ele é** [grifo nosso] (1998, p. 1).

Admitindo que construímos o mundo com base no modo como usamos a linguagem para se referir a ele, podemos notar que a própria linguagem traz consigo um importante caráter representacional. Essa representação estabelece um diálogo de equivalência entre a palavra pronunciada e a ação a ser realizada. Para Onuf, “as pessoas usam palavras para representar ações e elas podem usar palavras, e palavras sozinhas, para performar ações (1989, p. 82)”. Analisando essa citação de Onuf, Debrix interpreta que a linguagem:

Embora ela precise ser proferida por um agente individual na forma de palavras, a linguagem esta sempre presente como um suporte para a ação. Sem o suporte da linguagem, a ação não pode ser realizada. Ela não encontraria o seu lugar no mundo. Assim, a palavra precisa estar representada na ação, para realiza-la, a fim de que o ato-articulado torne-se um agente social. A capacidade representacional da linguagem torna possível o encontro entre sujeito e sociedade (2003, p. 9)

Desta forma, construtivistas como Onuf e Debrix priorizam o estudo da linguagem como forma de melhor compreender as Relações Internacionais. Ainda, de acordo com Debrix,

A linguagem nas relações internacionais contemporâneas é um componente inescapável da vida, comportamento, e identidade dos atores/agentes internacionais, e a linguagem é crucial para a formação das perspectivas contemporâneas das políticas globais (2003, p. x).

Partindo então destes pressupostos teóricos acerca da linguagem nas Relações Internacionais, podemos afirmar que todo termo possui um conjunto de significados que nos conduzem a determinadas posições. Eles sugerem pré-fixadas opiniões, ao apresentarem certos objetos a partir de conotações (implícitas ou explícitas) negativas ou positivas. Tais termos ao serem utilizados à exaustão tendem a desenvolver padrões imaginários nos indivíduos que os consomem.

A linguagem como meio de percepção e construção da realidade demonstra-se uma peça fundamental do discurso político. É a partir dela que são apresentados os fatos, construídos através de representações do mundo. E uma das representações primordiais do discurso político é a descrição e a caracterização do “outro”. Porém, todo esse processo construtivo e representacional encontra-se entrelaçado a uma prática ideológica.

1.1 O CONCEITO DE IDEOLOGIA SEGUNDO THOMPSON

John Thompson propõe em sua obra *“Ideologia e Cultura Moderna – Teoria Social Crítica na era dos meios de comunicação”*, um interessante referencial metodológico para a análise da operação da ideologia². Para o autor, a ideologia é concebida como um sistema de crenças, ou formas e práticas simbólicas que são empregadas a fim de estabelecer e sustentar relações de dominação.

Dessa maneira, para ele “estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (2007, p. 76). O autor complementa afirmando que “fenômenos ideológicos são fenômenos simbólicos significativos desde que sirvam, em circunstâncias sócio históricas específicas, para estabelecer e sustentar relações de dominação” (ibidem).

Neste estudo de Thompson, as formas simbólicas assumem um papel determinante para a operação da ideologia. De acordo com o autor:

² Não apresentaremos uma discussão conceitual acerca do termo “ideologia” posto que esta tem sido largamente realizada no meio acadêmico, e também em razão de não ser o objetivo deste trabalho.

Por formas simbólicas, eu entendo um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros, como construtos significativos. Falas linguísticas e expressões, sejam elas faladas ou escritas, são cruciais a este respeito (2007, p. 79).

Infere-se, do que vem de ser dito, que a análise das formas simbólicas constantes no discurso da Al-Qaeda favorecerá uma melhor compreensão das dinâmicas propostas por bin Laden, em sua articulação com componentes simbólicos de caráter coletivo aos muçulmanos, como *ummah*³, *jihad*, Califado, Cruzadas, etc. Estes elementos serão fundamentais para o processo constitutivo da condição de inimigos dentro da retórica ideológica de bin Laden. Thompson, comentando seu exame da ideologia, afirma que:

A análise da ideologia, de acordo com a concepção que irei propor, está primeiramente interessada com as maneiras com as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder. Ela está interessada nas maneiras como o sentido é mobilizado, no mundo social, e serve, por isso, para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder. (2007, p. 75-76).

Para a operação da ideologia a partir de construções simbólicas, Thompson apresenta cinco categorias analíticas⁴ que, segundo ele, podem atuar de forma independente uma da outra ou sobrepor-se e reforçar-se mutuamente. Estas apresentam-se como *Legitimação (Racionalização, Universalização e Narrativização)*; *Dissimulação (Deslocamento, Eufemização e Tropo)*; *Unificação (Padronização e Simbolização da Unidade)*; *Fragmentação (Diferenciação e Expurgo do Outro)* e *Reificação (Naturalização, Eternalização e Nominalização/Passivação)*.

Através da *legitimação*, relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem representadas como legítimas, justas e dignas de apoio. A *dissimulação* opera com base na negação, ocultação ou pelo desvio do leitor a respeito de uma questão central. Já a *unificação* visa à construção simbólica, de modo a conectar indivíduos numa identidade coletiva, independentemente das diferenças que possam separá-los. Ao contrário da estratégia anterior, a *fragmentação* objetiva segmentar indivíduos e grupos ou representá-los como maus ou ameaçadores. Por fim, o mecanismo de *reificação* atua a fim de retratar uma

³ Termo árabe que exprime a idéia de comunidade dos muçulmanos, tanto no sentido de fiéis quanto no sentido nacional.

⁴ Aprofundaremos a exposição das referidas categorias analíticas no último capítulo deste trabalho.

situação histórica, como se a mesma fosse permanente e natural, eliminando o caráter sócio histórico dos eventos.

Apresentados brevemente os mecanismos de operação de ideologia de Thompson, faremos uma observação acerca deste método. Apesar deste autor desenvolver o seu estudo da ideologia a fim de identificar relações de dominação entre os atores, entendemos que também seja válido para a análise discursiva da construção de inimigos por bin Laden. Acreditamos ser esta uma adaptação viável, uma vez que todas as cinco estratégias de ação da ideologia propostas por Thompson (conforme demonstramos no último capítulo), encaixam-se perfeitamente na retórica de bin Laden.

O exame da construção do conceito de inimigo nos discursos de bin Laden, com base nesta metodologia de Thompson, ancora-se na articulação das formas simbólicas coletivas para os muçulmanos (*ummah, jihad, Califado, Cruzadas, etc*). Igualmente (embora não seja este o foco desta pesquisa) revela a existência de uma relação construída de poder entre bin Laden e seus assessores mais próximos e seus seguidores dentro do mundo muçulmano. Por fim, sobre essa questão de ajustamento conceitual-metodológico, citamos o próprio autor:

Estratégias de construções simbólicas são os instrumentos com os quais as formas simbólicas, capazes de criar e sustentar relações de dominação, podem ser produzidas. Essas estratégias são instrumentos simbólicos, por assim dizer, que facilitam a mobilização do sentido. Mas, **se as formas simbólicas assim produzidas assim servem para sustentar relações de dominação ou para subverte-las, se servem para promover indivíduos e grupos poderosos ou para miná-los, é uma questão que só pode ser resolvida examinando como essas formas simbólicas operam em circunstâncias sócio-históricas particulares, como elas são usadas e entendidas pelas pessoas que as produzem e recebem nos contextos socialmente estruturados da vida cotidiana** [grifo nosso] (2007, p. 89).

Esta metodologia de identificação do modo como a ideologia nos discursos de bin Laden constrói o sentido de inimigos se completará com as bases construtivistas de representação do “outro”. Antes de examinarmos como ocorre a construção do “outro / inimigo” dentro do discurso da Al-Qaeda, julgamos pertinente analisarmos primeiramente como se sucede a representação contrária: a Al-Qaeda vista pelo Ocidente⁵. Tal esforço justifica-se em razão do desenvolvimento de *clichês*

⁵ Entendemos por “Ocidente” como a tradição política, cultural e religiosa oriunda da matriz Judaico-Cristã, originária da Europa e presente nos países de colonização europeia.

sobre a organização e da alta politização de termos outrora analíticos como “fundamentalismo” e “terrorismo”.

1.2 A PROBLEMÁTICA DO CONCEITO DE “FUNDAMENTALISMO”

Nas últimas décadas o vocábulo “fundamentalismo” tem sido largamente utilizado pela mídia e por autores que escrevem sobre a temática do mundo árabe / muçulmano, para se referir a movimentos reformadores islâmicos. A utilização da palavra “fundamentalismo” para se designar organizações islâmicas (radicais ou moderadas) gera duas situações problemáticas que procuraremos discutir nessa seção.

A primeira diz respeito ao sentido original e sociocultural do termo “fundamentalismo” e as insuficiências de sua externalização para outras religiões, como o islamismo. A segunda refere-se às conotações negativas, generalistas e, muitas vezes, ideológicas que a palavra possui ao ser empregada no contexto religioso muçulmano atual.

Ambas circunstâncias contribuem para as insuficiências da palavra “fundamentalismo” como termo analítico. Mais do que isso, o caráter generalista e pejorativo que o vocábulo adquiriu, sobretudo quando ligado ao islamismo – “fundamentalismo islâmico” - favorece o desenvolvimento de uma série de preconceitos e desinformações a respeito da religião e do povo muçulmano. Integrando uma linguagem representacional do mundo e da realidade, “fundamentalismo” e “fundamentalismo Islâmico” projetam juízos de valores para todos aqueles que se enquadram nessa classificação. Para Fairclough (2001, p. 91), “o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significações do mundo, constituindo e construindo o mundo em significados”.

Ao produzir significações próprias do mundo, e conceber visões particulares de determinada realidade, a partir de uma série de pressupostos (negativos e generalistas), fortemente associados ao termo, à designação “fundamentalista” afasta-se de seu sentido original e torna-se altamente politizada. Razão pela qual torna-se bastante problemático o seu uso analítico para os estudos sociais.

1.2.1 A origem e contexto sócio-religioso do conceito “fundamentalismo”

O termo “fundamentalismo” é originário de uma ramificação do movimento protestante norte-americano que ao pregar a interpretação literal da Bíblia e o retorno aos “fundamentos da fé”, procurava se diferenciar dos demais grupos protestantes de orientação liberal. Segundo Guolo e Pace (1998, p. 13), “o fundamentalismo nasce historicamente no mundo Protestante, como uma corrente teológica que toma forma no final do século XIX nos EUA, em oposição à tendência do liberalismo teológico, que já havia se manifestado na Europa”.

Os EUA do final do século XIX e início do XX eram uma sociedade que conviviam com as invenções modernas e com o industrialismo. O desenvolvimento da ciência e das teorias evolucionistas traziam novas ideias que, por vezes, acabavam entrando em choque com a tradição religiosa cristã. Entre elas, destacara-se a Teoria da Evolução, de Charles Darwin, que ao defender a descendência do homem pelo macaco colidiu profundamente com a premissa cristã de que o homem foi criado diretamente por Deus. Nesse contexto, a fé cristã percebeu-se perdendo gradativamente a legitimidade de outrora perante a sociedade. Como reação a essa situação surgem, nos grupos protestantes, correntes conversadoras com o objetivo de “defender o princípio da inspiração divina *plena* da Bíblia, portanto, sua inerrância, a autoridade absoluta da letra da Bíblia na vida do Cristão” (Pierucci, 1991, p. 24).

O vocábulo “fundamentalismo” é procedente da crença dos “fundamentos” da doutrina cristã. Epistemologicamente sua origem remete a dois eventos simbólicos para os protestantes conversadores norte-americanos: o primeiro foi uma conferência bíblica realizada em Niágara, em 1895, onde “elaborou-se (...) uma espécie de manifesto ideológico que constituiu-se no ato oficial do nascimento do fundamentalismo Protestante – onde resumiu-se as posições consideradas inalienáveis para o conhecimento teológico respeitoso da verdade da Bíblia” (Guolo e Pace, 1998, p. 13-14); nela também “o vocábulo fundamentalismo foi inventado” (Oro, 1996, p. 59).

O segundo foi a publicação, em forma de panfletos, entre 1910 e 1915, chamada “*The Fundamentals: a Testimony to the Truth*”, que reafirmava a autoridade suprema da Bíblia, a qual devia ser interpretada literalmente; criticava as

teorias evolucionistas, entre outros preceitos conservadores. Dessa forma, “eles [os fundamentalistas] queriam voltar às bases e reenfatar os “fundamentos” da tradição Cristã; os quais eles identificavam como a interpretação literal da Escritura e a aceitação de certos núcleos doutrinários” (Armstrong 2000, p. xii).

Para Bruinessen (1995, p. 158), o termo “fundamentalismo”, “implicava em uma reafirmação na crença literal da Bíblia, útil contra as investidas da ciência secular; mais notadamente, em sua defesa na crença na criação contra a Teoria da Evolução de Darwin”. As ideias modernistas e o desenvolvimento da ciência nos EUA geraram um movimento religioso que buscava em uma interpretação mais pura da doutrina religiosa, um modo de impedir que sua fé também se modernizasse.

Porém, a batalha travada pelos fundamentalistas norte-americanos limitava-se a esfera das ideias religiosas de caráter individual e familiar. Para Pierucci (1991, p. 24):

(...) o adversário interno [do fundamentalismo] eram os partidários da teologia liberal e os métodos de crítica histórica e literária para a interpretação da Escritura; e o externo era particularmente a mentalidade científica moderna, representada de forma emblemática pelo darwinismo.

Mas, a oposição às ideias modernizantes da época não possuía um contorno organizacional político, apesar de seu caráter fortemente militante. Isso muito decorre em razão da crença de que a afirmação dos valores cristãos tradicionais deve nascer por meio do empenho pessoal do indivíduo, na esfera familiar, e não em âmbito estatal. Para Oro (1996, p. 64), “de maneira geral, no fundamentalismo histórico, admitia-se a separação entre Igreja e Estado, bem como a obediência às ordens e leis do Estado”. Segundo Marsden (1980, p. 4), “o fundamentalismo era uma livre, diversa e cambiante federação de co-beligerantes, unidos por sua feroz oposição às tentativas modernistas de adequar o Cristianismo junto ao pensamento moderno”.

Ser “fundamentalista”, então, de acordo com o sentido original do termo, indicava que seu adepto (praticante do protestantismo) acreditava na inerrância da Bíblia como palavra de Deus e levava uma vida de acordo com os princípios morais cristãos. Seu ativismo era pacífico e restringia-se ao âmbito comunitário (igrejas, escolas, famílias), não buscando uma alteração política do *status quo*.

1.2.3 As lacunas do uso de “fundamentalismo” para o islamismo

Como característica específica dentro de suas ambições, o fundamentalismo protestante norte-americano não almejava a mudança do status político do momento. Essa condição é uma importante particularidade do movimento, a qual é intimamente ligada ao seu contexto político-cultural. Para Emerson e Hartman (2006, p. 132), “ao contrário de muitos grupos fundamentalistas atuais, os fundamentalistas protestantes Norte-Americanos do início do século XX, não travavam uma batalha contra o Estado laico, mas sim contra outras organizações e pessoas protestantes nos EUA”.

Os esforços dos fundamentalistas protestantes se focavam no âmbito social a nível comunitário, nas esferas individual, familiar, escolar, eclesiástica, etc, enquanto que a realidade de alguns grupos islâmicos é extremamente complexa e variada, com grupos de ações apenas comunitárias, outros de apenas políticas e ainda outros que mesclam ambas. A diferença de objetivos políticos citada acima é apenas uma, entre as várias dificuldades, que apresenta a universalização do emprego de um termo oriundo de um contexto político-cultural específico.

Apesar dessa circunstância, o vocábulo “fundamentalismo” ganhou aplicabilidade global. Para Armstrong (2000, p. xii), “o termo “fundamentalismo” tem sido utilizado para se referir aos movimentos reformistas de outras fés mundiais, de uma maneira que está longe do satisfatório. Ele parece sugerir que o fundamentalismo é monolítico em todas as suas manifestações”.

Toda religião possui suas divisões internas e dentro delas mesmas há, entre os grupos mais conservadores, correntes distintas. No caso do islamismo, notamos a existência de inúmeras vertentes que variam de acordo com o modo de interpretação das escrituras sagradas, do engajamento político, da relação com outras culturas/religiões e da adoção ou não de ações violentas. Assim para Marshallsay (2004, p. 2):

(...) não somente o termo é usado como uma trivial descrição da ideologia militante dos movimentos Islâmicos contemporâneos, mas submete os vários movimentos Islâmicos (políticos, sociais, culturais, econômicos e locais) sobre a rubrica geral de movimentos fundamentalistas Islâmicos, cegando-nos a respeito das divergências, divisões internas e das naturezas

evolucionárias dos grupos variados. Também nos impede de efetuar uma análise desapassionada desse objeto.

Colocar todas as correntes reformistas do islamismo sob o mesmo rótulo de “fundamentalista” cria uma situação insatisfatória de generalização e desconhecimento. Segundo Bruinessen (1995, p. 158), “os movimentos no mundo Muçulmano que são chamados de “fundamentalistas” possuem diferentes origens intelectuais e políticas, e utilizar o mesmo termo para eles, não é necessariamente útil rumo a um melhor entendimento”.

Também é necessário relembrar as tradicionais concepções de política para o cristianismo e para o islamismo. A primeira religião convive (desde a fundação do Estado moderno europeu), com a separação formal do Estado; assim, por mais conservador e militante que algum grupo religioso cristão seja, suas ações historicamente não visam alterar a ordem política vigente. Já o islamismo possui uma relação complexa com o Estado político, variando de fusão entre as duas esferas, independência e às vezes um misto de ambos. Deste modo, a ideia de fundamentalismo protestante norte-americano do início do século XX detinha um juízo político que não possui relação com os conceitos de grupos militantes islâmicos contemporâneos.

Em relação ao contexto original de “fundamentalismo”, nos deparamos com outra inconsistência para sua aplicação ao islamismo. Para Pinto (2003, p. 19), “essa abordagem não tem correspondência com a dos teólogos ou crentes Muçulmanos que, na sua atitude relativamente ao Texto sagrado, são naturalmente fundamentalistas”. Também para Marshallsay (2004, p. 4-5) (...) “se “fundamentalismo” conota voltar aos “fundamentos” da fé, isso mostra-se ilusório com os Muçulmanos, uma vez que eles estão de acordo com os princípios fundamentais de sua fé”.

Porém, o grau de variabilidade e complexidade da postura dos movimentos de crentes muçulmanos perante suas sociedades são bastante elevados. Eles não possuem relação com os protestantes conservadores norte-americanos do início do século XX, que consistiam em um movimento específico, com ideias e pensamentos claros, os quais se diferenciavam nitidamente dos demais grupos religiosos cristãos e protestantes.

Suas ações (ao contrário de alguns grupos islâmicos), apesar de fortemente conservadoras, não tinham um caráter político e violento. Visavam atingir

as famílias e os cidadãos norte-americanos e não contestar o ordenamento político vigente. Dessa forma, o emprego do termo “fundamentalismo” para os movimentos religiosos conservadores islâmicos, além de apresentar incoerência histórico-cultural, também traz consigo um efeito generalizante e superficial considerável. Nessa linha, Pierucci (1991, p. 7) afirma que “no transplante do termo para outro campo religioso ou outro contexto histórico-cultural seu sentido original se obtunde e se oblitera, em detrimento muitas vezes da clareza, da distinção, da precisão”.

1.2.4 As conotações ideológicas de “fundamentalismo”

Além das insuficiências do emprego de “fundamentalismo” para designar todo e qualquer movimento religioso conservador no globo (e, sobretudo no mundo muçulmano), julgamos pertinente atentar para o caráter sugestivo e ideológico que o termo “fundamentalismo” carrega consigo.

O vocábulo “fundamentalismo” tem sido empregado em larga escala pela mídia mundial e por alguns analistas do mundo islâmico como sinônimo dos movimentos islâmicos conservadores. Para Guolo e Pace (1998, p. 3), o fundamentalismo é:

Usado sem distinção em referência ao Islã, ao judaísmo, ao protestantismo e ao catolicismo e às vezes para o sikhismo e para o hinduísmo, eventualmente tornando-se uma etiqueta colocada nem sempre de modo apropriado, em razão de suas realidades e contextos diferentes. Quase sempre é sinônimo de fanatismo religioso ou de violência sagrada.

A palavra “fundamentalismo” traz implicitamente uma conotação negativa, de atitudes reprováveis, que inevitavelmente acaba por contribuir para um pré-julgamento de valores. A intensidade da expressão tende a construir a ideia de concepção do “fundamentalista” como o “outro” ameaçador e intolerante. Fundamentalista seria o fanático, o sectário, o intolerante, o conservador, o autoritário, o totalitário... e sempre são os “outros” (Oro, 1996, p. 23). De acordo com Bruinessen (1995, p. 158):

O termo como é usado atualmente carrega consigo uma conotação julgadora. Embora alguns Muçulmanos aparentemente têm-se referido a si

próprios com esse termo, ele é mais geralmente usado para referir-se de forma desaprovadora aos outros, da mesma forma que o termo “fanático”.

A franca e genérica utilização de “fundamentalismo” acarreta muitas vezes confusão e distorções de certas realidades. Para Marshallsay (2004, p. 2):

Linguagem é poder, e os termos consistentemente usados assumem uma realidade que desmente a verdade. Assim o é com o termo fundamentalismo Islâmico, o qual tem sido muito utilizado e associado com Islamismo, Islamismo Político, Islamismo Radical e Terrorismo Islâmico.

Pierucci entende que a escolha de “fundamentalismo” em detrimento de outros termos caracteriza uma posição julgadora do Ocidente para os islâmicos:

(...) Para denominar os radicalismos islâmicos, os ocidentais só dispõem de termos pejorativos e ofensivos. Ao invés de tradicionalistas e integristas, dizer que são fundamentalistas implica de certo modo aludir ao seu fanatismo e obscurantismo. Implica apontar para a sua rejeição à ciência, à história, ao esclarecimento. Seu repúdio à modernidade, enfim. (2000, p. 196).

A realidade construída por meio do atual sentido de “fundamentalismo” é excludente (o “fundamentalista” é fanático e dessa forma não há possibilidade de diálogo com ele), generalista (coloca todos os movimentos sobre um mesmo rótulo), e reducionista (como o “fundamentalista” é extremista, suas demandas político-religiosas podem ser desconsideradas). Assim, o discurso do “fundamentalismo” nos fornece uma visão própria de mundo que reflete nossas posições e ações perante ele; nessa realidade, “fundamentalista” é visto no mínimo com desconfiança.

A linguagem então indica a possibilidade de ver e interagir com o mundo. Nesse sentido as “pessoas usam palavras para representar ações e elas podem usar palavras, e palavras sozinhas, para executar ações” (Onuf, 1989, p. 82).

As constantes vinculações de “fundamentalista” com os movimentos conservadores islâmicos nos meios de comunicações globais tem criado a sensação que todos fazem parte da mesma organização e que todos têm os mesmos ideais – extremistas, intolerantes, e retrógrados. Em virtude de todos esses pressupostos negativos, ocorre um perigoso distanciamento da busca pela análise detalhada do objeto que fora qualificado como “fundamentalismo”. Esse distanciamento analítico enfraquece a pesquisa e o debate acadêmico-científico acerca do estudo do

contexto político-cultural dos atores, favorecendo a politização do termo “fundamentalismo”.

A forte carga negativa do termo é tamanha que mesmo os grupos protestantes norte-americanos que assim se autodenominavam buscam se esquivar do vocábulo. Segundo Oro (1996, p. 23): “por causa disso, até os clássicos representantes desse movimento no Protestantismo de hoje preferem o título de *Evangélico-conservador* ao de “*fundamentalista*””.

Também notamos a maximização da violência islâmica como recurso comum a todos os grupos “fundamentalistas”. Para Bruinessen (1995, p. 167):

Embora a maioria dos fundamentalistas seja pacífica, muitos observadores tornam-se fascinados pela minoria que aceita a consequência extrema de pegar em armas em nome do Islã. (E frequentemente torna-se implícito de que todos os fundamentalistas são potencialmente violentos também. Eles são considerados culpados por associação – isto é, pelo pensamento de associação dos observadores).

A exposição dos fatos dessa forma cria a imagem inevitável de associação de fundamentalismo religioso islâmico com violência e intolerância. Isso acaba contribuindo também para o desenvolvimento de um relativo temor que é estendido a toda a religião islâmica. Para Marshallsay (2004, p. 2):

Em boa parte da literatura (incluindo as reportagens da mídia) sobre o Islamismo e as atividades políticas de certos Muçulmanos, a tendência é descrever o fenômeno do fundamentalismo como o espectro do fanatismo religioso que dá origem ao terrorismo, e esse processo induz o medo ao Islamismo, à religião.

Para Moreira, (2009, p. 133) “a associação de fundamentalismo ao terror e, conseqüentemente, ao islã retira qualquer positividade na significação do termo, pois reduz tudo à violência desmensurada que é utilizada em sua forma mais vil, ou seja, na morte de pessoas inocentes”.

Nesse sentido, conforme foi exposto acima, diante da complexa problemática do conceito “fundamentalismo islâmico”, optaremos, nessa dissertação, por restringir ao máximo o uso deste termo. O substituiremos por conceitos mais neutros como movimentos reformistas islâmicos ou movimentos islâmicos conservadores.

1.3 A PROBLEMÁTICA DO CONCEITO “TERRORISMO”

Em virtude de seu forte teor emocional, político e arbitrário, o termo terrorismo é um importante mecanismo de construção social da realidade. De forma similar ao vocábulo “fundamentalismo”, e sua variável “fundamentalismo islâmico” (que constantemente é apresentado junto com os referidos vocábulos), “terrorismo” traz consigo um caráter negativo que acarreta toda uma carga de pré-conceito de valores com aquele que é adjetivado com o termo. Essas ideias implícitas serão responsáveis pela construção e representação do modo com que as pessoas e os atores veem o mundo.

A inexistência de um consenso internacional sobre uma definição única de terrorismo favorece que o seu emprego seja variável e, assim, sujeito aos interesses políticos dos Estados. Mais do que uma categoria analítica, “terrorismo” tornou-se um rótulo de deslegitimação política que tem servido aos interesses políticos de quem detém o discurso dominante nas Relações Internacionais. Essa situação pode ser observada nos discursos da “Guerra ao Terror” implantada pelos EUA, onde os “terroristas” são construídos como indivíduos amorais, violentos, fanáticos e bárbaros.

Fortemente politizado, generalizado nas grandes mídias e altamente negativo, o conceito de “terrorismo” abandona sua função original de termo analítico para se transformar em adjetivo de deslegitimação política. Terrorismo tornou-se um modo pejorativo de se ver determinado grupo, além de uma conceituação unilateral, já que atualmente pouquíssimas organizações assim se auto intitulam.

Nessa seção, primeiramente apresentaremos e discutiremos o poder do discurso para a construção da realidade a partir do conceito de terrorismo; depois, apresentaremos a problemática do desacordo internacional sobre um significado universal de terrorismo e sua relação com a instrumentalização por parte dos EUA em sua “Guerra ao Terror”; e concluiremos expondo a incapacidade de imparcialidade do vocábulo terrorismo para uma análise acadêmica.

1.3.1 O poder do discurso para a construção da realidade a partir do conceito terrorismo

Nossa representação e concepção do mundo estão intimamente ligadas a maneira pela qual o mencionamos em nossa linguagem. Para Kratochwil (1989), “o mundo ao qual nos referimos é produto dos discursos que nos permite nos referir a ele”. Trabalhando essa ideia de Kratochwil, Messari e Nogueira (2005, p. 170) afirmam que “não importa como “a realidade lá fora” é, já que é a linguagem que usamos para nos referir a ela que vai motivar nossos entendimentos e nossas ações. Isso significa que a linguagem não reflete apenas a ação, mas é o fundamento da ação e, portanto, é a própria ação”.

Dentro desse raciocínio, o termo terrorismo, ao integrar-se a determinado discurso, representa um modo específico de se olhar para o mundo. Esse olhar irá predeterminar nossas ações diante desse mundo. Para Fairclough (2001, p. 91), “o discurso é visto como um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação”.

O constante emprego do termo terrorismo tende condicionar os indivíduos a partilhar uma específica visão da realidade. Aceitar que tal grupo é terrorista, implica automaticamente também na aceitação de uma determinada realidade, que é construída a partir de uma linguagem, que, por fim, condicionará nossas ações diante dessa realidade. Para Jackson (2008, p. 25), “nas esferas acadêmicas e culturais a definição de terrorismo tem importantes implicações para o modo em como o conhecimento e o senso comum sobre o objeto é construído e reproduzido socialmente”.

Somente alguém ou algum grupo é terrorista quando outro alguém o designa. E ao fazer essa designação, o ato torna-se arbitrário, uma vez que organizações semelhantes podem ser ou não qualificadas de terroristas. De acordo com O'Brien (1977, p. 91):

As palavras “terrorismo” e “terrorista” não são termos de classificação científica. Eles são imprecisos e emotivos. Nós não aplicamos elas a todos os atos de violência politicamente motivada ou a todas as pessoas que cometem tais crimes. Nós reservamos seu uso para violência politicamente motivada da qual nós desaprovamos.

Ou seja, afirmar que uma organização é terrorista significa efetuar um juízo de valor sobre a legitimidade do grupo e, assim sendo, significa também criar uma forma pré-estabelecida de se olhar o grupo, e, conseqüentemente uma visão pré-estabelecida de se enxergar a realidade na qual a organização está inserida. Assim, um discurso que coloque toda forma de terrorismo como perigoso e vil, com seus militantes e apoiadores caracterizados como ameaçadores e extremistas, condicionará seus ouvintes a crer na deslegitimação de qualquer grupo que seja considerado terrorista, além de legitimar qualquer ação governamental que busque combater o inimigo terrorista.

Nas últimas décadas temos observado que “terrorismo” tem sido largamente empregado para diversos grupos políticos e sempre de forma negativa, o que tem contribuído para uma estigmatização daqueles que assim o são qualificados. Segundo Jackson (2008, p. 29) o termo terrorista “depende do atual contexto político e dos discursos dominantes que o determinam e o constituem”. Somado as duas condições levantadas por Jackson, temos a dificuldade de concordância internacional a respeito da conceituação de terrorismo.

1.3.2 O problema da inexistência do consenso sobre o uso de terrorismo e seu uso na “Guerra ao Terror”

Inexiste consenso internacional em torno de uma definição única a respeito do termo terrorismo. O fenômeno do terrorismo está ligado às particularidades do contexto sócio-político de seu local de origem, possuindo motivações, ações e reações que podem ter conotações e significados distintos se forem analisados sob a ótica de quem não integra essa localidade. Sobre a conceituação de terrorismo, há centenas de definições escritas por especialistas⁶; mas ao longo dos anos, o conceito foi adquirindo um teor fortemente politizado que acaba por prejudicar e ofuscar seu valor analítico.

⁶ Walter Laqueur: “Terrorism” (1977); Norberto Bobbio.; Nicola Matteucci: Dicionário de Política. (1986); Schmid, Jongman et al: ” Political terrorism: a new guide to actors, authors, concepts, data bases, theories, and literature” (1988); Bruce Hoffman: “Inside Terrorism” (1998); David Rapoport, “The Four Waves of Terrorism” in *Attacking terrorism: elements of a grand strategy* (2004); Richard Jackson: “An Argument for Terrorism (2007).

Não pretendemos aqui apresentar e discutir a problemática do conceito de terrorismo, uma vez que essa discussão já tem sido exaustivamente efetuada pelas Ciências Sociais no Brasil e no exterior. Dentro da presente pesquisa, acreditamos que seja mais pertinente analisarmos e debatermos a construção simbólica, representacional e política, na qual o terrorismo se insere. Apenas registramos que a definição de terrorismo de Bobbio e Matteucci, nos parece a mais completa (por não excluir os Estados como agentes do terrorismo e nem as forças militares como alvos) e menos politizada (por não efetuar nenhum julgamento sobre a moralidade da violência – ilegal, ilegítima, etc.): “a prática política de quem recorre sistematicamente à violência contra as pessoas ou as coisas provocando terror” (1986, p. 1242).

No âmbito das Relações Internacionais, a falta de consenso acerca de uma definição universal de terrorismo potencializa a utilização e manipulação do termo segundo os interesses dos Estados. Para Suarez (2008, p. 140):

O discurso político ao instrumentalizar o conceito de terrorismo pode ignorar o contexto político e ater-se apenas a forma da ação violenta para definir determinado ator como terrorista. De outra maneira, pode associar o contexto político à ação para justificar a definição de determinado ator como terrorista.

Classificar ou não uma organização como terrorista também representa efetuar um juízo de valor, uma vez que busca-se mensurar o grau de legitimidade política das organizações militantes. E, devido a forte conotação negativa que o vocábulo adquiriu nas últimas décadas, qualificar um grupo de terrorista significa o mesmo que deslegitimá-lo politicamente. Segundo Leonardo Brant:

A atual lacuna (entre a necessidade de distinção de definição de um julgamento de valor acerca de terrorismo) abre margem para que o alcance da noção seja variável e, portanto, aberta ao jogo da política internacional em que os estados tendem a qualificar um determinado comportamento ou ação como terrorista quando este lhe é hostil, ao passo que evitam tal definição para os regimes aos quais são favoráveis (2006, p.143).

Toda essa definição e adjetivação dos atores como terroristas ou não, é realizada e construída através dos discursos dos Estados. De acordo com Jackson (2008, p. 27), o terrorismo “isso é, como um fenômeno, é constituído por e através de práticas discursivas que se transformam em uma realidade concreta para políticos, aplicadores da lei, mídia, o público, os acadêmicos e assim por diante”.

Dessa forma, aqueles Estados que detém maior influência internacional, acabam por impelir suas opiniões para as outras nações. E essas opiniões podem alterar-se no curso do tempo, criando a necessidade de reconstruir a imagem de determinados grupos: “nos anos 1980, os *mujaheddins*⁷ afegãos eram descritos como *combatentes da liberdade* antes de serem posteriormente reconstruídos como *terroristas Islâmicos*” (ibidem) pelas lideranças dos EUA.

Diante da inexistência conceitual em nível internacional do vocábulo terrorismo, seu emprego é mais útil como mecanismo legitimador de determinadas ações pelos Estados do que como um termo analítico pertinente. Para Suarez, (2008, p. 139): “não havendo uma definição universalmente válida sobre terrorismo e principalmente sobre as características dos atores terroristas, essa categoria pode ser implementada na justificativa para intervenções no cenário internacional”.

A situação colocada acima por Suarez pode ser claramente observada no caso da política norte-americana da “Guerra ao Terror”, iniciada no pós 11 de setembro de 2001. A “Guerra ao Terror” veio acompanhada de um projeto discursivo que criasse legitimidade para ações militares externas dos EUA, sob o espectro do combate global ao terrorismo. Para tanto, desenvolveu-se uma construção discursiva que desqualificasse politicamente e moralmente todos aqueles envolvidos com o terrorismo.

Por meio da linguagem, o governo dos EUA procurou construir um estereótipo de terrorista com sendo aquele que não possui moral, é violento, bárbaro e malfeitor. Além de servir de legitimação para ações externas unilaterais (como a invasão ao Iraque em 2003), a construção do “terrorista” como malfeitor abre espaço para que os EUA cometam atos ilegais perante o direito internacional como a tortura e a prisão de indivíduos sem mandado judicial.

Muito da atual percepção sobre a politização do termo “terrorismo” advém dessa (re)construção do vocábulo pelo governo dos EUA no período pós 11 de Setembro. Em virtude da inegável influência que essa nação exerce mundialmente, sobretudo nas esferas cultural, político e militar, sua definição e sua construção do estereótipo do terrorista foram exportadas pelo globo.

Segundo o ex-presidente George Bush, os terroristas são maus: “Hoje nossa nação viu o mal, a pior face da natureza humana” (Discurso de 11 de

⁷ Termo árabe que refere-se aquele indivíduo que participa da guerra santa Islâmica (*jihad*).

setembro de 2001 – In: Suarez, 2008, p. 164); os atos terroristas são criminosos e não políticos: “a guerra contra o terrorismo não é uma guerra contra os Muçulmanos e nem uma guerra contra os Árabes. É uma guerra contra pessoas más que conduzem crimes contra pessoas inocentes” (19 de setembro de 2001 – In: Suarez, 2008, p. 165); os terroristas não possuem moralidade nem consciência: “eles não reconhecem nenhuma barreira de moralidade. Eles não têm consciência. Os terroristas não têm fundamentos” (26 de outubro de 2001 – In: Suarez, 2008, p. 169); e não há negociação, somente a eliminação dos terroristas: “Então nós estamos determinados a lutar contra esse mal, e nós lutamos até nós livrarmos deles” (06 de novembro de 2001 – In: Suarez, 2008, p. 172).

Dentro desse pensamento, as ações terroristas são motivadas exclusivamente pela crueldade e pela intolerância, uma vez que eles são maus. John Murphy, ao analisar os discursos de George W. Bush sobre o 11 de Setembro, exemplifica a lógica construtiva norte-americana sobre os terroristas: “nessa relação agente/ato, a característica dos terroristas precede as suas ações: os terroristas fizeram o que fizeram por que está na sua natureza fazê-lo – eles assassinaram por que isso é o que terroristas maus e demoníacos fazem” (2003, p. 616).

Para Jackson (2005, p. 149), nos EUA no pós 11 de Setembro houve “a construção do discurso ou reafirmação de novas identidades para ambas as vítimas – inocentes, heróis, e bons americanos -, e os vilões da moralidade, os maus, os bárbaros, os terroristas desumanos”. Colocando assim papéis morais fixos dentro do cenário internacional, o discurso do governo norte-americano deslegitima todo e qualquer tipo de terrorismo, sobretudo o “terrorismo islâmico”, que é caracterizado como anti-moderno, teocrático, extremista e bárbaro. De acordo com Kapitan (2004, p. 27):

Se os indivíduos e grupos são retratados como maus, irracionais, bárbaros, e passam dos limites da negociação e compromisso, então perguntar por que eles recorrem ao terrorismo é visto como inútil, e desnecessário, ou, no melhor, mera curiosidade patológica.

Dessa forma, para grupos como Al-Qaeda, Hamas e Hezbollah, o fato de serem taxados de terroristas pelas autoridades norte-americanas significa, implicitamente, o apagamento de suas motivações políticas e do contexto político de onde os mesmos surgiram.

Assim, buscou-se reduzir “terroristas” a bárbaros, violentos, extremistas religiosos e malfeitores, excluindo do debate as motivações políticas dos mesmos, ou reduzindo-os a fanatismos religiosos. Essa visão do termo espalhou-se pelo mundo, comprometendo seriamente o verdadeiro valor analítico do vocábulo. Sobre essa incapacidade de parcialidade de “terrorismo” falaremos na seguinte e última seção do presente capítulo.

1.3.3 A incapacidade de imparcialidade do vocábulo terrorismo

Como apresentamos acima, atualmente o conceito de terrorista muito mais do que um termo analítico configura-se como um vocábulo altamente politizado e repleto de pré-conceitos. A adjetivação de “terrorismo” para uma organização política gera automaticamente uma presunção de que esse grupo se utiliza de violência e extremismo em suas ações.

O termo inevitavelmente conduz a um pré-julgamento do objeto que, dado ao tom pejorativo que o vocábulo apresenta, sempre é de ordem negativa. Essa visão nebulosa do objeto também impede de realizar uma análise imparcial do mesmo, uma vez que “terrorista” tende sempre a deslegitimar o ator.

Para Jackson (2007, p. 246), “reconhece-se que na prática o rótulo “terrorista” tem sido muito um termo pejorativo do que analítico e que seu uso é uma forma poderosa de rotulagem, que implica em um juízo sobre a legitimidade dos atores e de suas ações”. A simples designação de determinado grupo como terrorista, além de moralmente negativa (pois o termo é intimamente ligado à violência, ao terror e morte de civis), favorece a um relativo distanciamento do estudo e compreensão do contexto político-econômico de onde se situa a organização.

O afastamento da compreensão das particularidades de cada organização política é uma das causas da imposição de terrorismo. Segundo Kapitan (2004, p. 27-28), “(...) só por efetivamente eliminar qualquer estímulo à compreensão dos motivos por trás da violência terrorista ou ao exame crítico das políticas governamentais, a retórica serve para silenciar significativamente o debate político”.

Para tentar-se uma visão alternativa ao grande discurso do terrorismo, possuir uma posição crítica é fundamental. Determinado grupo só é “terrorista” se alguém o qualificou dessa forma. Classificar organizações de “terroristas” ou não, é um ato político de condenação moral, que ocorre pela linguagem. Para Jacques Wainberg, “a utilização relativamente trivial desse rótulo [terrorista] tem uma razão de ser: ele está carregado de condenação moral. O terror marca gravemente os atores acusados com o veredicto da culpa” (2005, p. 08).

Por isso, da mesma forma como dizer que algum grupo é “terrorista” é sinônimo de deslegitimá-lo politicamente, adotar esse rótulo automaticamente consiste em se tomar uma posição a respeito da conjuntura onde a organização se encontra.

Segundo Kapitan (2004, p. 27), além de deslegitimar os terroristas, o termo ainda gera cinco principais situações:

- Apaga qualquer estímulo que a audiência possa ter em entender seus pontos de vista de modo que questões sobre a natureza e origens de suas queixas e impede uma possível legitimidade de suas demandas sejam levantadas;
- Desvia a atenção das próprias políticas que podem ter contribuído para suas queixas;
- Repudia qualquer tentativa de negociação com eles;
- Prepara o caminho para o uso da força e da violência para lidar com eles, e em particular, dá ao governo “liberdade de ação” ao explorar os medos de seus próprios cidadãos, insuflando qualquer objeção a maneira na qual lida com eles;
- Elimina a distinção entre movimentos de libertação nacional e fanáticos.

Para Jackson (2005, p. 154), a retórica do terrorismo “é um discurso poderoso, e um ato de demagogia, que des-contextualiza e des-historiciza as ações dos terroristas, esvaziando-os de qualquer conteúdo político, enquanto simultaneamente os desumaniza”. Na mesma linha de pensamento de Jackson, Kapitan (ibidem) conclui:

Por causa de sua conotação negativa, o rótulo de “terrorista” automaticamente desacredita qualquer indivíduo ou grupo assim denominado, desumanizando-os, colocando-os fora das normas aceitáveis de comportamentos sociais políticos, e os retratando como pessoas “más” com as quais não se pode ser razoável.

Assim, para uma melhor e mais neutra abordagem acadêmica do grupo Al-Qaeda, optaremos por restringir ao máximo o emprego do termo terrorismo

relativamente a esta organização. Os vocábulos grupo, organização e rede, serão preferencialmente utilizados para referir-se a ela.

CAPÍTULO II: A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO RADICAL ISLÂMICO DE OSAMA BIN LADEN

O presente capítulo divide-se em duas grandes partes: a primeira efetua uma apresentação geral do islamismo. Nessa seção, procuraremos entender as origens dessa religião, seus preceitos, dogmas e subdivisões. Tal empreendimento justifica-se em razão da inseparável retórica de cunho religioso, presente nos discursos de Osama bin Laden. A compreensão profunda da divisão histórica entre sunitas e xiitas, nos permitirá melhor compreender as raízes do pensamento radical sunita, corrente que fornece os amparos e justificativas religiosas para as ações da Al-Qaeda, segundo bin Laden.

Na segunda seção, analisaremos os principais pensadores Islâmicos radicais que influenciaram a constituição das ideias político-religiosas de Osama bin Laden. Essa exposição ocorre na medida em que o pensamento islâmico extremista, no qual ampara-se bin Laden, apresenta-se como uma constante dentro do islamismo político histórico. Na verdade, as ideias de bin Laden representam apenas uma readaptação contemporânea dos ideias radicais islâmicos.

2.1 O ISLAMISMO

2.1.1 Origens

O islamismo ou islã é uma religião monoteísta fundada no século VII por Muhammad⁸ (570-632), na Península Arábica. O islã é a segunda maior religião do mundo, com cerca de 1,5 bilhão de seguidores, denominados muçulmanos ou islâmicos. Segundo a *Encyclopedia of Islam*, “Islã” significa “entrar em um estado de paz”, o qual é convencionalmente traduzido para o inglês como “se render” ou “submissão” (Campo, 2009, p. 372). A palavra “Muçulmano” deriva da mesma raiz e, portanto, um Muçulmano é literalmente aquele que “entra em um estado de paz”, ou “aquele que se rende” ou “aquele que se submete” (ibidem).

O islã surge a partir dos ensinamentos religiosos que o Profeta Muhammad recebeu divinamente na cidade de Meca e posteriormente em Medina. Segundo Jomier (1992, p. 18):

Mohammad nasceu em Meca pelo ano de 570. (...) Órfão, foi educado pelo seu tio Abu Taleb (...) com o qual travou uma profunda amizade. A família de Mohammad era uma família de notáveis da cidade⁹, mas havia perdido parte de sua influência. Chegando a idade adulta, Mohammad exerceu o comércio, empreendeu viagens comerciais, indo duas vezes à Síria. (...) Ao atingir a idade aproximada de vinte e cinco anos, casou-se com uma viúva rica, chamada de Khadija, de quarenta anos de idade e a cujo serviço trabalhava como homem de confiança.

Meca, nesse período, constituía-se em uma:

Florescente cidade-Estado que obtinha vantagens econômicas, sobretudo da posição estratégica que ocupava no cruzamento de grandes rotas de caravanas e em virtude da existência de um santuário, a *Ka'aba*, desde tempos imemoriais ponto de atração religiosa para muitas tribos da Península Arábica (PACE, 2005, p. 27-28).

Quando começou a receber as revelações divinas (610-632), Muhammad encontra-se nesse ambiente. Segundo Jomier (1992, p. 13), “o Islã apareceu,

⁸ O nome do Profeta do Islã, em virtude de diferentes transliterações do árabe para o português, apresenta-se frequentemente como Maomé, Mohammad e Muhammad. Neste trabalho utilizaremos a grafia Muhammad, mas durante citações de autores, manteremos a grafia que estes utilizaram.

⁹ Sua família era integrante do clã dos Hachemitas, pertencente à tribo dos Curaichitas.

portanto, na Arábia, no início do século VII da era Cristã, em um ambiente pagão árabe em contato com ilhotas de Judaísmo e Cristianismo”.

A partir de 612, Muhammad começa em Meca a pregar ativamente essa nova religião, o islã. O islã prega a unicidade de Deus (*tawhid*) e possui um conjunto de práticas e crenças descritas no Alcorão (obra mais sagrada para os Muçulmanos, editada a partir das revelações divinas à Muhammad) e nos *hadith* (compilação dos atos e ditos de Muhammad). Possui cinco pilares essenciais:

- 1) O primeiro pilar é a *shahada*, é um testemunho verbal da unidade de Deus (Alá) e da posição de Muhammad no Islã como portador da revelação final, com as palavras “Não há deus além de Deus e Muhammad é o mensageiro de Deus”. Proferir a *shahada* sinceramente na presença de duas testemunhas Muçulmanas, é tudo o que é necessário para se tornar um Muçulmano.
- 2) O pilar central e, possivelmente, o mais visível é o *salat*, a oração, constituída de cinco ciclos diários de prostrações depois do por do sol, durante a noite, ao amanhecer, ao meio-dia, e no meio da tarde (...).
- 3) O terceiro pilar, *Zakat* (...) pede aos Muçulmanos para doar como caridade uma porcentagem de sua riqueza obtida a partir de lucro em certos tipos de renda (...).
- 4) Os Muçulmanos que não estiverem doentes, viajando, menstruados ou amamentando, devem durante o amanhecer até o anoitecer do Ramadã, o nono mês do calendário lunar Islâmico, cumprir o quarto pilar do Islã. A proibição de se alimentar, beber, fumar e ter relações sexuais durante o dia, funciona como um nivelador social que é reforçado pelas atividades comuns e partilha de comida e bebida a noite.
- 5) Finalmente, o quinto pilar, o *hajj*, ocorre com uma peregrinação anual a Meca e seus arredores, incluindo uma série de atos ritualísticos que são exigidos ao menos uma vez na vida de cada Muçulmano, se lhe for fisicamente e fiscalmente possível (CAMPO, 2009, p. 242-243).

Esses pilares se completam com seis crenças fundamentais que todo muçulmano deve ter: crença em Alá como único Deus existente; crença nos anjos criados por Alá; crença nos livros sagrados, (entre eles a Torá e o Evangelho), mas, sobretudo, no Alcorão, que é o principal e mais completo livro; crença nos Profetas enviados por Deus à humanidade, dos quais Muhammad é o último; crença no Dia do Juízo Final, onde todas as pessoas serão julgadas por seus atos; e, por fim, crença na predestinação: Alá é onipresente e decide sobre tudo o que acontece com as pessoas. Desta forma, “as especificidades do Islã como prática foram posteriormente desenvolvidas principalmente no contexto da lei religiosa, a *sharia*, que procurou abranger todas as facetas da vida na comunidade Muçulmana” (Campo, 2009, p. 372-373).

Durante a pregação empreendida por Muhammad dessa nova religião, o Profeta sofreu inúmeros percalços. As dificuldades iniciais que Muhammad encontrou no ambiente de Meca foram: primeiro, desconfiança; mais tarde, franca hostilidade (Pace, 2005, p. 35-36). Apesar de conseguir alguns adeptos, a grande maioria da população rejeita o ativismo religioso de Muhammad. Passados alguns anos de pregação, Muhammad constata que suas ideias não haviam conquistado muitos adeptos.

Para Pace (2005, p. 40) “daí, talvez, houvesse amadurecido no líder carismático do pequeno e hostilizado movimento de reforma religiosa a idéia de tentar a sorte melhor em outro lugar dado que aversão aos membros do grupo se traduzia sempre mais em violentas pressões e intimidações por parte das respectivas famílias a que pertenciam”. Nesse momento, o Profeta parte para a cidade de Yathrib (que mais tarde viria se chamar Medina) a fim de reagrupar melhor seus seguidores e organizar uma ofensiva contra Meca, em uma passagem que ficou conhecida pelos muçulmanos posteriormente como a *hégira*.

Então, ocorre uma mudança organizacional no pensamento e ação de Muhammad, que iria influenciar profundamente a religião islâmica: a passagem de mero reformista religioso para líder político-militar. Sobre essa questão, o comentário de Pace é muito elucidador:

Consuma-se em Yathrib, portanto, a ruptura com o ambiente social de origem – Meca – e Muhammad passa a representar outro papel, inédito sob muitos aspectos: não somente aquele que até esse momento havia interiorizado no meio de inúmeras dificuldades, ou seja, o de líder carismático, portador de uma mensagem profética de reforma religiosa e ética, **mas também a de líder político, legislador e chefe militar, governador dos assuntos humanos e dispensador de justiça.** (...) Em Yathrib, com efeito, a força das circunstâncias obriga Muhammad a declinar da revelação religiosa os princípios constitucionais de uma ordem social e política que espelhe a Lei de Deus. **Quando se diz que no Islã religião e política tendem a se unir, afirma-se uma coisa exata, quando se observa a experiência sob muitos aspectos e por definição irrepetível realizada por Muhammad em Yathrib** [grifos nossos] (2005, p.52-53).

Entre 624 e até um pouco antes de sua morte, em 632, Muhammad empreendeu uma luta político-militar que resultou na conquista da cidade de Meca e em praticamente na unificação de toda a Península Arábica sob a bandeira do islã. Atualmente, o islamismo possui presença marcante na África do Norte e Oriente Médio, conforme podemos observar no mapa abaixo:

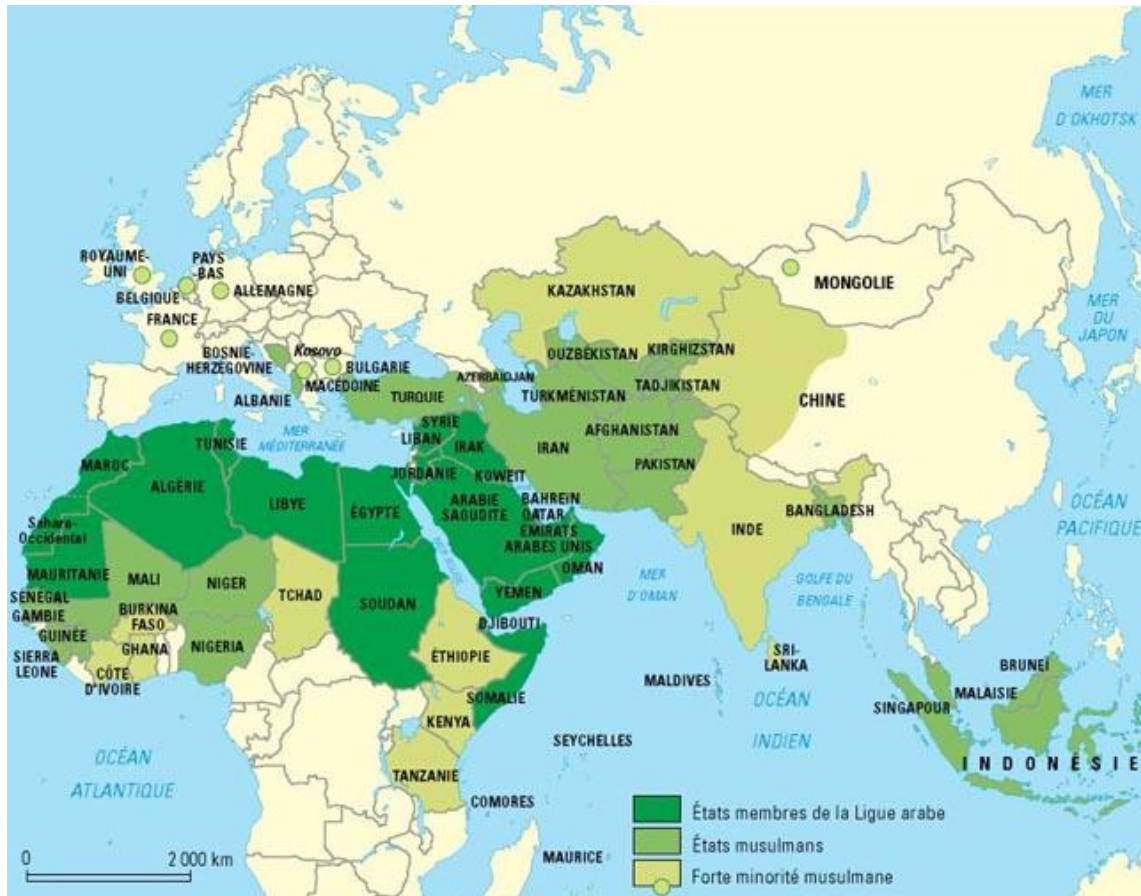


Ilustração 1 Mapa contendo a distribuição dos muçulmanos no mundo

Fonte: Le Monde Diplomatique. Disponível em <<http://www.monde-diplomatique.fr/cartes/mondearabe>>. Acesso em 03 de junho de 2011.

2.1.2 Os primeiros Califados e a grande divisão do Islã

Com a morte de Muhammad, em 632, começa a surgir dentro da comunidade muçulmana discordâncias acerca de quem deveria sucedê-lo como líder espiritual e político, uma vez que o Profeta não havia deixado claro quem deveria sucedê-lo. Nesse momento há três principais correntes: aqueles que acreditavam que o sucessor de Muhammad deveria sair daqueles que desde o início acompanharam a pregação de Muhammad; aqueles que achavam que o Califa deveria ser escolhido entre os muçulmanos mais competentes, independentemente de serem árabes ou não, ou de sua tribo; e, por fim, havia um grupo que defendia que o princípio de sucessão deveria seguir a linha de parentesco do Profeta. Posteriormente, cada uma dessas correntes dará origem a uma ramificação distinta

do islã, a saber (seguindo a ordem anterior): sunismo, kharijismo ou caregismo e xiismo.

Para suceder Muhammad foi escolhido um dos mais antigos companheiros do Profeta, Abu Bakr (573-634). O reinado de Bakr (632-634) foi curto, mas crucial. Ele estava preocupado com as chamadas guerras de *riddah* (apostasia), quando várias tribos tentaram romper com a *ummah* e reafirmar a sua independência anterior. Abu Bakr sufocou os levantes (...), e, assim, concluiu a unificação da Arábia (Armstrong 2002, p. 25).

No lugar de Abu Bakr assumiu, por indicação deste, Omar ibn al-Khattab (586-644). Foi durante o seu Califado (634-644) que aconteceram as primeiras conquistas territoriais árabes-muçulmanas. Em parte devido ao legado de suas conquistas, mas, mais ainda, por sua capacidade de combinar uma liderança igualitária e capacidade piedosa, ele veio a simbolizar o Califa ideal (Keaney, 2009, p. 125).

O próximo Califa a assumir foi Othman ibn Affan (579-656), também antigo companheiro de Muhammad. Seu Califado foi marcado pela continuação da expansão territorial e pela edição (pela primeira vez, até então) escrita do Alcorão. Também houveram severas acusações de nepotismo por parte de Othman. Em 656, Othman foi assassinado em sua casa. Uma guerra civil irrompeu-se sobre quem deveria sucedê-lo como Califa (O'Halloran, 2009, p. 700-701).

Sob a sucessão de Othman, um grupo acreditava que Ali (primo e genro de Muhammad) deveria ser o novo Califa, enquanto que outros achavam que o primo de Othman, Moawiya ibn Abi Sufyan era o substituto. Ali foi eleito o quarto Califa em circunstâncias controversas, após o assassinato de Othman. Acusado de cumplicidade pelo assassinato, o período de governo de Ali esteve mergulhado em uma guerra civil com seu rival, Moawiya (Jones 2009, p. 33). O Califado de Ali durou até 661, quando foi assinado por um ex-militante seu, que se considerou traído por causa da decisão de seu chefe de negociar com Moawiya (Pace, 2005, p. 95).

Moawiya assume, então, o poder e funda a dinastia dos Omíadas (661-750), mudando a capital do Califado de Medina para Damasco. Após a tomada de poder por Moawiya ocorre uma profunda divisão no Mundo muçulmano entre três grupos. Para uma concisa exposição das mesmas, nos utilizamos das palavras de Jomier:

O grupo principal é dos sunitas, ou gente da tradição, que aderiram a Moawiya e em seguida aos Califas que lhe sucederam. (...) Os que não admitiram a autoridade de Moawiya, se separaram e deram origem a dois grupos, que também se subdividiram: 1) Os Caregitas (atualmente muito poucos), cujos descendentes ainda subsistem no Saara da Argélia, na ilha de Djerba (Tunísia) bem como Omã. (...) Os Caregitas de início não aceitaram como Califas nem Ali nem seu rival; queriam que o Califa fosse escolhido dentre os Muçulmanos mais competentes, árabes ou não árabes, livres ou até escravos. (...) 2) Os Xiitas: o nome deriva de uma palavra árabe que significa os “partidários”. São os partidários de Ali. Representam uma minoria no mundo Muçulmano. Para eles, o Califa deveria ter sido escolhido automaticamente entre os descendentes diretos de Ali e de Fátima (...) (1992, p. 41-42).

2.1.3 O Sunismo

O termo sunismo vêm da palavra árabe *sunna*, que refere-se ao conjunto de ditos e ações do Profeta que se encontram nos *hadiths*. Os muçulmanos Sunitas são a maioria e atualmente respondem por cerca de 85% da população Muçulmana total (Campo, 2009, p. xxv). Os sunitas reservam grande atenção e referência aos *hadiths*, considerando-os como a segunda fonte de autoridade religiosa, atrás apenas do Alcorão.

Para Jomier (1992, p. 91), “no momento atual, seguindo uma tradição secular, os Muçulmanos se dividem em várias escolas jurídicas, às vezes denominadas “ritos”, pois especificam também detalhes da liturgia. As diferenças são muitas vezes mínimas”.

2.1.3.1 A Escola Hanafita

É a mais antiga e mais seguida entre as quatro Escolas de jurisprudências islâmicas. Foi fundada pelo persa Abu Hanifa (699-767), em Kufa (atual Iraque). Ela “considerava correto dar espaço à interpretação racional (extensiva, portanto) na elaboração da praxe jurisprudencial da Lei corânica, fazendo passar para segundo plano a plena confiança na compilação dos ditos e feitos do Profeta (Sunna)” (Pace, 2005, p. 121).

Esta escola credita importância para o raciocínio independente (*ijtihad*) dos juristas para um bom entendimento e aplicação das normas islâmicas. A Escola

Hanafita prevalece sobretudo “entre Muçulmanos da Turquia, Iraque, Ásia Central, Afeganistão, China, Paquistão e Índia” (Campo, 2009, p. 239).

2.1.3.2 A Escola Malekita

Fundada por Malik ibn Anas (708-795) em Medina (atual Arábia Saudita), é a segunda maior entre as quatro Escolas de jurisprudência islâmica, e é seguida por cerca de 25% dos muçulmanos. Para Pace (2005, p. 121), a Escola Malekita “tendia a considerar preeminente (embora não excluísse de todo o recurso à analogia), na indicação dos critérios interpretativos, não o esforço racional pessoal do indivíduo douto, mas a fidelidade aos modelos religiosos, sociais e jurídicos que tinha tido origem em Medina” (...).

Segundo Campo (2009, p. 455), “sua abordagem concede ênfase quase exclusiva ao Alcorão, *Hadith* e as práticas de Medina (*amal*), como fontes da lei Islâmica”. Atualmente ela “está implantada na Arábia, África do Norte e Ocidental, no Alto Egito e no Sudão” (Jomier, 1992, p. 92).

2.1.3.3 A Escola Shafita

Originária das ideias de Muhammad ibn Idris al-Shafii (767-820) no Cairo, os shafitas buscam definir um sistema jurídico unificado com base em uma hierarquização das fontes a serem consultadas. Para Armstrong (2002, p. 100), “Shafii concordava que algum grau de *ijitjad* era necessário, mas acreditava que esse deve ser confinado a uma analogia estrita (*qiyas*) entre os costumes do Profeta e a prática contemporânea”.

A Escola shafita considera quatro fontes precisas para o direito islâmico (em ordem de importância: o Alcorão (fonte primária), a Sunna, a *ijma* (consenso entre todos os doutores da comunidade) e o raciocínio analógico (*qiyas*). Atualmente, “a Escola Shafita prevalece na África Oriental, em partes do Iêmen, Sul da Índia, Indonésia e Malásia” (Campo, 2009, p. 617).

2.1.3.3 A Escola Hanbalita

Surgiu em Bagdá no século nono, por meio da pregação de Ahmad ibn Hanbal (780-855). Distingue-se das demais escolas por sua preferência em realizar interpretações literais do Alcorão e dos *hadith*. Segundo Pace (2005, p. 123):

(...) opunha-se de forma intransigente a qualquer forma de intervenção da razão humana na interpretação das duas principais fontes (e únicas do seu ponto de vista) do direito corânico: o Alcorão e a Sunna, intransigência esta que também se traduzia em um estilo de vida ascético, adotado pelos membros da escola, e por rejeitar rigidamente qualquer forma de intelectualismo teológico.

É considerada a mais conversadora entre as demais escolas jurídicas, sobretudo em suas assunções acerca do dogma e culto. Segundo Campo (2009, p. 239), “a Escola Hanbalita prevalece na Arábia Saudita e no Qatar e tem tido influência significativa sobre muitos Muçulmanos em todo o mundo”. Ela também “inspirou o movimento reformador dos Wahhabitas” (Jomier, *ibidem*).

2.1.4 O Xiismo

Segundo Campo (2009, p. xxv), os xiitas “constituem atualmente cerca de 15% de todos os Muçulmanos, entre 156 e 195 milhões. (...) eles são encontrados em muitas partes do mundo, mas eles constituem-se em maioria nos modernos Estados do Irã (89%), Iraque (60%), Bahrein (70%) e Azerbaijão (85%)”. Os xiitas se dividem entre três principais seitas: os Xiitas dos Doze *Imãs*¹⁰, os Ismaelitas e os Zaiditas.

Ainda de acordo com Campo (2009, p.624), “quase todos os Xiitas pertencem a uma das três principais seitas, basicamente distinguindo uns dos outros, segundo a qual *imãs* que uns reconhecem e outros não. Cada tradição também desenvolveu suas próprias doutrinas específicas, ritos e conceitos de autoridade”. As outras ramificações minoritárias do xiismo são os alauitas

¹⁰ Termo em árabe que significa “aquele que guia”. É utilizado para designar posições de destaque na comunidade muçulmana. Os muçulmanos Xiitas empregam o termo para referir-se aos descendentes do Profeta Muhammad, através de sua filha Fátima e seu marido, Ali ibn Abi Talib.

(encontram-se sobretudo na Síria e no Líbano) e os alevitas (localizam-se na Turquia).

2.1.4.1 Os Xiitas dos Doze *Imãs*

É a maior ramificação, com cerca de 90% dos muçulmanos xiitas. São maioria no Irã (89%), Iraque (60%), Bahrein (70%) e Azerbaijão (85%) (Campo, 2009, p. 625). Seu nome se origina da crença de que os 12 descendentes masculinos da família de Muhammad, iniciando com Ali ibn Abi Talib (600-661) e terminando com Mahdi Muhammad al Mutanzar (oculto desde 874), são *imãs* e, nesse sentido, exemplos para a comunidade de fiéis.

Eles acreditam que o décimo-segundo *imã* irá retornar a terra como um messias depois de um período de ocultação (*ghayba*) que começou em 874, para inaugurar um reinado de justiça universal antes do Juízo Final. Os Doze creem que os descendentes do Profeta Muhammad através de sua filha Fátima e Ali (seu primo e cunhado) são a melhor fonte de conhecimento sobre o Alcorão e o islã, e os portadores e protetores mais confiáveis das tradições de Muhammad. Segundo Campo (2009, p. 678-679), os cinco dogmas fundamentais dos doze *imãs* xiitas são:

- (1) Unidade de Deus (*Tawhid*). Como os Sunitas, os Doze Xiitas acreditam que existe somente um Deus. Ao contrário da maioria dos Sunitas, acreditam que os atributos e nome de Deus não tem nenhuma realidade além da essência de Deus.
- (2) Profecia (*Nubuwwa*). Como os Sunitas, os Doze Xiitas reconhecem Muhammad como o último dos muitos profetas que trouxeram revelações de Deus para a humanidade através dos tempos.
- (3) Ressureição (*Maad*). Como os Sunitas, acreditam que haverá uma ressurreição, ou retorno de toda a humanidade no Dia do Julgamento, quando Deus irá recompensar e punir todos com base em sua fé e obras.
- (4) *Imanato*. Ao contrário dos Sunitas, os Doze Xiitas acreditam em 12 *imãs* divinamente inspirados, que são descendentes de Muhammad através de sua filha Fátima e seu marido Ali ibn Abi Talib, que é o primeiro *imã*.
- (5) Justiça Divina (*Adl*). (...) Consideram a Justiça Divina um atributo racionalmente baseado em Deus, associado com a sua sabedoria. Devido a isso, ele é essencialmente bom, e nada mal ou profano pode ser atribuído a ele.

2.1.4.2 Os Ismaelitas

É a segunda maior ramificação do xiismo e seu nome é derivado de Ismael (721-755), o primogênito de Jaafar al-Sadiq (699-765), o sexto *imã* xiita. Os ismaelitas acreditam que Ismael é o verdadeiro herdeiro do *imanato* após a morte de seu pai, ao contrário de Musa al-Kazim (745-799), como pensam os doze *imãs* xiitas. Suas doutrinas e leis são similares às daquelas das outras principais seitas Xiitas, mas elas diferem significativamente em seus conceitos de autoridade. (Campo, 2009, p. 377).

Ao contrário de outras seitas xiitas, os ismaelitas seguem um *imã* vivo, que é chamado de “*Hazir Imã*”. Os ismaelitas também possuem uma visão cíclica do mundo, composto de sete eras. Um Profeta distinto marca o início de cada era, que teve até então: Adão, Noé, Abraão, Moisés, Jesus e Muhammad. Nesse contexto, Ismael foi um companheiro de Muhammad, e ele regressará no futuro para ser o último Profeta, completando o sétimo e último ciclo, que culminará com o fim do mundo. Segundo Campo (ibidem), atualmente “eles são cerca de 15 milhões (...) e podem ser encontrados em muitos países do mundo”.

2.1.4.3 Os Zaiditas

Também conhecido como quinto xiismo, a tradição zaydi do xiismo é atualmente encontrada principalmente no Iêmen, onde os zaydis são estimados em cerca de 36% da população (Campo 2009, p. 719). Os zaiditas acreditam que Zaid Ibn Ali (695-740) é o quinto *imã*, ao contrário do que pensam os xiitas dos doze *imãs*, que consideram Muhammad al Baqir o quinto *imã*.

Zaid notabilizou-se por liderar uma revolta contra o Califado Omíada (na qual foi morto em 740). Depois da morte de Zaid, missionários em seu nome estabeleceram discípulos na região do Mar Cáspio e depois no Iêmen. Nesse país, os xiitas zaiditas governaram ou tiveram um grande papel político de 1650 a 1962.

Em se tratando de suas doutrinas e práticas, os zaiditas mais se assemelham aos sunitas do que as outras seitas xiitas. Nesse sentido:

(...) mesmo que os Zaiditas chamem seus líderes de *imãs*, seus conceitos de autoridade legítima tendem a ser mais próximos dos Sunitas do que dos Xiitas dos Doze *Imãs* ou dos Ismaelitas. Os *Imãs* Zaiditas reivindicam a sua descendência em Muhammad através de Ali e Fátima, mas eles adquirem suas posições de acordo com as suas habilidades, em vez de serem designados por seus antecessores, e eles ainda não afirmam a infalibilidade ou conhecimento secreto. Eles reconhecem a legitimidade dos primeiros Califas e a sua tradição de lei se assemelha aos Sunitas (...) (CAMPO 2009, p. 720).

2.1.5 O Sufismo

O sufismo é uma corrente mística do islã, onde seus membros buscam desenvolver uma relação íntima com Deus por meio de técnicas de canto, dança, música, oração e meditação. Para Campo (2009, p. xxvi), Sufismo (*tasawwuf*) é designação geral para expressões místicas do Islã onde o conhecimento experiencial de Deus e a realização da unidade nele ou com ele são os principais objetivos.

Esse ramo do Islã tem suas origens no ascetismo que desenvolveu-se durante o período Omíada como uma reação contra o crescimento do mundanismo e o luxo da sociedade muçulmana (Armstrong 2002, p. 73-74). Os ascetas usavam frequentemente um tipo de lã grossa (*tasawwuf*) em suas vestimentas, que era o padrão para os mais simples, semelhante ao do Profeta. O termo árabe no qual sufismo é baseado é *tasawwuf* e o indivíduo que segue esse ramo do islã é chamado sufi. Ambos os termos são derivados da palavra árabe para lã (*suf*), material bruto a partir do qual as roupas usadas pelos ascetas do Oriente Médio eram feitas (Campo, 2009 p. 639).

Os sufistas se organizam em grupos de mestres e discípulos, conhecidos como ordens ou confrarias, e por meio de sessões místicas procuram o maior contato com Deus. Para Pace (2005, p. 190):

Cada grupo, embora se mova no sei de um mesmo grande quadro simbólico-religioso (a fé em Deus e em Seu Enviado, com tudo aquilo que daí provém, inclusive respeito à Lei corânica e as tradições grandes e pequenas do Islã), tende a distinguir-se de outro semelhante pela particularidade do carisma de fundação: cada mestre procurou imprimir sua marca própria tanto no plano do espírito como no das técnicas de oração bem como ainda das celebrações rituais.

Entre as principais ordens Sufis que se encontram em atividade temos: os Qadiris, Suhrawardis, Rifais, Kubrawis, Shadhilis, Mevlevis, Naqshbandis, e Bektashis. A quantificação exata dos sufistas é difícil e eles são encontrados de forma descentralizada pelo mundo, sendo mais popular no Marrocos e no Senegal.

Porém, o caráter místico e exotérico do sufis tem provocado ao longo dos séculos severas críticas por parte da ala mais tradicional das outras correntes do islã. Segundo Campo (2009, p. 639):

Os *Ulemas* conservadores intermitentemente atacam os Sufis por tais práticas, considerando a veneração de santos seria uma forma de idolatria (*shirk*), ou na melhor das hipóteses, uma inovação corrupta (*bidaa*). Eles também condenam o *dhikr* Sufi, uma forma extática de ritual cantado e movimento rítmico, praticado pelos Sufis em suas assembleias, bem como a *samaa*, uma forma musical de *dhikr* (...).

Já os sufistas criticam os especialistas em lei islâmica por sua excessiva preocupação com a erudição da *sharia* e com sua própria reputação. Nesse sentido, notamos que “os Sufistas também provocam a ira dos Wahhabitas da Arábia Saudita, e atualmente eles são vulneráveis, onde quer que a influência Wahhabita seja forte. O Sufismo é banido na Arábia Saudita, e as ordens Sufistas também foram banidas do Irã Xiita, onde elas floresceram por séculos” (Campo, 2009, p. 640-641).

2.2 A BASE TEÓRICA DO RADICALISMO ISLÂMICO SUNITA E SUA INFLUÊNCIA EM OSAMA BIN LADEN

Osama bin Laden recebeu em momentos diversos de sua vida a influência de vários pensadores muçulmanos contemporâneos. Estes contribuíram decisivamente para o desenvolvimento de seu modo peculiar de ver o mundo. Os conceitos chaves encontrados nos discursos de bin Laden como *jihad*, martírio, *mujaheddin*, apostasia e *ummah* são recorrentes dentro do pensamento histórico muçulmano.

Como conceitos recorrentes, o que observamos de variável nas pregações dos reformistas islâmicos são os graus de interpretação conferidos a

esses termos, que oscilam entre a moderação e o radicalismo. Ambos os graus buscam autoridade perante os fiéis nos princípios sagrados do Alcorão e da *Sunna*.

Por meio da linguagem, da afirmação encorajada em preceitos religiosos, é construída a aceitação ou não de determinados comportamentos e ações. Esse juízo de valor, de caráter altamente subjetivo, e de alta aplicabilidade, encontra terreno fértil na mente de muçulmanos que se sentem de alguma forma oprimidos e que buscam redenção na religião.

Será a partir do conhecimento dessas interpretações radicais que bin Laden procurará encaixá-las dentro de suas próprias concepções de mundo e do islamismo. Nesse processo ele apresentará um mundo de opressão aos muçulmanos, construirá os inimigos do islã e declarará a guerra santa a eles. Tudo isso acontecerá por meio de seus discursos, que combinarão interpretações radicais de elementos tradicionais do islamismo (herdadas dos teólogos atuais) com problemáticas políticas contemporâneas.

O fato de bin Laden não ter recebido formação acadêmica no islamismo, somado a sua mentalidade pragmática, criaram condições para que ele dispusesse de uma flexibilidade teórica capaz de incorporar distintos conceitos religiosos sem se comprometer doutrinariamente. Essa “liberdade” ideológica permitiu-lhe desenvolver uma rede de pensamentos de amplitude global, dentro e fora do mundo muçulmano. Tomando para si conceitos históricos do islamismo e apresentando-se como porta voz de todos os muçulmanos, bin Laden edificou um pensamento radical islâmico de caráter global.

Nesse sentido, a compreensão das ideias essenciais dos principais ideólogos muçulmanos radicais é fundamental para um melhor entendimento do pensamento de bin Laden. Em virtude da alta complexidade e subjetividade da mensuração do poder de influência de determinados autores sobre outros, procuraremos apresentar somente aqueles teólogos, reformistas e pensadores, que tiveram uma influência clara sobre bin Laden. Mesmo assim, cabe ao menos citar outros pensadores importantes dentro do islamismo radical: Ibn Nuhaas (?-814), Jamal al-Din al-Afghani (1838-1897), Hassa al-Banna (1906-1949), Abd-al-Rahman (conhecido como “Sheik cego”, 1938-), Ayman al-Zawahiri (1951-), entre outros.

Entre os teólogos que tiveram um grande papel na constituição do pensamento de bin Laden encontramos o árabe Ibn Abd al-wahhab (1703-1792), o paquistanês Mawlana Mawdudi (1903-1979), o egípcio Sayyid Qutb (1906-1966), e o

palestino Abdullah Azzam (1941-1989). Todos eles, direta ou indiretamente, foram influenciados pelo teólogo Taqi al-Din ibn Taymiyya (1263-1328), nascido na atual Turquia, e considerado o maior pensador medieval do islã.

2.2.2 Taqi Ad-din Ahmed ibn Taymiyya (1263-1328)

Ibn Taymiyya nasceu na cidade de Harran (atual sudeste da Turquia), oriundo de uma família de estudiosos do islamismo. Seus escritos e seu engajamento contra as incursões e o domínio Mongol no Oriente Médio renderam-lhe a condição de principal pensador e ativista islâmico medieval. Sua importância para o pensamento islâmico radical atual consiste na considerável influência exercida sobre esses militantes. De forma indireta (através da inspiração de suas ideias) ou direta (com uso de citações de seus escritos para justificar determinadas ações), Ibn Taymiyya tem sido usado como referência pelos extremistas muçulmanos.

Suas reflexões acerca da obrigatoriedade da *jihād* e de apostasia são amplamente utilizadas por grupos radicais islâmicos contemporâneos. Para Roy (2010, p. 36), “Ibn Taymiyya é agora o teólogo clássico mais reivindicado pelos radicais Islamistas”. Na mesma linha que Roy, Henzel (2005, p. 71) afirma que “o estudioso medieval sunita Taqi ad-Din Ahmed ibn Taymiyya é uma importante referência para os revolucionários Salafistas atuais”.

Durante sua vida, Taymiyya esteve fortemente envolvido no conflito contra os Mongóis. Nesse sentido, seus escritos e *fatwas*¹¹ “pertencem a um contexto histórico preciso, que engloba as várias tentativas feitas pelos IIXhans¹² para ganhar o controle da Síria, no período pós queda de Bagdá (656-1258) e a abolição do Califado Abássidas” (Aigle, 2007, p. 89). Dessa forma, suas ideias e conceitos são um reflexo de sua época; sendo assim, sua aplicabilidade para os dias de hoje (como veremos posteriormente de forma direta ou indireta nos discursos de Osama bin Laden) é altamente questionável.

Os conceitos desenvolvidos por Taymiyya de obrigatoriedade da *jihād* e de apostasia, apesar de pertencerem a um período específico da História, ganham

¹¹ Parecer em jurisprudência Islâmica emitido por especialista, que possui status de decreto.

¹² Nome dado aos integrantes da entidade política do Ilikanato (divisão do Império Mongol nos atuais Azerbaijão e Pérsia durante os séculos XII e XIII).

novas utilizações por extremistas Islâmicos atuais. Taymiyya desenvolveu a sua ideia de apostasia com base no conceito de *tawhid*, a unidade de Deus. Para ele, a relação dos muçulmanos com Deus era realizada através de duas categorias: a unidade da soberania e a unidade de culto.

A primeira remete a fé em Deus como criador do universo e único soberano. Já a segunda, refere-se à crença de Deus como único e supremo objeto obediência e adoração. Segundo Wiktorowicz (2005, p. 78), Taymiyya “fundamentou que esse último componente da unidade divina necessita do seguimento das leis de Deus. O uso de leis humanas significa o mesmo que adorar e obedecer alguém além de Deus, sendo assim, apostasia”.

Nesse ponto reside o cerne do trabalho de Taymiyya acerca da unidade de Deus. A não utilização estrita da lei islâmica, ou sua utilização parcial, por parte dos governantes, significava que os mesmos não eram mais verdadeiros muçulmanos e, nesse sentido, deveriam ser removidos do poder, por meio da *jihad*. Taymiyya era altamente conservador no que se refere à legalidade dos sistemas jurídicos: “legal é somente o que é exclusivo aos seguidores da lei Corânica” (Aigle, 2007, p. 116). Essa ideia acontecia no momento em que os Mongóis haviam se convertido ao islã e ameaçavam a região da Grande Síria¹³.

Os Mongóis apesar de terem se convertido ao islã, ainda utilizavam os seus próprios conjuntos de leis, contidas no código *yasa*, criado por Gengis Khan (1162-1227)¹⁴. Segundo Aigle:

Preocupado com o estabelecimento de um novo sistema político em grande parte do mundo Muçulmano, Ibn Taymiyya denuncia a concepção teocrática de poder baseada em uma lei criada através da razão de um único homem, Gengis Khan. (...) Ghazan Khan¹⁵, apesar de sua conversão ao Islã, tinha permanecido fiel ao *yasa* Mongol, aumentando o perigo que malignas inovações poderiam ser introduzidas, ao sistema legalista da *sharia*, baseado no Islã (2007, p. 118).

Taymiyya utilizou-se do argumento religioso de que os Mongóis não eram autênticos islâmicos para motivar os muçulmanos a combaterem a ameaça político-militar que esse povo representava. Ibn Taymiyya argumentou que, em vista da permissão pelo governante Mongol de alguns aspectos da lei tribal Mongol,

¹³ Região que atualmente compreende os territórios da Palestina, Síria, Líbano, Jordânia e Israel.

¹⁴ Foi o unificador dos povos Mongóis sob o Império Mongol (1206-1368) e seu primeiro imperador.

¹⁵ Sétimo governante do Império Mongol durante 1295-1304.

juntamente com os códigos da *sharia* Islâmica, os Mongóis eram apóstatas do Islã e, dessa forma, alvos legítimos da *jihad* (Henzel 2005, p. 71).

Em relação aos apóstatas, “Ibn Taymiyya lembra que de acordo com a Sunna do Profeta, a pena prevista para os apóstatas (*al-murtadd*) é mais dura do que aquela que se aplica àqueles que são descrentes (*al-kafir al-asli*)” (Aigle 2007, p. 103). Nessa linha, Taymiyya afirma que “o apóstata deve ser condenado à morte, mesmo que ele seja incapaz de lutar, mesmo que os juristas não decretarem a execução do incrédulo” (Aigle, *ibidem*).

Hoje a utilização da justificativa de *jihad* contra governantes que não aplicam estritamente a *sharia* islâmica, elaborada há sete séculos por Taymiyya, é adaptada para a contemporaneidade por radicais islâmicos. Para os *jihadistas* a lógica era clara: os Mongóis continuavam a implantar o Código Yasa de Gengis Kaham e, portanto, não eram mais Muçulmanos, por que eles não aderiram à adoração de Deus (Wiktorowicz 2005, p. 80). Ainda segundo Wiktorowicz (*ibidem*), “os *jihadistas* visualizam essa situação, como análoga aos Estados contemporâneos, onde os governantes têm adotado os códigos legais Ocidentais, ao invés de apenas a lei Islâmica”.

A especificidade do contexto histórico, e a grande problemática em adaptar declarações concebidas dentro de uma realidade peculiar, não impedem os pensadores islâmicos de buscar autoridade nas palavras de Ibn Taymiyya. Para Henzel (*ibidem*), “atualmente, os revolucionários Salafistas citam este autor como autoridade para seus argumentos de que os governantes Islâmicos contemporâneos são apóstatas, se eles falharem em impor exclusivamente a *sharia*, e que assim a *jihad* deve ser travada contra eles”. No caso da Al-Qaeda e de bin Laden, a ausência de formação religiosa é um dos determinantes para a legitimação via citação de outros autores. Para Bubalo, Fealy:

O *jihadismo*-salafismo carece de uma abordagem mais rigorosa da fé Salafista e de sua forte dependência dos eruditos religiosos tradicionais (ulemâs). Na verdade, criou-se seus próprios ulemâs e doutrina. Apesar do fato de que bin Laden e outros líderes da Al-Qaeda não tenham nenhuma formação religiosa, eles são frequentemente caracterizados como *Sheiks* ou *Imãs*. Esforços também são repetidamente feitos para justificar os ataques, via leituras altamente seletivas de obras de juristas Islâmicos, especialmente Ibn Taymiyya (2005, p. 44).

Outra ideia muito importante dentro do pensamento de Taymiyya refere-se a *jihad*. Baseado na ameaça eminente dos Mongóis durante os séculos XIII e XIV, o autor adaptou o conceito de *jihad* para essa questão. Para a aplicação de *jihad*, Taymiyya apresentava sua visão acerca das distinções entre deveres coletivos e deveres individuais. Os deveres coletivos eram obrigações que podiam ser cumpridas por um grupo de muçulmanos em nome de toda a comunidade muçulmana. Os deveres individuais eram aqueles que cada Muçulmano deve cumprir para evitar cair em pecado (Wiktorowicz 2005, p. 84). Para Taymiyya:

A *jihad* é obrigatória se for realizada em nossa iniciativa e também se ela for travada como defesa. Se tomarmos a iniciativa, é um dever coletivo [o que significa que] se for cumprida por um número suficiente [de Muçulmanos], os lapsos de obrigação para todos os outros e o mérito vão para aqueles que a cumpriram. Mas se o inimigo quer atacar os Muçulmanos, então repeli-lo torna-se um dever [individual] para todos aqueles sob ataque e para os outros também, a fim de ajuda-lo (PETERS, 1996, p. 52-53)

Nesse sentido, Taymiyya coloca a *jihad* como uma obrigação individual de todo o muçulmano, esteja ele envolvido ou não no conflito em questão. É interessante olhar essa teorização na perspectiva da constante ameaça Mongol em que Taymiyya se encontrava. Enquadrando a *jihad* como uma obrigação religiosa a todos os muçulmanos, Taymiyya claramente também objetivava ganhos políticos-militares, ao pregar o engajamento de todos os muçulmanos diante dos Mongóis.

Além da pregação da *jihad* como dever individual, Taymiyya também advoga pelo sentido de coletivismo entre os muçulmanos, quando seus territórios estejam sendo invadidos. De acordo com Taymiyya, “Quando o inimigo entra em uma terra islâmica, não há dúvida que é obrigatório para as pessoas mais próximas à terra, defendê-la, e em seguida, aqueles que os rodeiam... pois toda a terra Islâmica é como se fosse um único país” (Fatawa Al-Kubra 4/608}, apud Azzam, 1987, p. 20). Dessa forma, Taymiyya buscava o apoio político, por meio de argumentos religiosos.

Essas considerações de Taymiyya sobre a obrigatoriedade da *jihad* iriam posteriormente influenciar e servir de embasamento para que líderes extremistas justificassem ataques por meio da legitimidade da *jihad*. Para (Wiktorowicz 2005, p. 85), Abdullah “Azzam, como a Al-Qaeda posteriormente, usam uma citação de Taymiyya para enfatizar a importância da *jihad* defensiva como uma obrigação religiosa”. A citação em questão é: “quando o inimigo ocupante esta estragando a

religião e o mundo, não há nada mais obrigatório após a fé, do que repeli-lo” (Fatawa Al-Kubra 4/520, apud Wiktorowicz 2005, p. 85).

Além da construção do caráter de obrigatoriedade da *jihad*, a Al-Qaeda também se utiliza dos escritos de Taymiyya para apresentar uma complexa visão acerca dos alvos civis. Parte de seu argumento é construído sobre a citação abaixo de Taymiyya:

Desde que a guerra legítima é essencialmente a *jihad*, e desde que o seu objeto é que a religião seja Deus inteiramente e a palavra de Deus é superior, portanto, de acordo com todos os Muçulmanos, aqueles que estão no caminho desse objetivo devem ser combatidos.

Aqueles que não podem oferecer resistência, ou que não podem lutar, como mulheres, crianças, monges, pessoas idosas, cegos e os deficientes, não devem ser mortos, a não ser que eles realmente lutem com palavras [como por exemplo a propaganda] e atos [por exemplo, a espionagem, ou outra forma de auxílio à guerra] (PETERS, 1996, p. 49).

Para Wiktorowicz (2005, p. 91), “isto define as populações inimigas em termos de sua capacidade de luta, tendo como efeito a introdução de uma subjetividade na definição de “civis””.

As ideias de Taymiyya, apesar de terem sido formuladas há muitos séculos atrás, ainda permanecem sendo referencial para grupos radicais islâmicos. Sobretudo suas considerações a respeito de obrigatoriedade da *jihad* e o conceito de apostasia ganham novas aplicações na contemporaneidade. Nesse sentido, a compreensão do pensamento desse teólogo demonstra-se essencial para um entendimento substancial do Islamismo radical atual.

2.2.3 Ibn Abd al-Wahhab (1703-1792)

As ideias de Al-Wahhab, deram origem a um movimento religioso puritanista islâmico sunita, conhecido como wahhabismo, e que atualmente tem sua doutrina praticada na Arábia Saudita e no Catar. Ibn Wahhab acreditava que a decadência moral, política e econômica que o islã vivia no século dezoito devia-se ao afastamento dos verdadeiros fundamentos da fé islâmica. Ele então pregava um retorno aos corretos valores do islamismo, o qual via como a “busca da purificação do Islã e a extirpação de qualquer tipo de inovação ou desvio dos ensinamentos do

Profeta Maomé e de seus companheiros” (Amorim, 2008, p. 69). Ibn Wahhab nasceu na região da Península Arábica de Najd e:

Foi educado por seu pai e por outro *ulemá*, na escola Hanbali, a qual era a principal escola seguida pelas comunidades tribais de Najd. Seu pensamento também foi formado pelos seus encontros com acadêmicos reformistas em Meca e em Medina, e por sua antipatia por práticas religiosas locais associadas com santuários à santos, Xiismo e medicina popular (CAMPO, 2009, p. 704).

Para Bubalo e Fealy (2005, p. 11), “seguidor da escola Hanbali – geralmente considerada a mais literal das quatro escolas da lei Islâmica – Ibn Abd al-Wahhab ajudou a reviver as ideias do jurista Hanbali do século treze, Ibn Taymiyya (1263-1328), embora ele fosse mais dogmático em sua abordagem que o último”. A influência de Taymiyya sobre Wahhab reforça a tradição contida no pensamento islâmico do emprego do artifício da retórica de se “voltar às origens puras da fé islâmica”. Segundo Pace (2005, p. 240-241):

O inspirador remoto de al-Wahhab é um jurisconsulto do século xiv, Taqi al-din Ahmad Ibn Taymiyya, que tinha por seu turno proposto que se voltasse às fontes puras da religiosidade Islâmica, exercendo a arte da interpretação espiritual da palavra contida no alcorão e na sunna, livrando-a das incrustações que as escolas jurídicas tinham acabado estendendo por cima dela.

Wahhab considerava apenas a interpretação estrita e literal do Alcorão e da Sunna como a única verdadeira. Ele acreditava que qualquer prática ou crença que estivesse fora desse quadro era vista como errada. Em suas pregações, Ibn Abd al-Wahhab “também conclamava aos Muçulmanos à rejeitar a crença na intercessão dos santos e dos Imãs Xiitas; ele desejava com isso, cessar práticas tais como às orações aos mortos e aos *jinn*¹⁶, a realização de sacrifício votivos, a adoração de arvores sagradas e a construção de santuários” (Campo, *ibidem*).

Dessa forma, as tradições de orações aos mortos, adoração de santos e a construção de santuários, comuns às sociedades da antiga Arábia, deviam ser combatidas. Nesse sentido, seu pensamento foi construído sob a convicção de que as práticas tradicionais locais das tribos da Arábia central constituíam-se em uma afronta ao verdadeiro islã e a causa de sua decadência político-religiosa. Assim, ele começou a advogar pelo retorno aos fundamentos originais do islã, de forma

¹⁶ Termo árabe que remete a criaturas sobrenaturais como os gênios.

ortodoxa. Para Bubalo e Fealy (2005, p. 11), “a principal preocupação de Ibn Abd al-Wahhab era naquilo que ele via como o enfraquecimento do Islã pelas tradições pré-Islâmicas e práticas locais das tribos Beduínas da Arábia central”.

Para Roy (2010, p. 36-37), as ideias de Wahhab, que posteriormente geraria o movimento reformista, intitulado de o wahhabismo:

(...) enfatizam principalmente a unidade de Deus, recusa o princípio de intercessão (dos santos) muito presente no Sufismo e no Islã popular, proíba o culto de seus túmulos (os Wahhabistas destroem as tumbas dos “santos” do Islã), declara infieis (e não apenas pecadores) os Muçulmanos que não agem exclusivamente com os cânones do puro Islã (esta é a teoria do *takfir*) e toma os Xiitas como heréticos.

Mais do que a prática estrita do islã tradicional, as ideias de Wahhab também representavam uma condenação a qualquer tipo de interpretação do islã que não correspondesse a sua. De acordo com Campo (2009, p. 704-705):

O caráter sectário do Wahhabismo não é baseado somente na rejeição de práticas religiosas locais que eram ligadas ao Xiismo e ao Sufismo. Ele também se opõe a doutrinas-chaves realizadas pela maioria dos *Ulemás* Sunitas, tais como a adesão (*taqlid*) à tradição cumulativa da jurisprudência (*Fiqh*), reconhecimento da Sunna dos Companheiros do Profeta e dos quatro primeiros Califas em pé de igualdade à Muhammad, e a aceitação da fé dos Muçulmanos sob a única base da declaração da *shahada* e performance dos Cinco Pilares de culto, sem levar em conta as outras crenças e práticas.

Dentro desse espectro de ideias, que incluía a necessidade do retorno as verdadeiras origens do islã, Wahhab começou a partir da segunda metade do século dezoito a militar por elas. Para Pace (2005, p. 240), “voltar às origens, portanto, significava para al-Wahhab purificar a fé e realizar um verdadeiro despertar religioso, cultural e social do mundo Islâmico”. Porém, uma verdadeira operacionalização desse despertar não poderia ocorrer na prática sem uma alteração do quadro político-religioso da região. Nesse cenário acontece uma aliança estratégica entre Ibn Wahhab e o líder de uma importante tribo de Nadj, Muhammad Ibn Saud.

Saud apoiou a campanha do pregador em realizar sua visão reformista através do proselitismo (*daawa*) e da guerra (*jihad*) em troca da obtenção do direito de recolher o *zakat* (esmola) e da legitimação religiosa para os Saud governar em toda a Najd (Campo, 2009, p. 705). Começava, então, por meio dessa aliança, uma

campanha que iria, dois séculos mais tarde, culminar na unificação da Arábia sob o comando da tribo dos Saud, e sob a ideologia político-religiosa do wahhabismo.

Para Bubalo e Fealy (2005, p. 12), a influência das ideias de Ibn Wahhab legitimaria “e ajudaria a expandir a autoridade política de Ibn Saud perante as outras tribos, enquanto o primeiro iria ajudar a espalhar a mensagem religiosa de Ibn Wahhab e de fato tomar a forma de um Estado de acordo com as suas linhas puritanas”. O acordo político-religioso entre Wahhab e Ibn Saud mostrou-se muito frutífero para ambos. De acordo com Campo (ibidem), “sem dúvida, a sua agenda reformista (de Wahhab) beneficiou-se enormemente através da aliança que ele realizou com Muhammad Ibn Saud, o chefe do clã dos Al Saud de Diriyya, um assentamento localizado da cidade oásis de Riad”.

A campanha iniciada por Ibn Saud culminaria na criação do Reino da Arábia Saudita, em 1932. O país é governado desde então por uma monarquia originária do clã dos Saud, com o wahhabismo como religião oficial. Para Armstrong (2002, p. 161), “o Reino da Arábia Saudita, fundado em 1932, era baseado no ideal Wahhab. A visão oficial era que uma constituição era desnecessária, visto que o governo era baseado em uma leitura literal do Alcorão”. Com o estabelecimento do Reino da Arábia Saudita, o wahhabismo ganhou terreno e expandiu-se através de uma doutrina teológica e é usado como base oficial para a elaboração das leis e conduta na sociedade Saudita (Armanios, 2003, p. 2).

A conduta conservadora do wahhabismo marcaria profundamente Osama bin Laden e outros extremistas islâmicos. Nascido em uma rica família saudita e que era muito próxima do clã real dos Saud, bin Laden¹⁷ cresceu no ambiente do wahhabismo. Segundo Gunaratna (2005, p. 60), “frequentando a universidade na Arábia Saudita, bin Laden tornou-se profundamente influenciado pelos ensinamentos religiosos de Wahhab (...)”.

Para Kepel (2003, p. 84), “a ideologia Wahhabita daí derivada é de fundamental importância para compreender o Islamismo Sunita contemporâneo, oriundo da filosofia de Qutb e Mawdudi”. Segundo Wiktorowicz (2005, p. 81), “embora seja tentador colocar toda a culpa em Sayyid Qutb pela radicalização do Islamismo, os Sauditas desenvolveram a sua própria corrente *jihadista* intelectual por meio de Ibn Wahhab, que continua extremamente influente”.

¹⁷ Aprofundaremos o estudo sob a vida de Osama bin Laden no final deste capítulo.

A influência do pensamento de Ibn Wahhab sobre indivíduos e organizações radicais Islâmicas ocorre por meio dos conceitos de unidade de Deus e apostasia. Para Wiktorowicz (ibidem), o trabalho mais relevante de Ibn Wahhab para os radicais é um pequeno livro intitulado *The Ten Voiders of Islam*, que sublinha as dez coisas que automaticamente expulsam alguém da religião. Três são as importâncias particulares para os *jihadista*:

Primeiro, um Muçulmano torna-se um descrente, se ele associa-se a alguém ou a alguma coisa perante a adoração de Deus. (...) Dada à ênfase dos *jihadistas* ao argumento de Ibn Taymiyya sobre a unidade do culto, este “voider” também é usado para condenar qualquer governante que não usa a lei Islâmica.

Segundo, qualquer Muçulmano que julgues por “aquilo que Deus não revelou” e que acredite que isso seja superior a lei divina é um apóstata. (...) *Jihadistas* (...) argumentam que ações essas ações são motivos para a apostasia. (...) Como resultado, se um líder viola um desses, é uma evidência de apostasia pois ele está voluntariamente desrespeitando a vontade de Deus.

Terceiro, o suporte ou ajude a descrentes contra Muçulmanos é apostasia. este, acima de todos os outros, parece ter-se tornado uma central “evidência” usada pela Al-Qaeda para mudar regimes no mundo Muçulmano através da apostasia (WIKTOROWICZ, 2005, p. 81-82).

O wahhabismo tem se desenvolvido em duas direções diferentes desde que o reinado foi fundado. De um lado, ele tornou-se a religião oficial de um Estado Islâmico que rapidamente modernizou-se, apoiado pela riqueza do petróleo (Campo, 2009, p. 706). Ainda segundo Campo (ibidem):

A segunda direção que o Wahhabismo tem tomado, particularmente entre as jovens gerações desde 1970, é as vezes chamada de Neo-Wahhabismo ou Salafismo. Ela tem sido moldada por ideologias Islamistas de oposição, proposta por grupos como a Irmandade Muçulmana e organizações *jihadistas* radicais. Proponentes desse tipo de Wahhabismo condenam a corrupção e a injustiça do governo Saudita e buscam radicalmente transformar outras sociedades Muçulmanas, para trazê-las para o governo de seu conceito de *sharia*, mesmo através da violência. Esse tipo de Wahhabismo é sintetizado por Osama bin Laden e pela Al-Qaeda.

Como veremos posteriormente, bin Laden que cresceu e educou-se dentro do ambiente wahhabita, irá adotar uma linha de pensamento crítico ao governo do Estado que é responsável por estabelecer a doutrina wahhabita entre uma das mais influentes no mundo Islâmico: a Arábia Saudita. O próprio caráter revolucionário da Al-Qaeda entra em choque com o Wahhabismo Saudita, pois “no

plano político, o Wahhabismo não é revolucionário: o seu futuro está ligado a uma monarquia (...)" (Roy, 2010, p. 37).

2.2.4 Mawlana Mawdudi (1903-1979)

Nascido na Índia Britânica (no atual Paquistão), em 1903, Mawlana Mawdudi é considerado um dos maiores ideólogos do islamismo atual. Mesmo situado no subcontinente indiano e falando o urdu, ou seja, distante geograficamente (Península Arábica é o local de revelação do islamismo) e linguisticamente (o árabe é o idioma do Alcorão) do mundo islâmico, as ideias de Mawdudi "exerceram grande influência sobre a evolução global do islamismo internacional ao longo do século" (Kepel, 2003, p. 61).

Entre os teólogos contemporâneos, Mawdudi foi pioneiro em desenvolver conceitos que posteriormente seriam utilizados e aperfeiçoados por outros pensadores. O trabalho de Mawdudi deriva extensivamente de Taqi ad-Din Ibn Taymiyya, o mais conhecido erudito medieval salafista, particularmente sob seus escritos acerca da unidade de Deus - *tawhid*. Wiktorowicz (2005, p. 80). Além de suas considerações sobre a *tawhid* destacam-se suas ideias referentes ao conceito de vanguarda islâmica e do islamismo como ideologia política.

Mawdudi retomou a ideia do islamismo político e militou na elaboração de uma teoria que recolocasse o islã como doutrina política. De acordo com Haqqani, (2005, p. 16), "ele [Mawdudi] argumentava que o Islã era tanto uma ideologia política como uma religião, e que a divisão básica do mundo era entre Islã e não-Islã". Para Nasr (1994, p. 15):

Como Mawdudi sistematicamente mixou religião com política, fé com ação social, ele buscou simplificar a fé Islâmica de modo a acomodar esse novo objetivo. Ele reinterpretou conceitos e símbolos, os dando novos significados e conotações. Isso o levou a estabelecer uma leitura política do Islã, onde a piedade religiosa foi transformada em uma estrutura de autoridade. Fé tornou-se ideologia e a religião trabalharia como ação social.

Mawdudi foi o primeiro a reintroduzir a ideia de um Estado islâmico regulado pela lei de Deus, a *sharia*. Ele "considerava o Islã uma doutrina revolucionária e um sistema capaz de derrubar um governo e toda a ordem social"

(Amorim, 2008, p. 65). Para Nasr (1994, p. 15), “a política foi declarada como sendo um componente integral e inseparável da fé Islâmica, e o “Estado Islâmico” que a ação política Muçulmana procura erguer, era vista como a panaceia para todos os problemas enfrentados pelos Muçulmanos”. A retórica da construção de um Estado islâmico é tema recorrente em boa parte dos escritos dos atuais extremistas muçulmanos e, entre eles, Osama bin Laden, que o entenderá tanto na forma da *ummah* quanto na figura do Califado islâmico.

Como forma de ação para a tomada do poder político, Mawdudi acreditava ser necessária a construção de uma “vanguarda da revolução islâmica” capaz de liderar a transformação política. A vanguarda refere-se à passagem do Alcorão que afirma que Muhammad e seu grupo de seguidores que em 622 d.C fogem da Meca pagã indo para Medina, onde o Profeta se articula politicamente e militarmente para retornar a Meca e instaurar ali o Estado islâmico. Na visão de Mawdudi, essa vanguarda toma a forma de um partido político, criado por ele, em 1941, o *Jama’at-e islami*, que lutaria por via democrática. Dessa forma, para Mawdudi “a *iihad* para a construção do Estado Islâmico concretizou-se pela participação no sistema político paquistanês” (Kepel, 2003, p. 63).

A ideia de vanguarda revolucionária seria posteriormente empregada no pensamento de outros importantes ideólogos como Sayyid Qutb e Abdullah Azzam. O primeiro, ao contrário de Mawdudi, interpretava que a vanguarda islâmica deveria liderar uma ruptura (de forma violenta) com a sociedade em questão; por sua vez, Azzam concebia a vanguarda revolucionária mais como um movimento de conscientização político-espiritual do que como uma organização estrita. Observaremos adiante o sentido de vanguarda islâmica, tanto da forma entendida por Qutb quanto por Azzam, no pensamento de bin Laden.

Em uma das ideias reformistas de Mawdudi podemos estabelecer uma interessante conexão com a operacionalidade da Al-Qaeda. De acordo com Wiktorowicz (2005, p. 78), “Mawdudi procurou se apropriar da tecnologia, ciência e outros aspectos da modernidade Ocidental, enquanto retornava aos fundamentos do Islamismo. (...) Os aspectos positivos do Ocidente poderiam ser usados para fortalecer os Muçulmanos contra o imperialismo Ocidental”. Apesar da forte retórica anti-Ocidental, bin Laden e a Al-Qaeda se beneficiaram em larga escala de mecanismos tecnológicos desenvolvidos no Ocidente, como a internet, telefones via satélite, televisões para divulgar sua mensagens e operacionalizar suas ações.

Baseado nos escritos de Taymiyya sobre a unidade de Deus e, em específico, a respeito da condição de apostasia para aqueles que não seguem a lei Islâmica, Mawdudi “adotou essa posição e traçou uma nítida bifurcação entre o “partido de Deus” e o “partido de Satã”, o qual incluía os Muçulmanos que aderiam as leis feitas pelo homem. Ao apresentar esse argumento, Mawdudi introduziu seu conceito de “*jahiliyya* moderna”. (Wiktorowicz *ibidem*).

A *jahiliyya* é o conceito mais importante desenvolvido por Mawdudi e que posteriormente seria amplamente empregado por militantes radicais islâmicos. *Jahiliyya* é um termo islâmico que remete a barbárie e ao estado de ignorância que as tribos árabes viviam antes da revelação do islamismo para Muhammad.

Na visão de Mawdudi, o mundo é dividido entre as sociedades que seguem o partido de Deus e aquelas que seguem o partido de Satã, as quais se encontram no estado de *jahiliyya*. Para Mawdudi, as sociedades atuais islâmicas se encontravam sob a *jahiliyya*, uma vez que elas estavam não mais guiadas pela lei de Deus e sim pela lei dos homens.

Segundo Wiktorowicz (2005, p. 78), “para Mawdudi, os verdadeiros Muçulmanos devem lutar contra essa ignorância, da mesma forma como o Profeta e seus seguidores lutaram contra o paganismo da tribo dominante Quraysh, em Meca”. Ao conceber o mundo sob uma profunda e eterna divisão político-religiosa, Mawdudi abre caminho para ações de militantes islâmicos que visam romper essa divisão. A ideia de *jahiliyya* trabalhada por Mawdudi iria influenciar fortemente o pensamento de Sayyid Qutb que, por sua vez, radicalizaria o conceito, considerando todo o indivíduo que se encontrasse na *jahiliyya* como apóstata e, assim, passível de excomunhão e morte.

Ao lançar a ideia da instauração do Estado islâmico, a partir de novas interpretações antigos conceitos islâmicos, Mawdudi conseguiu realçar o islamismo como ideologia política. Para Kepel (2003, p. 61), “foi a obra de Mawdudi que assumiu o posto e forjou as teorias e conceitos que serviriam para adaptar a ideologia islâmica às novas condições políticas criadas com o advento dos estados independentes não religiosos”. Esse pioneirismo foi vital para abrir os caminhos ideológicos e servir de inspiração para toda a gama de pensadores e grupos islâmicos reformistas. Seus conceitos iriam inspirar sobretudo aquele que é considerado como maior e mais influente ideólogo do islamismo contemporâneo, Sayyid Qutb.

2.2.5 Sayyid Qutb (1906-1966)

O pensamento do egípcio Sayyid Qutb foi fortemente influenciado pela sua experiência de quase três anos morando nos EUA, e construído sobre o contexto da forte repressão política do governo de Nasser aos militantes islâmicos. Esses dois eventos, somados as ideias islâmicas reformistas de Mawlana Mawdudi, foram vitais para o desenvolvimento dos conceitos radicais de Qutb.

Em 1948, Qutb era um inspetor escolar que fora enviado aos EUA para estudar o sistema educacional daquele país. Nesse período, ele viu-se chocado com os hábitos e costumes norte-americanos, que os via como imorais. Qutb “ficou perplexo com a liberdade que havia entre os sexos, sinais, segundo ele, de uma sociedade materialista, impura e promíscua e que se encontrara distante de Deus” (Amorim, 2008, p. 60).

O desenvolvimento de uma visão crítica por parte de Qutb das sociedades que não compartilhavam os princípios do islã, motivou sua entrada para a Irmandade Muçulmana quando ele retornou ao Egito, em 1951. Nessa organização Qutb “desenvolveu suas ideias inspirado por Mawlana Mawdudi (...) cujas obras lhe influenciaram profundamente” (Ungureanu 2010, p. 182). De acordo com Wiktorowicz (ibidem), “Qutb leu os mais influentes trabalhos de Mawdudi, incluindo *Jihad in Islam*, *Islam and Jahiliyya* e *Principles of Islamic Government*, os quais foram traduzidos para o Árabe no início dos anos 1950”.

Enquanto isso, a situação política do Egito alterava-se drasticamente. Em 1952, o Movimento dos Oficiais Livres, liderado pelo general Gamar Abdel Nasser e com apoio da Irmandade Muçulmana, derruba o Rei Farouk e toma o poder. Porém, a aliança entre os grupos dura pouco, uma vez que o modelo político a ser implantado não tinha o islã como base. Para Pace (2005, p. 262), “outras eram as perspectivas de Nasser: construir um Estado moderno, leigo, fundado sobre o nacionalismo e o pan-arabismo. Daí o conflito abeto com a associação”.

O afastamento nasserista da Irmandade que se seguiu resultou em uma ruptura, que foi seguida por uma forte repressão governista contra os membros da Irmandade (Amorim, 2008, p. 60). Juntamente com muitos outros presos da Irmandade Muçulmana, ele [Qutb] experimentou extrema privação e até tortura de seus carcereiros militares (Bhatia, 2005, p. 6). Nesse ambiente de perseguição política e repressão violenta, Qutb desenvolveu os conceitos de *jahiliyya*, vanguarda

islâmica e Estado islâmico de Mawdudi, dando-os uma roupagem mais radical e acrescido de uma retórica anti-Ocidental. Para Kepel (2003, p. 58), “foi nesse contexto que Qutb elaborou o conceito de *jahiliyya*, a barbárie anterior ao Islã. Nesse conceito ele englobava todo o mundo da época, inclusive os países ditos muçulmanos”.

Qutb reuniu a ideia de Mawdudi de “*jahiliyya* moderna” e o argumento de Ibn Taymiyya de que a unidade de Deus requer que os Muçulmanos sigam a lei divina (Wiktorowicz 2005, p. 79). Segundo o egípcio, os muçulmanos devem obrigatoriamente ser governados pela lei islâmica, para não ingressarem no estado da *jahiliyya*. Segundo o próprio Qutb (2003, p. 112):

Jahiliyya significa a que as pessoas são governadas por pessoas, isso significa que elas submetem-se a outras. Elas recusam-se submeter-se somente a Deus e rejeitam sua divindade, reconhecendo assim que alguns seres humanos têm qualidades de Deus e, portanto, submetem-se a sua autoridade.

O conceito de *jahiliyya* de Qutb, como podemos observar em suas palavras acima, além de um termo religioso, demonstra-se um termo político. Implicava na aceitação única de um governo teocrático baseado nos princípios do Islã. Como justificativa para esse projeto político, Qutb amparava-se em uma visão dualística acerca do islã e das demais religiões e, conseqüentemente, do mundo:

Ou é o Islã ou a *jahiliyya*, é ou incredulidade, a regra de Deus ou a regra da ignorância pagã. Aqueles que escolherem não serem julgados de acordo como aquilo que Deus revelou são descrentes, malfeitores e transgressores. Pessoas que não aceitam a lei de Deus não são crentes (QUTB 2003, p. 113).

Não havia espaço para negociações; o mundo estava dividido entre o islã e a barbárie da *jahiliyya*. Essa radicalidade era a prerrogativa que servia como legitimidade para combater o Estado laico nos países muçulmanos. Para Wiktorowicz (2005, p. 79), Qutb acreditava que:

(...) os governantes do mundo Muçulmano por usarem leis não-Islâmicas, fazem parte da moderna *jahiliyya* e, portanto, não são autênticos Muçulmanos. Aos infiéis, eles poderiam ser combatidos e removidos do poder, pois o primeiro objetivo dos Muçulmanos é estabelecer o governo de Deus na terra.

Como justificativa para afirmar sua tese de que os governantes muçulmanos que não implantam a lei islâmica são incrédulos e devem ser removidos do poder, Qutb apresentava o seguinte verso do Alcorão: “Quem não governar pelo que Deus enviou para baixo, são incrédulos” (Alcorão, 5:48).

Essas ideias de Qutb estavam fortemente ancoradas no momento político do Egito secular de Nasser. Nele os grupos militantes islâmicos (como a Irmandade Muçulmana e o próprio Qutb) foram marginalizados e perseguidos. Além de teorizar sobre o islamismo como ideologia política, Qutb pregava também por sua adoção no campo político prático. Para Kepel (2003, p. 64-65), “Qutb lançou as bases de uma concepção revolucionária da tomada do poder que não se via na obra de Mawdudi e que iria conquistar muitos adeptos entre a juventude radical”. Segundo Armajani (2009, p. 387), “no século XX, alguns Islamistas, como Sayyid Qutb, (...) adaptaram as ideias e visões de Ibn Taymiyya para todos os governos seculares modernos (entre outras entidades não-muçulmanas) como partes da cultura *jahili*, e assim como alvos legítimos para ataques de militantes”.

Da mesma forma que Mawdudi, Qutb acreditava que o islã, além de uma religião, constituía-se em uma poderosa ideologia; a única capaz de unir e conduzir o povo islâmico a livrar-se de sistemas ideológicos Ocidentais como o nacionalismo, capitalismo e comunismo e, assim, retornar a idade de ouro do islã. Ao radicalizar o pensamento de Mawdudi, Qutb desenvolveu a ideia da separação rigorosa entre aqueles que seguem de forma estrita os princípios do islamismo e aqueles que não.

Para Ungureanu (2010, p. 182), Qutb argumentava que na *jahiliyya* (...) a autoridade e a primazia de Deus tinham sido substituídas por outras fontes de autoridade, justificando desta forma o lançamento da *jihad*”. Assim é necessário, para Qutb, que os muçulmanos se engajem contra os governantes incrédulos:

Reformas parciais não são suficientes quando o conjunto da sociedade está errado e a ignorância tem prevalecido. Quando a sociedade tiver adotado uma lei que não seja de Deus, os esforços devem atacar as raízes e as campanhas de *jihad* devem ter o objetivo claro de estabelecer a autoridade de Deus na sociedade (QUTB 2003, p. 175).

De acordo com Bakker e Boer (2007, p. 51), “a tradição qutbiana representa a legitimação da revolta contra os governantes Muçulmanos que não são considerados “verdadeiros Muçulmanos””. Para conduzir o processo de destituição dos governantes apóstatas, Qutb aprofunda o conceito mawdudiano de vanguarda

islâmica. Para o pensador egípcio, “a luta contra a *jahiliyya* tem que ser realizada pelas massas, sob a liderança de uma vanguarda” (ibidem).

Esse conceito é chave dentro do pensamento de Qutb. A vanguarda seria um pequeno núcleo de muçulmanos altamente fiéis aos princípios islâmicos, e que lideraria a luta contra a *jahiliyya*. Segundo o egípcio (2003b, p. 81):

As pessoas não abandonam a *jahiliyya* ou mudam a sua submissão à tirania, a fim de adotar o Islã e adorar somente a Deus, exceto pela difícil e árdua rota ao longo da qual a mensagem Islâmica defende a si mesmo. Ela sempre começa com um indivíduo, seguido por um grupo de vanguarda.

Ela além de liderar as massas contra os governos infiéis, a vanguarda também teria a função de inspirar os muçulmanos a seguirem as verdadeiras diretrizes do islã. Por meio do “despertar islâmico” a vanguarda concebida por Qutb deveria ser capaz de mobilizar os muçulmanos a engajarem-se contra a *jahiliyya*.

De acordo com Ungureanu (2010, p. 184), para ele [Qutb] o despertar de um único indivíduo “ao verdadeiro Islã levará automaticamente ao despertar e a formação de um *jama’at* (grupo) que ira separá-los da sociedade pré-Islâmica, de sua cultura e instituições”. Esse agrupamento será um passo necessário para o estabelecimento de uma comunidade que, por sua vez, deve estar na vanguarda da afirmação das regras decorrentes da revelação do Alcorão.

O conceito de vanguarda islâmica de caráter operacional e reflexivo, desenvolvido por Qutb, influenciará (como veremos a seguir) profundamente as concepções teóricas de Abdullah Azzam que, no final dos anos 1980, idealizará uma vanguarda muçulmana que serviria de exemplo a todos; ela seria a base (Al-Qaeda) para todas as sociedades muçulmanas.

Complementando os conceitos de *jahiliyya* e vanguarda islâmica, notamos também no pensamento de Qutb, como forma de construir uma identidade e ideologia do islamismo político, uma considerável retórica anti-Ocidental. Em seus escritos, Qutb buscava claramente traçar uma diferenciação entre muçulmanos e não-muçulmanos. O autor procurava estender essa divisão ao resto do mundo e as ideologias Ocidentais, perante o mundo muçulmano e o islamismo político. A distinção entre o mundo não-islâmico e o mundo islâmico ultrapassa as diferenças entre os sistemas capitalista e socialista, como podemos perceber em uma passagem escrita em 1949 (no auge da Guerra Fria):

Não nos devemos deixar iludir pela aparentemente dura e amarga luta entre os campos oriental [socialismo-comunista] e ocidental [democracia capitalista liberal]. Nenhum deles tem mais do que uma filosofia materialista da vida e no seu pensamento estão bastante próximos [...] não há diferença entre os seus princípios e as suas filosofias; a única diferença está nos seus métodos mundanos e nos seus mercados lucrativos. Nós somos os seus mercados! **A verdadeira luta é entre o Islã, por um lado, e os campos combinados do Oriente [União Soviética e seus aliados] e do Ocidente [EUA e seus aliados], por outro lado. O Islã é o verdadeiro poder que se opõe à força da filosofia materialista professada igualmente pela Europa, América e Rússia** [grifo nosso] (QUTB, 2000, p. 316).

Ao criticar fortemente as ideologias Ocidentais do capitalismo e do socialismo, Qutb desejava alçar o islã ao posto de única ideologia política possível para o mundo muçulmano. Para Bhatia (2005, p. 22), “uma grande preocupação para Qutb foi destacar a relevância do Islã como um sistema alternativo, positivo e sustentável às ortodoxias do capitalismo e socialismo”. (...) “ele reconheceu que o Islã tem um potencial revolucionário”.

Qutb tentava construir uma imagem de oposição irrestrita entre as sociedades regidas pela lei islâmica e as demais. Para isso, ele ampliou o conceito de *jahiliyya* para todas as sociedades do mundo. Dessa forma o autor egípcio entendia que (2003, p. 10), “o homem está em uma encruzilhada e essa é a sua escolha: Islamismo ou jahiliyya. O estilo moderno da jahiliyya são as sociedades industrializadas da Europa e da América, as quais são essencialmente similares à antiga jahiliyya dos pagãos e nômades da Arábia (...)”.

A realidade para Qutb era apresentada e construída em seus discursos como essencialmente dualista, tendo de um lado as sociedades islâmicas e, de outro, as sociedades ignorantes da *jahiliyya*. O autor também procura salientar que esta divisão não era apenas geográfica, mas igualmente cultural e social.

Qutb acreditava que o islã proporcionaria todas as condições (jurídicas, espirituais, sociais, econômicas) para uma boa vida aos muçulmanos sendo, assim, desnecessário e condenável o contato com outras culturas/religiões. Para Bhatia (2005, p. 25), “no esquema de Qutb, a religião não é meramente uma filiação confessional, mas comportamento, cultura, um modo de vida e um sistema de que regula a conduta dos homens”.

Os contatos com as sociedades seculares deviam ser evitados pelos muçulmanos. De acordo com Ungureanu (2010, p. 185), “os Muçulmanos que seguem ou tem afinidades com as ideias e as práticas Ocidentais, estavam para ele

[Qutb] no estado de jahiliyya, ou seja, o estado pagão de ignorância anterior a revelação divina do profeta”. Ainda segundo este autor (2010, p. 184), “como resultado de sua experiência nos EUA, Sayyid Qutb concluiu que a América é a fonte do mal. O Cristianismo, com seus valores de “pecado” e “salvação”, não tinha sentido”.

Colocando as nações Ocidentais, com seus hábitos e tradições seculares como inimigos do islã, Qutb lançou as bases para um forte sentimento anti-Ocidental, característico de muitos movimentos radicais islâmicos, sobretudo nos discursos da Al-Qaeda. A importância de Qutb para o radicalismo islâmico contemporâneo e, sobretudo, para o pensamento de bin Laden, consiste no fato dele ter radicalizado as ideias de Mawdudi, e edificado a concepção de um movimento de vanguarda islâmica capaz de derrubar os governantes seculares muçulmanos e de construir um Estado estritamente islâmico.

Para Guolo e Pace (1998, p. 47), “a teoria de Qutb, (...) contribuiu para fornecer a base teórica para o radicalismo islâmico de matriz sunita”. As ideias do teólogo egípcio Sayyid Qutb são consideradas a principal influência para o pensamento de Osama bin Laden e da Al-Qaeda. Para Bakker e Boer (2007, p. 51), “(...) Sayyid Qutb é geralmente considerado como o mais importante pai espiritual e ideológico da Al-Qaeda”. Os conceitos trabalhados por Qutb de *jahiliyya*, vanguarda revolucionária islâmica e Estado islâmico, somados a sua retórica anti-Ocidental iram influenciar profundamente as concepções de mundo de Osama bin Laden e de Abdullah Azzam.

2.2.6 Abdullah Azzam (1941-1989)

O palestino Abdullah Azzam foi uma figura central dentro do desenvolvimento e operacionalização do pensamento radical da Al-Qaeda e de Osama bin Laden. Azzam “abraçou e adaptou as doutrinas *jihadista* radicais de Sayyid Qutb” (Bakker e Boer (2007, p. 25), contextualizou-as e aplicou-as dentro da Guerra do Afeganistão (1979-1989) lançando as bases ideológicas para a constituição do que futuramente viria a ser a Al-Qaeda. Para Gunaratna, (2004, p. 72), “Azzam foi o mentor de bin Laden e o responsável pela composição, formatação e objetivos da Al-Qaeda, podendo ser considerado seu pai ideológico.

Ao contrário de outros pensadores muçulmanos importantes, como Mawdudi e Qutb, Azzam teve uma formação acadêmica específica nessa área, fato que contribuiu para uma maior credibilidade de suas ideias. Bacharel em Estudos Islâmicos na Universidade de Damasco, na Síria, Azzam obteve mestrado e doutorado em Jurisprudência Islâmica na respeitada Universidade de Al-Azhar, no Egito. Enquanto estudava no Cairo, Azzam tornou-se amigo da família do ideólogo da *jihad*, Sayyid Qutb (Bergen, 2001, p. 52) e, com base nas considerações radicais do egípcio, reformulou duas ideias que constituem o principal eixo do pensamento de bin Laden e da Al-Qaeda: os conceitos de *jihad* e vanguarda Islâmica. Em 1979, em virtude dessas ideias radicais, Azzam foi expulso da Universidade de Al-Azhar.

Durante o final dos anos 1970, Azzam foi professor da Universidade de Jedá, na Arábia Saudita, tendo Osama bin Laden como um de seus pupilos (Bakker e Boer (2007, p. 26). Em 1980, ele reuniu-se com alguns líderes *mujaheddins* afegãos e decidiu dedicar todas as suas energias para a *jihad* no Afeganistão (Bergen, *ibidem*). Então Azzam mudou-se para o Paquistão, onde foi um dos principais líderes envolvidos com a formulação e articulação da *jihad* e da mobilização de afegãos e árabes que comporiam as fileiras *mujaheddins*, que lutariam contra as tropas Soviéticas (Amorim, 2008, p. 73-74).

No Paquistão, em 1984, em parceria com Osama bin Laden, Azzam criou o *Maktab al Kidmay lil Mujahidin al-Arab* (MAK¹⁸), ou Gabinete Afegão de Serviços (Gunaratna, 2004, p. 91). O MAK tinha como objetivo recrutar, doutrinar e treinar os militantes estrangeiros islâmicos que vinham juntar-se a resistência afegã e desempenhou um importante papel no conflito.

No conflito do Afeganistão, Azzam pode colocar em prática suas teorizações sobre a *jihad*. Nesse ponto encontra-se uma das razões da influência do pensamento de Azzam: “antes dele, outros autores Islâmicos contemporâneos haviam feito apelos à *Jihad*, mas estes só tiveram efeito retórico, pois não havia uma massa de fiéis organizada para colocar essa ideia em prática (Kepel, 2003, p. 228)”. Para Roy (2004, p. 295), Azzam “concluiu que a única *jihad* legítima seria aquela que motivasse toda a *ummah*, e escolheu a resistência afegã contra a invasão Soviética como o modelo exemplar”.

¹⁸ O MAK será discutido com maior profundidade no terceiro capítulo da presente dissertação, quando for apresentada a história da Al-Qaeda.

De acordo com Kepel (2003, p. 226), “para Abdullah Azzam, o mais importante, inicialmente, era demonstrar que a *jihad* do Afeganistão era uma obrigação, *fard’ayn*¹⁹, para cada Muçulmano”. Em sua obra *Join the Caravan*, Azzam apresenta claramente suas considerações acerca da obrigatoriedade da *jihad*:

Quando o inimigo penetra na terra dos Muçulmanos, a *jihad* torna-se obrigatória para todos. (...) Quando a *jihad* torna-se obrigatória, não é necessária a autorização dos pais. [...] Doar dinheiro não isenta um indivíduo da *jihad* física, seja qual for a quantia doada. **A *jihad* é a obrigação de uma vida.** (...) A *jihad* é atualmente obrigatória para todos, em pessoa e pela riqueza, em todos os locais ocupados pelos infiéis. **Mantém-se obrigatória até que cada pedaço de terra que antes tinha sido islâmica tenha sido recuperada** [grifos nossos]. (...). (1987, s. 1, apud GUNARATNA, 2004, p. 177).

O ponto fundamental do discurso de Azzam é a construção da necessidade da *jihad* contra aqueles que são considerados ocupantes ou opressores de terras islâmicas. Para tanto, ele a coloca como um dever religioso obrigatório a todos os muçulmanos.

Amparado em seu respeitável conhecimento acadêmico acerca da lei islâmica, Azzam afirmou: “eu não encontrei, em minha modesta experiência, qualquer livro de *fiqh*²⁰, *tafsir*²¹ ou *hadith* que não documentem essa condição” (1987, p. 11). Ele também faz um argumento mais legalista para demonstrar que a *jihad* é um dever inegável. Azzam usa a distinção de Ibn Taymiyya entre deveres religiosos coletivos e deveres religiosos individuais (*fard kifayah* e *fard ayn*) no Islã (Wiktorowicz 2005, p. 84).

Dentro da justificativa para a *jihad*, Azzam procura também alçá-la na mesma condição de importância dos outros pilares do islamismo. Baseado nisso, Azzam argumenta que aqueles que não cumprem a “*jihad* atualmente, estão abandonando um dever, da mesma forma como aquele que come durante os dias do Ramadã sem desculpas, ou uma pessoa rica que retém o *Zakat* de sua riqueza” (1987, p. 11). Ao igualar a *jihad* aos deveres básicos dos muçulmanos, Azzam “conclui que a *jihad* no Afeganistão é uma obrigação eterna, nessas condições, ela é elevada ao status dos cinco pilares do Islã necessários para ser um Muçulmano” (Wiktorowicz 2005, p. 85).

¹⁹ Termo árabe que denota um dever religioso individual para os muçulmanos.

²⁰ Termo árabe que significa Jurisprudência Islâmica.

²¹ Termo árabe que indica a exegese do Alcorão.

Trabalhando a ideia de obrigação religiosa Azzam afirma que “o pecado não é excluído do colo dos Muçulmanos enquanto qualquer aérea de terra (que já foi Muçulmana) permanecer nas mãos dos incrédulos, e nenhum dos Muçulmanos serão salvos do pecado, exceto aquele que executam a *jihad*” (ibidem). Em sua conclamação à *jihad* Azzam também buscava convencer, por meio de interpretações das escritas sagradas do islamismo, os muçulmanos dos benefícios e recompensas do martírio em combate. Azzam cita o *hadith* narrado pelos *imãs* Ahmad e Tirmidhi {Saheeh Al-Jaami' nº 5058}:

O mártir tem sete favores especiais de Deus:
 Ele é perdoado com o seu primeiro jorro de sangue;
 Ele vê o seu lugar no Paraíso;
 Ele estará vestido com a roupa da fé;
 Ele será casado com setenta e duas mulheres, das mais bonitas *Houris*²² do Paraíso;
 Ele será salvo do castigo do túmulo, e ele será protegido do Grande Terror da *Qiyamah*²³
 Sobre sua cabeça será colocada a coroa da dignidade, a joia que é o de melhor que o mundo contém;
 Será lhe concedido interceder por setenta pessoas de sua família.

A *jihad*, para Azzam, também tinha como objetivo a defesa daqueles que são subjugados pelos inimigos em território islâmico: “entre os incentivos para a *jihad* islâmica, estão a proteção daqueles que são fracos e oprimidos na terra, retirando a injustiça sobre eles” (Azzam, 1987, p. 16). Sobre essa questão, o palestino cita a seguinte passagem do Alcorão:

O que há de errado com você, que você não luta na senda de Deus, enquanto os fracos e oprimidos entre os homens, mulheres e crianças, estão dizendo “oh nosso Senhor! nos tire dessa cidade, cujas pessoas são agressores, e dar-nos de Ti um apoiador, e dar-nos de Ti um ajudante (4:75-76).

A participação do próprio Azzam na resistência afegã também favorecia e credenciava a exposição de seu pensamento acerca da *jihad*, uma vez que ali ele (...) “encontrava um solo fértil para a divulgação de suas ideias radicais por meio dos diversos artigos que publicava e também de seus discursos e pronunciamentos que possuíam grande ressonância no meio *mujaheddin*” (Amorim, 2008, p. 74). Esta

²² Belas virgens de olhos castanhos que estão no paraíso aguardando os homens muçulmanos, sobretudo aqueles que morrem como mártires.

²³ Termo originário da expressão árabe *Yawm al-Qiyamah*, remete ao dia do Juízo Final, onde todos serão julgados por Deus por seus atos.

situação convergia para uma maior aplicabilidade de suas ideias, uma vez que seus discursos tinham um público (todos os muçulmanos) e uma operacionalidade (a resistência afegã diante a invasão soviética) claramente definidos.

Para Azzam, quando alguma terra islâmica é invadida, a obrigação primeira de defendê-la por meio da *jihad* é dos seus habitantes, podendo se estender a todos os muçulmanos. Nesse ponto, “Azzam adota o raciocínio de Taymiyya e argumenta que, se um grupo de Muçulmanos falha em tentar cumprir o seu dever de repelir os agressores, torna-se uma obrigação individual para aqueles mais próximos da zona de conflito” (Wiktorowicz 2005, p. 84). Segundo Azzam:

Mas se eles forem indiferentes, incapazes, preguiçosos, ou em número insuficiente, a obrigação individual (*fard 'anyin*) se espalha para aqueles que os rodeiam. Então, se eles também falharem ou forem indiferentes, ela vai para aqueles que os rodeiam, e assim por diante, até que a natureza individual obrigatória (*fard 'anyin*) da *jihad* englobe o mundo inteiro. (1987, p. 11).

Dessa forma, a obrigatoriedade da *jihad* culmina em uma internacionalização do conflito. E é exatamente essa visão que Azzam possuía a respeito da invasão soviética no Afeganistão. De acordo com Azzam, os afegãos não poderiam cumprir a obrigação (de lutar contra os soviéticos) sem a ajuda de outros Muçulmanos (Wiktorowicz (2005, p. 84).

Ao mesmo tempo que incentivava a guerra santa contra os soviéticos, Azzam acreditava que a *jihad* começaria no Afeganistão e deveria se estender naturalmente a todos os locais onde os estrangeiros ou infiéis estivessem ocupando a terra dos muçulmanos. Kepel, analisando as ideias de Azzam, afirma que “o Afeganistão é apenas o primeiro exemplo de território Islâmico usurpado por infiéis, e cuja reconquista através da *jihad* é uma causa obrigatória (...) (2003, p. 227). Para Azzam:

Esta obrigação não terminará com a vitória no Afeganistão, a *Jihad* continuará sendo um dever individual, até que todas as terras que pertenciam aos Muçulmanos nos sejam devolvidas, para que o Islã possa reinar sobre elas novamente; à nossa frente, temos a Palestina, a Bukhara (Uzbequistão), o Líbano, o Chade, a Eritréia, a Somália, as Filipinas, a Birmânia, o Iêmen do Sul, e outros, como o Tashkent (Uzbequistão), a Andaluzia (...) (1988, p. 26, apud KEPEL, 2003, p. 227).

Essa teorização de Azzam acerca da internacionalização e transnacionalização da *jihad* revela-se muito importante para a compreensão dos princípios fundadores da Al-Qaeda. A construção da necessidade da *jihad* contra os “infiéis” e/ou invasores das terras do islã, por todos os muçulmanos (mesmo para aqueles distantes do conflito), constitui-se em uma das principais características e singularidades do discurso que bin Laden executou na Al-Qaeda. Ambos pensadores enxergavam e edificavam todo e qualquer conflito que envolvia os muçulmanos como uma demanda de toda a comunidade dos fiéis.

Outro aspecto importante no discurso de Azzam sobre a *jihad*, e que também ecoa fortemente nos escritos de bin Laden, é o caráter coletivo e organizacional que a *jihad* adquire ao ser posta em prática. Nesse ponto, Azzam retoma o conceito de vanguarda islâmica, desenvolvido por Mawdudi e aprofundado por Qutb, e seu caráter inspirador e de liderança. A *jihad* deveria ser concebida, organizada e liderada por um grupo de vanguarda. Essa organização teria como função tanto realizar o “despertar islâmico” quanto liderar esse novo movimento.

Essa vanguarda deveria ser guiada pelos ideais islâmicos mais puros e servir de exemplo para toda a sociedade muçulmana. Ela seria a base sólida (*Al-Qaeda al Sulbah* em árabe) para esse novo despertar do povo islâmico. Segundo o próprio Azzam, em artigo publicado no jornal afegão *Al-Jihad*:

Qualquer princípio precisa de uma vanguarda para o levar para frente e, enquanto concentra o seu caminho na sociedade, empreende pesadas tarefas e enormes sacrifícios. Não existe ideologia, nem terrestre e nem celeste, que não necessite de uma tal vanguarda que lhe dê tudo o que possui de modo a alcançar a vitória de sua ideologia. Transporta a bandeira por todo o interminável e difícil caminho até alcançar o seu destino na realidade da vida, pois Alá decidiu que o deveria fazer e dar-se a conhecer. **Esta vanguarda é a Al-Qa'idah al Sulbah para a sociedade desejada** [grifo nosso] (1988, p. 46 apud GUNARATNA, 2004, p.72).

Para Azzam, a vanguarda iniciaria seu processo de conscientização dos muçulmanos a respeito dos invasores infiéis, com base na *jihad* no Afeganistão. Segundo Roy (2004, p. 296), “o Afeganistão era visto por Azzam menos como uma fronteira que tinha que ser defendida do que como um campo de treino para desenvolver a vanguarda que provocaria uma resistência total contra os invasores infiéis perante a *ummah*”. Este é o verdadeiro sentido da vanguarda de Azzam e que posteriormente guiará os ideais e a operacionalidade da Al-Qaeda de Osama bin

Laden: a criação de um pensamento islâmico radical, capaz de inspirar os muçulmanos de todo o mundo a agirem de acordo com essa ideologia.

Em 1988, Azzam concebe os oito princípios para a vanguarda islâmica. Para Gunaratna (2004, p. 73), essas diretrizes podem ser consideradas o documento de fundação da Al-Qaeda:

Deve saltar para o fogo dos testes mais duros e para as ondas de desafios corajosos.
 A liderança da formação partilha com eles a marcha de teste, o suor e o sangue. A liderança deve ser como o calor maternal de uma galinha cujos pintos crescem debaixo das suas asas, durante o longo período de incubação e formação.
 Esta vanguarda tem de se privar de prazeres terrestres mesquinhos e deve manter a sua marca distinta de abstinência e frugalidade.
 Da mesma forma deve ser dotada de uma forte crença e confiar na ideologia, instilada com muita esperança na vitória.
 Deve existir uma forte determinação e insistência em continuar a marcha, demore o tempo que demorar.
 A preparação da viagem é um dos pontos mais importantes desta marcha. As provisões compõem-se de meditação, paciência e oração.
 Lealdade e devoção.
 Devem estar conscientes da existência de maquinações contra o Islã em todo o mundo (1988, p. 46 apud GUNARATNA, 2004, p.72).

O movimento de vanguarda idealizado por Azzam, mais do que uma organização estruturada, apresenta-se como uma ideologia do islamismo radical. Essa ideologia deveria ser capaz de inspirar todos os muçulmanos a se rebelarem contra os infiéis do islamismo. Segundo Gunaratna (2004, p. 95), Azzam “imaginou a Al-Qaeda como uma organização que canalizaria as energias dos *mujaheddins* para a luta a favor dos Muçulmanos oprimidos em todo o mundo, uma “força islâmica de reação rápida”

As ideias de Abdullah Azzam e sua eficiente aplicação dentro da resistência afegã durante a invasão soviética foram responsáveis por uma nova fase do islamismo, como ideologia radical. Seus escritos sobre a obrigatoriedade da *jihad* e acerca da organização dos militantes islâmicos através de uma organização de vanguarda, são conceitos que influenciariam posteriormente diretamente Osama bin Laden e outros ativistas muçulmanos.

Pelo seu envolvimento direto na resistência afegã contra os soviéticos, as ideias de Azzam ganharam ampla respeitabilidade dentre os muçulmanos radicais. Para Kepel (2003, p. 223), “ele [Azzam] foi, enfim, o principal arauto contemporâneo da *jihad*, tendo popularizado o conceito de luta Islâmica armada que seria

desenvolvido, nos anos 1990, pelos ativistas mais radicais (...). Segundo Wiktorowicz (ibidem), “Abdullah Azzam é a figura mais importante no processo de ressurreição da participação ativa na *jihad* defensiva no período contemporâneo. Seguindo a tradição de Ibn Taymiyya e Nuhas Ibn, parte de seus inscitos tem a intenção de inspirar a participação [na *jihad*]”.

Azzam foi o responsável intelectual por internacionalizar a *jihad* no Afeganistão, abrindo caminho para sua exportação a todos os países muçulmanos. Para Bakker e Boer (2007, p. 9), “o líder Muçulmano de maior responsabilidade por expandir a *jihad* no Afeganistão para um assunto internacional, não foi Osama bin Laden, mas o *Sheik* Abdullah Azzam”. Segundo Kepel (2003, p. 27-28): “A *jihad* Afegã tem importância crucial na evolução do movimento Islâmico através do mundo, tornando-se a própria causa do movimento, com a qual todos os militantes se identificam, sejam eles moderados ou radicais”.

Para Wiktorowicz (2005, p. 85): “a influência sobre o atual pensamento da Al-Qaeda é evidente. Isso não é surpreendente dado que Azzam ajudou esta organização e providenciou a justificativa fundamental para o movimento”. Ainda segundo Wiktorowicz (ibidem): “várias declarações da Al-Qaeda fazem coro ao argumento de Azzam sobre as obrigações da *jihad* nômade²⁴ para justificar ataques aos EUA. Nesse sentido, as concepções ideológicas de Azzam influenciariam profundamente o pensamento de Osama bin Laden.

2.2.7 Osama bin Laden (1957-2011)

Osama bin Laden nasceu em 30 de junho de 1957 em Riad (capital da Arábia Saudita), oriundo de uma rica e influente família saudita, que enriquecera por meio da atividade da construção civil. Seu pai, Mohammad, possuía muito prestígio junto à família real saudita, fato que lhe garantiu a nomeação para o cargo de Ministro da Construção Civil. Após sua morte acidental (em um acidente de helicóptero), em 1968, sua fortuna foi estimada em 11 bilhões de dólares (Kepel, 2003, p. 467).

²⁴ Termo cunhado por Olivier Roy, no artigo "The Radicalization of Sunni Conservative Fundamentalism," ISIM Newsletter, no. 2, March 1999, que refere-se a militantes Islâmicos que “costumavam viajar de um lugar para o outro, realizando uma *jihad* nômade contra o Ocidente”.

Bin Laden foi criado em Medina e na região do Hijaz²⁵, sob influência de sua mãe Hamida de nacionalidade Síria (Gunaratna, 2004, p. 89). Ainda no colégio, Osama “começou a ter seu primeiro contato com a Irmandade Muçulmana, apresentando a partir daí mudança significativa em seu comportamento, mostrando-se mais reservado e mais voltado para as questões imateriais” (Amorim, 2008, p. 75).

Durante sua infância e adolescência, em virtude da excelente relação profissional e pessoal de seu pai com o governo saudita, bin Laden cresceu sob o contato com a família real saudita e conseqüentemente, com o wahhabismo. Segundo Kepel:

As crianças da família bin Laden foram educadas e socializadas, desde pequenas, em convívio com os príncipes Sauditas, apesar da origem plebeia e lemenita do pai, que compensava essas desvantagens com investimentos consideráveis nos empreendimentos religiosos; a cada temporada de peregrinação, a família oferecia casa e comida – a exemplo da família real – aos ulemás e dignitários de todo o mundo Muçulmano e aos dirigentes dos movimentos Islâmicos de toda a *ummah*. **Assim, Osama viveu em contato com esse meio e circulava com desenvoltura nas esferas de poder Wahhabitas** [grifo nosso] (KEPEL, 2003, p. 467-468).

Com a intenção de assumir os negócios da família, bin Laden entrou para a Faculdade de Economia e Gestão em Jedá. Lá, bin Laden aprofundou seus contatos com as ideias islâmicas radicais, onde “frequentou aulas de estudos Islâmicos lecionados por Muhammad Qutb, irmão de Sayyid Qutb, e por Abdullah Azzam, tendo ambos exercido sobre ele uma forte influência” (Gunaratna, *ibidem*).

Nesse ponto bin Laden começa a desenvolver a sua própria visão do mundo e da realidade, estimulada pela retórica segregadora e dualista do islamismo radical. O mundo é visto através da lente do islamismo extremista que associa o declínio da civilização muçulmana ao distanciamento sistemático dos verdadeiros ensinamentos religiosos pregados por Muhammad. Essa concepção de realidade passa então pela consciência de que o mundo se encontra no estado de ignorância da *jahiliyya* (ideia desenvolvida por Qutb), que só pode ser superada por meio da adesão das massas à *jihad*, que deve ser liderada por um grupo de vanguarda (conceitos trabalhados por Azzam).

²⁵ Região costeira do Mar Vermelho situada no oeste da Arábia Saudita, que estendesse desde a cidade de Hagl (noroeste) até Jizan (próximo da fronteira com o Iêmen).

Estes conceitos teóricos herdados por bin Laden ganharão uma fundamental aplicação prática durante a resistência afegã durante a invasão Soviética neste país, coordenada por bin Laden e Abdullah Azzam. No período que segue-se ao pós-guerra, receberão novas adaptações dentro do discurso de bin Laden contra o Ocidente e os governos de países muçulmanos laicos e ou aliados ao Ocidente.

Apesar de restringirmos a análise dos discursos de bin Laden ao período de 1996 a 2004, e o exame da evolução histórica da Al-Qaeda até o ano de 2010, julgamos importante mencionar que o líder e fundador da organização, foi morto pelo exército norte-americano em 1 de maio de 2011, no Paquistão. Em uma ação unilateral, que desrespeitou o direito internacional tanto em termos de soberania Estatal²⁶ quanto em termos de Direitos Humanos Internacionais²⁷, forças especiais norte-americanas invadiram uma casa onde bin Laden estava escondido, na cidade de Abbottabad (distante 120km da capital Islamabad) e o assassinaram.

²⁶ De acordo com o artigo 2º da Carta de Fundação das Nações Unidas, o princípio de plena soberania Estatal é inviolável para todos os seus Estados membros. Fonte: Site das Nações Unidas. Disponível em <<http://treaties.un.org/doc/Publication/CTC/uncharter.pdf>>. Acesso em 3 de junho de 2011.

²⁷ Segundo o artigo 6º, item 1º, do Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos, “o direito à vida é inerente à pessoa humana. Este direito deverá ser protegido pela lei. Ninguém poderá ser arbitrariamente privado de sua vida”. Fonte: Site das Nações Unidas. <<http://treaties.un.org/doc/Publication/UNTS/Volume%20999/volume-999-I-14668-English.pdf>> Acesso em 3 de junho de 2011.

CAPÍTULO III: O SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA AL-QAEDA

O surgimento da Al-Qaeda está intimamente conectado a duas questões primordiais. A primeira refere-se à influência da doutrina islâmica radical sob o pensamento daqueles que são considerados os fundadores da organização: o palestino Abdullah Azzam e o saudita Osama bin Laden. A segunda diz respeito às implicações que os principais acontecimentos geopolíticos do Oriente Médio e do Afeganistão - que ocorreram entre o final da década de 1970 e o início da década de 1990, sobretudo a invasão soviética ao Afeganistão (1979-1989) e a Guerra do Iraque (1990-1991) - tiveram sobre o pensamento de Osama bin Laden.

No capítulo anterior apresentamos e discutimos as contribuições teóricas dos pensadores que influenciaram Osama bin Laden, entre eles, o palestino Abdullah Azzam. Neste capítulo, traçaremos e analisaremos a evolução histórica da organização da Al-Qaeda.

Dentro do estudo que apresentaremos sobre o Al-Qaeda julgamos importante destacar que houve, ao longo do tempo, uma mudança no formato funcional da organização. Até a ofensiva Guerra ao Terror lançada pelos EUA e seus aliados, em outubro de 2001, a Al-Qaeda era dependente de um território para a coordenação de suas ações, que eram basicamente centralizadas em Osama bin Laden e seus associados próximos.

Depois dessa operação, a Al-Qaeda descentralizou profundamente suas atividades, uma vez que sua infraestrutura no Afeganistão foi destruída; passando, então, a atuar de forma clandestina e fragmentada, através de organizações

afiliadas (reconhecidos ou não como tal pela Al-Qaeda) e por pequenos grupos e indivíduos simpatizantes aos ideais da rede de bin Laden.

A partir de então ela age mais como ideologia para novos militantes islâmicos do que como uma organização rígida e funcional. Todo esse capital ideológico baseia-se sobretudo nos discursos e no poder de atração que a imagem de Osama bin Laden possui junto aos muçulmanos de todo o mundo.

3.1 A INVASÃO SOVIÉTICA NO AFGANISTÃO (1979-1989) E A FORMAÇÃO DA VANGUARDA ISLÂMICA DENTRO DA RESISTÊNCIA AFGÃ

Em 1978, o Partido Democrático Comunista do Povo Afegão (PDPA), derruba o governo local, rebatizando o país de República Democrática do Afeganistão, implementando uma agenda liberal e marxista-leninista, o que gerou muitas revoltas populares. Em 27 de dezembro de 1979, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) envia tropas a esse país para contar os distúrbios, dando início à invasão soviética no Afeganistão, que duraria 10 anos.

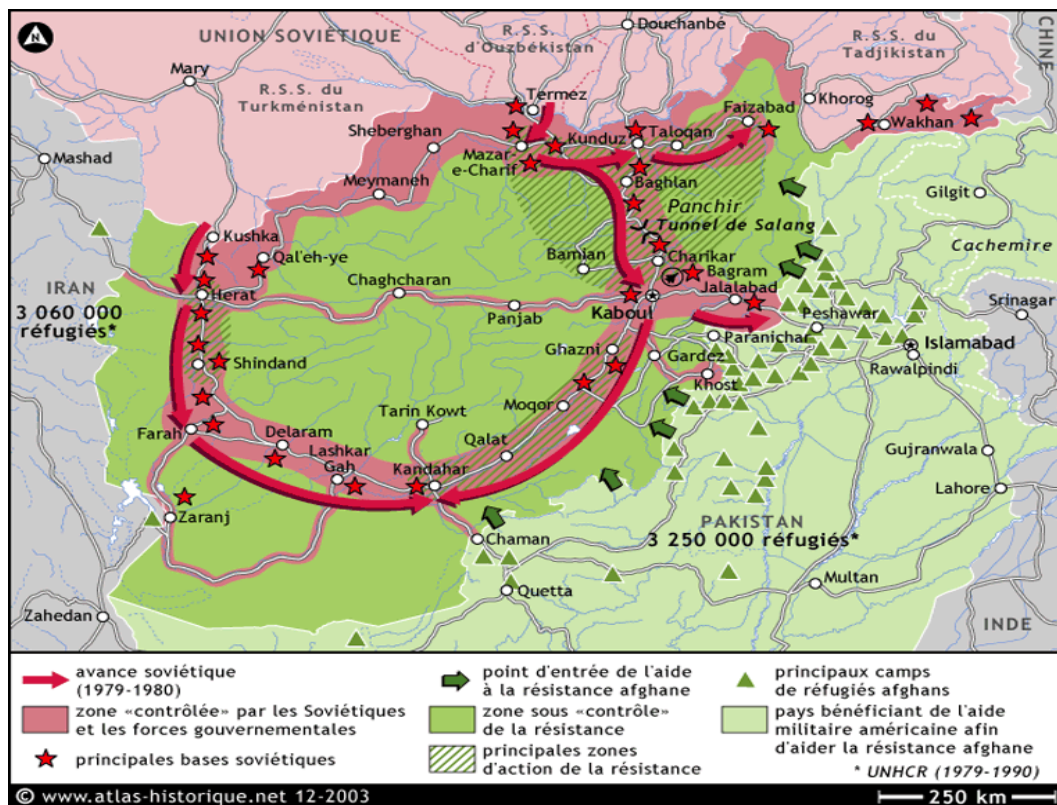


Ilustração 2 Avanço Soviético e resistência Afegã

Fonte: Atlas Historique. Disponível em <<http://www.atlas-historique.net/1945-1989/cartes/Afghanistan1979-89.html>>. Acesso em 5 Outubro de 2011.

Por se tratar de um país de população islâmica, o combate mobilizou, além dos combatentes locais, um grande contingente de voluntários que vinham de vários Estados muçulmanos para realizar uma “guerra santa” contra os invasores soviéticos. Dessa forma, todos esses combatentes ficaram conhecidos como *mujaheddins*.

Paralelamente a esse evento, bin Laden “chegava à idade adulta como um jovem bilionário, para que o mundo das ideias e da reflexão passava pela doutrina dos Irmãos Muçulmanos e pelo Salafismo à moda Saudita” (Kepel, 2003, p. 468). Ele, então, no início dos anos 1980, parte para o Paquistão, a fim de conhecer melhor a realidade do conflito no vizinho Afeganistão.

Durante sua estada no Paquistão Osama se encontrou com diversos líderes de organizações afegãs e islâmicas para debater a guerra no país vizinho, incluindo o seu ex-professor, Abdullah Azzam. Nesses encontros ficou definido que a resistência afegã ocorrida através da *jihad* teria apoio militar, logístico e financiamento de uma coligação multinacional liderada por EUA, Grã-Bretanha, Arábia Saudita, Paquistão e China.

Juntamente com Azzam, bin Laden funda, em 1984, a organização que teria papel decisivo na resistência anti-soviética e que posteriormente serviria de base para a Al-Qaeda: *Maktab al Kidmay lil Mujahidin al-Arab* (MAK), ou Gabinete Afegão de Serviços, que tinha como objetivo recrutar, doutrinar e treinar milhares de jovens árabes e muçulmanos de todo o mundo que se voluntariariam para tomar parte do conflito afegão. O MAK “canalizou dinheiro, armas e combatentes Muçulmanos de todo o mundo para combater a União Soviética e seus aliados locais no Afeganistão. Além disso, proporcionou abrigo para os refugiados e combatentes feridos estrangeiros” (Bakker e Boer (2007, p. 9).

O MAK também recebia, gerenciava e distribuía as doações que vinham dos EUA, Inglaterra, Arábia Saudita, entre outros países, recebidas para a resistência afegã. O Gabinete Afegão de Serviços desenvolveu durante todo o período da invasão soviética no Afeganistão dezenas de campos de treinamento e casas de hóspedes que serviam para acolher os voluntários que chegavam para a

luta, além de sistemas de cavernas e túneis encravados nas montanhas na divisa entre o Afeganistão e o Paquistão.

Esta organização também desenvolveu uma estrutura em rede de alcance global, canalizando recursos de fontes internas e externas e estabelecendo escritórios espalhados pelo mundo e ligações com inúmeras instituições humanitárias e não-governamentais. Durante o período de conflito, bin Laden popularizou-se entre a resistência afegã por realizar generosas doações financeiras à causa e por integrar pessoalmente os fronts de batalha. Para Gunaratna (2004, p. 95-96):

(...) a filantropia de Osama tornou-o ainda mais popular no Afeganistão. Apesar de vir de uma família privilegiada, a sua dedicação à *jihad*, a sua humildade e simplicidade e a sua capacidade para ajudar e para comunicar-se com os soldados no terreno atraíram os *mujaheddins*.

A estadia no campo de batalha permitiu também que Azzam pudesse aplicar diretamente suas teorizações sobre a obrigatoriedade da *jihad* e sobre a necessidade da criação de uma vanguarda islâmica para “iniciar o despertar dos muçulmanos”. Para Osama bin Laden, o período do conflito (e seu consequente desfecho favorável a resistência afegã) serviu para que ele se tornasse ainda mais convicto de suas posições político-religiosas.

No final dos anos 1980, a riqueza, influência e coragem de bin Laden transformam-no no líder natural dos *mujaheddins*, enquanto Azzam popularizava a ideia de *jihad* e desenvolvia o conceito daquilo que viria a ser a Al-Qaeda. Nesse período, bin Laden se aproxima da facção egípcia do MAK, mais radical e liderada pelo médico Ayman al-Zawahiri, que pregava o uso extremo da violência.

Zawahiri também foi influenciado pelas ideias de Qutb, mas este dava a elas uma interpretação ainda mais radical, tendo a sua organização no Egito, a *Jihad* Egípcia, sido responsabilizada pelo assassinato do presidente Egípcio Anwar Sadat, em 1981. O egípcio, que já possuía um histórico intenso de militância islâmica, torna-se íntimo de bin Laden, afastando-o de Azzam, no momento que surgiam grandes divergências entre o saudita e o palestino, sobre a maneira de conduzir a resistência afegã: Azzam discordava de bin Laden acerca da utilização de técnicas radicais pelos *mujaheddins*.

Em 24 de novembro de 1989, em um incidente até hoje não solucionado, “uma bomba contendo 24 quilos de TNT e ativada por controle remoto matou Azzam e os seus dois filhos (...), quando se dirigiam a Peshawar para a oração de sexta-feira” (Gunaratna, 2004, p.97). Os eventos que se seguem impulsionam a liderança militar e religiosa de bin Laden: os soviéticos são derrotados no Afeganistão e, com a ausência de Azzam, o saudita colhe sozinho os louros dessa vitória e Zawahiri torna-se o seu braço direito e médico particular.

3.2 OS PRIMEIROS ANOS DA AL-QAEDA (1989-1991)

Após a derrota dos soviéticos no Afeganistão, bin Laden reagrupa parte dos combatentes *mujaheddins*, aproveita-se da estrutura e dos recursos do MAK e funda a Al-Qaeda, para agora combater nos diversos fronts onde haja grupos islâmicos envolvidos. Para Roy:

A mudança para Al-Qaeda nos anos 1990 foi feita sob supervisão de bin Laden, após a morte de Abdullah Azzam, morto em um misterioso atentado sob seu carro em Peshawar. A sua morte, que é ainda recheada de mistério, foi benéfica a bin Laden, o qual tomou assumiu controle do que restou da organização (...) (2004, p. 296).

Nesse primeiro momento, a Al-Qaeda atuou direta ou indiretamente “na Caxemira, Chechênia, Mindanau, Tadjiquistão, Uzbequistão, Somália, Malásia, Indonésia, Geórgia, Nagorno-Karabakh, Azerbaijão, Iêmen, Argélia e Egito” (Gunaratna 2004, p. 74). Em agosto de 1990, o Iraque invade o Kuwait e dá início a Guerra do Golfo:



Ilustração 3 Dinâmica da Guerra do Golfo

Fonte: Le Monde Diplomatique. Disponível em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/cartes/golfequerre1991>>. Acesso em 11 de outubro de 2011.

Osama prontamente oferece ao governo da Arábia Saudita a ajuda de seus serviços militares para combater o país de Saddam Hussein. A Arábia Saudita nega, e autoriza que tropas norte-americanas utilizem seu território durante as operações de guerra, assegurando a bin Laden que as mesmas sairiam do local após o término do conflito.

Porém, as tropas norte-americanas permanecem na Arábia Saudita, o que foi considerado uma traição por bin Laden. A partir de então, Osama rompe com a família real saudita e começa uma campanha verbal e operacional para derrubá-lo. O governo saudita chegou, inclusive, a planejar tentativas de assassinato e, devido ao insucesso das mesmas, propôs a bin Laden uma reconciliação em troca de seu abandono da *jihad* (Sageman, 2004, p. 35), que foi recusada.

Ao mesmo tempo que se expandia internacionalmente, a Al-Qaeda, via seu berço político-militar – o Afeganistão – tornar-se fortemente instável em razão da guerra civil causada pelo término do conflito com a União Soviética. A instabilidade no Afeganistão era prejudicial à infraestrutura que Al-Qaeda havia herdado do MAK no país.

Paralelamente, Osama começa a ser cortejado pelo presidente do Sudão, Hassan al-Turabi, para deslocar suas bases para esse país. A necessidade de um território amigo para poder gerenciar as atividades da Al-Qaeda, e o desejo de al-

Turabi de ter um aliado para os conflitos religiosos com o Sul do Sudão, fizeram com que a Al-Qaeda transferisse sua infraestrutura para esse país, em 1991.

3.3 O PERÍODO NO SUDÃO (1991-1996)

A mudança da Al-Qaeda para o Sudão, além do apoio do presidente local e da caótica situação do Afeganistão, também foi motivada pelo surgimento de novos inimigos entre antigos aliados: Arábia Saudita e Paquistão.

Em solo sudanês, “Osama diversificou seus negócios e fundou cerca de trinta empresas; desde laboratórios de alta tecnologia até a engenharia civil” (Gunaratna 2004, p. 107). Do mesmo modo que gerava riquezas para si, a Al-Qaeda também investia em ações de interesse para o Sudão, muitas vezes até executando o papel de governo, como na criação de pontes e estradas e investimentos em várias áreas do país. O poder da Al-Qaeda era tanto que a estrada de 1.200 km que liga a capital do país, Cartun, ao principal porto do Sudão, foi construída pela organização de bin Laden.

A alta rentabilidade de suas transações, aliado a estabilidade política e territorial no Sudão, fez com que a Al-Qaeda estruturasse e consolidasse suas fontes de financiamento. Ela também elaborou o seu sistema de células independentes e desenvolveu sua rede de contato e conexões com diversos outros grupos rebeldes em torno de seu comando central.

Foi a partir de sua base no Sudão que a Al-Qaeda iniciou sua campanha de atentados violentos. Em 1992, ocorre o primeiro ataque da organização, com a explosão de duas bombas em hotéis no Iêmen, onde o grupo esperava atingir militares norte-americanos que estavam hospedados ali. Dois turistas australianos morreram no atentado.

Em fevereiro de 1993 ocorre o primeiro atentado ao World Trade Center nos EUA. O kuwaitiano Ramzi Youssef, que recebeu treinamento da Al-Qaeda no Paquistão, posiciona um veículo cheio de explosivos no estacionamento do World Trade Center, com o intuito de gerar uma explosão capaz de danificar os alicerces da torre e, assim, derrubá-la. A explosão não sai como o planejado, mas deixa seis mortos e cerca de mil feridos.

A partir de 1994 a estada da Al-Qaeda no Sudão começava a apresentar problemas. A grave situação econômica do país, somada ao congelamento dos bens de bin Laden pelo governo saudita, enfraqueceram a condição econômica da Al-Qaeda. Países como o Egito e a Argélia (que percebiam bin Laden como inspirador e apoiador de grupos radicais islâmicos nesses países) começaram a pressionar o Sudão para que expulsasse bin Laden e a Al-Qaeda de seu território. Percebendo que sua presença no Sudão estava tornando-se insustentável, bin Laden decide retornar a Al-Qaeda para o Afeganistão.

3.4 O PERÍODO NO AFEGANISTÃO (1996-2001)

Chegando ao Afeganistão a Al-Qaeda encontrou um país ainda em guerra civil, mas com um grupo - o Talibã²⁸ – controlando cerca de dois terços do território, incluindo a capital Cabul. O Talibã é um grupo radical islâmico surgido no começo dos anos 1990, “quando um veterano da guerra do Afeganistão, o Mulá²⁹ Omar, começou a percorrer o país recrutando estudantes oriundos de diversas *madrassas*³⁰ a fim de juntar-se a ele na luta para a implantação de um Estado Islâmico no Afeganistão” (Amorim, 2008, p. 85).

Não demorou muito Osama estabeleceu firmes relações com o Talibã, oferecendo-lhe suporte financeiro e disponibilizando seus combatentes ao governo local. O Talibã respondeu concedendo a Al-Qaeda livre acesso a todo o território controlado pelo grupo, incluindo campos de treinamento, armamentos e outros equipamentos militares.

Dessa forma, de maneira semelhante ao período que esteve situada no Sudão, a Al-Qaeda encontrou no Afeganistão as melhores condições para poder desenvolver as suas atividades de extremismo religioso. Com sua estrutura bem montada e com seu líder máximo – Osama bin Laden - desfrutando de enorme prestígio e respeito no mundo muçulmano, a organização vivia um de seus períodos mais produtivos.

²⁸ Significa “estudantes” em pachtun (um dos dialetos falados na fronteira afegã-paquistanesa).

²⁹ É um título para uma autoridade religiosa no islamismo, que normalmente recebeu educação religiosa. O termo é originário da palavra árabe *mawla*, que significa “mestre” ou “vigário” e é normalmente usado em países da Ásia Central, Sul da Ásia e no Irã, Turquia e Somália.

³⁰ Em árabe significa “escola”. Aqui remete-se às escolas Islâmicas de cunho mais conservador instaladas no Paquistão e alguns lugares do Afeganistão.

Durante o período que esteve no Afeganistão, bin Laden efetuou seus principais discursos, lançou oficialmente sua *jihad* contra o Ocidente e se tornou conhecido e influente no mundo. Osama bin Laden procurava promover uma batalha para conquistar as mentes dos jovens muçulmanos de todo o mundo para que eles aderissem a *jihad* e combatessem os infiéis. O Afeganistão tinha o papel de servir de local de treinamento e doutrinação para esses novos militantes islâmicos.

No campo prático, em 7 de agosto de 1998, na data que assinalava oito anos da instalação de tropas dos EUA na Arábia Saudita, a Al-Qaeda efetua um ousado atentado às embaixadas norte-americanas em Dar es Salaam (Tanzânia) e em Nairobi (Quênia), matando cerca de 350 pessoas e ferindo mais de 5 mil.

Em outubro de 2000, a Al-Qaeda lança um bote cheio de explosivos contra o navio de guerra norte-americano USS Cole na costa do Iêmen, matando 17 tripulantes. E em 11 de setembro de 2001, a Al-Qaeda efetua o maior atentado da História ao sequestrar 4 aviões nos EUA tendo como alvo atingir o Pentágono, o World Trade Center e a Pensilvânia, matando cerca de 3 mil pessoas.

3.5 O PÓS 11 DE SETEMBRO E A DESCENTRALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES (2001-2010)

A invasão norte-americana em outubro de 2001 no Afeganistão enfraqueceu muito o poder da Al-Qaeda como organização territorialmente situada. Sua infraestrutura foi pesadamente atingida, muitos de seus líderes foram presos ou mortos, seu aliado local, o Talibã, foi retirado do poder e suas fontes de financiamento (organizações não-governamentais, entidades de caridade, doadores particulares) passaram a ser fortemente vigiadas por serviços de inteligência Ocidentais.

Diante dessas novas conjunturas a Al-Qaeda teve que se reestruturar e fortalecer sua rede de contatos através do mundo para poder continuar operando. Para Gunaratna (2004, p. 19), “a Al-Qaeda evoluiu para um movimento de 24 grupos”. Ainda segundo o autor, a organização da “Al-Qaeda não foi responsável pela maior parte dos ataques terroristas ocorridos depois do 11 de Setembro”.

Essa mutação estrutural da Al-Qaeda apesar de ter sido fortemente impulsionada pelas ações de combates Ocidentais lideradas pelos EUA, já estava

presente na ideologia da organização. Nos textos do ideólogo Abdullah Azzam, consta que a Al-Qaeda deveria desempenhar o papel pioneiro de linha de frente dos movimentos islâmicos, realizando o “despertar islâmico”, com o objetivo de inspirar e instigar os grupos muçulmanos a partilhar a luta contra os inimigos infiéis.

O próprio Osama bin Laden historicamente negou se situar como um comandante-chefe de todos os grupos radicais islâmicos. Segundo Merlos:

Pelo contrário, ele assumiu desde o início da década de noventa, a missão de “despertar os Muçulmanos”, mobilizar e instigar a *ummah* em seu conjunto contra os Estados Unidos e seus aliados, com o objetivo de libertar o Oriente Médio da “colonização Ocidental”, agitada com muito êxito desde o ponto de vista da propaganda Islamista [grifo nosso]. A vocação inicial do co-fundador da Al-Qaeda foi de criar ou promover o estabelecimento de uma plataforma disposta a desenvolver um sentido estratégico a um conjunto de grupos com origens, histórias e agendas próprias mas, em última instância, fanáticos do Salafismo armado e com suas interpretações belicosas [grifos nossos]. (MERLOS, 2006, p. 2).

Essa articulação da Al-Qaeda pode ser verificada nos atentados suicidas de 12 de outubro de 2002 contra diversos pontos turísticos na Ilha de Bali na Indonésia, efetuado pelo grupo radical Indonésio *Jemaah Islamiyah* que matou quase duzentas pessoas e deixou mais de trezentas feridas.

Os atentados de 11 de março de 2004 em Madri e 7 de julho de 2005 em Londres, também registram a marca da nova face da Al-Qaeda. Em ambos os casos, os indivíduos envolvidos não possuíam subordinação direta com o grupo de Osama bin Laden; atuavam em células independentes e utilizaram a Al-Qaeda como fonte de inspiração. Os ataques em Madri e Londres foram os últimos da Al-Qaeda em solo Ocidental (com exceção do incidente no *Fort Hood* no Texas, em novembro de 2009).

A forte ofensiva dos governos Ocidentais aliados a Guerra Terror a partir do final de 2001, além de forçar a Al-Qaeda a atuar através de seus grupos associados, também reduziu muito a sua ação no Ocidente. Desde a metade dos anos 2000 a Al-Qaeda focou seus ataques nos países do mundo muçulmano.

As invasões do Afeganistão (2001-) e do Iraque (2003-2011) pelos EUA e seus aliados, forneceram a Al-Qaeda importantes ambientes para a renovação de seu discurso radical.

Start of a 'Measured, Broad and Sustained Attack'

The initial phase of a U.S.-British air attack yesterday and today targeted Kabul, the Afghan capital, Kandahar, the stronghold of the Taliban regime, and several other Afghan areas and suspected terrorist training camps. Here is an overview of events:



Ilustração 4 Invasão Norte-Americana no Afeganistão

Fonte: Washington Post. Disponível em <http://www.washingtonpost.com/wp-srv/nation/graphics/attack/response_3.html>. Acesso em 23 de outubro de 2011.

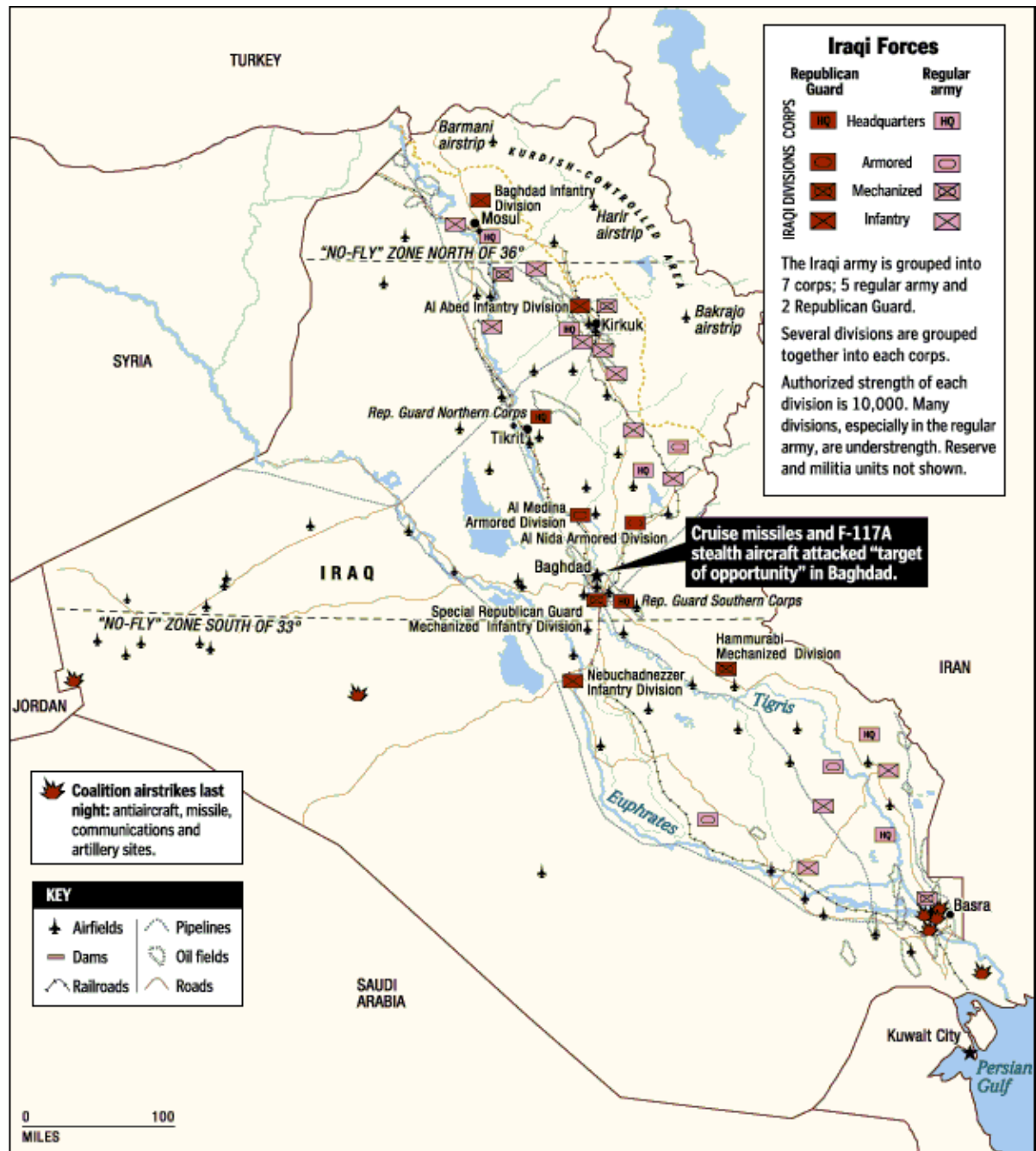


Ilustração 5 Invasão Norte-Americana no Iraque

Fonte: Washington Post. Disponível em <http://www.washingtonpost.com/wp-rv/world/daily/graphics/iraq_032003.html>. Acesso em 24 de outubro de 2011.

Desde então, os ataques da organização ocorrem sobretudo no Norte da África, Oriente Médio e Sul da Ásia. Os alvos alternam-se entre os governantes locais (e seus aliados, sejam eles estrangeiros ou não) e a presença estrangeira. Além da forte atuação em países do mundo muçulmano, a Al-Qaeda tem-se utilizado largamente das atuais tecnologias da informação para seguir expandindo o seu ideal de *jihad* contra o Ocidente. Aproveitando-se da facilidade e anonimato

característicos da internet, o grupo aposta nessas inovações tecnológicas para coordenar ataques, divulgar sua mensagem ideológica e atrair novos seguidores. Segundo Filu (2010, p. 1), (...) A Al-Qaeda realiza uma desmensurada imersão no espaço virtual da internet, de onde segue desfrutando de uma considerável liberdade de movimento. Os sítios *jihadistas* da internet constituem hoje em dia o principal vetor de recrutamento e de radicalização nas sociedades Ocidentais (...).

O maior exemplo dessa operacionalidade virtual são as revistas de propaganda do grupo, “*Inspire*”. Disponibilizadas gratuitamente na internet em língua inglesa, a partir de 2010, elas se configuram em incríveis manuais para a divulgação do Islamismo radical. Usando uma linguagem acessível, as edições da *Inspire* trazem entrevistas com os principais líderes da Al-Qaeda, reportagens que analisam desde a proibição do véu Islâmico na França até o aquecimento global, dicas de como utilizar a internet para mandar mensagens criptografadas, entre outras questões.

A revista também gera publicidade a antigos comandantes da organização, como o egípcio Ayman al-Zawahiri, e para novos líderes como o sírio Shaykh Abu Basir, e o norte-americano de descendência iemita, Anwar al-Awlaki³¹. Como o próprio nome afirma, essas revistas visam inspirar os muçulmanos a lutar pela causa da Al-Qaeda.

Outro exemplo dessa operacionalidade descentralizada pode ser observada atualmente na influência do pensamento do ideólogo radical Anwar al-Awlaki. Ele é acusado pelo governo dos EUA de ter direta ou indiretamente motivado o Major Norte-Americano de origem jordaniana Nidal Malik Hasan a iniciar um tiroteio na instalação militar de *Fort Hood*, no Texas, em novembro de 2009, que resultou na morte de 13 militares norte-americanos.

Atuando menos como organização e mais como inspiração para seus grupos associados e para todo e qualquer muçulmano, a Al-Qaeda conseguiu desenvolver uma maneira de terceirizar suas atividades a qualquer um que se sinta motivado a engajar-se na *jihad*, podendo reivindicar o perigoso e complexo status de ideologia. Essa ideologia operacionaliza-se por meio de “(...) uma rede composta por grupos e indivíduos com mais ou menos independência operacional que

³¹ Morto em 30 de setembro de 2011 por um ataque aéreo norte-americano no Iêmen.

compartilham princípios e uma narrativa, objetivos e um profundo sentimento pan-Islâmico e anti-Occidental” (Merlos, 2006, p. 1).

3.6 OBJETIVOS

A Al-Qaeda, como organização revolucionária islâmica, desenvolve sua ideologia e seus objetivos com base na construção, demonização e internacionalização do inimigo³²; um adversário que representa uma ameaça a todas as sociedades muçulmanas e que, nesse sentido, deve ser combatido por todas elas. Para Castells:

Ela [a identidade da Al-Qaeda] é construída sobre o princípio do adversário, em vez da definição de sua identidade principal [grifo nosso]. Ela vai contra os Cruzados para libertar as terras Muçulmanas dos infiéis, sejam os Soviéticos no Afeganistão, os americanos na Arábia Saudita, ou, abaixo da linha, os Judeus na Palestina. E porque reconhece os EUA como o poder central do Ocidente, e da ordem capitalista mundial, faz-se guerra contra os EUA em qualquer lugar [grifo nosso] (CASTELLS, 2010, p. 110).

O inimigo é apresentado como os dois países que atualmente ocupam ou mantêm tropas nas terras mais sagradas do islamismo: os EUA na Arábia Saudita e Israel na Palestina. Ou seja, “é a profanação dos locais sagrados, mais do que qualquer coisa, que justifica a *jihad*, como no tempo da mobilização Muçulmana contra os cruzados” (Castells, 2010, p. 112).

Como veremos de forma mais aprofundada no capítulo seguinte, o processo de edificação do inimigo da Al-Qaeda é o que cria condições para o aparecimento dos objetivos políticos da organização que da mesma forma que a construção do adversário, bebe da fonte do radicalismo islâmico. Essa engrenagem de criação do inimigo se inicia com a Guerra do Golfo (1990-1991).

A invasão do Iraque de Saddam Hussein ao Kuwait, em 1990, gerou um grande sentimento de repúdio do mundo muçulmano para com esse país. Diante dessa situação, bin Laden procurou a realeza saudita e ofereceu os serviços de sua legião de *jihadistas* para que estes lutassem pela libertação do Kuwait e não

³² Neste capítulo apenas apresentaremos os aspectos gerais da construção dos inimigos da Al-Qaeda. A análise profunda desta questão será efetuada no capítulo seguinte.

precisasse recorrer à ajuda Ocidental para tal fim (Amorim, 2008, p. 80). O governo saudita negou a ajuda de bin Laden e aceitou a presença de tropas norte-americanas em seu solo para combater o Iraque, o que indignou bin Laden. Mas o governo saudita prometeu a ele que as mesmas se retirariam após o término dos conflitos.

No entanto, o fato de não terem conseguido honrar a promessa de retirar as tropas estrangeiras depois do Kuwait ter sido libertado, só reforçou em Osama a sensação de ter sido traído (Gunaratna, 2004, p. 103). Bin Laden considerou o governo saudita traidor por permitir que contingentes estrangeiros permanecessem nas terras sagradas do islã.

A partir desse momento, bin Laden começa a construir em seus discursos a imagem dos EUA como os infiéis que ocupam a terra santa do islã, e do governo saudita como apóstata do islã, sendo, conseqüentemente, digno de ser removido do poder. Segundo bin Laden:

O primeiro (problema) é a sua subordinação [do governo da Arábia Saudita] aos Estados Unidos. Por isso o nosso problema principal é o governo dos EUA, visto o regime Saudita ser apenas uma sucursal ou agente dos EUA. Ao ser leal ao regime dos EUA, o regime Saudita cometeu um ato contra o Islamismo. E isto, segundo a lei da Sharia, expulsa o regime da comunidade religiosa (LAWRENCE, 2005, p. 45)

A derrubada do governo saudita, e a conseqüente saída das tropas dos EUA da Arábia Saudita, constitui-se, então, num dos primeiros objetivos da Al-Qaeda. O segundo remete a expulsão de Israel das terras sagradas da Palestina. Em sua “Declaração de *Jihad* contra os Americanos Ocupantes da Terra dos Dois Santuários Sagrados³³”, bin Laden afirma:

(...) Eu digo aos nossos irmãos Muçulmanos em todo o mundo: seus irmãos na Arábia Saudita e na Palestina estão clamando por sua ajuda e os convidando para compartilhar com eles a *jihad* contra os inimigos de Deus, nossos inimigos os Israelenses e os Americanos [grifo nosso]. Eles estão pedindo a você para resistir a eles em qualquer maneira que você consiga, de modo a expulsá-los em defesa contra a humilhação perante os lugares sagrados do Islã. (LAWRENCE, 2005, p. 25 e 30).

³³ Refere-se a Arábia Saudita, onde encontram-se as cidades de Meca (onde se situa a Mesquita de Haram) a cidade mais sagrada para o Islamismo, e a cidade de Medina (que contém o santuário do Profeta Mohammad, e a primeira Mesquita do Islamismo, a Mesquita de Quba) a segunda cidade mais sagrada.

Bin Laden, ao se dirigir a todo o mundo muçulmano, tenta internacionalizar uma questão geopolítica regional. Além de chamar a atenção para uma questão local, busca também apresentar os EUA e Israel e seus aliados como inimigos globais do Islã. Outros países que possuam conflitos com suas parcelas muçulmanas de sua população, como Rússia e Filipinas, também são considerados inimigos. Conforme bin Laden:

Não é segredo para vocês, meus irmãos, que as pessoas do Islã tem estado aflitas, diante da opressão, hostilidade e injustiça causada pela aliança dos Judeus-Cristãos e pelos seus apoiadores [grifo nosso]. (...) Os massacres que tem acontecido no Tadjiquistão, Burma, Cachemira, Assam, Filipinas, Fatani, Ogaden, Somália, Eritreia, Chechênia e na Bósnia, provocam arrepios em nossas espinhas e agitam nossas paixões [grifo nosso]. Tudo isso tem acontecido perante os olhos e ouvidos do mundo, mas a flagrante arrogância imperial da América, ao abrigo da imoral Nações Unidas, tem impedido os despossuídos de se armarem. (LAWRENCE, ibidem)

Desta forma, surge outro objetivo da Al-Qaeda, de caráter global: internacionalizar um sentimento de hostilidade e de combate a esses inimigos. Essa é grande estratégia da Al-Qaeda: criar um sentimento global nos muçulmanos de ódio aos EUA e a seus principais aliados.

Além do combate aos EUA, Israel e ao governo da Arábia Saudita, a Al-Qaeda também defende a deposição de todos os governantes dos países muçulmanos que não apliquem a lei islâmica e ou que sejam alinhados com o Ocidente. De acordo com bin Laden:

Nós também decretamos que os hipócritas do Iraque, ou governantes Árabes que tem ajudado a América em seus assassinatos no Iraque, qualquer um que tenha aprovado as suas ações e os acompanhado em sua Cruzada, lutando com eles ou providenciando bases ou apoio administrativo, ou qualquer outro tipo de apoio, devem estar cientes que eles são apóstatas e que estão fora da comunidade do Islã; sendo portanto permitido tirar seu dinheiro e seu sangue. (...) Nós também salientamos aos verdadeiros Muçulmanos que, em meio a esses monumentais eventos e tal aquecida atmosfera, eles precisam motivar e mobilizar a *ummah* para se libertarem de sua escravidão desses opressivos, tirânicos e apóstatas regimes que são apoiados pela América, de modo a estabelecer a lei de Deus na terra. As áreas que mais necessitam de libertação são a Jordânia, Marrocos, Nigéria, Paquistão, Arábia Saudita e Iêmen [grifos nossos] (LAWRENCE, 2005, P. 183).

Assim, dirigindo-se para todos os muçulmanos, independentemente de seu Estado ou etnia, bin Laden procura, a partir da construção de um sentimento de

ódio aos países que influenciam os Estados islâmicos (sobretudo EUA e Israel), conchamar uma guerra santa a todos os muçulmanos de modo a encerrar a influência Ocidental nos Estados muçulmanos e implementar neles a lei islâmica, de modo similar aos antigos Califados islâmicos.

3.7 FINANCIAMENTO

Para poder gerar fundos para as suas atividades, a Al-Qaeda desenvolveu uma complexa, descentralizada e clandestina rede de financiamentos. Acompanhando a evolução operacional de grupo razoavelmente centralizado para descentralizado, seus sistemas de financiamentos também tornaram-se mais difusos. A organização dispõe simultaneamente tanto de mecanismos de financiamentos geridos por meio de lavagem de dinheiro e investimentos internacionais quanto de receitas locais, operacionalizadas através de grupos associados ou inspirados, que se autofinanciam.

O grupo recebia fundos da fortuna pessoal de bin Laden, doações de ricos simpatizantes muçulmanos, lucros obtidos pelos negócios conduzidos pela organização e fundos provenientes de organizações Islâmicas de caridade. Para gerir e poder lavar dinheiro a Al-Qaeda fundou diversas instituições legais, incluindo instituições humanitárias estatais e privadas, bancos e empresas.

Muito da organização e desenvolvimento das redes de financiamento da Al-Qaeda deve-se à fortuna de bin Laden. Osama bin Laden herdou cerca de 30 milhões de dólares de seu pai (...). Uma parte dessa fortuna foi aplicada diretamente em ações terroristas, enquanto a outra foi aplicada em diversos negócios e investimentos (...) cujos lucros sempre foram revertidos para os cofres da Al-Qaeda (Amorim, 2008, p. 100). Esse capital inicial de bin Laden foi fundamental para dar início à engrenagem financeira da Al-Qaeda.

Doações individuais recebidas de simpatizantes ricos do mundo muçulmano também constituem outra fonte de recursos. Segundo Gunaratna:

Alguns dos benfeitores árabes abastados do Oriente Médio, incluindo indivíduos respeitados nos Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Arábia Saudita e no Qatar, são apoiantes financeiros da Al-Qaeda. Para facilitar essas transações, muitos negócios e bancos no Golfo são utilizados como

“fachada”, permitindo à Al-Qaeda gerir negócios de uma forma discreta”. (2004. p. 145)

Outra forma de obtenção de dinheiro adotada pela Al-Qaeda é por meio da infiltração e cooptação de entidades islâmicas de caridade e de organizações não governamentais. Essas organizações recebem fundos das mais diversas origens que, em virtude de seu caráter filantrópico, encobrem o real destino desses montantes (Amorim, 2008, p. 100-101).

Para Gunaratna, (2004, p. 152-153), o seu apelo ideológico e os recursos financeiros permitiram à Al-Qaeda infiltrar-se de uma forma metódica em mesquitas e instituições humanitárias de todo o mundo, sem o seu conhecimento. Parte da eficiência desse mecanismo de financiamento deve-se (em virtude do próprio caráter institucional dessas organizações) da dificuldade dos governos em fiscalizar e em identificar os reais utilizadores das quantias recebidas pelas ONG’S islâmicas.

A geração de recursos por meio da lavagem de dinheiro em empresas de “fachada” é uma prática recorrente da Al-Qaeda. De acordo com Gunaratna:

Sempre que possível, a Al-Qaeda preferia criar rendimentos através de negócios legais e por isso evitava o tráfico de narcóticos ou de imigrantes. Por exemplo, a empresa Blessed Fruits exportava frutas e legumes; a Al Hijra Construction construía estradas; a International al-Ikhlâs produzia doces; o Banco de Recursos Zoológicos produzia genes para o gado híbrido; a Kasalla produzia milho geneticamente modificado e outros produtos agrícolas; o Happ Tannery em Cartum produzia couro. A Al-Qaeda também possuía empresas de produtos alimentares e de mobiliário e estava bastante envolvida no ramo da importação-exportação, comprando bicicletas no Azerbaijão, caminhões *Mas* da Rússia, tratores *Zetor* da Eslováquia e automóveis de Dubai (2004. p. 152).

Somados a essas fontes de financiamento, a Al-Qaeda tem como característica peculiar a grande autonomia de seus grupos associados ou inspirados, que permite que essas organizações se autofinanciem de distintos modos.

Para Framis (2007, p. 5-6), “os grupos vinculados ou inspirados pela Al-Qaeda geralmente se financiam por meio de crimes comuns ou por fraudes em cartões de crédito. Assim, o GIA [Grupo Armado Islâmico] e o GSPC [Grupo Salafista para o Chamado e Combate] e o tem sidos acusados de utilizarem regularmente a falsificações de cartões de créditos e documentação como modo de financiamento”.

Ainda segundo Framis:

O 11 de Março é um exemplo do novo *modus operandi* de pequenos grupos locais inspirados na ideologia da Al-Qaeda. Estes grupos foram formados localmente, seus membros foram recrutados nacionalmente e seus recursos foram conseguidos também em nível nacional. A autofinanciamento do grupo é uma característica fundamental e atividade ilegal é a fonte principal de financiamento (2007, p. 11).

Os grupos associados, por se tratarem de organizações locais e intimamente inseridas em seu território, podem também se financiarem através de atividades legais (como as remunerações próprias de cada membro, doações de particulares, etc), fato que dificulta ainda mais a ação de inteligência dos governos Ocidentais.

Para além dos tipos de financiamentos apresentados, a Al-Qaeda, a partir de sua revista *Inspire*, ainda cria condições para que atentados sejam realizados a baixo custo. As sessões “*make a bomb in the kitchen of your mom*” (*Inspire* nº I, p. 33-40, 2010), “*the ultimate mowing machine*” (*Inspire* nº II, p. 53-54, 2010), ensinam passo-a-passo como efetuar atentados de forma individual, utilizando técnicas relativamente simples e de custo não muito elevado.

Essa grande diversidade de financiamentos dificulta muito o trabalho do governo norte-americano e de seus aliados em detectar e impedir o fluxo de dinheiro que a Al-Qaeda administra. Para Gunaratna:

Há quem compare o sistema da organização ao da Fundação Ford, onde os investidores apresentam projetos e, após análise cuidadosa, alguns são financiados e a maior parte não é aceita. Outros comparam-no ao sistema financeiro de uma empresa multinacional. A Al-Qaeda pode igualmente ser conceptualizada como uma empresa de *holding* e os seus grupos Islamitas associados como seus sócios, em que a Al-Qaeda providencia o capital de risco (2004, p. 153).

Dessa forma, a partir de uma complexa rede internacional de financiamentos, que combina-se com gerações de recursos locais, a Al-Qaeda tem sido capaz de levantar fundos para a sua causa.

3.8 ESTRUTURA OPERACIONAL

A Al-Qaeda, até a invasão do Afeganistão pelos EUA em outubro de 2001, estava dependente de um território para suas atividades operacionais, que eram geridas de forma mais centralizada. Com o novo conflito em solo afegão, a Al-Qaeda teve sua infraestrutura destruída. Essa situação fez com que a organização de bin Laden atuasse de forma clandestina e descentralizada.

Segundo Castells (2010, p. 135), “depois da destruição do comando central da Al-Qaeda em 2001 no Afeganistão, redes de contato com combatentes locais, tornaram-se cada vez mais importante”. Essas redes de contato buscavam angariar novas fontes de financiamento, estabelecer contatos com grupos locais islâmicos e fomentar o surgimento de novas células.

Estas células normalmente são pequenas e formadas por indivíduos regularmente inseridos no local onde se encontram. Segundo Gunaratna, “a composição de uma célula da Al-Qaeda pode variar entre duas e quinze pessoas (...)” (2004, p. 189). Seus membros mantém um certo contato com a organização, mas geralmente atuam por conta própria, improvisando, buscando recursos e tomando suas próprias iniciativas. Sua especificidade e efetividade estão justamente no seu elevado grau de autonomia.

Para Castells, a “autonomia é elevada em virtude da simplicidade dos objetivos, e por causa do místico caráter da organização, inteiramente devota à vontade de Deus, minimizando assim problemas de disciplina” (2010, p. 137). A organização em células também cria dificuldades para os Estados rastreá-las e combatê-las. Os EUA puderam bombardear algumas bases operacionais da Al-Qaeda no Afeganistão, mas jamais poderiam bombardear a cidade de Hamburgo, onde o 11 de Setembro foi preparado (ibidem, p. 138).

Dessa forma, sem poder mais contar com uma base fixa, a Al-Qaeda dividiu-se em pequenas células, embora continue atuando por meio de seus grupos associados. Para Castells (2010, p. 136-137), “esse caráter dual de lutas locais e redes de contatos globais é a essência da estratégia da Al-Qaeda na situação do pós-guerra Afegã”. Atuando dessa maneira, o grupo pode mais facilmente botar em prática sua ideia de atacar seus alvos a qualquer momento e em qualquer lugar.

De acordo com Roy (2004, p. 294), “a Al-Qaeda é uma organização e uma marca registrada. Ela pode operar diretamente, como uma *join venture* ou por

franquia. (...). Muitos grupos estão atuando na mesma linha que ela, sem estar tendo necessariamente conexão direta com a Al-Qaeda. No estudo *The evolution of Al-Qaedaism – ideology, terrorists and appeal*, Bakker e Boer (2007, p. 7) afirmam que a Al-Qaeda “(...) pode ser melhor descrita como um fenômeno altamente complexo e sombrio que, em termos organizacionais, parece ser um movimento ou uma ‘rede de redes’ e afiliados”.

Nesse trabalho, os autores apontam quatro principais categorias onde a presença da Al-Qaeda pode ser constatada, as quais utilizaremos nesta pesquisa: “A liderança da Al-Qaeda; Afiliados reconhecidos pela Al-Qaeda; Autoproclamados afiliados e Grupos e indivíduos que são inspirados pela Al-Qaeda, mas que não possuem ligação com a organização” (ibidem, p. 16). Como veremos a seguir, por um lado, os integrantes dessas categorias possuem consideráveis distinções e peculiaridades entre si, e, por outro, o grande motivador que os une é a ideologia do radicalismo islâmico proposto por bin Laden:

A Al-Qaeda e seus movimentos associados mantêm independência operacional e são frequentemente motivados por preocupações exclusivamente locais. **Ainda, esses elementos díspares exibem um grau de coerência ideológica. Em alguma forma, todos os membros da Al-Qaeda e seus movimentos associados concordam que a violenta luta, a qual é frequentemente direcionada contra o Ocidente, é necessária para catalisar um renascimento espiritual Islâmico** [grifo nosso]. A Al-Qaeda e seus movimentos associados, então, é um movimento descentralizado que compreende um diverso conjunto de subcomponentes (NELSON e SANDERSON, 2011, p. vii).

3.8.1 A liderança da Al-Qaeda

É formada pelos membros mais experientes e antigos da Al-Qaeda, como bin Laden e Al-Zawahiri e seus associados mais próximos. Depois da ofensiva político-militar da Guerra ao Terror, seu poder de gerenciamento direto nas atividades de combate reduziu-se drasticamente. Atualmente sua maior força encontra-se na influência que seus líderes, sobretudo Osama bin Laden, possuem sobre a juventude radical islâmica.

Também, “o núcleo da Al-Qaeda, embora operacionalmente reduzido, realiza um ativo papel com o conjunto de grupos armados ativos no Paquistão e no

Afeganistão, frequentemente facilitando ataques que não poderiam ser efetuados sozinhos” (Nelson e Sanderson, 2011, p. vii). Para Baker e Boer:

(...) Este grupo de pessoas, ou que resta deles, acredita-se que está localizado na região da fronteira entre Afeganistão e Paquistão. (...) O fato de que Al-Zawahiri e bin Laden ainda continuem a lançar declarações em vídeo, mesmo após a intervenção no Afeganistão, pode ser considerado como uma “prova” de que a liderança da Al-Qaeda ainda existe e que é capaz de comunicar-se com o mundo exterior.

Diante da forte vigilância dos sistemas de inteligência do Ocidente, o núcleo da Al-Qaeda procurou fortalecer seu sistema de contatos, redes e alianças, para poder atuar a partir deles. Para Nelson e Sanderson:

Como o núcleo da Al-Qaeda teve que enfrentar os ataques globais contra-terrorismo de 11 de Setembro, estas afiliadas tiveram um papel crucial em manter a organização de bin Laden relevante. Grupos como o *Jemaah Islamiyah* e *Al-Ittihad Al Islami*³⁴, tornaram-se responsáveis por uma grande parte dos atentados (...). **O núcleo da Al-Qaeda entendeu esta transição e, como foi visto nos ataques em Bali³⁵ de 2002, ativamente encorajou e permitiu que grupos locais executem ataques** [grifo nosso]. (NELSON e SANDERSON, 2011, p. 8)

As relações com outros grupos islâmicos insurgentes e descentralização das atividades da Al-Qaeda foram impulsionadas pela ofensiva político-militar da Guerra ao Terror. Acrescente-se também que a atuação por meio de alianças e “inspiração” para novos grupos radicais islâmicos igualmente já constavam dentro da ideologia da organização. Ainda segundo Para Nelson e Sanderson:

Bin Laden compreendeu que essas operações poderiam aumentar a influência do núcleo da Al-Qaeda. Em um discurso em 2002³⁶, ele enquadrou tais ataques [como o de Bali em 2002] como partes de uma campanha monolítica contra os Estados Unidos e seus parceiros, conduzidos por “zelosos filhos do Islã”. **Como bin Laden identificou, a Al-Qaeda estava agora agindo com a força de vanguarda que ele e seus companheiros originalmente vislumbraram** [grifo nosso]. (NELSON e SANDERSON, *ibidem*).

³⁴ Grupo radical Somalês que vem atuado neste país desde o final dos anos 1980, com o intuito de instalar um Estado Islâmico no local, baseado nas leis da *sharia*.

³⁵ Segundo Simon Elegant (2003, p. 3) o núcleo da Al-Qaeda providenciou cerca de trinta mil dólares para o financiamento dos atentados de 2002 em Bali.

³⁶ Discurso endereçado aos “aliados da América”, em 12 de novembro de 2002. O mesmo será analisado no capítulo seguinte.

3.8.2 Afiliados reconhecidos pela Al-Qaeda

São organizações que possuem alianças formais com o núcleo da Al-Qaeda mas que atuam em locais específicos. Apesar da aliança com o núcleo da Al-Qaeda, o grupo tem raramente exercido controle operacional sobre suas afiliadas (Nelson e Sanderson, 2011, p. 11). Apenas algumas organizações ou redes podem ser descritas como expressamente afiliadas reconhecidas do grupo fundado por bin Laden: (...) “Al-Qaeda na Terra de Dois Rios”, (Iraque), “A Organização da Al-Qaeda na Arábia Península Arábica”, “Al-Qaeda no Magreb Islâmico, (...) e a “Al-Qaeda no Afeganistão” (Baker e Boer, 2007, p. 65).

3.8.2.1 Al-Qaeda na Terra dos Dois Rios

No Iraque, no final de 2004, Al-Qaeda funde-se com a organização local *Jamaat Al-Tawhid wal Jihad*. Sob a liderança do militante jordaniano Abu Musab al-Zarqawi, o grupo logo ganhou reputação por sua brutalidade particular em atentados suicidas e assassinatos (Nelson e Sanderson, 2011, p. 8). A nova organização opera com o nome de Al-Qaeda na Terra dos Dois Rios.

A organização tem sido responsável numericamente pela grande maioria dos atentados da Al-Qaeda, transformando o Iraque em um grande palco para suas ações. Desde 2005, o Iraque continua sendo o país com a maior quantidade de ataques e fatalidades devido a atentados (*Country Reports on Terrorism*, 2009, p. 9). Ele também é responsável por quase um quarto de todos os ataques no mundo (22,50% do total), em 2009 (ibidem, p. 28).

A Al-Qaeda na Terra dos Dois Rios busca a expulsão das tropas norte-americanas do solo iraquiano e a subsequente instalação de um governo islâmico. Como destacam Baker e Boer:

As forças Americanas e seus aliados estrangeiros e locais tornaram-se os principais alvos. **O objetivo de seus ataques contra eles é forçar a retirada das tropas estrangeiras “ocupantes”, para derrubar o governo iraquiano interino e assassinar seus “colaboradores”.** Além disso a rede de Zarqawi tem como objetivo marginalizar a população Muçulmana Xiita e derrotar as suas milícias, e, posteriormente, estabelecer algum tipo de Estado Islâmico [grifo nosso]. Seus

combatentes veem predominantemente das fileiras da população Sunita do Iraque, mas também do exterior. (BAKER e BOER, 2007, p. 17).

Porém, em razão de seu status de afiliada e sua consequente autonomia, alguns grupos locais, como a Al-Qaeda na Terra dos Dois Rios, combinam demandas da Al-Qaeda (expulsão de estrangeiros das terras do islã, e instalação de Estados islâmicos) com demandas próprias (marginalização e ataques contra a população xiita).

Esse tipo de ataque não é incentivado pelo núcleo da Al-Qaeda e, inclusive, foi questionado por Ayman Al-Zawahiri³⁷. A divisão entre sunitas e xiitas é sempre minimizada ou não abordada nos discursos da Al-Qaeda. Para Gunaratna: “atualmente, os líderes da Al-Qaeda recusam-se a reconhecer que tais diferenças existam e consideram um pecado discutir tais diferenças (2004, p. 41)”.

A conexão entre o caráter ideológico e estratégico para com a Al-Qaeda, pode ser considerado como oportunista, tendo o rótulo “Al-Qaeda” a função principal de recrutar combatentes muçulmanos, muitos dos quais fora do Iraque. “Como o quadro ideológico de Al-Zarqawi não é amplamente publicado, permanece bastante difícil obter uma visão específica do grau de consistência ideológica, exceto que suas ações não estão claramente em linha com os desejos do núcleo da Al-Qaeda” (Baker e Boer, 2007, p. 66).

3.8.2.2 Organização da Al-Qaeda na Península Arábica

Nesta região, a Al-Qaeda opera, entre outros, sob o nome de Organização da Al-Qaeda na Península Arábica. A relação precisa entre a liderança da Al-Qaeda e a rede da Al-Qaeda (...) operando no Reino da Arábia Saudita não é muito clara. (Baker e Boer, 2007, p. 18). Em janeiro de 2009, o líder da Al-Qaeda na Península Arábica, Nasir al-Wuhaysi declarou a aliança formal do grupo com o núcleo da Al-Qaeda. (Nelson e Sanderson, 2011, p. 8).

³⁷ Em carta direcionada ao líder da Al-Qaeda no Iraque, Al-Zarqawi, datada de 9 de julho de 2005, posteriormente publicada pela Casa Branca dos EUA.



Ilustração 6 Presença da Al Qaeda na Península Arábica

Em amarelo áreas de atuação da Al-Qaeda na Península Arábica.

Fonte: National Counterterrorism Center dos EUA. Disponível em: <http://www.nctc.gov/site/map/index.html>. Acesso em 25 de outubro de 2011.

A Al-Qaeda na Península Arábica possui tanto uma agenda local - derrubar os governos saudita e iemenita - quanto global - atacar alvos norte-americanos e seus aliados no exterior. Também suspeita-se de que com o incentivo da liderança da Al-Qaeda no Afeganistão e Paquistão, “o grupo esteja ampliando seus laços com o *Al Shabaab* na Somália, embora a extensão desses laços é desconhecida. A Al-Qaeda na Península Arábica também pode estar trabalhando com outras afiliadas da Al-Qaeda”. (Rollins, 2011, p. 15).

O forte empenho da organização em derrubar o governo saudita (tradicional objetivo o núcleo da Al-Qaeda) por meio de ações violentas tem resultado em forte repressão ao grupo em solo saudita, o que tem forçado alguns membros a se refugiarem no vizinho Iêmen. Alguns militantes sauditas fugiram para

o Iêmen para evitar a morte ou captura, ajudando a estabelecer as bases para uma reemergência da organização lá nos anos recentes (Rollins, 2011, p. 14). Ainda segundo este autor:

O Iêmen é uma atrativa base para a Al-Qaeda na Península Arábica. Ao contrário da Arábia Saudita, a população Iemenita é muito mais pobre e dispersa, sendo mais isolada ruralmente e geograficamente que seus vizinhos. **O governo central o qual é amplamente conhecido por sua má governança e corrupção, não consegue não consegue exercer controle direto em várias de suas próprias províncias, sem primeiramente buscar apoio tribal. (...) Com sua a produção de petróleo reduzindo-se precipitadamente, sua população crescendo, seu fornecimento de água caindo e com o governo reduzindo seu orçamento, o país torna-se apenas mais propício para instabilidade e atividades extremistas** [grifos nossos]. (ROLLINS, 2011, p. 15).

A intenção do grupo de confrontar o regime Iemenita, que atualmente encontra-se em uma situação de caos econômico e social, pode fazer da Al-Qaeda na Península Arábica um forte ativo para a desestabilização da região.

Já para atingir alvos no exterior, “a Al-Qaeda na Península Arábica também busca radicalizar indivíduos que vivem no Ocidente” (Nelson e Sanderson, 2011, p. 17). Esses cidadãos, por estarem legalmente em países do Ocidente, e por muitas vezes estarem assimilados dentro da sociedade em que vivem, podem ter vantagens para cometer atentados nesses locais.

A radicalização desses indivíduos, ocorre por meio da divulgação das ideias de ideólogos, como o norte-americano de descendência Iemenita, Anwar al-Awlaki, em fóruns da internet e, mais recentemente, por meio da emissão da revista de propaganda online do grupo, *Inspire*. A revista, segundo ela própria, é produzida pela Al-Qaeda na Península Arábica. Ela permite que al-Awlaki, “emerja como o maior importante porta-voz da Al-Qaeda e seus movimentos associados para audiências de língua inglesa” (Nelson e Sanderson, 2011, p. 17).

3.8.2.3 Al-Qaeda no Magreb Islâmico



Ilustração 7 Região de atuação da Al-Qaeda no Magreb Islâmico

Fonte: Alliance Geo Strategique. Disponível em: <<http://alliancegeostrategique.org/2011/01/12/mirage-ou-menace-au-sahel-a-qaida-au-maghreb-islamique/>>. Acesso em 25 de outubro de 2011.

Esta afiliada da Al-Qaeda tem origem nos movimentos de insurgência argelinos iniciados na década de 1990. No meio desta década, uma parte do Grupo Armado Islâmico (GIA) funda o Grupo Salafista para o Chamado e Combate (GSPC), que desde então vem cooperando com a Al-Qaeda. Ambos grupos [GIA e GSPC] compartilham o ideal de derrubar o regime secular argelino e estabelecer um Estado islâmico no país. O GSPC também ataca alvos Ocidentais e tem sido associado com vários ataques frustrados na Europa Ocidental. (Baker e Boer, 2007, p. 19).

Em setembro de 2006, Ayman Al-Zawahiri publicamente aprovou a fusão da Al-Qaeda com o GSPC para trabalharem juntos contra os interesses franceses e americanos. (ibidem). A organização que surge então, a Al-Qaeda no Magreb islâmico tem sido muito ativa no que diz respeito a atentados e ações tanto na Argélia quanto no Magreb.

Destacam-se os atentados de abril de 2007 contra um prédio governamental em Argel, (30 mortos e centenas de feridos), em dezembro de 2007, contra um prédio da ONU e do governo em Argel (41 mortos e cerca de 170 feridos)

e de agosto de 2008 contra uma escola militar próximo de Argel (43 mortos e 45 feridos), (*Country Reports on Terrorism*, 2008, p. 112 e 322).

3.8.2.4 Al-Qaeda no Afeganistão

A Al-Qaeda no Afeganistão opera por meio do apoio do grupo insurgente Talibã, desde que este ascendera ao poder em 1996. O país possui um forte significado para o núcleo da Al-Qaeda em razão de dois momentos que representaram a origem e a consolidação da organização.

Primeiramente, o esboço do que viria a ser a Al-Qaeda está intrinsecamente ligada à resistência afegã à invasão soviética (1979-1989). Posteriormente, também foi no Afeganistão, a partir da aliança com o grupo Talibã (1996-2001), que a organização obteve sua maior estruturação territorial e operacional.

Desde a ocupação norte-americana no país, a Al-Qaeda tem centrado seus esforços para expulsar as tropas dos EUA e reestabelecer o controle sobre o país. Juntamente com o Iraque, o Afeganistão representa uma das principais arenas de atuação da Al-Qaeda. Entre os grupos que mais causaram mortes em atentados em 2009, o Talibã encontra-se em primeiro lugar (*Country Reports on Terrorism*, 2009, p. 9).

3.8.3 Autoproclamados afiliados

São encontrados no Oriente Médio, Sudeste da Ásia, África e Europa. Estes grupos ou redes se consideram, ou são considerados por outros, como operando sob o rótulo da Al-Qaeda. Eles operam de forma mais ou menos autônoma. Seu link com a liderança da Al-Qaeda é indireto (...) (Bakker e Boer 2007, p. 20).

Também identificados como “simpatizantes” (*link-minded groups*), podem ser identificados em organizações como na *Jemaah Islamiyah* Indonésia, *Abu Sayyaf*, nas Filipinas, *Al Shabaab* e *Al-Ittihad Al Islami*, na Somália, *Tehrik-i-Taliban*,

no Paquistão, *Lashkar Al-Toiba*, no Paquistão e na Índia, *Jaysh Muhammad* e *Harakat Al-Ansar*, na Índia. Ainda de acordo com Bakker e Boer:

Atuando autonomamente, muitos desses grupos utilizam o rótulo da Al-Qaeda por propósitos de recrutamento ou simplesmente para atrair maior status de percepção. Tais esforços, entretanto, não implicam que esses grupos ou redes não compartilhem os ideais da Al-Qaeda ou que tenham objetivos comuns. Todos os grupos, por exemplo, compartilham sentimentos anti-Ocidentais, apoiam os objetivos de derrubar “regimes de fantoche” em seus países de origem, ou aqueles em que estão residentes, e podem até mesmo aplicar táticas comuns como atentados suicidas [grifos nossos] (BAKKER e BOER 2007, p. 69).

Para a organização de bin Laden, o desenvolvimento de redes de contato e a construção de aliança, tem permitido que o grupo sustente a sua missão e, até certo ponto, suas operações. As afiliadas da Al-Qaeda parecem cada vez mais ter a intenção de atacar interesses Ocidentais (Nelson e Sanderson, 2011, p. 10).

Já a motivação dos “indivíduos em juntar-se em tais autoproclamadas afiliadas é produto de uma combinação de circunstâncias pessoais e queixas coletivas. Com relação a este último, os violentos conflitos no Iraque, Chechênia e Caxemira em particular, se destacam como pontos focais de indignação coletiva” (Bakker e Boer *ibidem*).

3.8.4 Grupos e indivíduos que são inspirados pela Al-Qaeda mas que não possuem ligação com a organização

Esta última categoria da presença da Al-Qaeda é a mais complexa. De acordo com Nelson e Sanderson:

Afiliados formais e informais não são os únicos entes que constituem a Al-Qaeda. Nos últimos anos, pequenas células e indivíduos que não estão regularmente afiliados com a Al-Qaeda, mas que recebem uma clara inspiração, e ocasional orientação, do núcleo e de suas afiliadas tem emergido como atores salientes (...) sobretudo nos EUA e na Europa (NELSON e SANDERSON, 2011, p. 11).

Indivíduos inspirados pela Al-Qaeda “podem ser encontrados em todas as partes do mundo. Esta categoria particular da presença da Al-Qaeda é a mais difícil de definir, pois se trata de pequenos grupos e indivíduos sem vínculos diretos com a

liderança da Al-Qaeda, ou mesmo sem nenhuma ligação com a organização” (Bakker e Boer (2007, p. 21).

Como exemplos, podemos citar o assassinato do cineasta holandês Theo van Gogh³⁸ pelo também cidadão holandês Mohammad Bouyeri, em novembro de 2004. Durante seu julgamento, a promotoria holandesa o comparou com Osama bin Laden; Bouyeri respondeu: “você me comparar com Osama bin Laden não fornece crédito suficientemente a este homem e é uma honra demais para mim, que eu não mereço. Mas se você me ver como um homem segurando a bandeira negra do Islã, você preenche-me com orgulho, honra e alegria” (ibidem).

Outro exemplo pode ser visto na influência do ideólogo Anwar al-Awlaki (o qual tem vínculos indiretos com a Al-Qaeda); ele “é acusado de inspirar o Nigeriano Umar Farouk Abdulmutallab que tentou explodir o voo 253 da Delta Airlines sobre Detroit em 25 de dezembro de 2009” (Congressional Research Service, Jan. 2011, p. 16). Em ambos os casos, dois indivíduos foram motivados a agir de forma violenta a partir da “inspiração” que tiveram de dois ideólogos do islamismo radical contemporâneo.

Dentro desse quadro de “despertar político-religioso” que a Al-Qaeda busca atingir, os discursos dos principais líderes da organização e a forma como eles são difundidos, ganham extrema importância para esse processo de doutrinação. Segundo Nelson e Sanderson:

A mais significativa contribuição atual do núcleo da Al-Qaeda (...) ocorre na forma de orientação ideológica e inspiração. como o inovador que direciona o terrorismo global Islâmico contra os interesses Ocidentais, ou “inimigo distante”, bin Laden mantém seu valor simbólico como figura chave. Portanto, seus discursos e os emitidos por seus companheiros ainda carregam significante peso nos círculos militantes (NELSON e SANDERSON, 2011, p. 15).

Assim, para a divulgação dessas ideias, a internet é uma ferramenta preciosa. Além de *web sites*, *chats* e fóruns, a revista *Inspire* da Al-Qaeda é um grande veículo para a difusão dos ideais da Al-Qaeda.

³⁸ Van Gogh gerava muita polêmica na Holanda por sua postura extremamente crítica as religiões, sobretudo o Cristianismo e o Islamismo, a qual expressava por meio de seus filmes, artigos e livros. Entre suas principais controvérsias sobre o Islamismo, estão o livro “Alá sabe melhor” (2003) e o filme “Submissão” (2004). Van Gogh também chegou a retratar o Profeta Mohammad como pedófilo em um jornal holandês.

A revista, através de suas sessões de instruções para a realização de atentados, também permite que pequenos grupos ou indivíduos que não tenham tido qualquer contato com a organização tornem-se seus militantes. Desta forma “com a radicalização, recrutamento e planejamento agora possíveis em um mundo virtual, os extremistas Islamistas não precisam mais se encontrarem pessoalmente para ativar sua agenda” (Nelson, Sanderson, 2011, p. 22).

Dentro do processo evolutivo da Al-Qaeda a principal mudança estrutural ocorreu na transformação de grupo de realizador de atentados para fomentador e inspirador dos ataques. Para Amorim (2008, p. 104), “seu nome [Al-Qaeda] vem sendo utilizado por diversos grupos ao redor do mundo a fim de obter simpatizantes para a causa, recrutas e recursos financeiros, bem como buscar uma legitimidade *jihadista*, tornando-se assim uma franquia do terror”.

Esta condição atual pode ser observada nas palavras de Azzam que seguem:

Segundo sua declaração de fundação de 1988, de autoria de Abdullah Azzam (...) **a Al-Qaeda deveria desempenhar o papel pioneiro de linha da frente dos movimentos Islâmicos**. Todos os ataques da Al-Qaeda, incluindo os de 11 de Setembro contra o World Trade Center e o Pentágono, tinham como intenção **inspirar e instigar os seus grupos associados a partilhar a luta contra os inimigos próximos (regimes e governantes apóstatas) e distantes (infiéis) do Islã** [grifos nossos]. (GUNARATNA, 2004, p. 19).

Desta forma, a Al-Qaeda evoluiu para uma rede de amparo a extremistas islâmicos, troca de experiências, financiamentos, que opera como uma organização secreta, quase virtual, alcançando o perigoso status não somente de grupo radical transnacional, mas também de ideologia para os muçulmanos extremistas.

CAPÍTULO IV: A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE INIMIGO NOS DISCURSOS DE OSAMA BIN LADEN

Neste capítulo procuraremos identificar e analisar o processo de construção do conceito de inimigo nos discursos de Osama bin Laden. Dentro do universo de dezenas de discursos deste autor, optamos por examinar aqueles compreendidos entre os anos de 1996 e 2004. Esta opção justifica-se pelo fato de que neste período de tempo transcorreram os principais eventos internacionais nos quais a Al-Qaeda está relacionada: a primeira declaração de guerra de Bin Laden contra os cristãos e os judeus (1996), os ataques de 11 de Setembro (2001), a Guerra do Afeganistão (2001) e a Guerra do Iraque (2003).

Também levamos em conta que em relação à problemática das fontes dos discursos, o período selecionado é abrangido de forma completa na obra *Messages to the World: the Statements of Osama bin Laden*, traduzidos para o inglês. Razão que nos permitiu ter acesso de forma confiável à totalidade dos discursos.

4.1 O *MODUS OPERANDI* DA IDEOLOGIA SEGUNDO THOMPSON

Para o exame do processo de edificação do caráter de inimigos nos discursos de bin Laden empregaremos as categorias de operação da ideologia propostas por John Thompson. Utilizando tal metodologia poderemos melhor identificar como bin Laden, a partir da articulação de formas simbólicas, cria e desenvolve uma representação negativa para determinados atores.

A metodologia desenvolvida por Thompson para identificar o *modus operandi* da ideologia em construções simbólicas é apresentado em cinco categorias, que podem operar de forma independente ou ao contrário, podem sobrepor e reforçar-se mutuamente. Estas categorias encontram-se de forma resumida no quadro abaixo, ao lado de suas respectivas estratégias discursivas (Thompson, 2007, p. 81). Na sequência, estas categorias serão expostas de maneira mais completa.

**Modos Gerais
de Construção Simbólica**

Algumas Estratégias Típicas

Legitimação

Racionalização
Universalização
Narrativização

Dissimulação

Deslocamento
Eufemização
Tropo (sinédoque, metonímia
e metáfora)

Unificação

Padronização
Simbolização da Unidade

Fragmentação

Diferenciação
Expurgo do outro

Reificação

Naturalização
Eternalização
Nominalização / Passivização

Legitimação: Neste modo de operação da ideologia, Thompson inspira-se no conceito de legitimidade de Max Weber, onde relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem representadas como legítimas, isto é, como justas e dignas de apoio. A *legitimação* será amplamente utilizada por bin Laden em seus discursos, como tentativa de construção de apoio junto aos muçulmanos, para suas ideias.

Esta categoria pode operar por meio das estratégias de *racionalização*, onde o produtor de uma forma simbólica constrói uma cadeia de raciocínio que

procura defender, ou justificar, um conjunto de relações ou instituições sociais e, com isso, persuadir a audiência de que isso é digno de apoio. Outro mecanismo dessa categoria é a *universalização*, através da qual acordos institucionais que servem aos interesses de alguns indivíduos são apresentados como servindo aos interesses de todos. Já na *narrativização*, exigências de *legitimação* encontram-se inseridas em histórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável.

Dissimulação: Nela, relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou pelo fato de serem representadas de uma maneira que desvia nossa atenção, ou passa por cima de relações e processos existentes. Veremos que bin Laden valera-se da *dissimulação* para tentar edificar uma realidade alternativa a da pregada pelas grandes potências ocidentais, ocultando situações e desviando a atenção do leitor.

A *dissimulação* ocorre por meio do *deslocamento*, onde um termo costumeiramente usado para se referir a um determinado objeto ou pessoa é usado para se referir a outro e, com isso, as conotações positivas ou negativas do termo são transferidas para outro objeto ou pessoa. Outra estratégia é a *eufemização*, que descreve ações, instituições ou relações sociais de modo a despertar uma valoração positiva. No *tropo* observamos o uso figurativo da linguagem para dissimular relações sociais. Dentro dele, operacionalizam-se a *sinédoque* (junção semântica da parte e do todo); a *metonímia* (uso de um termo que toma o lugar de um atributo) e a *metáfora* (aplicação de um termo ou frase a um objeto ou ação à qual ele, literalmente, não pode ser aplicado).

Unificação: Por meio dela, relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas através da construção, no nível simbólico, de uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independentemente das diferenças e divisões que possam separá-los. Esta estratégia será muito empregada por bin Laden em suas tentativas de unificar todos os muçulmanos em sua causa político-religiosa.

A *unificação* opera através da *padronização*, que adapta formas simbólicas a um referencial padrão, que é proposto como um fundamento partilhado e aceitável de troca simbólica. Outro mecanismo de operação dessa categoria é a *simbolização da unidade*, que envolve a construção de símbolos de unidade, de

identidade e de identificações coletivas, que são difundidas através de um grupo, ou de uma pluralidade de grupos.

Fragmentação: Neste modo, as relações de dominação podem ser mantidas não unificando as pessoas numa coletividade, mas segmentando aqueles indivíduos e grupos que possam ser capazes de se transformar num desafio real aos grupos dominantes, ou dirigindo forças de oposição potencial em direção a um alvo que é projetado como mau, perigoso ou ameaçador. Em seus discursos, será trabalhando a *fragmentação* que bin Laden irá buscar edificar a imagem dos EUA e de Israel como inimigos.

Como estratégias da *fragmentação* temos a *diferenciação*, isto é, a ênfase que é dada às instituições, diferenças e divisões entre pessoas e grupos, apoiando as características que os desunem e os impedem de constituir um desafio efetivo às relações existentes. Outra estratégia apresenta-se como o *expurgo do outro*, que envolve a construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo.

Reificação: O último *modus operandi* da ideologia apresentado por Thompson indica que relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pela retratação de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal. Processos são retratados como coisas, ou como acontecimentos de um tipo quase natural, de tal modo que o seu caráter social e histórico é eclipsado. Esta estratégia é fundamental dentro do discurso de bin Laden, uma vez que ele fará com que eventos histórico simbólicos para os muçulmanos, como as Cruzadas, se apresentem como naturais e permanentes, usufruindo das consequências políticas dessa transposição histórica.

A *reificação* pode apresentar-se por meio da *naturalização*, que constrói a representação de criações sociais resultantes de um processo social e histórico como acontecimentos naturais. Ela também opera com base na *eternalização*, que esvazia os fenômenos sócio-históricos de seu caráter histórico, apresentando-os como permanentes, imutáveis e recorrentes. Outro mecanismo da *reificação* demonstra-se na *nominalização* (sentenças que contém descrições de ações e dos participantes dela, são transformadas em nomes) e na *passivização* (que ocorre quando a estrutura da sentença é colocada na voz passiva).

Com base nesta metodologia sugerida por Thompson procuraremos identificar e analisar o processo construtivo do conceito de inimigo dentro do discurso de Osama bin Laden. Dentro de cada discurso buscou-se extrair pequenos fragmentos a fim de poder melhor examinar a articulação da edificação dos inimigos proposta por ele. Os discursos serão examinados respeitando a sua ordem cronológica e eles encontram-se sempre precedidos de um subtítulo que indica qual ou quais atores são representados como inimigo no referido fragmento.

4.2 DISCURSO DE AGOSTO DE 1996³⁹

4.2.1 Inimigos: EUA e Israel

“Expulsem os politeístas da Península Árabe⁴⁰”

(...) Nós trabalhamos para acabar com a injustiça que se abateu sobre nossa *ummah* nas mãos da **aliança Cruzado-Judeu**, especialmente depois de sua **ocupação sobre Jerusalém** e **sua apropriação da Arábia Saudita** [grifos nossos].

Nestes pequenos trechos do discurso em que bin Laden lança sua *jihād* contra os EUA e Israel, transparece claramente uma das principais preocupações do autor: a expulsão dos norte-americanos da Arábia Saudita. Esta demanda combina-se com outra que também será primordial em todo seu discurso: a retirada de Israel das terras da Palestina.

A ocupação destes dois locais sagrados para o islã e, conseqüentemente, dotados de altíssimo valor simbólico coletivo, será uma das principais tônicas para o processo de construção de Israel e dos EUA como inimigos de todos os muçulmanos, nos discursos de bin Laden. A conceituação dos EUA e de Israel como inimigos dos muçulmanos passará então por técnicas que atestem essa condição. Nesse sentido, bin Laden utilizará as modalidades de *legitimação* via *narrativização*, *reificação* por *eternalização* e *dissimulação* em seu modo de *deslocamento*.

Este processo de *legitimação* ocorre com base na *narrativização*, ou seja, a partir de histórias que contam o passado, de modo a encontrar identificação no

³⁹ In: Lawrence (2005), p. 23-30.

⁴⁰ Hadith número 2.932 de Al-Bukhari.

presente. Neste pequeno trecho, poucas palavras são capazes de construir uma realidade que condicionam os leitores a agir em relação à determinada questão. Lembrando Onuf, as “pessoas usam palavras para representar ações e elas podem usar palavras, e palavras sozinhas, para executar ações” (Onuf, 1989, p. 82).

Observamos que através da menção de uma passagem histórico-religiosa bin Laden busca associá-la a situação atual de presença norte-americana na Península Árábica. Segundo Thompson (2007, p. 83), as exigências de *narrativização* “estão inseridas em histórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável”. De forma paralela na *narrativização*, observamos também o uso da *eternalização*. Ao mesmo tempo em que o autor busca legitimidade para uma situação contemporânea em histórias do passado, ele procura também construir esta passagem como se fosse atemporal. Dessa forma, ignorando o contexto sócio-histórico da citação, bin Laden a articula de modo a encaixá-la dentro de sua retórica contra os EUA e Israel.

Juntamente com a *eternalização*, acontece também o emprego da técnica de *deslocamento*, pertencente à categoria de *dissimulação*, onde “um termo costumeiramente usado para se referir a um determinado objeto ou pessoa se refere a outro, e com isso as conotações positivas ou negativas do termo são transferidas para o outro objeto ou pessoa” (Ibidem). O contexto original do enunciado é o século IX, onde os “politeístas” se referiam aos antigos cultos religiosos árabes, mais do que aos cristãos e judeus. Já a associação implícita remete a presença militar norte-americana na Arábia Saudita, iniciada no início dos anos 1990, em virtude da Guerra do Golfo (1990-1991).

Apesar de os EUA serem um país majoritariamente cristão e, nesse sentido, monoteísta (fato que inegavelmente o aproxima do judaísmo e do islamismo), bin Laden os coloca como politeístas (termo muitas vezes visto como negativo e altamente dissociado ao monoteísmo). Dessa forma, o autor manipula o sentido original do termo politeísta, de modo que este se encaixe melhor dentro de sua retórica.

No segundo enunciado, percebemos igualmente o processo de *narrativização*, onde termos históricos dentro do imaginário do islã, como “cruzados” e “ocupação sobre Jerusalém”, são utilizados de modo a remeter o leitor a períodos antigos e, dessa forma, proporcionar uma associação entre os fatos que possa

transformar-se em *legitimação* perante a audiência muçulmana. Assim, fatos antigos constroem legitimidade para situações contemporâneas.

Igualmente como no primeiro enunciado, bin Laden também articula com o processo de *narrativização*, a *eternalização*. A permanência norte-americana em solo saudita, e o controle efetivo de Israel sobre Jerusalém e sobre a Palestina desde 1947 (ano de criação do Estado de Israel), são retratados como uma continuação da presença cristã em territórios muçulmanos, iniciadas no século XI por meio das Cruzadas⁴¹. Relembrando Thompson, na *eternalização* “fenômenos sócio-históricos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem apresentados como permanentes, imutáveis e recorrentes” (2007, p. 88).

Os dois enunciados analisados acima são de profunda importância para o processo de construção da imagem dos EUA e de Israel, como inimigos nos discursos de bin Laden. A *narrativização* contida no primeiro enunciado e nos termos “cruzado-judeu” serão amplamente empregados por bin Laden a fim de buscar-se *legitimação* histórica para o ataque a estas duas nações.

Se o *deslocamento* do sentido original de “politeístas” se constituíra num mecanismo importante dentro de sua retórica, a *eternalização* de passagens históricas como a “expulsão dos politeístas da Península Árabe” e as “Cruzadas” igualmente serão muito presentes nos discursos de bin Laden, com o intuito de construir-se como uma situação permanente, através de sua constante repetição.

4.2.2 Inimigos: EUA e Israel e governos que oprimem os muçulmanos

Não é segredo para vocês, meus irmãos, que **as pessoas do Islã tem estado aflitas, diante da opressão, hostilidade e injustiça causada pela aliança dos Judeus-Cristãos** e pelos seus apoiadores (1). Isso mostra que **nossos inimigos acreditam que o sangue dos Muçulmanos é barato e que sua propriedade e riqueza são apenas pilhagem.**

Seu sangue tem sido derramado na **Palestina**⁴² e no **Iraque**⁴³, e as imagens horríveis **do massacre em Qana no Líbano**⁴⁴ ainda estão bem

⁴¹ Entende-se por Cruzadas o conjunto de expedições militares-religiosas, de inspiração cristã, que partiram da Europa Ocidental em direção à região da Palestina (denominada então pelos cristãos como Terra Santa), entre 1096 e 1272.

⁴² Desde a criação do Estado de Israel em 1947 conflitos entre Palestinos e Israelenses vem ocorrendo sistematicamente.

⁴³ A Guerra do Golfo (1990-1991) e as sanções impostas pela ONU ao Iraque (1990-2003) resultaram na morte de milhares de Iraquianos. Somente em razão das ações da ONU neste país, cerca de 500 mil crianças morreram (Mohamed M. Ali, John Blacker, e Gareth Jones, “*Annual mortality rates and excess deaths of children under five in Iraq, 1991-1998*”, *Population Studies*, 2003).

vivas em nossa memória. Os massacres que tem acontecido no **Tadjiquistão**⁴⁵, **Birmânia**⁴⁶, **Cachemira**⁴⁷, **Assam**⁴⁸, **Filipinas**⁴⁹, **Pattani**⁵⁰, **Ogaden**⁵¹, **Somália**⁵², **Eritréia**⁵³, **Chechênia**⁵⁴ e na **Bósnia**⁵⁵, provocam arrepios em nossas espinhas e agitam nossas paixões [grifos nossos].

Nos trechos acima, notamos que bin Laden busca construir os inimigos judeus e cristãos de modo global a todos os muçulmanos. Aproveitando-se que o islã é uma religião de abrangência mundial, o autor, a fim de alavancar o maior número possível de seguidores, elenca uma série de conflitos ocorridos em locais em que há alguma população ou grupo muçulmano envolvido. Bin Laden também, mesmo que indiretamente, apresenta como inimigos dos muçulmanos aqueles governos ou grupos que entram em confronto com as parcelas islâmicas situadas em seus Estados.

⁴⁴ Em 18 de abril de 1996, forças Israelenses atacaram com foguetes e morteiros um acampamento para refugiados Palestinos da ONU, perto do vilarejo de Qana no Líbano; 102 refugiados civis morreram e cerca de 300 ficaram feridos (Lawrence, 2005, p. 25).

⁴⁵ A Guerra Civil do Tadjiquistão (1992-1997) “resultou na morte de mais de 50.000 pessoas” <<http://www.un.org/events/tenstories/06/story.asp?storyID=600>>, em um país onde cerca de 85% da população é muçulmana <http://www.undp.tj/index.php?option=com_content&task=view&id=112&Itemid=162>.

⁴⁶ Oficialmente República da União de Mianmar, possui uma minoria muçulmana que tem um histórico de conflito com a maioria Budista. De acordo com relatórios da Anistia Internacional <<http://www.amnesty.org/en/library/info/ASA16/006/1992/en>>, os muçulmanos de Mianmar tem sido sistematicamente oprimidos pelas autoridades do país.

⁴⁷ A Cachemira é uma região situada na confluência das fronteiras entre Índia, Paquistão e China, e disputada por esses países. Possui maioria muçulmana em sua população.

⁴⁸ Localizado no leste da Índia, o estado de Assam possui cerca de 30% de fé muçulmana, perante uma maioria Hinduísta <http://www.censusindia.gov.in/Census_And_You/religion.aspx>. Entre 1978 e 2007, conflitos étnicos e religiosos mataram cerca de 18 mil pessoas <<http://www.aljazeera.com/programmes/peopleandpower/2007/05/2008525184748958544.html>>.

⁴⁹ Desde o início dos anos 1970, grupos islâmicos tem se insurgido contra o governo central das Filipinas. Baseiam-se, sobretudo, no Sul das Filipinas, única região onde os muçulmanos são majoritários em um país de maioria católica.

⁵⁰ Provavelmente bin Laden refere-se a região de Pattani, de maioria muçulmana, localizada no Sul da Tailândia (de maioria Budista), próxima a fronteira com a Malásia. O local tem sido palco de inúmeros conflitos entre sua população e o governo central da Tailândia.

⁵¹ Ogaden é um estado da Etiópia, de maioria muçulmana, situado na fronteira com a Somália e reivindicado pelo segundo. O autor possivelmente refere-se aos conflitos gerados por esta disputa.

⁵² Bin Laden refere-se a intervenção militar estrangeira, autorizada pela ONU e liderada pelos EUA, intitulada *Unified Task Force (UNITAF)*, ocorrida entre 1992-1993. Durante essa missão, entre 500 e 1000 militantes Somalianos e civis morreram (Lawrence, 2005, p. 54).

⁵³ Possivelmente, o autor refere-se a Guerra de Independência da Eritréia (1961-1991) junto a Etiópia. Ambos países possuem aproximadamente metade de sua população de religião cristã e islâmica.

⁵⁴ A referência é a 1ª Guerra da Chechênia (1994-1996), onde a localidade de maioria muçulmana, tentou sem sucesso tornar-se independente da Rússia. O conflito deixou entre 80 a 100 mil Chechenos mortos (Lawrence, 2005, p. 17).

⁵⁵ Durante a Guerra da Bósnia (1992-1995), cerca de 278 mil muçulmanos Bósnios, Sérvios e Croatas foram mortos e 2 milhões ficaram desalojados (ibidem).

Esta é uma das grandes estratégias teóricas da Al-Qaeda, a saber: construir e transnacionalizar um sentimento de ódio dos muçulmanos para com os outros povos, sobretudo cristãos e judeus e seus aliados (muçulmanos ou não). Em termos práticos, bin Laden busca traduzir todo esse sentimento de ódio na instrumentalização de uma guerra santa obrigatória contra esses inimigos. Nesse sentido, em seu discurso, bin Laden operacionaliza a construção de seus inimigos via *fragmentação* em seus vieses de *diferenciação* e de *expurgo do outro*, e de *legitimação* na técnica de *racionalização*.

No que se refere a sua estratégia discursiva para esta edificação de inimigos, o autor inicia apresentando dois grupos, os muçulmanos (pessoas do islã) e a aliança dos judeus-cristãos. Notamos o viés da *diferenciação*, uma vez que o “outro” (Israel e EUA) é denominado a partir de suas características religiosas (respectivamente judaísmo e cristianismo) que, por si só, já evidenciam uma diferenciação para com os muçulmanos. De acordo com Thompson (2007, p.87), a *diferenciação* “é a ênfase que é dada às distinções, diferenças e divisões entre pessoas e grupos, apoiando as características que os desunem e os impedem de constituir um desafio efetivo às relações existentes (...)”.

Paralelamente, bin Laden preocupa-se em apresentar os judeus-cristãos objetivamente como inimigos dos muçulmanos, buscando construir a imagem dos mesmos como tendo desprezo para com os muçulmanos. Isso pode ser observado nos trechos “nossos inimigos acreditam que o sangue dos Muçulmanos é barato e que sua propriedade e riqueza são apenas pilhagem”; e em termos que buscam caracterizar as ações como extremamente negativas: “imagens horríveis”, “massacres”, que, segundo bin Laden, “provocam arrepios em nossas espinhas e agitam as nossas paixões”. Aqui ocorre o *expurgo do outro* que “(...) envolve a construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo” (Ibidem).

Esta construção do outro como inimigo é articulada com base em relatos de conflitos onde haja uma população muçulmana envolvida. Neste ponto, o conceito de “inimigo”, mesmo que indiretamente, também se expande para os governos que combatem as parcelas muçulmanas de sua população (Tadjiquistão, Filipinas e Tailândia em Pattani), ou Estados ou organizações que apoiam direta ou indiretamente regimes em conflito com grupos muçulmanos (Rússia no Tadjiquistão

e na Chechênia, Índia na Cachemira, Mianmar, Etiópia em Ogadem e Eritréia, ONU na Somália e Croácia e Servia na Bósnia).

Toda essa série de exemplos de conflitos utilizados por bin Laden para tentar demonstrar a opressão sofrida pelos muçulmanos em todo o mundo, podem ser configurados como sua busca de *racionalização* do discurso. Este processo tem o intuito de justificar (aqui ocorrendo a partir da exposição de dados e fatos) ao público islâmico o pensamento do autor.

Ao retratar os judeus e os cristãos como inimigos do islã, bin Laden constrói, a partir da linguagem, uma significação de mundo que, sendo aceita por seus leitores, legitimará automaticamente quaisquer ações de combate dos muçulmanos para com seus inimigos. Sabemos que “(...) a linguagem está sempre presente como um suporte para a ação” (Debrix, 2003, p. 9).

4.2.3 Inimigos: EUA e Israel

Eu digo aos nossos **irmãos Muçulmanos em todo o mundo**: seus **irmãos** na **Arábia Saudita** e na **Palestina** estão clamando por sua ajuda e os convidando **para compartilhar com eles a *jihad*** contra os **inimigos de Deus, nossos inimigos os Israelenses⁵⁶ e os Americanos**. **Cavalaria do Islã seja montada!** Esse é um tempo difícil, então vocês mesmos precisam ser resistentes. Vocês deveriam saber que sua cooperação para **libertar os lugares sagrados do Islã**, é o passo certo rumo à **unificação de nossa *ummah* sob a bandeira da unidade de Deus** [grifos nossos].

As citações acima demonstram a habilidade de bin Laden em tentar criar um sentimento de unidade dentro do mundo muçulmano e de animosidade aos judeus-cristãos, a partir de construções religiosas radicais, que colocam estes últimos como inimigos de Deus. Esta unidade deve ser defendida e compartilhada através da *jihad*, que demonstra-se ser o melhor caminho para a derrota destes inimigos.

Nestes trechos a construção dos inimigos se dá por meio do processo de tentativa de *unificação* dos muçulmanos em torno deles, a partir da estratégia de

⁵⁶ Como o autor emprega os termos genéricos “os Israelenses” e “os Americanos”, pode-se num primeiro momento pensar-se que ele vale-se da estratégia de *dissimulação* em seu modo de *sinédoque*. Porém como bin Laden ao usar o termo “os Israelenses” refere-se literalmente a todos os Israelenses e não apenas ao governo deste país, ele não tenta dissimular relações entre coletividades, não configurando dessa forma a adoção da *sinédoque*.

padronização e simbolização da unidade. Na *padronização*, a *unificação* dos muçulmanos contra os judeus-cristãos, transcorre com base no emprego de termos simbólicos que remetem a coletividade: “irmãos Muçulmanos em todo o mundo”, “nossos inimigos”, “compartilhar a *jihad*”. Comentando essa estratégia, Thompson (2007, p. 86) afirma “formas simbólicas são adaptadas a um referencial padrão, que é proposto como um fundamento partilhado e aceitável de troca simbólica”.

Ao abordar a questão da *jihad* como uma necessidade coletiva dos muçulmanos, bin Laden é influenciado pelos escritos de Ibn Taymiyya e de Abdullah Azzam acerca do combate aos invasores estrangeiros. Relembrando Taymiyya: “quando o inimigo entra em uma terra Islâmica, não há dúvida que é obrigatório para as pessoas mais próximas à terra, defendê-la, e em seguida, aqueles que os rodeiam... pois toda a terra Islâmica é como se fosse um único país” (Fatawa Al-Kubra 4/608}, apud Azzam, 1987, p. 20).

Já no segundo enunciado a tentativa de *unificação* dos muçulmanos transcorre com base na *simbolização da unidade*. De acordo com Thompson, “ela envolve símbolos a construção de símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletivas” (...) (Ibidem). Notamos explicitamente essa categoria nos termos “lugares sagrados do islã”, que remete aos locais que são emblemáticos para todos os muçulmanos (Meca e Medina na Arábia Saudita e Jerusalém na Palestina), na “*ummah*” que representa a comunidade islâmica e “unidade de Deus”, que situa-se como um dos cinco pilares do islã.

Estes lugares sagrados para os muçulmanos devem ser libertados a fim de unificar a própria comunidade islâmica, a partir da luta via *jihad*. Neste ponto do discurso, onde o autor teoriza acerca dessa luta, notamos que ele é inspirado pelas ideias de vanguarda de Azzam.

Podemos observar esse processo, sobretudo nos termos “Cavalaria do Islã seja montada” (em que o autor incita o despertar e a mobilização islâmica) e no trecho “esse é um tempo difícil, então vocês mesmos precisam ser resistentes” (onde bin Laden coloca-se na condição guia e conselheiro do movimento). A necessidade de um despertar islâmico, e sua reação contra os infiéis, fomentada e guiada por um pequeno grupo de elite (Al-Qaeda), são originárias do pensamento de Azzam, em sua aplicação na resistência afegã durante a invasão soviética nesse país.

4.2.4 Inimigo: o regime saudita

O regime tem **profanado sua legitimidade** através de muitos de seus próprios atos, sendo os mais importantes:

A **Suspensão das leis Islâmicas** e substituições das mesmas por leis elaboradas por humanos gera uma sangrenta confrontação junto aos honrados estudiosos e à juventude devota.

Sua ineficiência em proteger a terra e sua permissão para que os inimigos de Deus a ocupem por anos, na forma dos **Cruzados Americanos**, tornou-se a **principal razão para todas as situações desastrosas de nossa terra** [grifos nossos].

Nestes enunciados, bin Laden apresenta os dois principais pontos que atestam a deslegitimidade do regime saudita. O autor procura *legitimação* para poder qualificar o governo saudita como ineficiente, através da técnica de *racionalização* do discurso, ao mesmo tempo em que se vale da *eternalização* para configurar a condição de inimigo para os EUA, associando-o com as Cruzadas.

As duas razões elencadas por bin Laden para tal fato são de ordem político-religiosa: primeiramente a não aplicação da lei islâmica e, posteriormente, a conivência com a presença militar dos EUA no país. Em sua estratégia de *racionalização*, o autor desenvolve “uma cadeia de raciocínio que procura defender, ou justificar, um conjunto de relações ou instituições sociais, e com isso persuadir uma audiência de que isso é digno de apoio (ibidem, p. 82-83)”.

Esta cadeia de raciocínio ocorre por meio de dois exemplos que visam convencer os muçulmanos da ineficiência do governo saudita: a “suspensão das leis islâmicas e substituições das mesmas por leis elaboradas por humanos” e a “sua ineficiência em proteger a terra e sua permissão para que os inimigos de Deus a ocupem por anos”.

A problemática do uso de leis humanas encontra suporte teórico na longa tradição desenvolvida pelos estudiosos do islã, de Taymiyya, que entendia que a unidade de Deus (*tawhid*) é quebrada quando não se segue as leis divinas, até Qutb, que acreditava que o estado de ignorância (*jahiliyya*) ocorria quando os governantes islâmicos não aplicavam a *sharia*.

Na segunda parte do enunciado, o argumento que o regime saudita falhou em proteger sua terra é potencializado pela edificação via *eternalização* dos americanos como os cruzados, inimigos históricos dos muçulmanos. Será a partir desta construção que bin Laden expressará todo o seu descontentamento com o governo saudita, uma vez que mais do que uma nação estrangeira, os EUA são

representados como líderes dos cruzados, dentro desse constante processo de *eternalização* articulado por bin Laden.

Mesmo não sendo classificado diretamente como “inimigo”, o governo saudita tem sua legitimidade questionada. Situação que altera-se nos discursos posteriores, que apresentarão uma crescente radicalização de bin Laden para com o regime de sua terra natal.

4.3 DISCURSO DE FEVEREIRO DE 1998⁵⁷

4.3.1 Inimigos: EUA e Israel

Louvido seja Deus, revelador de seu Livro, controlador das nuvens, invalidador do partidarismo, que diz em Seu Livro: **“Quando os meses proibidos⁵⁸ passarem, onde quer que você encontre os politeístas, mate-os, apreenda-os, cerque-os, embosque-os⁵⁹”** [grifo nosso].

Bin Laden começa este discurso transcrevendo uma passagem do Alcorão. Esta estratégia de iniciar suas falas a partir de referências religiosas, seja através de uma citação ou de agradecimento a Deus, irá se repetir na maioria de suas declarações, com o intuito claro de construir credibilidade para suas ideias perante os muçulmanos. O processo de articulação dessa passagem como justificativa para se atacar os inimigos judaico-cristãos transcorrerá a partir da *legitimação por narrativização; dissimulação via deslocamento e reificação* em seu viés de *eternalização*.

A estratégia de *narrativização*, que trata o presente como uma continuação de uma determinada parte da história, é dotada de altíssimo valor simbólico, por se tratar de uma reprodução de uma passagem do Alcorão. Esta citação objetivamente visa legitimar o ataque aos “inimigos do islã”, caracterizados a partir do *deslocamento* do vocábulo “politeístas” (que astutamente é deslocado de seu verdadeiro significado, como fora analisado no discurso de Agosto de 1996). Mais do que legitimar, a estrutura da frase como imperativa, impõe aos leitores que

⁵⁷ In Lawrence (2005), p. 58-62.

⁵⁸ Mês sagrado do Ramadã.

⁵⁹ Alcorão 9:5.

realizem ataques aos inimigos politeístas. Como se trata do livro que contém a palavra de Deus para os muçulmanos, bin Laden, arditamente, articula para que pareça que Deus e não ele, esteja fazendo esta solicitação.

A partir de uma fonte sagrada para os muçulmanos, e que remete a um passado de combate aos infiéis, o autor procura conceber o presente como uma extensão do passado e, assim, legitimar o combate aos inimigos judaico-cristãos. Mas, o interessante é que o autor utiliza-se de mecanismo que transpõe e reconstrói a barreira do tempo. Da mesma forma como ele articula para que o passado sirva aos seus interesses, ele também, paralelamente, eternaliza esse passado, de modo que todo o contexto seja eclipsado.

A passagem citada pertence a uma situação específica (a turbulenta região da Arábia do século VII) e deve ser compreendida nestas circunstâncias e não nas atuais. Dessa forma, bin Laden utiliza-se da *eternalização*, ao ofuscar o caráter sócio histórico dos fenômenos, de modo que eles se adaptem as suas demandas contemporâneas. Conforme Thompson, nesta estratégia, observamos que os:

Costumes, tradições e instituições que parecem prolongar-se indefinidamente em direção ao passado, de forma que todo traço sobre sua origem fica perdido e todo questionamento sobre sua finalidade é inimaginável, adquirem, então, uma rigidez que não pode ser facilmente quebrada (2007, p. 88).

4.3.2 A construção teórica da obrigação da *jihad* contra o inimigo EUA e seus aliados

Os acadêmicos religiosos em toda a história Islâmica têm concordado que a *jihad* é uma obrigação individual quando o inimigo ataca os países Muçulmanos. Isto foi relatado pelo Imã Ibn Qudama⁶⁰ no “Recurso”, pelo Imã Al-Kisai⁶¹ em “As Maravilhas”, por Al-Qurtubi⁶² em sua exegese, e pelo Sheik do Islã [Ibn Taymiyya], quando este afirma em suas crônicas que: “Quanto a lutar para repelir o inimigo, que é o mais forte caminho para defender a liberdade e a religião, fica acordado que isto é um dever. **Depois da fé, não existe maior dever que lutar contra o inimigo que está corrompendo a religião e o mundo” [grifos nossos].**

⁶⁰ Nascido em Jerusalém, Muwaffaq al-Din ibn Qudama (1147-1223) foi um celebrado acadêmico da Escola Hanbali. Ele é frequentemente citado por radicais modernos em inúmeras situações onde a *jihad* torna-se compulsória (Lawrence, 2005, p. 60).

⁶¹ Al-Kisai escreveu sobre o tempo do Profeta, durante o século XI (Ibidem).

⁶² Nascido em Córdoba (atual Espanha), Abu 'Abdulla Al-Qurtubi (1214-1273), foi um erudito Islâmico, pertencente a Escola Malekita, especializado nos dizeres do Profeta e em Jurisprudência.

No trecho acima, bin Laden apresenta suas justificativas para a obrigatoriedade da *jihad* a todos os muçulmanos, quando o inimigo invade as terras islâmicas. Será com base nessa situação de “invasão” estrangeira que bin Laden edificará a condição de inimigos para os EUA (“invasor” da Arábia Saudita) e Israel (“invasor” da Palestina). Para isso, no discurso ele vai se valer da *legitimação* via da *racionalização*; e da *dissimulação* em sua técnica de *deslocamento*.

No processo de *racionalização* do discurso, bin Laden apresenta uma série de argumentos de especialistas religiosos na tentativa de convencer o leitor que sua causa é legítima. Iniciando esta argumentação o autor, paralelamente, também se vale da operacionalização da *dissimulação* via *deslocamento*. Bin Laden, ao afirmar que “os acadêmicos religiosos em toda a história Islâmica têm concordado”, obscurece o fato que nem todos os especialistas no islã concordam com essa premissa, criando um falso consenso.

Partindo desse consenso construído, e citando autoridades religiosas, bin Laden busca demonstrar que a adesão a *jihad* é um processo natural e racional e, nesse sentido, digno de apoio. A menção de especialistas no islamismo, inclusive com fragmentos de seus escritos, corrobora o sentido de *legitimação* trabalhado no viés da *racionalização* do discurso.

A justificação para o dever religioso é amparada através da edificação de um inimigo invasor, estrangeiro, que “ataca os países Muçulmanos” e “corrói a religião e o mundo”. No caso dessa citação de Taymiyya, bin Laden articula a sua operacionalização na atualidade por meio da *eternalização*. O autor ignora o fato que essa passagem foi escrita no contexto específico dos séculos XIII e XIV, onde o mundo muçulmano via-se em permanente estado de guerra com os Mongóis. Bin Laden simplesmente emprega esse trecho de Taymiyya para a atualidade, ocultando o fato de que ele pertence e deve ser compreendido dentro do seu contexto específico.

4.3.3 Operacionalização da *jihad* contra o inimigo EUA e seus aliados

Matar Americanos e seus aliados – civis e militares - é um dever individual de todos os Muçulmanos e em todos os países, para libertar a Mesquita de Al-Aqsa [libertar a Palestina] e a Mesquita sagrada [libertar a Arábia Saudita] de sua aderência, para que seus exércitos deixem todos

os territórios do Islã, derrotados, quebrados e incapazes de ameaçarem qualquer Muçulmano.

Isto de acordo com as palavras de Deus Todo-Poderoso: “Lute contra os ídolos em qualquer tempo, se eles primeiramente atacarem você”; “Lute contra eles até que não haja mais perseguição e até que a adoração seja devotada a Deus⁶³” [grifos nossos].

Se, no trecho anterior, bin Laden trabalhava de forma teórica, acerca da obrigatoriedade da *jihad* quando o inimigo penetra em terras muçulmanas, aqui (este fragmento é a continuação do anterior) ele fala objetivamente sobre como deve ocorrer a operacionalização desta campanha. A coesão e a articulação da comunidade muçulmana são construídas com base no combate a um inimigo comum: os EUA e seus aliados.



Ilustração 8 Presença militar Norte-Americana no Oriente Médio, Ásia Central e parte da Ásia Meridional, em 2002

Fonte: Le Monde Diplomatique. Disponível em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/cartes/golfe2002>>. Acesso em 4 de novembro de 2011.

⁶³ Alcorão 2:193 e 8:39.

No discurso esses itens ganham justificativa em citações religiosas. Dessa forma, para a edificação dos EUA como inimigos, bin Laden utiliza aqui os métodos de *legitimação* via *universalização* e *narrativização*; de *unificação* através da *padronização* e da *simbolização da unidade*; de *dissimulação* por *deslocamento* e de *reificação* por *eternalização*.

Primeiramente, a *legitimação* acontece pela *universalização* da causa em questão para todos os muçulmanos. Nos trechos “(...) é um dever individual de todos os Muçulmanos (...)”, e “(...) derrotados, quebrados e incapazes de ameaçarem qualquer Muçulmano”, bin Laden universaliza sua proposta de guerra à todos os muçulmanos. Segundo Thompson (2007, p. 83), na *universalização* “acordos institucionais que servem aos interesses de alguns indivíduos são apresentados como servindo aos interesses de todos” (...).

Esta *universalização* que prega a obrigação da *jihad* para todos os muçulmanos quando o inimigo entra em território islâmico, encontra suas bases, conforme o próprio bin Laden procura evidenciar, nos escritos de Ibn Taymiyya acerca dos deveres dos muçulmanos. Essas ideias de Taymiyya, que foram retomadas pelo ex-parceiro de bin Laden, Abdullah Azzam, são fundamentais influências para a formação do pensamento do saudita, como podemos ver na passagem abaixo de Azzam:

Quando o inimigo penetra na terra dos Muçulmanos, a *jihad* torna-se obrigatória para todos (...) Quando a *jihad* torna-se obrigatória, não é necessária a autorização dos pais. [...] Doar dinheiro não isenta um indivíduo da *jihad* física, seja qual for a quantia doada. **A *jihad* é a obrigação de uma vida.** (...) A *jihad* é atualmente obrigatória para todos, em pessoa e pela riqueza, em todos os locais ocupados pelos infiéis. **Mantém-se obrigatória até que cada pedaço de terra que antes tinha sido islâmica tenha sido recuperada** [grifos nossos]. (...). (1987, s. 1, apud GUNARATNA, 2004, p. 177).

Bin Laden articula astutamente, por meio da linguagem, que essas teorizações sobre a *jihad* estejam intimamente conectadas com a realidade material, de modo a representar uma realidade onde a luta santa dos muçulmanos contra seus inimigos constitui uma obrigação para os islâmicos. Desta forma, como já foi dito, a “linguagem esta sempre presente como um suporte para a ação. Assim a palavra necessita estar representada na ação, para realiza-la, a fim de que o ato-articulado torne-se um agente social” (Debrix, 2003, p. 9).

Esta construção representacional busca credibilidade na escritura sagrada do Alcorão, como observamos no último enunciado. Nele, este processo de *legitimação* acontece pela via da *narrativização*, que transfere a autoridade e a legitimidade do texto a uma narrativa passada que naturalmente é dotada de credibilidade: “isto de acordo com as palavras de Deus Todo-Poderoso: lute contra os infiéis em qualquer tempo, se eles primeiramente atacarem você (...)”.

Igualmente, nesse enunciado bin Laden combina a *narrativização* com a técnica de *dissimulação* via *deslocamento*, afim de alterar o verdadeiro significado de “ídeos”. Este refere-se às tribos árabes politeístas comuns no período pré-islâmico, mas bin Laden articula que o termo seja associado aos cristãos norte-americanos.

Relembrando Thompson, no *deslocamento* “um termo costumeiramente usado para se referir a um determinado objeto ou pessoa é usado para se referir a um outro, e com isso as conotações positivas ou negativas do termo são transferidas para o outro objeto ou pessoa”. Assim, além de deslocar o sentido negativo que o termo EUA adquiriu junto aos muçulmanos, bin Laden também obtém o respaldo religioso para suas ações, nessa passagem do Alcorão.

Ainda em conjunto com a *narrativização* e o *deslocamento*, notamos a estratégia de *reificação* via *eternalização*. A partir dela, bin Laden articula que esta citação do Alcorão apresente-se como natural e permanente, esvaziando o seu caráter social e histórico. Segundo Thompson, na *reificação* os “processos são retratados como coisas, ou como acontecimentos de um tipo quase natural, de tal modo que o seu caráter social e histórico é eclipsado” (2007, p. 87). Dessa forma, fora de seu contexto, e dentro deste espectro atemporal, esta citação adquire um teor de legitimidade mais elevado.

Outra estratégia presente no texto é a *unificação*, onde busca-se criar uma identidade coletiva através das formas simbólicas. No texto, ela apresenta-se primeiramente pelo viés da *padronização* que visualiza-se nas passagens “matar americanos e seus aliados – civis e militares - é um dever individual de todos os Muçulmanos e em todos os países”, onde procura-se unificar os muçulmanos em torno de um inimigo comum.

A *universalização* também é demonstrada a partir da *simbolização da unidade*, onde tenta-se conectar os muçulmanos por meio de construções simbólicas que os unam. No texto, a *simbolização da unidade* constrói-se na

menção da necessidade de libertação dos locais que são sagrados para todos os muçulmanos. O interessante é que bin Laden refere-se a estes locais não pelo nome do Estado em que se encontram, mas pela denominação do local que simboliza essa identidade coletiva religiosa: a Mesquita de Al-Aqsa (no território da Palestina) e a Mesquita sagrada (no território da Arábia Saudita).

O autor ainda procura ao máximo edificar a *simbolização da unidade* em torno de suas ideias a todos os muçulmanos, ao afirmar que “os seus exércitos (dos americanos) deixem todos os territórios do islã, derrotados, quebrados e incapazes de ameaçarem qualquer Muçulmano”. Desse modo, conforme Thompson (2007, p. 86), “relações de dominações podem ser estabelecidas e sustentadas através da construção, no nível simbólico, de uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independentemente das diferenças e divisões que possa separá-los”.

Concluindo a análise deste fragmento, torna-se importante mencionar a habilidade de bin Laden em articular sua retórica com base na conjugação da *simbolização da unidade* com a *narrativização*. Como relembra Thompson (ibidem), “na prática, a *simbolização da unidade* pode estar interligada com o processo de *narrativização*, na medida em que símbolos de unidade podem ser uma parte integrante da narrativa das origens que conta uma história compartilhada e projeta um destino coletivo”.

4.3.4 Inimigos: EUA e Israel

Já não existe mais qualquer debate sobre três fatos bem conhecidos e geralmente acordados, que não requerem nenhuma prova, mas nós vamos os repetir para que as pessoas os lembrem. Eles são os seguintes:

Primeiramente, por mais de sete anos a América tem ocupado as partes mais sagradas das terras Islâmicas, a Península Arábica, pilhando sua riqueza, ditando seus líderes, humilhando seus habitantes, terrorizando seus vizinhos e transformando suas bases em uma ponta de lança, na qual pode atacar os povos Muçulmanos vizinhos.

Segundo, apesar da grande devastação infligida sob o povo Iraquiano pelas mãos da aliança Judeu-Cruzado, e apesar do terrível número de mortes – mais de um milhão – apesar de tudo isso, os Americanos estão tentando repetir esses terríveis massacres novamente, como se eles já não estivessem satisfeitos com o longo período de sanções depois dessa guerra viciosa, ou com toda a fragmentação e destruição.

Terceiro, enquanto essas guerras estão sendo travadas pelos Americanos por propósitos religiosos e econômicos, eles também servem aos interesses do **pequeno Estado Judeu, desviando a atenção** para sua **ocupação** de **Jerusalém** e o **assassinato** de **Muçulmanos lá**.

Todos esses **crimes** e **pecados** dos **Americanos** são uma **clara proclamação de guerra contra Deus, seu Mensageiro**, e os **Muçulmanos** [grifos nossos].

Nestas passagens do discurso de Osama bin Laden, a construção do conceito de inimigo aos EUA e Israel fica evidente. A fim de demonstrar esta condição, bin Laden ao longo desses parágrafos, procura através de argumentos em sequência justificar essa característica. Dentro dessa articulação, bin Laden combinará os modos de *legitimação via racionalização e universalização; reificação por eternalização e fragmentação* em seu viés de *expurgo do outro*, para tentar convencer seus leitores da condição de inimigos de EUA e Israel.

A busca por *legitimação* é ancorada, sobretudo em sua estratégia de *racionalização* do discurso. Esta manobra é a característica fundamental de suas declarações, onde o autor sempre almeja apresentar suas ideias a partir de um conjunto de entendimentos e fatos. Nos enunciados acima, bin Laden desenvolve uma cadeia de raciocínio para atestar a qualidade de inimigos para EUA e Israel, citando e comentando três motivos que comprovam esta afirmação: no primeiro, a tentativa de justificativa ocorre novamente na descrição da presença norte-americana nas terras santas da Península Arábica, e no relato de supostas tiranias perpetuadas pelos EUA aos povos muçulmanos da região.

Posteriormente, o argumento consiste na representação de modo dramático da atuação de Israel e EUA sobre o Iraque na Guerra do Golfo (1990-1991). Finalmente, a *racionalização* pode ser vista na desqualificação das motivações norte-americanas para suas intervenções na região, e na aliança dos EUA com Israel, que favorece o massacre de muçulmanos pelo segundo.

Acompanhando sua *racionalização* dentro das três situações expostas pelo autor, também verificamos a presença da *fragmentação* em seu modo de *expurgo do outro*. Na primeira, os EUA são colocados como “ocupantes” (termo que carrega um considerável teor negativo) das “partes mais sagradas das terras islâmicas”, ou seja, o “estrangeiro”, o “outro”, está invadindo e dominando os locais legítimos e religiosos de outro povo. Esta construção do “outro” como inimigo é complementada por descrições que caracterizam sua atuação na região de forma

opressora, feitas a partir dos termos “pilhando”, “ditando”, “humilhando” e “terrorizando”.

Esta linguagem de tom negativo que bin Laden emprega para representar seus oponentes cria uma realidade em que os EUA e Israel só podem ser vistos como inimigos dos muçulmanos. Por conseguinte, a visão do mundo daqueles que aderem a este discurso será decididamente influenciada por estas intensas palavras de bin Laden. Conforme Onuf: “na verdade dizer é fazer: a fala é indiscutivelmente o caminho mais importante que nós percorremos para fazermos o mundo do jeito que ele é” (1998, p. 1).

No segundo enunciado, a forma negativa de representação dos EUA e de Israel está relacionada a situações contemporâneas que são reconstruídas de modo a construir sentimentos religiosos coletivos de valor mítico. Inicialmente, notamos a tentativa de bin Laden via *eternalização* de construir a imagem negativa dos EUA e de Israel ao associá-los com as Cruzadas. Estas são retratadas como um acontecimento natural e permanente, a fim de identificar Israel e EUA como seus atuais representantes.

Em seguida, as representações negativas ocorrem através dos relatos dos danos causados ao povo iraquiano na Guerra do Golfo. Esse dano é quantificado: “mais de um milhão”, de modo a construir ainda mais a condição de atores maléficos. Também, o autor vincula os EUA a termos como “massacres”, “fragmentação” e “destruição”, que igualmente colaboram para a criação de uma imagem ruim do mesmo. Conforme Thompson (2007, p. 87), no *expurgo do outro*, o inimigo “é retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo”.

No último argumento, identificamos o *expurgo do outro*; Israel é descrito como beneficiário das ações norte-americanas e como “ocupante” de Jerusalém, da mesma forma como a ocupação dos EUA na Península Arábica é exposta como negativa aos muçulmanos. Sua edificação de inimigo também é fomentada pela execução de “assassinatos” em Jerusalém de muçulmanos.

Por fim, o autor, através da estratégia de *universalização*, anseia em universalizar a todos os muçulmanos, questões que são de natureza local ou regional. Isto ocorre na qualificação das ações norte-americanas como uma “guerra contra Deus, seu Mensageiro, e os muçulmanos”. Conforme Thompson (2007, p.

83), através da *universalização*, “acordos institucionais que servem aos interesses de alguns indivíduos são apresentados como servindo aos interesses de todos” (...).

4.4 DISCURSO DE 21 DE OUTUBRO DE 2001⁶⁴

4.4.1 A lógica da vingança e o poder financeiro como inimigo: a visão de bin Laden sobre o 11 de Setembro

No que se refere ao World Trade Center, aqueles que foram atacados e que morreram, eram parte do poder financeiro. Não foi uma escola de crianças! Nem foi uma residência. E o consenso geral é de que a maioria das pessoas que estavam nas torres eram homens que apoiavam a maior força financeira do mundo, que espalha o mal por todo o mundo. E esses indivíduos deveriam ficar diante de Deus, repensar e refazer os seus cálculos. Nós tratamos os outros da mesma forma como eles nos tratam. Para aqueles que matam nossas mulheres e nossos inocentes, nós matamos suas mulheres e inocentes, até que eles parem de fazer isso [grifos nossos].

Entre as justificativas de bin Laden para os ataques de 11 de Setembro, destacam-se as tentativas de dissimulação dos fatos, agregada concepção de vingança em sua lógica de “olho por olho, dente por dente”. Estes argumentos irão se operacionalizar a partir das estratégias de *dissimulação* através do *deslocamento*, *legitimação* via *racionalização*, e *fragmentação* por *expurgo do outro*.

Primeiramente os ataques às torres gêmeas em Nova Iorque, são apresentados como operações justas, por se tratar de ações contra o poder financeiro norte-americano e mundial, que por sua vez, representa uma força maligna. Os ocupantes das torres gêmeas são representados não como civis inocentes, mas sim como agentes do maléfico poder financeiro mundial. Neste processo, bin Laden, emprega a técnica de *expurgo do outro*, para apresentar esses trabalhadores como maus e ameaçadores. Paralelamente a essa estratégia de construção simbólica, o autor utiliza-se do *deslocamento* para transferir as conotações negativas de agentes do poder financeiro à estes trabalhadores, suprimindo os aspectos positivos que o termo civis inocentes teria neste caso.

⁶⁴ In Lawrence (2005), p. 106-129. O presente discurso constitui-se em uma entrevista de Osama bin Laden, ao jornalista Taysir Alluni.

Ainda dentro deste primeiro parágrafo, o autor articula também o mecanismo de *racionalização*, a fim de construir apoio para os referidos atentados. Ao afirmar que os mortos no World Trade Center eram agentes do poder financeiro e não civis em residências, ou escola para crianças, bin Laden racionaliza seu discurso, de modo a convencer sua audiência que os ataques de 11 de Setembro são dignos de apoio. Esta estratégia igualmente é empregada no último parágrafo, onde o argumento central que procura defender os atentados, é de que eles são apenas a justa vingança dos muçulmanos, que tiveram seus inocentes mortos primeiramente. A lógica da vingança (como veremos ao longo deste trabalho), será um dos principais tons do discurso de bin Laden, em sua busca por credibilidade junto aos muçulmanos.

4.4.2 Inimigos: Governos Árabes

Oh, vocês que acreditam! **Não tenham os Judeus e os Cristãos como aliados, eles são apenas aliados um do outro. “E se algum entre vós, os escolham como aliados, então certamente será um deles⁶⁵ (...)”**.

Os estudiosos do conhecimento têm dito que **quem escolhe os descrentes como aliados, torna-se um descrente**, e o maior pecado da aliança é favorecer sua vitória, em palavras, discussões ou escritos. **Então qualquer um que caminha atrás de Bush em sua campanha contra os Muçulmanos tem desacreditado em Deus e em seu Profeta. (...)**

(...) As nações da Cruzada foram em frente. **Qual é o interesse das nações Árabes nesta Guerra de Cruzada?** Eles se envolveram abertamente, sem disfarce, em plena luz do dia. **Eles aceitaram a governança da cruz. Qualquer um que apóia Bush, mesmo que com uma palavra, mesmo sem oferecer ajuda e assistência, e qualquer outra coisa que possa ser descrito apoio, não é nada, senão um traidor [grifos nossos].**

O discurso acima é o primeiro depois da invasão dos EUA ao Afeganistão (2001-). Ele marca também o início do endurecimento das críticas aos governantes árabes, que são vistos como aliados da guerra de Cruzada de George Bush. Dessa forma, bin Laden, no fragmento acima, busca convencer sua audiência muçulmana de que os dirigentes dos Estados árabes tem desrespeitado a Deus por sua ajuda aos cruzados e, nesse sentido, são considerados traidores. Esta articulação ocorre por *legitimação (narrativização)*, *reificação (eternalização)*, *dissimulação (deslocamento e metáfora)*, *fragmentação (diferenciação)*.

⁶⁵ Alcorão 5:51.

O fragmento acima inicia com uma passagem do Alcorão muito utilizada por bin Laden em seus discursos. Esta citação como justificativa para o repúdio dos muçulmanos aos judeus e cristãos configura-se como uma estratégia de *legitimação* sob a categoria de *narrativização*, onde uma história do passado é apresentada de modo aplicável ao presente. A proposta do autor aqui é, a partir de um argumento religioso, construir uma *legitimação* para a edificação de um inimigo. Os inimigos não são apenas os judeus e os cristãos, mas também aqueles que os auxiliam.

Juntamente com a *narrativização* bin Laden trabalha a *eternalização* desta citação, de modo que ela se apresente como natural e atemporal. Desta forma, escondendo que esta passagem pertence a um período determinado (de guerras religiosas na Arábia do século VII), bin Laden articula que esta pareça permanente e recorrente, servindo ao seu interesse de construir a imagem dos judeus e cristãos como inimigos dos muçulmanos.

No segundo enunciado observamos como bin Laden se utiliza da *dissimulação* e do *deslocamento* para retratar a ofensiva político-militar “Guerra ao Terror”, que visa combater uma parcela dos muçulmanos como uma campanha contra todos os muçulmanos. Conforme lembra Thompson, na *dissimulação* “relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou pelo fato de serem representadas de uma maneira que desvia nossa atenção, ou passa por cima de relações e processos existentes” (2007, p. 83).

Esta *dissimulação* complementa-se com a tentativa de *fragmentação* em seu viés de *diferenciação*, onde o autor emprega uma visão dualista da realidade, que concebe apenas os “crentes” e “descrentes”. Esta linguagem dualista permitirá que bin Laden, mais do que deslegitimar o poder político dos EUA condene religiosamente os muçulmanos que se associem a este Estado. O mundo que bin Laden apresenta aos muçulmanos é baseado nesta diferenciação entre “crentes” e “infiéis” que, por si só, já estipula quais os padrões de ação são permitidos ou não nesta situação. Neste sentido, “a capacidade representacional da linguagem torna possível o encontro entre indivíduo e sociedade” (Debrix, *ibidem*).

No último enunciado, bin Laden fala claramente sobre o apoio dos governantes árabes aos EUA, representados por seu presidente, Bush. O argumento do autor para a aliança das nações árabes com os EUA é novamente religioso e ocorre por meio da técnica de *dissimulação* via *tropo/metáfora*. Bin Laden

expressa que o apoio aconteceu por meio da renúncia de sua própria religião (o islã) em prol da "governança da cruz" (submissão ao cristianismo, simbolizado pelo termo "cruz").

Utilizando a *metáfora* "aceitou a governança da cruz", bin Laden anseia em edificar um caráter de subordinação dos governantes árabes para com os EUA, com o intuito de deslegitimar os primeiros, perante os muçulmanos. Comentando a estratégia de *tropo/metáfora*, Thompson afirma que a mesma:

Dissimula relações sociais através de sua representação, ou da representação de indivíduos e grupos nela implicados, como possuidoras de características que elas, literalmente não possuem, acentuando, com isso, certas características as custas de outras e impondo sobre elas um sentido positivo ou negativo (2007, p. 85)

Já a retórica de traição para quem apoia os descrentes contra os muçulmanos, pode ser identificada a partir da influência do tradicional pensador saudita Ibn Wahhab. Em sua obra *The Ten Voiders of Islam*, que sublinha as dez razões para um muçulmano ser expulso da religião, ele afirma que "o suporte ou ajude a descrentes contra Muçulmanos é apostasia" (Wiktorowicz, 2005, p. 82).

4.4.3 Inimigos: Israel

(...) **Israel, que mata nossos filhos e nossas crianças injustamente**, de modo a continuar a **governar com total controle** [sobre a Palestina]. **A hora não vai chegar até que os Muçulmanos lutem contra os Judeus e os matem.** Quando um Judeu esconde-se atrás de uma pedra ou de uma árvore, ela vai dizer: "Oh, Muçulmano, Oh, Servo de Deus! Há um Judeu atrás de mim, vá e o mate⁶⁶!" (...)
 Como eu mencionei hoje, **nós estamos em uma dura e brutal batalha**, entre **nós e os Judeus**, com **Israel sendo seu líder militar**, e seus apoiadores entre os **Sionistas⁶⁷ e Cruzados**. Então, **nós não hesitaremos em matar os Judeus que conquistaram o santuário de nosso Profeta⁶⁸** [grifos nossos].

⁶⁶ *Hadith* de al-Bukhari, número 3,593.

⁶⁷ O Sionismo é um movimento político religioso judeu, originado na Europa durante a segunda metade do século XIX, que defende o estabelecimento de um Estado judeu na região da Palestina.

⁶⁸ Bin Laden refere-se à cidade de Jerusalém, considerada o terceiro lugar mais sagrado do Islã (atrás apenas de Meca e Medina na Arábia Saudita).

Nos enunciados acima, bin Laden procura, com base na temática da ocupação israelense da Palestina e dos conflitos gerados por ela, e nas citações de passagens religiosas, retratar os judeus como inimigos dos muçulmanos. Essa tentativa é executada por meio de várias estratégias discursivas, como: *fragmentação* via *expurgo do outro* e *diferenciação*; *reificação* através da *eternalização*, *legitimação* por *narrativização*; e *unificação* através da *simbolização da unidade*.

No primeiro enunciado identificamos que a tentativa de retratar Israel como inimigo dos muçulmanos transcorre a partir da *fragmentação* e *expurgo do outro*. Este ator é representado como mau, ameaçador e opressor, através de descrições claramente negativas como “mata nossos filhos e nossas crianças injustamente”. De acordo com Thompson (2007, p. 87), nesta estratégia “dirige-se forças de oposição potencial em direção a um alvo que é projetado como mau, perigoso ou ameaçador”. Além da condenação moral, bin Laden também representa Israel como governante ilegítimo da Palestina (“continua a governar com total controle”), situação recorrente em seus discursos e responsável igualmente pela construção de Israel como inimigo dos Palestinos, e de todos os muçulmanos.

A constituição de Israel como inimigo prossegue com a apresentação de justificativas religiosas, a fim de fornecer *legitimação* para tal processo. Bin Laden, ao buscar em histórias do passado apoio para suas ideias, utiliza-se da *narrativização*. Esta estratégia, porém, somente consolida-se com o ocultamento do contexto social contido nas passagens citadas pelo autor. Este processo denomina-se *eternalização*, que pode ser verificado na tentativa de bin Laden de representar situações do passado (o combate aos Judeus) como permanentes no presente.

Segundo Thompson (2007, p. 88), na *eternalização* “fenômenos sócio históricos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem apresentados como permanentes, imutáveis e recorrentes”. O contexto de combate religioso do século VII na Península Arábica é retratado como sendo plenamente aplicável no presente.

Já no último fragmento podemos observar que a tentativa de edificação dos judeus como inimigos dos muçulmanos acontece através da modalidade *diferenciação*. Para se referir a este inimigo, bin Laden utiliza-se da lógica “nós” x “eles”, “amigo” x “inimigo”, como mecanismo para construir uma natural distinção entre os atores. Como demonstra-se em todos os seus discursos, esta *diferenciação*

é evidenciada pela apresentação do inimigo conforme sua religião. Desta forma, temos o “nós” (muçulmanos) em oposição ao “eles” (judeus).

Os apoiadores destes últimos também são caracterizados em razão de sua religião (sionistas e cruzados), de modo igualmente a reforçar a *diferenciação* entre os atores envolvidos. Relembrando Thompson (2007, p.87), a *diferenciação* “é a ênfase que é dada às distinções, diferenças e divisões entre pessoas e grupos, apoiando as características que os desunem e os impedem de constituir um desafio efetivo às relações existentes (...)”.

A *diferenciação* é complementada a partir da *simbolização da unidade*, que contribui para a identificação coletiva dos muçulmanos perante construções simbólicas que os diferenciam de outros povos e, nesse caso, dos judeus. Essa construção é muito importante, sobretudo o local em questão - a cidade de Jerusalém – tida como sagrada para as três grandes religiões monoteístas (cristianismo, judaísmo e islamismo). Esta *simbolização da unidade* pode ser verificada no trecho “o santuário de nosso Profeta”, que contribui para colocar os judeus na condição de inimigos, uma vez que o autor os representa como aqueles “que conquistaram o santuário de nosso Profeta”.

4.4.4 Inimigos: EUA e Israel

E os EUA tem se envolvido, juntamente com o seu povo novamente e novamente [contra a Palestina], e **reconhecendo e apoiando Israel (...)** **então como nós não poderíamos lutar contra eles?**

E quando o novo **Presidente Bush juntamente com o Ministro Colin Powell, afirmou logo no primeiro mês de seu governo que eles deveriam mover a Embaixada Norte-Americana de Telavive para Jerusalém, e que Jerusalém deveria ser a capital eterna de Israel**⁶⁹, o Congresso e o Senado o aplaudiu. Isto é uma hipocrisia acima de hipocrisia, e uma clara violação.

(...) **O governo Americano, que existe como um agente de Israel, e que coloca os anseios de Israel, antes dos anseios de seu próprio povo.**

O governo [Norte-Americano] irá levar o povo Americano e o Ocidente em geral a uma vida de asfixia, em um insuportável inferno, por causa do fato que ele possui laços profundos e estão sob a folha de pagamentos do lobby Sionista, que serve aos interesses de Israel [grifos nossos].

Nestes trechos, bem como em todo este discurso, a construção dos EUA como inimigo de todos os muçulmanos passa, sobretudo, por sua qualificação como

⁶⁹ Durante sua campanha presidencial em 2000, George W. Bush prometeu mover a embaixada Norte-Americana de Telavive para Jerusalém (Lawrence, 2005, p. 114).

principal aliado de Israel. A presença norte-americana na Península Arábica e sua influência sobre os governos árabes são mencionados, mas o foco de bin Laden ocorre na tentativa de colocar os EUA como franco apoiador de um Estado que, segundo o autor, massacra e oprime os muçulmanos na Palestina. Para tentar convencer sua audiência desta situação, bin Laden busca *legitimação* através da técnica de *racionalização*.

Relembrando Thompson, na *racionalização* acontece “uma cadeia de raciocínio que procura defender, ou justificar, um conjunto de relações ou instituições sociais, e com isso persuadir uma audiência de que isso é digno de apoio (2007, p. 82-83)”. Neste processo argumentativo, bin Laden elenca e trabalha três razões pelas quais os EUA são caracterizados como íntimos aliados de Israel e, nesse sentido, contribui ainda mais (considerando sua presença na Península Arábica e sua influência sobre os governantes árabes) para sua constituição de inimigo dos muçulmanos.

O primeiro argumento é o apoio e reconhecimento político do Estado de Israel⁷⁰ pelos EUA, o que, na visão de bin Laden, configura-se como uma afronta aos Palestinos e aos muçulmanos⁷¹ em geral. Partindo desse pressuposto, o autor interroga “então como nós não poderíamos lutar contra eles?”

A segunda razão exposta por bin Laden para caracterizar o alinhamento incondicional norte-americano a Israel como uma ameaça aos muçulmanos refere-se às posições de George W. Bush em relação ao status político de Jerusalém como capital indivisível de Israel. Atualmente, apesar de Israel considerar Jerusalém como sua capital eterna⁷², esta não é reconhecida por nenhum Estado, sendo a iniciativa

⁷⁰ De acordo com o Ministério de Relações Exteriores de Israel, atualmente não reconhecem o Estado de Israel ou não mantêm relações diplomática com Israel: Afeganistão, Arábia Saudita, Argélia, Bahrein, Bangladesh, Bolívia, Butão e Brunei, Chade, Comores, Coreia do Norte, Cuba, Djibuti, Emirados Árabes Unidos, Guiné, Iêmen, Indonésia, Irã, Iraque, Kuwait, Líbano, Líbia, Malásia, Marrocos, Mali, Mauritânia, Níger, Omã, Paquistão, Qatar, Síria, Somália, Sudão, Tunísia e Venezuela <<http://www.mfa.gov.il/MFA/About+the+Ministry/Diplomatic+missions/Israel-Diplomatic+Missions+Abroad.htm#note>>.

⁷¹ Dos aproximadamente cinquenta Estados com maioria muçulmana, trinta (60%) não reconhecem o Estado de Israel ou não possuem relações diplomáticas com este.

⁷² Em dezembro de 1949, Israel declarou Jerusalém como sua capital. Juridicamente, a Lei sobre Jerusalém (de julho de 1980) afirma que “Jerusalém completa e unida, é a capital de Israel”. Disponível em: <[http://www.mfa.gov.il/MFA/MFAArchive/1980_1989/Basic%20Law-%20Jerusalem-%20Capital%20of%20Israel](http://www.mfa.gov.il/MFA/MFArchive/1980_1989/Basic%20Law-%20Jerusalem-%20Capital%20of%20Israel)>

israelense condenada pela ONU⁷³. Dessa forma, trabalhando sob um fato que é desaprovado mundialmente (sobretudo no mundo muçulmano), bin Laden tenta vincular os EUA à ação unilateral de Israel.

Nos dois últimos enunciados, bin Laden busca construir, perante os muçulmanos, que os EUA são “agentes de Israel”, favorecendo esta nação mais do que a primeira. Como argumento para essa *racionalização* do discurso, o autor apresenta a atuação do lobby judeu nos EUA como tentativa de convencer o leitor da condição de pleno favorecimento dos EUA a Israel.

4.4.5 Outros inimigos: Japão, Austrália e Alemanha

Então, qualquer nação que una-se as trincheiras Judaicas, tem apenas a si mesmo para culpar. (...) Qual o interesse do Japão? O que está fazendo o Japão juntar-se a esta dura, forte e feroz guerra? É uma violação flagrante de nossas crianças na Palestina, e o Japão não predisse que estaria em guerra contra nós, então ele deveria rever esta posição. Qual é o interesse da Austrália no extremo sul, em relação aos fracos Afegãos? E em relação aos fracos Palestinos? Qual é o interesse da Alemanha nesta guerra? Além da descrença, isto é uma guerra, como as guerras anteriores, um ressurgimento das Cruzadas [grifos nossos].

Em sua construção de inimigos, bin Laden edifica de forma veemente os judeus e cristãos, critica de forma menos contundente os governantes árabes e, também, de forma indireta, pontua outras nações que se encaixam nesse rótulo. Para ele, a justificativa para outras nações envolverem-se como aliados dos EUA na invasão do Afeganistão (2001-) e/ou apoiarem a política externa de Israel em relação aos Palestinos, remete a uma reedição dos conflitos das Cruzadas.

Para sustentar esse argumento que contribui para a construção de outros/novos inimigos, o autor utiliza-se, em seu discurso, da estratégia de *legitimação* via *narrativização*. Para se referir a algumas nações que apoiam diretamente os EUA ou Israel, bin Laden questiona e desqualifica as motivações desses Estados, procurando associar essas alianças ao período das Cruzadas.

Desse modo, com base mais uma vez na *narrativização*, o orador busca construir o apoio e a credibilidade de sua causa, através do emprego e associação

⁷³ A Resolução 478 do Conselho de Segurança da ONU considerou nula a Lei sobre Jerusalém, aconselhando os Estados-membros da organização a deslocar suas representações de Jerusalém para Telavive. Disponível em: <<http://daccess-dds-ny.un.org/doc/RESOLUTION/GEN/NR0/399/71/IMG/NR039971.pdf?OpenElement>>.

de termos históricos e marcantes dentro do universo simbólico do islã, como “Cruzadas”, para atores contemporâneos. A edificação desses inimigos “secundários” segue, assim, o mesmo processo de construção dos inimigos principais (EUA e Israel): a redução de todas as animosidades ao espectro das rivalidades religiosas entre muçulmanos e as demais religiões.

4.4.6 A batalha contra os inimigos cruzados globais

E eles fizeram isso [os ataques de 11 de Setembro] por causa de nossas palavras – e nós tínhamos anteriormente incitado e motivado eles a agirem – em autodefesa, defesa de nossos irmãos e filhos na Palestina, e para libertar nossos santuários sagrados.

(...) Eu digo que **a batalha não é entre a organização da Al-Qaeda e os Cruzados globais**. Em vez disso, **a batalha é entre Muçulmanos** – as pessoas do Islã - **e os Cruzados globais**.

(...) **Então a situação não é a que o Ocidente retrata: que exista uma “organização” com um específico nome, como “Al-Qaeda”, e assim por diante.** (...) **Nós não somos separados da ummah**. Nós somos as crianças da *ummah*, e uma parte inseparável das manifestações públicas que se espalham do extremo Oriente, das Filipinas, à Indonésia, à Malásia, à Índia, ao Paquistão, até à Mauritânia – e assim **nós estamos discutindo as consciências de nossa ummah** [grifos nossos].

Nestes fragmentos, bin Laden reitera a condição da Al-Qaeda de “inspiradora” dos muçulmanos, bem como procura universalizar o confronto entre todos os muçulmanos e os inimigos cruzados. Para tanto, o autor utiliza-se das categorias de *legitimação (universalização)*, *reificação (eternalização)*, *fragmentação (diferenciação)* e *unificação (simbolização da unidade)*.

No primeiro enunciado, notamos que bin Laden preocupa-se em universalizar sua causa para todos os muçulmanos, de modo que o seu próprio movimento político-religioso oculte-se diante das demandas da causa em questão. Esta estratégia é coerente com o conceito de vanguarda revolucionária islâmica, que bin Laden herdou de pensadores como Mawdudi e Azzam.

Esta vanguarda, mais do que um grupo organizacional estrito, seria um movimento de conscientização político-espiritual do islã. Neste movimento, a atenção não deve ser voltada para o grupo que “organiza” essas ações mas, sim, nos efeitos que ela desperta na comunidade islâmica.

Para a operacionalização deste movimento em seu discurso, bin Laden utiliza primeiramente do viés da *universalização* da estratégia de *legitimação*. Ao

apresentar a luta contra os cruzados como uma batalha de todos os muçulmanos e não apenas dos membros da Al-Qaeda, o autor universaliza uma situação que diz respeito a um grupo de indivíduos, a toda uma religião.

Nesse momento, bin Laden novamente vale-se da *eternalização* que o termo “cruzado” adquire. Ao empregar repetidamente o vocábulo “cruzado” para a contemporaneidade, o autor transforma-o em natural e recorrente, excluindo seu caráter histórico. Thompson, na *eternalização*, ao comentar as tradições que parecem prolongar-se ao passado afirma que “elas se cristalizam na vida social, e seu caráter aparentemente a-histórico é reafirmado através de formas simbólicas que, na sua construção, como também na sua pura repetição, eternalizam o contingente” (2007, p. 88).

Paralelamente o orador reforça as distinções entre os inimigos dos muçulmanos. Por meio da *fragmentação* e da *diferenciação* bin Laden ressalta as divisões religiosas entre os combatentes de sua batalha: de um lado “nós”, os muçulmanos, e do outro “eles”, os cruzados cristãos.

No último fragmento, o autor busca a *unificação* de suas ideias perante os muçulmanos, através da *simbolização da unidade*. Esta construção dá-se com base na afirmativa de que muito além de uma organização intitulada Al-Qaeda, há uma comunidade de fiéis (*ummah*) que une todos os muçulmanos. Para Thompson (2007, p. 86), a *simbolização da unidade* envolve “a construção de símbolos de unidade, de identidade e de identificações coletivas” (...).

A intenção do autor é transmitir ao público que o seu movimento de vanguarda está intimamente conectado com a comunidade islâmica. Ao afirmar que “nós estamos discutindo a consciência de nossa *ummah*”, bin Laden anseia em consolidar um grupo de elite entre os muçulmanos, capaz de realizar o verdadeiro “despertar islâmico”.

4.4.7 O combate ao inimigo cruzado para a instalação do Califado islâmico

Eu garanto que **nós somos parte desta *ummah***, que **nosso objetivo** é a vitória da *ummah*, e a luta é para remover a injúria, desigualdade, irresponsabilidade e para enfatizar a importância de evitar essas coisas, e para **remover as leis feitas pelo homem que a América tem forçado sob os seus colaboradores na região, de modo que nossa *ummah* possa ser governada pelo Livro que foi enviado por seu Criador, Deus.**

(...) Então eu digo, em geral, **nossa preocupação é ter nossa *ummah* unida sobre as Palavras do Livro de Deus ou de Seu Profeta, e sobre essa nação deve estabelecer-se o justo Califado de nossa *ummah***, o qual é profetizado pelo nosso Profeta em seu autêntico *hadith*: o justo califa irá retornar com a permissão de Deus.

A *ummah* é urgida a unir-se em razão dessa campanha Cruzada, a mais forte, mais poderosa, e mais feroz campanha Cruzada a cair sobre a *ummah* Islâmica, desde o amanhecer da história Islâmica. Tem existido guerras de Cruzadas anteriores, mas nunca ouve uma campanha como esta, anteriormente [grifos nossos].

Na batalha contra os cruzados bin Laden articula aqui as ações do inimigo EUA no mundo islâmico, como o impedimento da união da comunidade muçulmana, sob a bandeira do Califado islâmico. A imposição norte-americana para que os governos árabes adotem leis não religiosas, e as campanhas das Cruzadas (lideradas pelos EUA) contra os muçulmanos, são apresentadas como os motivos para a união da comunidade islâmica contra o inimigo EUA. Para justificar essa posição, bin Laden vale-se das técnicas de *unificação* (*simbolização da unidade e padronização*) e *legitimação* (*narrativização*).

No primeiro enunciado, bin Laden busca articular seu objetivo de substituir as atuais leis que vigoram no mundo islâmico pela lei divina da *sharia*, através da tentativa de *unificação* dos muçulmanos. Notamos que o autor, trabalhando o conceito de *ummah*, utiliza-se de mecanismos de *simbolização da unidade* para construir uma identidade comum aos muçulmanos.

Juntamente com essa estratégia observamos a tentativa de conectar todos os muçulmanos a partir de um princípio padrão a todos eles: o uso exclusivo da lei islâmica. Isto é expresso na *padronização*, onde “formas simbólicas são adaptadas a um referencial padrão, que é proposto como um fundamento partilhado e aceitável de troca simbólica” (Thompson, 2007, p. 86).

Esta lei islâmica é oriunda de um livro comum aos muçulmanos, o Alcorão, que contém a palavra do Deus. Nesse sentido, bin Laden deseja unificar todo os muçulmanos dentro de seu objetivo de substituir as leis feitas pelo homem, pela lei islâmica. Este objetivo passa conseqüentemente pela edificação do inimigo que impede esse processo: os EUA.

A forma política que bin Laden almeja institucionalizar, a partir do emprego da *sharia* islâmica, perante a comunidade muçulmana, é o Califado islâmico. Para tanto, novamente ele utiliza-se da estratégia de *simbolização da unidade* a fim de estabelecer uma relação de identificação entre todos os

muçulmanos. Isto ocorre a partir das formas simbólicas coletivas “*ummah*”, “Livro de Deus” e “Califado”.

Complementando a *simbolização da unidade* temos a busca de *legitimação* do objetivo político do Califado por meio da estratégia de *narrativização*. A justificativa para a implantação do Califado é proposta com base em histórias que reafirmam um passado onde os muçulmanos se identificam coletivamente, de modo a fornecer legitimidade para a ideia. Esta combinação de *simbolização da unidade* e *narrativização* segundo Thompson:

É muito comum, não apenas no caso de organizações sociais de grande porte, tais como os modernos Estados-nação, mas também no caso de pequenas organizações e grupos sociais que são mantidos agrupados, em parte, por um processo contínuo de unificação simbólica, através da qual uma identidade coletiva é criada e continuamente reafirmada (2007, p. 86).

Esta identidade coletiva que bin Laden tenta edificar é conclamada a resistir ao inimigo representado pelos cruzados. A *ummah* é chamada a unir-se diante do inimigo cruzado, que é fomentado por meio da técnica de *expurgo do outro*. Esse oponente é apresentado como representando a maior ameaça para os muçulmanos, em sua história de conflitos.

Dessa forma, a ameaça externa é a razão condicionante para a união da comunidade muçulmana. Conforme Thompson (2007, p. 87), “essa estratégia, muitas vezes, sobrepõe-se com estratégias que têm como fim a *unificação*, pois o inimigo é tratado como um desafio, ou ameaça, diante do qual as pessoas devem se unir”.

4.5 DISCURSO DE 3 DE NOVEMBRO DE 2001⁷⁴

4.5.1 A construção da “Guerra ao Terror” como “Guerra aos muçulmanos”

A demonstração em massa do ponto mais Oriental do mundo Islâmico ao ponto mais Ocidental, da Indonésia, das Filipinas, Bangladesh, Índia e Paquistão ao mundo Árabe e finalmente à Nigéria e Mauritània, **mostram que essa guerra é fundamentalmente de natureza religiosa. Os**

⁷⁴ In Lawrence (2005), p. 133-138.

Muçulmanos do Oriente tem respondido e simpatizado com outros Muçulmanos contra o povo Cruzado do Ocidente.

Aqueles que tentam esconder essa clara e evidente realidade, a qual o mundo inteiro sabe que é verdade, estão enganando a nação Islâmica e tentando desviar sua atenção para a verdadeira natureza da luta. Essa realidade é estabelecida no livro de Deus Todo-Poderoso e nos ensinamentos de nosso Profeta.

Nós não podemos ignorar essa hostilidade entre nós e os infiéis, já que a mesma é doutrinal. Nós devemos mostrar lealdade aos crentes e àqueles que professam que não há deus senão Deus, e nós devemos renunciar aos idolatras, infiéis e heréticos (contra os quais eu busco a ajuda de Deus). **Deus Todo-Poderoso diz: “E os Judeus e os Cristãos não se satisfarão com você, até que você siga a fé deles⁷⁵”.** Então a questão é sobre fé e doutrina, não uma “Guerra ao Terror”, como Bush e Blair descrevem-na (...) [grifos nossos].

Nos trechos acima fica evidente a tentativa de bin Laden de representar e construir uma realidade alternativa ao significado da “Guerra ao Terror”. O autor busca expor que as motivações da Guerra ao Terror são religiosas e não políticas, como afirmam os governantes dos países que lideram esta coalizão. Para bin Laden, não se trata de uma guerra contra o terrorismo e sim uma guerra religiosa dos cristãos e judeus contra os muçulmanos. Dentro desse processo construtivo poderemos observar, em virtude da complexidade dessa tarefa, todos os modos gerais de operacionalização das categorias de operação da ideologia propostas por Thompson: *unificação (padronização e simbolização da unidade)*; *dissimulação (deslocamento)*; *fragmentação (diferenciação)*; *legitimação (narrativização)* e *reificação (eternalização)*.

Inicialmente, bin Laden preocupa-se em unificar o mundo islâmico diante da ameaça representada pelos cristão e judeus, líderes do Ocidente. Apresentando a solidariedade entre os muçulmanos do Ocidente ao Oriente, o autor busca a *padronização* desse grupo religioso em torno do perigo representado pelos cruzados. Conforme Thompson (2007, p. 86), na *padronização* “formas simbólicas são adaptadas a um referencial padrão, que é proposto como um fundamento partilhado e aceitável de troca simbólica”.

Enquanto articula essa *padronização* para os muçulmanos, bin Laden vale-se do *deslocamento*, tanto no primeiro quanto no segundo enunciado, para dissimular o verdadeiro sentido da guerra. Com o *deslocamento*, o autor desvia a atenção do fato principal, o combate aos grupos armados (destacadamente os de

⁷⁵ Alcorão, 2:120.

orientação islâmica), então qualificados de “terroristas”, para a luta contra todos os muçulmanos. Nesta *dissimulação* as conotações negativas da guerra religiosa contra os muçulmanos realçam-se diante do obscurecimento do caráter político da operação. Desta forma desloca-se o sentido negativo de um termo para o outro.

No segundo enunciado observamos que enquanto trabalha o *deslocamento* da natureza da guerra, bin Laden procura novamente unificar os muçulmanos dentro de sua versão dos acontecimentos. Isto ocorre com base na *simbolização da unidade*, onde termos simbólicos que remetem a uma identidade coletiva são aplicados a fim de construir-se uma identificação nesse sentido. Os termos empregados de “nação islâmica”, “livro de Deus Todo-Poderoso” e “nosso Profeta”, possuem um alto valor simbólico e buscam nesse sentido construir uma coesão entre todos os muçulmanos diante do inimigo cruzado-judeu.

Já no último fragmento surgem conjuntamente as estratégias de *diferenciação*, *narrativização* e *eternalização*. Na primeira acontece a tentativa de segmentação dos cristãos e judeus frente aos muçulmanos, a partir da ênfase de características que os distinguem. Bin Laden utiliza termos dualísticos que se constroem com base na renúncia do outro: primeiramente “nós x infiéis” e depois “crentes x idolatras, infiéis e heréticos”. Com base nessas prerrogativas edifica a impossibilidade de harmonia entre os grupos.

Na *narrativização* ocorre a busca por *legitimação* em histórias do passado para esta condição de inimigo dos cristãos e judeus, a partir de uma citação do Alcorão. Este mecanismo estratégico é articulado paralelamente com a *eternalização*, que transforma a referida passagem em algo atemporal, desconsiderando, uma vez mais, que a mesma é produto de contexto histórico específico e, dessa forma, precisa ser compreendida na luz desses acontecimentos.

4.5.2 O inimigo Russo

Então olhem para os recentes eventos, por exemplo, na Chechênia. A **nação Muçulmana tem sido** atacada pelo **predador Russo, o qual acredita na crença Cristã Ortodoxa**. Os Russos tem **exterminado um povo inteiro** e forçado eles a irem às montanhas, onde **eles têm sido devorados pela doença e pelo inverno congelante**, e até agora ninguém tem feito nada sobre isso.

(...) Olhem para a **segunda guerra da Chechênia**⁷⁶ que ainda está em andamento atualmente. (...) Há um ano, **Putin chamou os Cruzados e Judeus para apoiá-lo**, dizendo a eles que eles deveriam apoiá-lo e **agradecendo eles pela guerra contra o Islã** [grifos nossos].

A Rússia, nos discursos de bin Laden, é normalmente apresentada como inimiga dos muçulmanos de forma indireta, através da menção da situação de opressão na Chechênia. Aqui, porém, bin Laden dedica-se objetivamente a construir a imagem dos russos como inimigos dos muçulmanos chechenos e, conseqüentemente, de toda a nação muçulmana. Para tanto, o autor busca, novamente, edificar uma realidade onde os chechenos são largamente oprimidos pelos russos, por meio de distorções dos fatos. Isto ocorre a partir de suas estratégias de *legitimação (universalização)*, *fragmentação (diferenciação e expurgo do outro)*, *reificação (eternalização)* e *dissimulação (deslocamento)*.

Primeiramente, o autor procura descrever o conflito entre chechenos e russos como sendo entre muçulmanos (nação muçulmana) e russos. Percebe-se aqui o emprego do mecanismo *legitimação via universalização*, uma vez que um confronto localizado é externalizado a toda uma comunidade religiosa. Dentro desta representação dos atores envolvidos nas animosidades, bin Laden também vale-se da estratégia do viés de *diferenciação da fragmentação*. A Rússia é identificada pela religião cristã ortodoxa, de modo a ressaltar as diferenças religiosas para com os chechenos muçulmanos. Esta opção de *diferenciação* procura ao reduzir o conflito à esfera religiosa, associar o inimigo russo (cristão ortodoxo) aos inimigos cruzados (cristãos).

⁷⁶ Como resultado direto da Segunda Guerra da Chechênia (agosto de 1999 - maio de 2000), a Rússia retomou o controle efetivo da região em maio de 2000, porém focos da insurgência Chechena continuam até hoje.

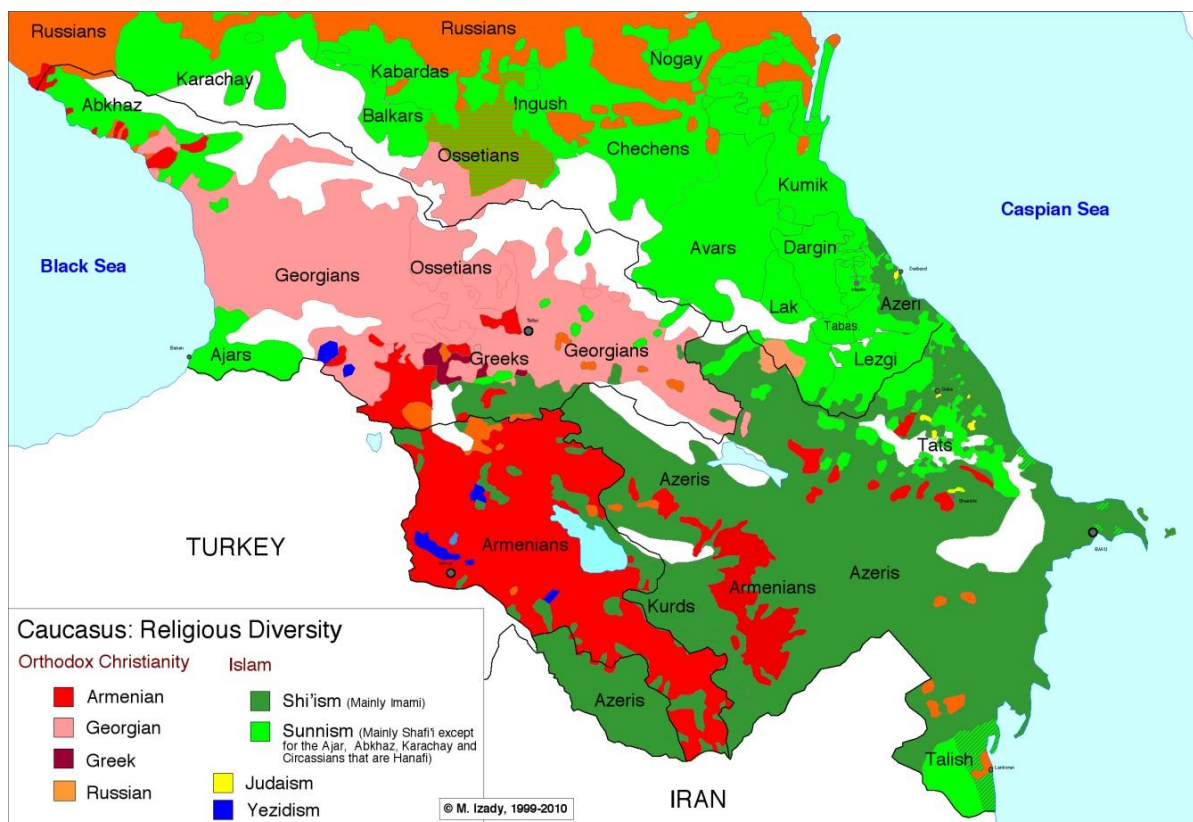


Ilustração 9 Diversidade religiosa da região do Cáucaso

Fonte: Geo Currents Community. Disponível em: http://geocurrentscommunity.blogspot.com/2010/12/fighting-islam-with-islam-sufi-and_08.html. Acesso em 15 de novembro de 2011.

Ainda no primeiro enunciado observamos que além da característica religiosa, o inimigo russo é construído como aterrorizador e opressor, por meio dos termos “predador”, “exterminando” e “forçado”. Isto demonstra a utilização do *expurgo do outro*, onde o inimigo “é retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo” (Thompson (2007, p. 87).

Já no último fragmento, bin Laden ampara-se na *dissimulação* via *deslocamento* para se referir ao apoio dos EUA e de Israel (que representa como cruzados e judeus) à Rússia, dentro da “Guerra ao Terror”, a qual o autor qualifica de “Guerra contra o islã”. Esta transformação de um conflito político em religioso é fomentada pela *eternalização* dos termos cruzados e judeus.

Assim, bin Laden tenta deslegitimar a ação russa na Chechênia⁷⁷, ao identificá-la como uma guerra contra o islamismo. Desta forma, por meio do *deslocamento* “um

⁷⁷ Valendo-se da realização em nível mundial da ofensiva político-militar Guerra ao Terror a partir de outubro de 2001, o governo Russo tem empregado o rótulo de “terrorismo” para deslegitimar o movimento independentista Checheno.

termo costumeiramente usado para se referir a um determinado objeto ou pessoa é usado para se referir a um outro, e com isso as conotações positivas ou negativas do termo são transferidas para o outro objeto ou pessoa” (Thompson, 2007, p. 83).

4.6 NOVEMBRO DE 2002⁷⁸

4.6.1 Inimigos secundários: aliados estrangeiros dos EUA e Israel

(...) Os eventos que tem ocorrido desde os ataques à Washington e Nova Iorque, como a **morte de Alemães na Tunísia⁷⁹**, de **Franceses em Karachi⁸⁰**, o **bombardeio ao navio-tanque Francês no Iêmen⁸¹**, a **morte de marinheiros em Failaka⁸²**, a **morte de Britânicos e Australianos nas explosões de Bali⁸³**, a **recente operação em Moscou⁸⁴**, e várias outras operações aqui e ali: **são as reações perpetradas pelos zelosos filhos do Islã na defesa de sua religião e em resposta as ordens de seu Senhor e de seu Profeta.**

O que Bush – o faraó desta era – **está fazendo, matando nossos filhos no Iraque, e o que o aliado da América, Israel, está fazendo, usando aviões Americanos para bombardear casas na Palestina contendo idosos, mulheres e crianças**, era suficiente para que os sensatos líderes entre vocês distanciem-se dessa gangue criminosa (...) [grifos nossos].

⁷⁸ In Lawrence (2005), p. 173-175.

⁷⁹ Em 11 de abril de 2002, um enorme caminhão-bomba foi detonado na Sinagoga de Ghriba (de 2000 anos de idade), na ilha Tunisiana de Djerba, matando catorze Alemães, seis Tunisianos, um Francês e ferindo cerca de trinta pessoas (Lawrence, 2005, p. 173).

⁸⁰ Cidade situada no Sul do Paquistão. Em 08 de maio de 2002, um homem bomba explodiu um carro perto de um ônibus, matando onze Franceses, dois Paquistaneses e ferindo cerca de quarenta pessoas (Lawrence, 2005, p. 174).

⁸¹ Em 06 de outubro de 2002, o navio petroleiro Francês *Limburg*, carregado com 397 mil barris de petróleo cru, foi atacado por um bote cheio de explosivos no Golfo de Áden. Um tripulante Búlgaro foi morto, outros doze foram feridos, e 97 mil barris de petróleo foram lançados no oceano (ibidem).

⁸² Ilha do Kuwait. Em 08 de outubro de 2002, durante um exercício da Marinha dos EUA nesta ilha, dois Kuwaitianos abriram fogo contra as tropas Norte-Americanas, matando um e ferindo dois Norte-Americanos (ibidem).

⁸³ Ilha da Indonésia. Em 12 de outubro de 2002, três bombas foram detonadas nesta ilha, matando duzentas e duas pessoas e ferindo duzentas e nove, incluindo oitenta e nove Australianos, trinta e oito Indonésios e vinte e seis Britânicos (ibidem).

⁸⁴ Em 23 de outubro de 2002, quarenta Chechenos armados tomaram o controle do Teatro Dubrovka em Moscou, sequestrando setecentas pessoas. Na manhã de 26 de outubro, as forças do Governo Russo invadiram o local, que teve por fim a morte dos quarenta rebeldes Chechenos e de cento e vinte e oito reféns. O comandante Checheno Shamil Basayev reivindicou a autoria do ataque (ibidem).

(...) Este Rumsfeld⁸⁵, o carniceiro do Vietnã, é responsável por dois milhões de mortes, bem como pelo ferimento de muitos outros. Como Cheney⁸⁶ e Powell⁸⁷, eles têm repetido mais assassinatos e destruição em Bagdá do que Hulagi, o Tártaro⁸⁸.

Por que seus governos, especialmente os da Inglaterra, França, Itália, Canadá, Alemanha e Austrália, se aliaram com a América em seus ataques no Afeganistão? Nós alertamos a Austrália, antecipadamente, para não fazer parte da guerra no Afeganistão, bem como suas tentativas vergonhosas de separar o Timor Leste, mas ela ignorou os avisos até que acordou com o som das explosões em Bali (...)

Se dói para você, ver suas vítimas e as vítimas de seus aliados na Tunísia, Karachi, Failaka e Omã, então lembre-se que nossas crianças são assassinadas diariamente na Palestina e no Iraque, lembre-se de nossas vítimas nas mesquitas de Khost, e o deliberado assassinato de nosso povo em casamentos no Afeganistão⁸⁹. Se dói pra você ver suas vítimas em Moscou, então lembre-se das nossas na Chechênia.

(...) Isto é injustiça. O tempo chegou para resolver essas demanda: da mesma forma que você mata, assim você deve ser morto; assim como você bombardeia, assim você deverá ser bombardeado, e haverá mais por vir [grifos nossos].

Os aliados dos EUA e de Israel são o objeto deste discurso de Osama bin Laden. Diretamente, são apontados como inimigos os Estados que integram a coalização internacional que invadiu o Afeganistão em 2001: Inglaterra, França, Itália, Canadá, Alemanha e Austrália (que também é condenada por sua participação no processo de independência do Timor Leste⁹⁰). Indiretamente, a Rússia é designada como inimiga em razão de sua atuação na Chechênia.

A imagem de “inimigos” para estes Estados será criada a partir do destaque de seu apoio aos inimigos tradicionais (EUA e Israel) que, por sua vez, terão essa condição realçada por meio da estratégia de *fragmentação* via *expurgo do outro*. Já para o combate dos aliados dos norte-americanos e israelenses, o autor

⁸⁵ Donald Rumsfeld foi Chefe da Representação Americana na Organização do Atlântico Norte (1973-1974) e Chefe de Gabinete da Casa Branca (1974-1975) durante a Guerra do Vietnã (1959-1975) e Secretário de Defesa (2001-2006) durante o Governo George Bush.

⁸⁶ Richard Bruce "Dick" Cheney foi o Vice-Presidente (2001-2009) dos EUA, durante o governo George Bush.

⁸⁷ Colin Luther Powell foi Secretário de Estado (2001-2005) durante o governo George Bush.

⁸⁸ Neto de Genghis Khan, o governante Mongol Hulagu Khan (1217-1265) conquistou boa parte do Sudoeste da Ásia, destruindo muitos Estados Muçulmanos. Ele saqueou Bagdá em 1258, matando cerca de duzentos e cinquenta mil habitantes (ibidem).

⁸⁹ Em 1º de julho de 2002, um ataque errado dos EUA atingiu uma casa que estava sediando um casamento, na província de Oruzgan (região central do Afeganistão), matando 30 pessoas e ferindo cerca de 40 (Lawrence, 2005, p. 175).

⁹⁰ Ex-colônia Portuguesa, o Timor Leste tornou-se independente em 1975, mas foi invadido pela Indonésia logo depois, que anexou o território ao seu Estado. Independente da Indonésia em maio de 2002, o Timor Leste é um país majoritariamente Católico, enquanto que sua vizinha Indonésia possui maioria muçulmana. A crítica de bin Laden deve-se então a ação decisiva da Austrália no processo que resultou na perda de um território da Indonésia muçulmana.

procurará *legitimação* através do mecanismo de *racionalização* do discurso, onde a lógica da vingança é apresentada como justificativa válida para tais fins.

Bin Laden inicia o discurso apontando os ataques que os aliados dos EUA e de Israel sofreram recentemente. No segundo e terceiro enunciados, EUA e Israel são representados como inimigos a partir da construção simbólica de *expurgo do outro*. O então Presidente dos EUA, George Bush, é caracterizado como o “faraó⁹¹” que mata as crianças no Iraque, ou seja, é apresentado como mau. O seu principal aliado local; Israel é retratado como bombardeador de casas que contém civis muçulmanos.

Outros nomes importantes do Governo Bush, como Donald Rumsfeld, Dick Cheney e Colin Powell, também são representados de maneira extremamente negativa, ao serem responsabilizados por milhares de assassinatos. Relembrando Thompson, o *expurgo do outro*: “envolve a construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo” (2007, p. 87).

Após a construção dos EUA e de Israel como inimigos, bin Laden questiona o apoio de outros governos à invasão do Afeganistão. O autor, então, como parte de seus esforços para edificar a imagem desses outros Estados como “inimigos”, enumera uma série de situações onde os muçulmanos foram atacados direta ou indiretamente por Inglaterra, França, Itália, Canadá, Alemanha, Austrália e Rússia.

Com base nesses dados, bin Laden vale-se do princípio da vingança para obter *legitimação* para poder atacar esses Estados. Percebe-se que essa lógica de vingança é empregada numa tentativa de *racionalização* do discurso, uma vez que ela serve de justificativa para persuadir a audiência da necessidade de apoio às demandas de bin Laden. Este princípio de revanche fica muito claro em todos os enunciados e, em especial, no encerramento dos mesmos: “da mesma forma que você mata, assim você será morto; assim como você bombardeia, assim você será bombardeado”.

⁹¹ Título atribuído aos reis do Egito Antigo que tinham ao mesmo tempo o estatuto de divindade. Para os muçulmanos radicais, o termo é negativo, uma vez que a única divindade aceita é Deus.

4.7 14 DE FEVEREIRO DE 2003⁹²

4.7.1 A representação do 11 de Setembro como indicador do declínio dos EUA

(...) Então eles atacaram o inimigo com seus próprios aviões em uma brava e bonita operação, a qual a humanidade nunca havia visto antes, destruindo os ídolos da América. Eles atingiram profundamente o Ministério da Defesa, e eles acertaram a economia Americana diretamente em seu coração.

Eles esfregaram o nariz da América na sujeira, e limparam sua arrogância na lama. Quando as torres gêmeas de Nova Iorque colapsaram, algo ainda maior e mais enorme colapsou com elas: o mito da grande América e o mito da democracia. Tornou-se claro que todos os valores Americanos são os mais baixos, e que o mito da “terra da liberdade” estava destruído, bem como o mito da segurança nacional Americana e da CIA, todas as preces e glória a Deus [grifos nossos].

Neste trecho, bin Laden busca associar o sucesso dos ataques de 11 de Setembro, à fraqueza dos valores norte-americanos. Para esta construção, ele vale-se plenamente da estratégia de *dissimulação*, empregando os seus três mecanismos de ação: *eufemização*, *deslocamento* e *metáfora*.

O autor inicia empregando a técnica de *eufemização*, ao conceder às ações do 11 de Setembro, um caráter extremamente virtuoso. De acordo com Thompson (2007, p. 84), neste método, “ações, instituições ou relações sociais são descritas ou reescritas de modo a despertar uma valoração positiva”. Nesse sentido, as expressões “brava e bonita operação” e “a qual a humanidade nunca havia visto antes”, contribuem para a construção de uma representação positiva destes ataques aos EUA perante os muçulmanos.

Ainda na primeira frase deste enxerto, podemos observar também a tentativa de bin Laden de dissimular a condição de religiosidade dos EUA, associando-a a termos tradicionalmente negativos para os muçulmanos. Ao referir-se aos norte-americanos como “ídolos”, o autor automaticamente transfere o sentido negativo que esse termo carrega (conforme exposto anteriormente), para os EUA, obscurecendo o fato que este termo na verdade não se aplica a esta nação. Assim, o *deslocamento* contribui para a construção dos EUA como ídolos, ou seja, como inimigo dos muçulmanos.

⁹² In Lawrence (2005), p. 186-206.

Por fim, bin Laden a fim de construir uma realidade de declínio dos EUA e de superavaliação dos militantes do 11 de Setembro, utiliza-se largamente de *metáforas*. Estas segundo Thompson (2007, p. 85) podem:

Dissimular relações sociais através de sua representação, ou da representação de indivíduos ou grupos nelas implicados, como possuidoras de características que elas, literalmente, não possuem, acentuando, com isso, certas características que elas às custas de outras e impondo sobre elas um sentido positivo ou negativo.

No texto, observamos que a exaltação dos militantes extremistas transcorre por meio das *metáforas*: “acertaram a economia Americana diretamente em seu coração” e “eles esfregaram o nariz da América na sujeira, e limparam sua arrogância na lama”. Já a representação do colapso dos valores e características tradicionais dos EUA, pode ser notada nos trechos: “quando as torres gêmeas de Nova Iorque colapsaram, algo ainda maior e mais enorme colapsou com elas: o mito da grande América e o mito da democracia”; e “o mito da terra da liberdade estava destruído, bem como o mito da segurança nacional e da CIA (...)”

4.7.2 A obrigação da *jihad* contra os inimigos EUA e Israel

Nós agora iremos discutir quais são os deveres dos Muçulmanos em face a essa guerra Cruzado-Sionista contra a nossa *ummah* Islâmica. Deus Todo-Poderoso disse: “Incitem os **crentes**. Deus pode muito bem conter o poder dos **infiéis**, por que Ele é mais forte em força e mais terrível na punição⁹³”

Hoje, o mais importante dever depois da fé é repelir e lutar contra o inimigo agressor. O Sheik do Islã [Ibn Taymiyya] disse: “Quanto a repelir o inimigo agressor que corrompe a religião e o mundo, não existe maior dever depois da fé do que firmar luta contra ele”.

Então a *jihad* é obrigatória atualmente para toda nossa *ummah*, nossa *ummah* permanecerá em pecado até que seus filhos, seu dinheiro, e suas energias façam o que for preciso para **estabelecer a *jihad* que expulse o mal dos infiéis que prejudica todos os Muçulmanos na Palestina e todos os lugares.** Então é um dever para os Muçulmanos travar a *jihad* com a melhor de suas habilidades, para confirmar a verdade e por a mostra a falsidade.

(...) Então, a *ummah* tem atualmente o dever de apoiar a *jihad* em geral, enquanto que a Palestina e o Afeganistão são os principais eixos que nós devemos nos focar, **para sangrar os Judeus, os aliados da América e para sangrar os Americanos, os aliados dos Judeus** [grifos nossos].

⁹³ Alcorão, 4:84.

Novamente, bin Laden articula seu discurso mobilizador dos muçulmanos contra os EUA e Israel por meio de sua retórica de obrigação da *jihad*. O autor ampara-se em citações do Alcorão e do estudioso medieval Ibn Taymiyya para construir que a *jihad* atualmente contra os judeus e os americanos é um dever obrigatório a todos muçulmanos.

Podemos notar que bin Laden ao construir uma realidade onde os muçulmanos devem combater os inimigos estrangeiros, articula que sua audiência aja de acordo com os seus interesses. Conforme Onuf: “como agentes, as pessoas podem transformar outras pessoas em agentes dando a oportunidade a esse último de agir em nome do primeiro para fins particulares” (1998, p. 7). Nesta tarefa, bin Laden emprega os mecanismos de *fragmentação* (*diferenciação* e *expurgo do outro*), *legitimação* (*narrativização* e *universalização*), *reificação* (*eternalização*) e *unificação* (*simbolização da unidade*).

Logo no início do trecho, onde bin Laden inicia suas considerações acerca dos deveres dos muçulmanos, ele prontamente busca articular uma *diferenciação* entre estes últimos e seus inimigos americanos-israelenses, de modo a ressaltar as diferenças entre ambos. Identificando os atores envolvidos na situação de acordo com suas distintas qualidades religiosas, bin Laden anseia por meio da *diferenciação* indicar que essas diferenças constituem-se em um desafio para os muçulmanos.

Este mecanismo ainda é reforçado no primeiro enunciado, onde ocorre a separação ainda mais profunda entre muçulmanos e cristão-judeus, expressa nos termos “crentes” e “infiéis”. Ainda no primeiro fragmento notamos que o processo de *diferenciação* é complementado pela estratégia de *narrativização* que busca *legitimação* para a divisão religiosa em histórias do passado. Citando uma passagem do Alcorão, bin Laden procura conectar diretamente o passado com o presente, afim de gerar *legitimação* perante sua audiência.

Esta estratégia de *narrativização* também está presente no segundo enunciado, onde bin Laden busca legitimidade para a obrigatoriedade da *jihad* nos escritos antigos de Ibn Taymiyya. Relembrando Thompson, neste mecanismo “(...) histórias contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável” (2007, p. 83). Novamente os escritos de Taymiyya, que pertencem a um

período e contexto específico (séculos doze e treze) são utilizados francamente por bin Laden no contexto atual, de modo a justificar uma situação contemporânea.

Juntamente com a *narrativização*, bin Laden emprega de novo a estratégia de *eternalização*. Ao mesmo tempo em que constrói legitimidade para o presente a partir de histórias pertencentes ao passado, ele cuidadosamente articula para que estas apresentem-se de forma natural e não presas ao seu contexto histórico. Partindo dessa liberdade temporal, bin Laden conduz seu texto de forma a que uma citação do século VII e outra do século XIII / XIV sejam empregadas literalmente no século XXI, como forma de sustentação para suas ideias.

Trabalhando, então, com a obrigatoriedade da *jihad*, bin Laden procura, através do mecanismos de *simbolização da unidade*, articular a *unificação* dos muçulmanos em torno dessa demanda acerca da *jihad*. Empregando o termo altamente simbólico e que exprime a identificação coletiva de todos os muçulmanos – *ummah* -, bin Laden visa unificar os muçulmanos em prol da obrigatoriedade da *jihad* contra os inimigos norte-americanos-israelenses. Relembrando Thompson, a *simbolização da unidade* “envolve a construção de símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletivas, que são difundidas através de um grupo, ou de uma pluralidade de grupos (2007, p. 86)”.

Atuando de forma complementar a esta última estratégia, temos a *universalização*. Bin Laden, ao trabalhar a obrigatoriedade da *jihad*, tenta expressamente universalizá-la para toda a comunidade da *ummah* e, conseqüentemente, a todos os muçulmanos. Notamos esse desejo nos trechos onde o autor comenta que a *jihad* é obrigatória atualmente para “toda nossa *ummah*”, e no trecho onde ele afirma que o mal dos infiéis prejudica “todos os muçulmanos na Palestina e em “todos os lugares”. Dessa forma, na *universalização* “(...) acordos institucionais que servem aos interesses de alguns indivíduos são apresentados como servindo aos interesses de todos (...)” (Thompson, 2007, p. 83).

Por fim, observamos que bin Laden ainda emprega o *expurgo do outro* a fim de ressaltar a condição de inimigo para os americanos e israelenses que, por sua vez, justifica a *jihad* contra eles. Estes são representados pelo termo simbólico de caráter negativo “infiéis”, que praticam o “mal” que “prejudica todos os muçulmanos”. Assim, de maneira categórica, bin Laden enquadra essas duas nações como ameaçadoras e opressoras. Esta construção é tão profunda que o

autor emprega o vocábulo “sangrar” para referir-se a ação necessária a ser realizada pelos muçulmanos contra esses inimigos.

4.7.3 Inimigos: Israel

Um dos mais importantes objetivos desta nova campanha Cruzada, de dividir a região, é prepará-la para o estabelecimento do chamado Estado do Grande Israel⁹⁴, o qual incorpora grandes partes do Iraque e Egito com suas fronteiras, bem como a Síria, Líbano e toda a Palestina, e uma grande parte da Arábia Saudita.

Vocês sabem o mal e sofrimento que o Grande Israel irá trazer para a região? O que está acontecendo ao nosso povo na Palestina é apenas um pequeno exemplo do que eles querem repetir no resto da região por meio da aliança Sionista-Americana: assassinato de homens, mulheres e crianças, encarceramento, terrorismo, destruição de casas, arrasamento de terras e destruição de fábricas.

Os Judeus são aqueles que caluniaram o Criador, então como vocês podem pensar que tem um acordo com a criação de Deus? Eles mataram os Profetas e quebraram suas promessas. (...) **“Esses Judeus são mestres da usúria e líderes em traição. Eles não irão te deixar nada, nem neste mundo e nem no próximo⁹⁵”**. (...) Estes Judeus acreditam que como parte de sua religião, as pessoas são seus escravos, e quem quer que negue sua religião, merece ser morto.

Estas são algumas características dos Judeus, então os temam. Essas, também são algumas das características do plano dos Cruzados, então resistam a eles. (...) **“O Dia do Julgamento não irá chegar até que os Muçulmanos lutem e matem os Judeus.** Eles [os Judeus] se esconderão atrás de pedras e árvores, e as pedras e árvores irão dizer: Oh Muçulmano, oh servo de Deus, existe um Judeu atrás de mim, então venha e o mate⁹⁶ (...)”[grifos nossos].

A construção dos judeus como inimigos dos muçulmanos é expressa neste discurso pelo suposto desejo dos israelenses de criar o Grande Estado de Israel e pelas consequências geradas por essa ação. Primeiramente, bin Laden vale-se da *dissimulação* por *deslocamento* para apresentar a campanha da Guerra ao Terror como servindo aos interesses do Estado de Israel e não como uma luta contra o terrorismo.

Nesse sentido, as implicações desse objetivo político são trabalhadas de modo a edificar ao máximo a imagem de inimigos dos judeus para os muçulmanos.

⁹⁴ Termo muito controverso, o “Estado do Grande Israel”, busca com base em argumentos religiosos contido em passagens da Bíblia (Gênesis 15:18-21 e Ezequiel 47:13-20) restaurar os limites geográficos da Terra de Israel.

⁹⁵ Alcorão, 4:53.

⁹⁶ *Hadith* de al-Bukhari, 3,593.

A caracterização deste inimigo prossegue através das citações de passagens religiosas que buscam atestar essa condição, onde procura-se *legitimação* para esta construção por meio da *narrativização*, que é complementada pela *reificação* da *eternalização*.

O início deste processo de construção dos judeus como inimigos dos muçulmanos acontece na tentativa do autor de dissimular a natureza da Guerra ao Terror. Ao elencar a criação do Estado do Grande Israel como verdadeiro motivo desta campanha, bin Laden visa desenvolver um sentimento de repulsa nos muçulmanos que, teoricamente, não existiria em razão dos objetos desta operação político-militar.



Ilustração 10 Limites geográficos do suposto Estado do Grande Israel, segundo as demarcações sugeridas por bin Laden

Fonte: European Turkmen Friendships. Disponível em: <http://turkmenfriendship.blogspot.com/search?q=Israel&updated-max=2010-12-08T21:17:00%2B01:00&max-results=20>. Acesso em 26 de novembro de 2011.

Como a criação do Estado do Grande Israel implicaria na perda de importantíssimas parcelas territoriais de alguns países islâmicos, o autor vincula a Guerra ao Terror a esse objetivo político, uma vez que o apoio dos muçulmanos contra esta medida seria de fácil adesão. Desta forma, bin Laden dissimula a

natureza do conflito, de modo a gerar um sentimento anti-Israel e, naturalmente, anti-judeu nos muçulmanos.

Em seguida, o autor alerta os muçulmanos a respeito das terríveis consequências que a criação do Estado do Grande Israel terá para a população da região. Nesse ponto, bin Laden vale-se da estratégia de *expurgo do outro* para caracterizar os judeus como inimigos dos muçulmanos.

As ações dos judeus na Palestina (as quais o autor afirma que se estenderão a toda região depois do estabelecimento do Grande Israel) são descritas de modo a não deixar dúvida sobre a natureza má dos judeus: “assassinato de homens, mulheres e crianças, encarceramento, terrorismo, destruição de casas, arrasamento de terras e destruição de fábricas”.

Posteriormente, a qualificação dos judeus como inimigos é construída sob o prisma histórico-religioso. O *expurgo do outro*, então, é edificado sob essa base: os judeus são representados como aqueles que “mataram os Profetas e quebraram suas promessas” e que escravizam as pessoas, em virtude do caráter de sua religião.

Concomitantemente a esta estratégia, observamos o mecanismo de *narrativização*. Por ele, o autor busca em passagens histórico-religiosas construir a natureza de inimigos para os judeus. Relembrando Thompson (2007, p. 83), as exigências de *narrativização* “estão inseridas em histórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável”. As histórias do passado também são esvaziadas de seu componente contextual e apresentadas ao público como se fossem permanentes, o que caracteriza-se como *eternalização*. Ainda de acordo com Thompson (2007, p. 88), neste mecanismo os “fenômenos sócios históricos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem apresentados como permanentes, imutáveis e recorrentes”.

Desta forma, a utilização de citações do Alcorão e do *hadith* (al-Bukhari), visam eternalizar histórias de alto valor simbólico para os muçulmanos, de modo a construir uma legitimidade para a caracterização dos judeus como inimigos. Na primeira, o autor busca justificativas para a consolidação do caráter vil dos judeus, enquanto que na segunda procura-se crédito para a morte dos judeus.

4.7.4 Inimigos: EUA e Inglaterra (O eixo Bush-Blair)

Enquanto eu falo, **o sangue dos Muçulmanos continua a ser derramado em vão na Palestina, Chechênia, Filipinas, Caxemira e Sudão, e nossas crianças estão morrendo por causa das sanções Americanas no Iraque.**

Enquanto eu falo, **nossas feridas** ainda não cicatrizaram das **guerras de Cruzada do último século** contra o **mundo Muçulmano**, ou do Acordo de *Sykes-Picot*⁹⁷ de 1916 entre **França e Inglaterra**, que trouxeram a dissecação do **mundo Muçulmano** em fragmentos.

Os agentes das **Cruzadas** ainda estão no poder atualmente, na luz do **novo Acordo de Sykes-Picot, o eixo Bush-Blair**⁹⁸, o qual tem a mesma bandeira e objetivo, a saber, a **bandeira da Cruz** e o objetivo de **destruir e saquear a nossa amada ummah do Profeta** [grifos nossos].

A edificação do caráter de inimigos para os EUA e Inglaterra por bin Laden passa, nesse discurso, pela associação da aliança destes dois Estados com dois eventos marcantes para o mundo muçulmano: as Cruzadas e o Acordo de Sykes-Picot. Dentro desse universo simbólico, o autor construirá, por meio das estratégias de *fragmentação (diferenciação e expurgo do outro)*, *reificação (eternalização)*, *unificação (simbolização da unidade)* e *dissimulação (deslocamento)*, a imagem de inimigo para os EUA e Inglaterra, perante a sua audiência.

No início do primeiro fragmento, o modo como bin Laden representa o mundo muçulmano indica o grau de preocupação em relação aos seus inimigos. Como é de costume, o autor elenca alguns locais onde há conflito envolvendo os muçulmanos, mas cita diretamente apenas os EUA como opressor. Na sentença, bin Laden procura através do mecanismo de *expurgo do outro* representar os EUA como mau: “nossa crianças estão morrendo por causa das sanções americanas no Iraque”.

No segundo e terceiro enunciados, há a tentativa de resignificação e atualização de fatos históricos de caráter altamente simbólico para os muçulmanos. Por meio da estratégia de *reificação* em seu viés de *eternalização*, bin Laden

⁹⁷ Foi um acordo secreto entre Inglaterra e França que definiu suas esferas de influência e controle no Oriente Médio no Pós Primeira Guerra Mundial. A Inglaterra ganhou o controle das áreas que atualmente compreendem a Jordânia, Iraque e a área em torno da cidade de Haifa (atualmente em Israel). A França foi alocada no Sul da Turquia, norte do Iraque, Síria e Líbano. A área do que viria a ser chamado Palestina foi designada para administração internacional, pendente de consulta pelas outras potências internacionais. A resolução do Conselho da Liga das Nações de 24 de julho de 1922, transformou a Palestina em Mandato Britânico. (Lawrence, 2005, p. 187).

⁹⁸ Tony Blair, Primeiro-Ministro da Inglaterra (1997-2007).

procura transformar situações históricas como as Cruzadas e o *Acordo de Sykes-Picot* em eventos contemporâneos.

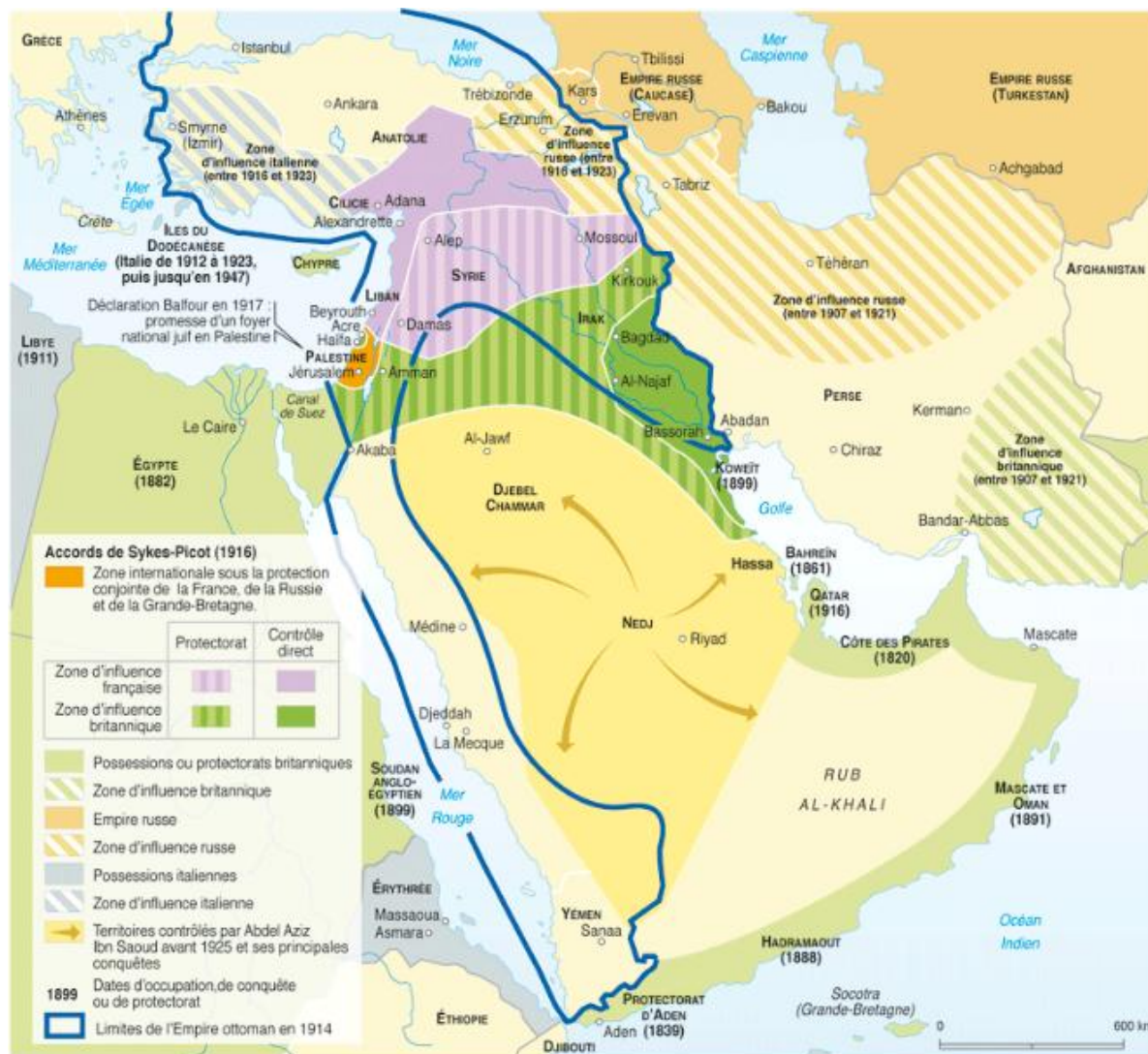


Ilustração 11 Divisões políticas geradas pelo Acordo de Sykes-Picot

Fonte: Le Monde Diplomatique. Disponível em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/cartes/sykes-picot>>. Acesso em 23 de novembro de 2011.

Dessa forma, o autor transfere toda a carga simbólica negativa que esses acontecimentos tiveram para os muçulmanos, para ocorrências atuais.

Conforme Thompson (2007, p. 87), na *eternalização* os “fenômenos sócio históricos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem apresentados como permanentes, imutáveis e recorrentes”. Assim, bin Laden revive o *Acordo de Sykes-Picot*, agora sob a roupagem de “Eixo Bush-Blair”, substituindo a anterior aliança entre França e Inglaterra pela atual entre EUA e Inglaterra.

Juntamente com a *eternalização*, bin Laden tenta construir uma *diferenciação* entre os muçulmanos e as demais nações, a partir do binômio

religioso muçulmanos X cristãos. Observamos esse movimento claramente nos termos “mundo muçulmano”, “*ummah*” (associados ao islã), “Cruzadas” e “Cruz” (ligados ao cristianismo). Relembrando Thompson (ibidem), a *diferenciação* é “a ênfase que é dada as instituições, diferenças e divisões entre pessoas e grupos, apoiando as características que os desunem e os impedem de constituir um desafio às relações existentes (...)”.

Complementando a *diferenciação* notamos a tentativa de *unificação* dos muçulmanos a partir da *simbolização da unidade*. A aliança entre EUA e Inglaterra, o Eixo Bush-Blair, é retratado como uma ameaça à comunidade muçulmana, a qual bin Laden procura unificar em “nossa amada *ummah* do Profeta”. Ao empregar os termos de caráter simbólico coletivos para os muçulmanos, como “*ummah*” e “Profeta”, bin Laden anseia em edificar uma coletividade capaz de identificar-se com suas demandas por meio de uma ligação simbólica religiosa.

Ainda nestes enunciados, para a constituição do conceito de inimigos para EUA e Inglaterra notamos a operacionalização do *expurgo do outro*. O Eixo Bush-Blair é apresentado como tendo o objetivo “de destruir e saquear a nossa amada *ummah* do Profeta”, onde, nitidamente, fica evidente a tentativa de construção da imagem de mau e opressor para estas duas nações.

4.7.5 Inimigos: Estados árabes

Nossa disputa com esses governantes não é algo que possa ser resolvido aos poucos. Não, **nós estamos falando sobre o ponto central do Islã, o testemunho que não há deus se não Deus e de que Muhammad é o seu Profeta**. Esses governantes tem violado este testemunho em sua própria raiz, através de seu **status de cliente em relação aos infiéis**, por meio de **sua imposição de legislação feita pelo homem**, bem como por **sua aceitação e apelos, para a herética, Nações Unidas**. Sua autoridade cai em desgraça com a lei Islâmica por algum tempo, e não existe modo de nós permaneceremos sob ela.

(...) Esses governantes que querem resolver nossas questões – a mais importante é a Palestina – através das Nações Unidas ou pelas ordens dos EUA, como aconteceu com a iniciativa do Príncipe Abdallah em Beirute⁹⁹, na qual todos os Árabes concordaram, **vendendo o sangue dos mártires e**

⁹⁹ Durante a Cúpula da Liga Árabe em Beirute no Líbano em 28 de março de 2002, o Príncipe Regente saudita Abdullah lançou uma iniciativa, conclamando Israel a retirar todas as suas forças dos Territórios Ocupados (da Palestina) e reconhecendo a Autoridade Palestina como uma nação independente, com sua capital em Jerusalém Oriental. Em troca, os Estados Árabes reconheceriam o Estado de Israel com fronteiras compreendendo 78% da Palestina, e estabeleceriam relações normais com ele (Lawrence, 2005, p. 198).

a terra da Palestina para agradar os Judeus e os Americanos e apoiando-os contra os Muçulmanos – esses governantes têm traído Deus e Seu Profeta, e eles tem ido além do limite da comunidade religiosa e traído nossa *ummah*.

Eles passaram a confiar nos injustos, cometendo um erro claro. O melhor que você pode dizer deles é que eles são fracos e devassos. Todos os Muçulmanos devem tentar aconselhá-los, mas se este conselho não for aceito, então eles devem alertá-los e terem cuidado com eles.

Os Muçulmanos também possuem o dever de se desassociar desses tiranos, para isso não é segredo que realizar esta ação não é apenas uma ação gratuita, mas um dos pilares do monoteísmo, sem o qual não pode haver fé. Por isso Deus diz: **“Qualquer um que rejeite falsos deuses e acredite em Deus, tem compreendido o firme compromisso, o qual nunca irá quebrar-se. Deus é todo ouvidos e todo conhecimento”¹⁰⁰** [grifos nossos].

Nos fragmentos acima, bin Laden articula a construção da imagem de inimigo para os governantes árabes através de uma combinação de estratégias operacionais para sua ideologia. Neste processo ele valera-se dos mecanismos de *legitimação (racionalização e narrativização)*, *fragmentação (diferenciação e expurgo do outro)* e *unificação (simbolização da unidade)*.

Inicialmente, o autor visa construir apoio para a ilegitimidade dos regimes árabes através do método de *racionalização*. Bin Laden procura justificar esta visão a partir da exposição de três situações que comprovariam esta situação: 1) o status de “cliente” desses governos em relação aos infiéis; 2) a imposição ao povo muçulmano de legislação feita pelo homem; 3) sua concordância com as ações das Nações Unidas. Dessa forma, lembrando Thompson, na *racionalização* o autor “(...) constrói uma cadeia de raciocínio que procura defender, ou justificar, um conjunto de relações ou instituições sociais, e com isso persuadir uma audiência de que isso é digno de apoio (2007, p. 82-83)”.

No segundo enunciado, observamos a utilização da estratégia de *expurgo do outro* para se referir aos governantes árabes. Estes são representados por meio de situações altamente negativas para o imaginário muçulmano. Primeiramente, circunstâncias políticas: “vendendo o sangue dos mártires e a terra da Palestina para agradar os judeus e os americanos e apoiando-se contra os muçulmanos”; e depois religiosas: “esses governantes têm traído Deus e Seu Profeta, e eles tem ido além do limite da comunidade religiosa e traído nossa *ummah*”.

¹⁰⁰ Alcorão, 2:256.

Juntamente com o *expurgo do outro*, notamos outro mecanismo da *fragmentação*: a *diferenciação*. Da mesma maneira que o autor descreve os regimes árabes como ameaçadores, ele dá ênfase na característica que os diferencia dos muçulmanos: a religiosidade. Ao descrever os governantes árabes como traidores de Deus e de Seu Profeta, e que estão “além da comunidade religiosa”, bin Laden ardilmente busca construir sua condição de inimigo a partir do realce de qualidades que os distinguem. Conforme lembra Thompson, na *diferenciação* ocorre “a ênfase nas distinções, diferenças e divisões entre pessoas e grupos, apoiando as características que os desunem e os impedem de constituir um desafio no exercício do poder” (2007, p. 87).

Ainda no segundo fragmento ocorre a operacionalização da *unificação* via *simbolização da unidade*. Esta estratégia acontece de forma conjunta com os mecanismos de *fragmentação*, uma vez que as formas simbólicas que conectam os muçulmanos são expressas de forma a reforçar as distinções entre estes e os governantes árabes.

Thompson, comentando o método de *fragmentação* afirma que “essa estratégia, muitas vezes, sobrepõe-se com estratégias que têm como fim a *unificação*, pois o inimigo é tratado como um desafio, ou ameaça, diante do qual as pessoas devem se unir” (2007, p. 87). Assim, as formas simbólicas compartilhadas pelos muçulmanos (mártires, Palestina, Deus, Profeta e *ummah*), que constituem a *simbolização da unidade*, são empregadas por bin Laden com o intuito de salientar as diferenças entre os muçulmanos e os regimes árabes, de modo a edificar a imagem de inimigos, para os últimos.

No último fragmento, bin Laden utiliza novamente a técnica de *expurgo do outro* para construir o conceito de inimigo para os regimes árabes. Estes são representados pelos termos “fracos, devassos e tiranos”. Segundo Thompson, essa estratégia “envolve a construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador, e contra qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo”.

Como meio de justificar a necessidade dos muçulmanos de se afastarem destes governantes infiéis, bin Laden procura *legitimação* a partir do mecanismo de *narrativização*. Com ele, o autor articula uma passagem histórica do Alcorão de modo que esta se apresente como favorável a seu processo de deslegitimação atual dos governantes árabes. Relembrando Thompson: “exigências de *legitimação*

podem também ser expressas através da estratégia de *narrativização*: essas exigências estão inseridas em histórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável (2007, p. 83)”.

4.8 4 DE JANEIRO DE 2004¹⁰¹

4.8.1 A construção do conceito de “inimigo” para os EUA e Israel em razão da invasão do Iraque

Minha mensagem para vocês, refere-se **ao contínuo incitamento de modo a instar a *jihad* para repelir as grandes ações** que eclodiram **contra nossa nação**, algumas das quais tem sido particularmente evidentes, como **a ocupação dos Cruzados, através da ajuda dos apóstatas, de Bagdá, a Casa do Califado¹⁰² sobre o pretexto [que eles possuísem] de armas de destruição em massa.**

(...) Em termos claros, **é uma guerra econômico-religiosa. Eles desejam que os crentes desistam de sua adoração a Deus, para que eles possam os escravizá-los, ocupando seus países saqueando sua riqueza.**

É estranho que eles desejem ditar a democracia e Americanizar nossa cultura através de seus bombardeios a jato. Portanto, **o que ainda está por vir [deles] é ainda mais maligno e diabólico. A ocupação do Iraque é uma articulação da aliança Sionista-Cruzada do mal.**

(...) Eu afirmo que **a ocupação Ocidental de nossos países é antiga, embora nova**, e que o confronto e conflito **entre nós e eles, começaram há séculos atrás**. Esta confrontação e conflito continuarão por que configura-se como o **conflito entre certo e mentira**, que continuarão até o Dia do Julgamento Final.

Não pode haver diálogo com **os ocupantes**, exceto com armas. **Se nós olharmos a natureza do conflito entre nós e o Ocidente, nós descobriremos que quando eles invadiram os nossos países há mais de 2.500 anos, eles não tinham uma sólida religião ou ética [grifos nossos].**

A invasão do Iraque pelos EUA é considerada por bin Laden como parte de um contínuo histórico de agressões sofridas pelo mundo muçulmano por meio dos cruzados Ocidentais. Será dentro desse escopo que o autor procurará aqui retratar os EUA (representante atual e líder dos cruzados) como inimigo dos

¹⁰¹ In Lawrence (2005), p. 212-232.

¹⁰² Bagdá foi fundada em 30 de julho de 762 pelos Abássidas, substituindo Damasco como capital do Império Muçulmano, que era compreendido do Norte da África até a Pérsia (Lawrence, 2005, p. 180).

muçulmanos. Esta tarefa se desenvolverá a partir das estratégias de *unificação* (*simbolização da unidade*), *reificação* (*eternalização*), *fragmentação* (*expurgo do outro e diferenciação*) e *legitimação* (*narrativização*).

Primeiramente, bin Laden procura criar um sentimento de identificação dos muçulmanos para com o país invadido pelos EUA, o Iraque. Isto ocorre com base numa tentativa de *unificação* via *simbolização da unidade*, onde o autor *emprega* termos como “nossa nação” e “Casa do Califado”, de modo a construir-se uma identificação coletiva entre os muçulmanos para com este local. No caso da expressão “Casa do Califado”, também observamos o mecanismo de *eternalização* da condição política desta cidade (Bagdá), uma vez que ela foi capital do Califado Abássida de 750 a 1258. Na forma como consta no texto, tem-se a impressão que ela mantém esse status até hoje.

Para se referir aos EUA que invadiram o Iraque, bin Laden novamente emprega o vocábulo “cruzado”, termo que, conforme já foi exposto neste trabalho, articula consigo uma conotação negativa histórica para os muçulmanos (em razão de sua operacionalização na *narrativização*); e que, paralelamente, busca também construir (a partir da *eternalização*) uma representação atemporal das Cruzadas.

Já o mecanismo direto de construção dos EUA como inimigo transcorre a partir do *expurgo do outro*. Suas ações são descritas através de termos negativos como “escravizando”, “ocupando” e “saqueando” no segundo enunciado; e por “malignas”, “diabólicas” e “más”, no terceiro. Visivelmente, “essa estratégia envolve a construção de um inimigo (...) que é retratado como mau, perigoso e ameaçador (...)” (Thompson, 2007, p. 87).

Por fim, bin Laden emprega largamente o mecanismo de *narrativização* afim de apresentar a temática das Cruzadas como “histórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável” (ibidem, p. 83). Assim, o autor coloca que a invasão do Iraque constitui-se como parte desse processo contínuo de Cruzadas Ocidentais contra os muçulmanos, que “continuarão até o Dia do Julgamento Final”. Trabalhando a questão dessa forma bin Laden procura legitimidade para sua afirmação de que somente a *jihad* é o mecanismo mais eficiente para se combater o inimigo cruzado.

Juntamente com a *narrativização* das Cruzadas, bin Laden ampara-se no mecanismo de *diferenciação* para representar o inimigo EUA. Para isto, o autor procura introduzir uma visão dualista da realidade, onde os muçulmanos e os

cruzados são categoricamente diferenciados. Quando bin Laden refere-se ao conflito entre ambos, ele utiliza os termos binários: “nós e eles”, “certo e mentira” e “nós e Ocidente”.

4.8.2 Os inimigos: governantes árabes (especialmente os dos Estados do Golfo)

No discurso referido, bin Laden endurece o tom contra os governantes árabes, sobretudo contra os governantes dos Estados do Golfo. A construção de seus argumentos para atestar a ilegitimidade desses regimes passa por dois eixos fundamentais, um referente a questões externas e outro a internas: o primeiro diz respeito à ineficiência dos governos árabes em defender os interesses na nação muçulmana, em episódios como a questão da Palestina e as invasões do Afeganistão e do Iraque. O segundo núcleo argumentativo aborda as falhas internas desses governos em relação à correta aplicação da lei islâmica em seus territórios. Bin Laden argumenta que os governantes aplicam apenas uma parte da *sharia*, e cometem pecado ao promulgarem leis que desobedecem a vontade divina e ao se colocarem na condição de ídolos, abandonando a unidade de Deus (*tawhid*).

4.8.2.1 Razões externas para a ilegitimidade dos governos árabes

1) Sua [os governantes Árabes] posição acerca da agressão Cruzada na Segunda Guerra Mundial foi a seguinte: **Quando eles [os Cruzados] atacaram o mundo Islâmico e procuraram derrubar o Estado Otomano, esses governantes levantaram-se contra o Estado Otomano, dividindo os Muçulmanos, (...) levando assim a sua queda perante a ocupação Cruzada e a sua divisão em mais de cinquenta países.**

2) **A questão da Palestina:** a posição desses governantes nesta essencial questão tem sido por nove décadas baseada em comprometer-se com os Britânicos para permitir que os Judeus estabelecessem um Estado na terra da Palestina, deixando de lado o povo da Palestina.

3) **Os Estados do Golfo provaram as suas totais inabilidades de resistir às forças Iraquianas** [durante a Guerra do Golfo]. Como é bem sabido, **eles procuraram ajuda dos Cruzados, liderados pelos EUA.**

4) Contudo, **eles [os Estados do Golfo] finalmente se submeteram e sucumbiram a pressão dos EUA, abrindo seus espaços aéreos,**

terrestres e marítimos, para contribuir para a campanha Norte-Americana [na Guerra do Golfo] (...).

5) O que demonstra a sua posição em relação às demandas da *umma* é o **apoio que eles proveram aos EUA, ao abrirem suas bases para a sua campanha Cruzada contra o Afeganistão; isto é um óbvio apoio aos infiéis contra um país Islâmico, e um pecado cardinal, que os tornam, infiéis.**

6) **Um dos óbvios fatos que demonstram o tipo de posição que os governantes do Golfo estavam prontos para tomar quando eles estiveram sobre pressão dos EUA para ceder os campos petrolíferos aos EUA, foi o seu apoio coletivo para a Iniciativa de Zayid¹⁰³, que pedia a saída de Saddam Hussein do Iraque, e a entrega do petróleo aos EUA; para que Saddam deixe o poder; e para que aceite asilo político, sobre o pretexto de poupar derramamento de sangue do povo Iraquiano.**

7) **A mais óbvia reflexão acerca da atitude dos governantes perante a resistência é a postura adotada pelos seus líderes quando os tanques Norte-Americanos entraram na península Arábica e quando suas águas foram perturbadas pelos porta-aviões dos Cruzados, que vieram trazendo as mais sofisticadas munições e armamentos, para ocupar a região. Seu líder, lhes ensinou a submissão, saiu para sublinhar em público para incutir a submissão da nação, humilhação e subjugação, e disse: “essa concentração de tropas não são para a guerra”. Que vergonha é essa? [grifos nossos].**

A construção da ilegitimidade dos regimes árabes é erguida a partir de sete motivos elencados por bin Laden. A opção por organizar esta argumentação com base em tópicos expressa a tentativa do autor de colocar suas ideias de forma clara e racional. Nesse sentido, a busca de apoio para o seu juízo de que os governantes árabes são incapazes de defender as demandas da comunidade muçulmana, será articulada por meio da estratégia *legitimação* via *racionalização* e através da *reificação* em seu viés de *eternalização*.

Neste raciocínio, bin Laden analisa as ações dos governantes árabes desde a Segunda Guerra Mundial até a invasão do Iraque de 2003. Dentro dessa exposição de fatos, o autor destaca a incompetência dos governantes em agir de forma mais proveitosa para o mundo islâmico.

Nos dois primeiros itens as críticas são generalizadas a todos os governantes árabes, por sua fraca posição nas questões do fim do Império Otomano e perante a partilha da Palestina. A crítica aos governos árabes é exacerbada através do uso da *eternalização*, que transforma as grandes potências europeias em

¹⁰³ Sheik Zayid bin Sultan al-Nahyan (1918-2004) foi o governante de Abu Dhabi e presidente dos Emirados Árabes Unidos por mais de 30 anos. Em março de 2003, ele apresentou as seis nações do Conselho de Cooperação do Golfo, uma proposta para evitar a guerra no Iraque, requerendo que Saddam Hussein e seus principais conselheiros deixassem o Iraque, e que o país fosse entregue as Nações Unidas e a Liga Árabe para administração temporária (Lawrence, 2005, p. 223).

cruzados, salientando a fraqueza dos primeiros em relação a estes tradicionais inimigos dos muçulmanos.

Dentro do amplo espectro de “governantes árabes”, bin Laden foca sua atenção para os Estados do Golfo, expressa nos itens três a sete. A presença de tropas dos EUA em todos esses países e o apoio destes Estados às invasões norte-americanas no Afeganistão e no Iraque, são consideradas falhas inaceitáveis por bin Laden. Este procura elevar e superdimensionar o impacto dessas ações dentro do imaginário dos muçulmanos, a partir do recurso da *eternalização* da figura dos cruzados, agora representados e liderados pelos EUA, evidenciando, assim, a inoperância dos Estados do Golfo.

Dentro dessa construção negativa dos regimes dos Estados do Golfo, bin Laden, na questão do apoio aos EUA nas guerras do Afeganistão e Iraque (1990-1991 e 2003-2011), retoma a premissa de que ajudar infiéis contra muçulmanos configura-se uma apostasia (onde percebe-se novamente a influencia de Ibn Wahhab). Já presença estrangeira em terras muçulmanas é uma demanda que bin Laden desde o início procurou combater. O que percebemos, depois da invasão do Afeganistão de 2001, é o endurecimento da crítica aos governos que permitiram tal situação.

Assim, ao elencar e comentar inúmeras razões para justificar a incompetência dos Estados árabes (sobretudo dos Estados do Golfo) em proteger os interesses da comunidade muçulmana, bin Laden procurar estabelecer uma *racionalização* do discurso, de modo a convencer sua audiência da veracidade de suas afirmações. Esta *racionalização* é complementada pela estratégia de *eternalização* da figura dos cruzados dentro do imaginário coletivo dos muçulmanos, que, igualmente, atesta a inoperância dos Estados árabes frente o inimigo cruzado.

4.8.2.2 Razões internas para a ilegitimidade dos governos Árabes

(...) Eles [os governantes árabes] acreditam em uma parte do Livro e rejeitam o resto em conformidade com seus caprichos para manter os seus tronos, um grave ato de infidelidade, como Deus Todo-Poderoso demonstra no seguinte verso do Alcorão:

“Então você acredita em algumas partes da escritura e não em outras? A punição para aqueles que façam isso, não será nada além de desgraça

nesta vida, e no Dia da Ressurreição eles serão condenados às mais duras tormentas: Deus não está desatento àquilo que você faz¹⁰⁴.

(...) **A supremacia absoluta e obediência tornaram-se necessárias ao governante e não a religião de Deus.** (...) Portanto, **o governante tornou-se um ídolo a ser adorado, ao invés de Deus** – esta é a atual situação na Arábia Saudita. (...) Em outros países, eles usam parlamentos e democracia como um pretexto para isso. (...) Além disso, **a promulgação de legislação por parte do governante, que seja contrária a vontade de Deus, e sua aliança com os infiéis, constituem um grande ateísmo**, o qual o afasta da fé, sendo necessário um planejado levante contra ele.

(...) Isto é o que Deus Todo-Poderoso dissocia ele mesmo, quando ele diz: **“Louvor e glória a Ele: Ele está muito acima para estabelecer parceiros com Ele;”** ele então diz: **“Mas eles foram ordenados a servir somente ao único Deus: Não existe deus senão Ele”**¹⁰⁵.

Isto mostra que promulgar legislação sobre o que é permitido e sobre o que é proibido, é um tipo de adoração. Isto é um dos mais importantes traços de Deus e um dos mais importantes pré-requisitos para atestar que não há deus senão Deus, o primeiro e mais importante pilar do Islã.

Isto demonstra que **os governantes são incapazes e traiçoeiros, e que eles não seguem o correto caminho do Islã, mas seguem seus desejos e concupiscências** – esta é a razão para os contratempos na marcha da nação durante as últimas décadas.

Portanto, está claro para nós que **a solução** [para estes problemas] **encontra-se em aderir a religião de Deus**, pela qual Deus nos garantiu orgulho nos séculos passados, e **na instalação de uma forte e fiel liderança que aplique o Alcorão entre nós e levante a verdadeira bandeira da *jihad*** [grifos nossos].

Para tentar convencer a sua audiência da ilegitimidade dos governantes árabes, no que diz respeito as suas obrigações internas, bin Laden emprega amplamente o recurso de *legitimação* via *narrativização*. Seu objetivo, assim, é construir legitimidade para a desqualificação dos atuais regimes árabes através de citações do Alcorão, articulando “histórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável” (Thompson, 2007, p. 83). Complementando a *narrativização*, observaremos como mecanismo de representar essas administrações como inimigos dos muçulmanos, o recurso de *fragmentação* no viés de *expurgo do outro*.

O primeiro argumento de bin Laden para exportar a inoperância dos atuais governos árabes refere-se a aplicação apenas parcial da lei islâmica. Esta situação é explicada por uma escolha vil dos governantes – de “manter seus tronos” -, e classificada pelo autor como um ato de infidelidade. Para a *legitimação* desta

¹⁰⁴ Alcorão, 2:85.

¹⁰⁵ Alcorão, 9:31.

acusação, bin Laden baseia-se em uma passagem histórica do Alcorão, a qual apresenta-se muito objetiva em reprovar e punir aqueles que tenham o comportamento descrito anteriormente por bin Laden.

As outras duas razões que o autor utiliza para desqualificar os regimes árabes são a substituição da adoração a Deus pelo culto aos líderes políticos e a emissão de legislação que contrarie a lei islâmica. Na prática, para os muçulmanos mais conservadores, as duas situações acima se fundem em uma só. Ao legislar com base em leis não divinas, o governante rompe o princípio de que somente Deus é soberano e única fonte de obediência (*tawhid*); uma vez que leis não divinas refletem decisões humanas e, nesse sentido, seu cumprimento desrespeita o dever de obediência exclusiva a Deus

Para atestar a condição de ídolos que não respeitam a legislação divina, bin Laden constrói seu argumento através do apelo simbólico que histórias do passado, contidas no Alcorão, possuem junto aos muçulmanos. Esta *narrativização* é fundamental para que ele consiga embasar suas ideias junto a uma fonte sagrada para os muçulmanos. A visão estrita de bin Laden da aplicação da soberania de Deus, que qualifica de traidor o governante que não a segue rigorosamente, encontra ressonância nas ideias de Taymiyya acerca da *tawhid*.

Este autor (que inclusive é citado ao longo do discurso) desenvolveu a sua ideia de apostasia com base no conceito de *tawhid*, a unidade de Deus. Para ele, a relação dos muçulmanos com Deus era realizada através de duas categorias: a unidade da soberania e a unidade de culto. A primeira remete a fé em Deus como criador do universo e único soberano. Já a segunda, refere-se à crença de Deus como único e supremo objeto de obediência e adoração. Segundo Wiktorowicz (2005, p. 78), Taymiyya “fundamentou que esse último componente da unidade divina necessita do seguimento das leis de Deus. O uso de leis humanas significa o mesmo que adorar e obedecer alguém além de Deus, sendo assim, apostasia”.

Posteriormente, bin Laden procura combinar a *narrativização* que lhe permite melhor legitimar suas ideias acerca dos governantes árabes com a estratégia de *expurgo do outro*. Nesse ponto, o autor visa efetivamente, a partir de termos negativos, qualificar o seu objeto como perigoso e ameaçador. Os governantes árabes são representados como “incapazes” e “traídores”, que “não seguem o correto caminho do islã, mas seguem seus desejos e concupiscências”; de forma a não deixar dúvidas para os leitores de seu caráter vil.

No último enunciado, onde bin Laden procura expressar sua alternativa para as questões levantadas anteriormente, observamos o poder de influência da ideia de vanguarda em sua aplicação qutbiana em seu pensamento. O retorno da aplicação do islã em sua forma política só é possível se for liderada por um nobre grupo de elite que instigue o combate aos governantes infiéis. Relembrando Qutb: “a luta contra a *jahiliyya* tem que ser realizada pelas massas, sob a liderança de uma vanguarda” (2003, p. 175).

Mesmo não se referindo diretamente aos governantes nesse fragmento final, percebe-se que bin Laden considera a atual situação política do mundo árabe-muçulmano como *jahiliyya*, em razão da não aplicação estrita da *sharia* islâmica. Nesse sentido, quando o autor fala da necessidade de levantar-se “a verdadeira bandeira da *jihad*”, fica claro que esta é contra os atuais regimes, em razão de seu caráter infiel. E esta batalha com os governantes tiranos deve ser liderada por um grupo de vanguarda, conforme afirma Qutb:

As pessoas não abandonam a *jahiliyya* ou mudam a sua submissão à tirania, a fim de adotar o Islã e adorar somente a Deus, exceto pela difícil e árdua rota ao longo da qual a mensagem Islâmica defende a si mesmo. Ela sempre começa com um indivíduo, seguido por um grupo de vanguarda (2003b, p. 81).

Desta forma, fica nítida a influência das ideias do egípcio Sayyid Qutb no pensamento de Osama bin Laden.

Também é importante frisar o caráter emblemático do último enunciado deste discurso, pois podemos perceber de forma resumida como bin Laden constrói e articula o seu discurso em prol de seus ideais. A solução para a questão interna da ineficiência dos líderes árabes configura-se a mesma para o problema externo representado por EUA e seus aliados: a adoção plena do islamismo como modo de vida político e social.

Esta escolha é referendada por uma constante volta ao passado glorioso islâmico de outrora, que é construído como exemplo a ser seguido. E esta demanda de adoção plena do islã como modo de vida, só será possível através de um grupo de vanguarda que inicie o “despertar” dos muçulmanos e coordene a sua luta por meio da *jihad*, contra os seus inimigos internos e externos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho tentamos demonstrar e analisar a ocorrência do processo construtivo do conceito de inimigo nos discursos de Osama bin Laden. Neste trajeto, objetivou-se evidenciar aqueles que consideramos como os dois eixos fundamentais para a constituição e articulação da retórica de bin Laden: a influência da tradição islâmica radical, conjugada com uma percepção dualista por parte de bin Laden das principais dinâmicas geopolíticas contemporâneas que envolvem o mundo muçulmano.

Durante esta pesquisa observamos a grande importância que um arcabouço teórico como o construtivismo linguístico possuiu para um entendimento adequado de um objeto de estudo como os discursos de Osama bin Laden. O norteamento baseado na investigação dos valores, ideias e conceitos e sua articulação com a linguagem dos atores, forneceu-nos um ambiente teórico adequado para a compreensão da visão de mundo que bin Laden buscou construir perante os muçulmanos. Notamos que a realidade que o autor pretendia edificar possuía sempre como pressuposto o contexto de opressão dos muçulmanos por seus inimigos cristãos e judeus.

Para a construção desta realidade, bin Laden buscará subsídios e credibilidade junto a longa tradição do islamismo conservador de caráter mais radical. Este processo transcorrerá tanto pelo uso de citações de obras sagradas pelos muçulmanos, como o Alcorão e os *hadiths*, quanto pela incorporação e adaptação de conceitos e ideias de pensadores muçulmanos anteriores.

Destaca-se, sobretudo, o conceito de obrigatoriedade da *jihad* (herdado de Taymiyya, Qutb e Azzam) para todos os muçulmanos, como mecanismo de mobilização e legitimação da luta contra os inimigos Ocidentais. No que diz respeito

à organização e operacionalização da própria Al-Qaeda como grupo, notamos a influência do conceito de vanguarda islâmica (herdado de Mawdudi, Qutb e Azzam), e suas prerrogativas de liderança e despertamento dos muçulmanos para o verdadeiro retorno às origens do islã.

Conjugando-se a esta ideologia radical do islamismo observamos, também, ao longo desta pesquisa, a sucessão de acontecimentos geopolíticos marcantes para o mundo muçulmano contemporâneo. Como foi visto, o ambiente do Afeganistão foi decisivo em dois momentos para a construção e consolidação do pensamento extremista de bin Laden: primeiramente, durante a invasão Soviética a este país (1979-1989), o jovem bin Laden pode iniciar suas redes de contatos e presenciar uma verdadeira operacionalização da *jihad* em solo afegão; posteriormente, em seu retorno a este Estado (1996-2001), o saudita pode trabalhar com total liberdade a sua rede de extremismo islâmico, até a invasão norte-americana, que contribuiu para uma ainda maior radicalização de suas ideias.

Igualmente, observamos que a geopolítica em que esteve envolvido o Iraque desde 1990 até 2003 também contribuiu para a solidificação dos ideais de bin Laden. Inicialmente, notamos que a presença e manutenção de tropas norte-americanas em solo saudita em razão da Guerra do Golfo (1990-1991), caracterizou-se como um evento decisivo para a visão de mundo de bin Laden: tal situação representava uma invasão dos infiéis estrangeiros ao local mais sagrado para os muçulmanos. Esta retórica constitui-se em um dos pilares do discurso de bin Laden, que apontava para o caráter de inimigo dos invasores norte-americanos e do corrupto e conivente governo saudita (sobretudo depois dos anos 2000).

Posteriormente, em 2003, a invasão norte-americana ao Iraque também foi fortemente representada por bin Laden como mais um capítulo da história de opressão dos muçulmanos pelos cruzados-sionistas. Neste contexto, o autor busca, arduamente, ao retratar a capital Bagdá como a “Casa do Califado”, construir uma identificação coletiva aos muçulmanos, capaz de uni-los e mobilizá-los contra este inimigo cruzado-sionista.

Outro evento geopolítico que igualmente demonstrara-se presente na retórica de bin Laden, será a criação do Estado de Israel e sua atual ocupação dos territórios Palestinos. O autor edificará o caráter de inimigo para Israel a partir da construção negativa deste Estado, como ocupante das terras sagradas dos

muçulmanos (Jerusalém é considerada a terceira cidade mais sagrada para os islâmicos) e opressor do povo Palestino que ali reside.

A compreensão da dinâmica que estabeleceu-se entre os acontecimentos descritos acima, e a herança das ideias, valores e visão de mundo do pensamento Islâmico radical, foi fundamental, pois permitiu uma melhor análise dos discursos de bin Laden. Nela observamos que a operacionalização da constituição do caráter de inimigos ocorre com base na articulação de algumas estratégias de construção simbólica. Nesse ponto, a metodologia de *modus operandi* da ideologia proposta por Thompson demonstrou-se uma interessante ferramenta analítica. Este subsídio metodológico forneceu-nos melhores condições para investigar como bin Laden constrói a condição de inimigos para EUA, Israel, países árabes, e seus aliados.

Dentro deste quadro analítico, observamos que esta construção transcorreu seguindo as cinco categorias de operação da ideologia de Thompson (*Legitimação, Dissimulação, Unificação, Fragmentação e Reificação*), conforme tentamos agora apresentar de forma resumida:

- A busca por legitimação de bin Laden perante sua audiência muçulmana é calcada na elaboração de uma cadeia de raciocínio para justificar a condição de inimigos para EUA e Israel; pela universalização do combate a estes inimigos a todos os muçulmanos e através da citações de passagens religiosas antigas como modo de justificar situações atuais (estratégia de *legitimação*);

- O uso de ferramentas dissimulativas, ocultando ou esquivando determinadas conjunturas, são, igualmente, empregadas por bin Laden a fim de favorecer o seu processo constitutivo de inimigos. Observamos esta situação na medida em que o autor busca associar cristãos e judeus com as tribos politeístas da Arábia do século IX, ou na tentativa de representar a natureza da Guerra do Terror como religiosa e não como político-militar (estratégia de *dissimulação*);

- A tentativa de construção de identidades coletivas, capazes de unirem todo o mundo muçulmano contra o inimigo judaico-cristão, apresenta-se na forma de articulação de termos altamente simbólicos para os muçulmanos, como *Ummah, Jihad, Cruzadas, Meca, Medina, Jerusalém*, que atuam como mobilizadores e catalizadores desta união coletiva (estratégia de *unificação*);

- O ressaltamento das diferenças religiosas e culturais entre muçulmanos, de um lado, e cristãos e judeus, de outro, seguindo uma lógica de demonização do outro (estratégia de *fragmentação*);

- A representação de situações pertencentes a um contexto histórico específico (como as Cruzadas e as lutas religiosas na península Arábica durante o início do islã), também são mecanismos utilizados para a edificação de inimigos (estratégia de *reificação*).

Nesse sentido, com base em todas as exposições acima podemos, finalmente, afirmar que a construção do conceito de inimigo em relação aos EUA, Israel, Estados árabes e seus aliados, transcorreu a partir da coexistência e co-constituição de duas esferas fundamentais. A primeira, apresenta-se como os determinantes teóricos (ideias, valores e visão de mundo), que bin Laden herdou de ideólogos do islamismo como Taymiyya, Qutb e Azzam. A segunda diz respeito ao entendimento de bin Laden acerca da materialização na prática das prerrogativas teóricas anteriores, em eventos como a criação do Estado de Israel, a Guerra do Golfo e a invasão norte-americana no Afeganistão, que culminou na constituição de uma visão de mundo ancorada na percepção dualística de amigos (crentes do islamismo) *versus* inimigos (infiéis religiosos).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIGLE, Denise. The Mongol Invasions of Bilād al-Shām by Ghāzān Khān and Ibn Taymīyah's Three "Anti-Mongol" Fatwas. **Mamluk Studies Review** XI/2, pp. 89-120, 2007. Disponível em: <<http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/38/37/88/PDF/IbnTaymiyya.pdf>>. Acesso em 11 de agosto de 2011.

ALI, Mohamed M.; BLACKER, John.; JONES Gareth. Annual mortality rates and excess deaths of children under five in Iraq, 1991-1998. **Population Studies**, 2003.

ARMAJANI, Jon. Jahiliyya. In: CAMPO, Juan Eduardo (org.). **Encyclopedia of Islam**. New York: Facts On File, Inc., 2009.

ARMANIOS, Febe. The Islamic Traditions of Wahhabism and Salafiyya. **CRS - Congressional Research Service - Report for Congress**, 22 December, 2003 2003. Disponível em: < <http://www.fas.org/sqp/crs/misc/RS21695.pdf>>. Acesso em 17 de agosto de 2011.

AMORIM, Alexandre Santos de. **A globalização do radicalismo islâmico: um estudo de caso da Al-Qaeda sob a luz do Choque de Civilizações**. 2008. 121f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

ARMSTRONG, Karen. **The Battle for God**. New York: Random House, 2000.

_____. **Islam: a sort history**. New York: Random House, 2002.

AZZAM, Abdullah. **Join the Caravan**. 1987. Disponível em: <<http://www.hoor-al-ayn.com/Books/Join%20the%20Caravan.pdf>>. Acesso em 10 de julho de 2011.

BAKKER Edwin; BOER, Leen. **The evolution of Al-Qaedaism: Ideology, terrorists, and appeal.** Den Haag: Netherlands Institute of International Relations Clingendael, 2007. Disponível em: < http://www.clingendael.nl/publications/2007/20071200_cscp_csp_bakker_boer.pdf>. Acesso em 26 de agosto de 2011.

BERGEN, Peter L. **Holy War, Inc.: Inside the Secret World of Osama bin Laden.** New York: The Free Press, 2001.

BHATIA, Umej. Autobiography, Politics, and Ideology in Sayyid Qutb's Reading of the Qur'an. **Institute of Defence and Strategic Studies Singapore**, N° 86, September, 2005. Disponível em: < https://dr.ntu.edu.sg/bitstream/handle/10220/4483/RSIS-WORKPAPER_86.pdf?sequence=1>. Acesso em 22 de agosto de 2011.

BOBBIO, Norberto.; MATTEUCCI, Nicola. **Dicionário de Política.** Brasília: Universidade de Brasília, 1986.

BRANT, Leonardo Nemer Caldeira. Internacional: A Guerra Preventiva e a Desconstrução do Direito Internacional. In: BRIGAGÃO, Clóvis.; PROENÇA, Domício Jr. (Coord.). **O Brasil e os novos conflitos internacionais.** Rio de Janeiro: Gramma: Fundação Konrad Adenauer, 2006.

BRUINESSEN, Martin van. Muslim Fundamentalism: Something to be Understood or to be Explained Away? In: **Islam and Muslim Christian Relations.** Vol. 6, nº. 2, p. 157-71, 1995.

BUBALO, Anthony.; FEALY, Greg. **Joining the Caravan: the Middle East, Islamism and Indonesia.** Alexandria New South Wales: The Lowy Institute for International Policy, 2005.

BUSH, George W. Compilação dos discursos do presidente Norte-Americano George W. Bush. In: SUAREZ, Marcial A. Garcia. **Terrorismo no Século XXI: Instrumentalização do Conceito na Política de Segurança e Defesa dos Estados Unidos da América no Período 1995-2005.** Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CAMPO, Juan Eduardo (org.). **Encyclopedia of Islam.** New York: Facts On File, Inc., 2009.

CASTELLS, Manuel. **The power of Identity, the Information age: economy, society and culture**. Cambridge, MA; Oxford, UK: Blackwell, 2010.

DEBRIX, François (Org). **Language, agency and politics in a constructed world**. Armonk: M.E. Sharpe, 2003.

ELEGANT, Simon. The Terrorist Talk. **Time Magazine**. 13 de outubro de 2003. Disponível em: <<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,1005867,00.html>>. Acesso em 11 de setembro de 2011.

EMERSON, Michael O.; HARTMAN, David. The Rise of Religious Fundamentalism. In: **Annual Review of Sociology**. Vol. 32, p. 127–44, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FILIU, Jean-Pierre. Al-Qaeda, entre la dinámica paquistaní y la tentación virtual. In: Elcano Royal Institute Analyses, ARI Nº 4/2010, 15 jan. 2010. Disponível em: <http://www.realinstitutoelcano.org/wps/portal/rielcano/contenido?WCM_GLOBAL_CONTEXT=/elcano/elcano_es/zonas_es/terrorismo+internacional/ari4-2010>. Acesso em: 02 de setembro de 2011.

FRAMIS, Andrea Giménez-Salinas.; PASSAS, Nikos. La Financiación del Terrorismo de Al Qaida: Mitos y Realidades. **Revista de Derecho Penal y Criminología**, Vol. 2, nº 19, pp. 493-521, 2007. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2602160>>. Acesso em 6 de setembro de 2011.

GUNARATNA. Rohan. **No interior da Al-Qaeda**, rede global do terror. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004.

_____. Al Qaeda's Ideology. In: **Current Trends in Islamist Ideology**, Vol. 1, 2005. Disponível em: <http://www.currenttrends.org/docLib/20060130_Current_Trends_vol_1.pdf>. Acesso em 22 de agosto de 2011.

GUOLO, Renzo.; PACE, Enzo. **I fondamentalismi**. Roma: Laterza, 1998.

HAQQANI, Husain. The Ideologies of South Asian Jihadi Groups. In: **Current Trends in Islamist Ideology**, Vol. 1, 2005. Disponível em: <http://www.currenttrends.org/docLib/20060130_Current_Trends_vol_1.pdf>. Acesso em 22 de agosto de 2011.

HENZEL, Christopher. The Origins of Al Qaeda's Ideology: Implications for US Strategy. **Parameters, US Army War College Quarterly, Spring 2005**, pp. 69-80. 2005. Disponível em: <<http://www.carlisle.army.mil/usawc/parameters/Articles/05spring/henzel.pdf>>. Acesso em 6 de agosto de 2011.

HOFFMAN, Bruce. **Inside Terrorism**. New York: Columbia University Press, 1998.

JACKSON, Richard. Security, Democracy, and the Rhetoric of Counter-Terrorism. In: **Democracy and Security** 1 (2), p. 147-71, 2005. Disponível em: <<http://cadair.aber.ac.uk/dspace/bitstream/handle/2160/1962/Security%2c%20Democracy.pdf?sequence=1>>

_____ The Core Commitments of Critical Terrorism Studies. In: **European Political Science**, 6(3), p. 244-51, 2007. Disponível em: <<http://cadair.aber.ac.uk/dspace/bitstream/handle/2160/1946/ARTICLE-CTS-COMMITMENTS.pdf?sequence=1>>.

_____ An Argument for Terrorism. In: **Perspectives on Terrorism**, 2 (2), p. 25-32, 2008. Disponível em: <<http://cadair.aber.ac.uk/dspace/bitstream/handle/2160/1954/An%20Argument%20for%20Terrorism.pdf?sequence=1>>.

JOMIER, Jacques. **Islamismo: história e doutrina**. Petrópolis: Vozes, 1992.

JONES, Linda G. Ali ibn Abi Talib. In: CAMPO, Juan Eduardo (org.). **Encyclopedia of Islam**. New York: Facts On File, Inc., 2009.

KAPITAN, Tomis. "Terrorism" as a Method of Terrorism. In: **Ethics of Terrorism & Counter-Terrorism**, p. 21-37, 2004.

KEANEY, Heather N. Caliph. In: CAMPO, Juan Eduardo (org.). **Encyclopedia of Islam**. New York: Facts On File, Inc., 2009.

KEPEL, Gilles. **Jihad: expansão e declínio do islamismo**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2003

KRATOCHWIL, Friedrich V. **Rules, norms, and decisions: on the conditions of practical and legal reasoning in international relations and domestic affairs**. New York: Cambridge University Press, 1989.

LAQUEUR, Walter. **Terrorism**. Boston: Little, Brown, 1977

LAWRENCE, Bruce (ed.). **Messages to the World: The Statements of Osama Bin Laden**. London: Verso, 2005.

MAOMÉ. **Alcorão**. Medina: Complexo do Rei Fahd, 2005.

MARSDEN, George. **Fundamentalism and American Culture**. New York: Oxford University Press, 1980.

MARSHALLSAY, Zaniah. **Islamic Fundamentalism: Myth and Reality Confronted?** Paper presented to the Australasian Political Studies Association Conference University of Adelaide, 29 Set. – 1 Out. de 2004. Disponível em: <http://www.adelaide.edu.au/apsa/docs_papers/Others/Marshallsay.pdf>.

MERLOS, Alfonso. La deconstrucción de Al Qaida: de la jerarquía al yihadismo individualizado. Conferencia pronunciada en las Jornadas “La nueva situación em Oriente Próximo: estabilidad, negociación y terrorismo”. Universidad Pontificia de Salamanca, 15 al 17 de noviembre de 2006. Disponível em: <<http://www.ugr.es/~terris/deconstruccion.pdf>>. Acesso em: 30 agosto de 2011.

MESSARI, Nizar.; NOGUEIRA, João Pontes. **Teoria de Relações Internacionais: correntes e debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MOREIRA, Deodoro José. **Islã e terror: estratégias de construção na mídia impressa**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MURPHY, John. Our mission and our moment: George W. Bush and September 11. In: **Rhetoric and Public Affairs**, 6: 4, 2003.

NASR, Seyed Vali Reza. **The Vanguard of the Islamic Revolution: The Jama'at-i Islami of Pakistan**. Los Angeles: University of California Press, 1994.

NELSON, Rick.; SANDERSON, Thomas M. A Threat Transformed: Al Qaeda and Associated Movements in 2011. **A report of the Center for Strategic & International Studies Homeland Security and Counterterrorism Program and The CSIS Transnational Threats Project**, Fevereiro de 2011. Disponível em: <http://csis.org/files/publication/110203_Nelson_AThreatTransformed_web.pdf>. Acesso em 6 de setembro de 2011.

O'BRIEN, C. C. Liberty and Terrorism. In: **International Security**, 2, p. 56-67, 1977.

O'HALLORAN, Kate. Uthman ibn Affan. In: CAMPO, Juan Eduardo (org.). **Encyclopedia of Islam**. New York: Facts On File, Inc., 2009.

ONUF, Nicholas. **World of Our Making: Rules and Rule in Social Theory and International Relations**. Columbia: University of South Carolina Press, 1989.

_____. Constructivism: a User's Manual. In: **International Relations in a Constructed World**. M.E. Sharpe Armonk, New York London, England, 1998.

ORO, Ivo Pedro. **O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo**. São Paulo: Paulus, 1996.

PACE, Enzo. **Sociologia do Islã**. Petrópolis: Vozes, 2005.

PETERS, Rudolph. **Jihad in Classical and Modern Islam**. Princeton: Markus Wiener Publishers, 1996.

PIERUCCI, Antonio Flávio. **Fundamentalismo e Integrismo: os Nomes e a Coisa**. Paper apresentado no XV Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 15-18 de Out. de 1991.

_____. **Ciladas da Diferença**. 2ª Ed, São Paulo: Editora 34, 2000.

PINTO, Maria do Céu de Pinho Ferreira. **Infiéis na terra do islão: os Estados Unidos, o Oriente Médio e o Islão**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

QUTB, Sayyid. **Al-Adalah al-ijtima'iyah fi'l-Islam** (trad. ing., Social Justice in Islam). Oneonta/Nova Iorque: Islamic Publications International, 2000.

_____. **In the Shade of the Qur'an: vol. IV, Surah 5**. Islamic Foundation, 2003. Disponível em: < <http://islamfuture.wordpress.com/2009/09/06/in-the-shade-of-the-quran-fi-dhilal-al-quran-sayyid-qutb-15-volumes/>>. Acesso em 22 de julho de 2011.

_____. **In the Shade of the Qur'an: vol. X, Surah 12-15**. Islamic Foundation, 2003(b). Disponível em: < <http://islamfuture.wordpress.com/2009/09/06/in-the-shade-of-the-quran-fi-dhilal-al-quran-sayyid-qutb-15-volumes/>>. Acesso em 22 de julho de 2011.

RAPOPORT, David. The Four Waves of Terrorism. In: Cronin, Audrey Kurth, and James M. Ludes, (eds.) **Attacking Terrorism: Elements of a Grand Strategy**. Washington D.C.: Georgetown Univ. Press, 2004.

ROLLINGS, John. Al-Qaeda and Affiliates: Historical Perspective, Global Presence, and Implications for U.S. Policy. **Congressional Research Service**. 25 janeiro de 2011. Disponível em: <<http://fpc.state.gov/documents/organization/156542.pdf>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

ROY, Olivier. The Radicalization of Sunni Conservative Fundamentalism. **ISIM Newsletter**, nº 2, March 1999. Disponível em: <https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/17169/ISIM_2_The_Radicalization_of_Sunni_Conservative_Fundamentalism.pdf?sequence=1>. Acesso em 11 de agosto de 2011.

_____. **Globalized Islam: the search for a new ummah**. London: Columbia University Press, 2004.

_____. **Généalogie de l'islamisme**. Paris: Hachette Littératures, 2010.

SAGEMAN, Marc. **Understanding Terror Networks**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

SCHMID, Alex Peter, et al: **Political terrorism: a new guide to actors, authors, concepts, data bases, theories, and literature**. Amsterdam; New York : North-Holland Pub. Co.,1988.

SUAREZ, Marcial A. Garcia. **Terrorismo no Século XXI: Instrumentalização do Conceito na Política e Segurança e Defesa dos Estados Unidos da América no Período 1995-2005**. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria Social Crítica na era dos Meios de Comunicação de Massa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

UNGUREANU, Daniel. Sayyid Qutb's Ideological Influence on Contemporary Muslim Communities Across Western Europe. **Cultura: International Journal of Philosophy of Culture and Axiology**, Vol. 14, 2010. Disponível em: <<http://www.international-journal-of-axiology.net/articole/nr14/art13.pdf>>. Acesso em 3 de junho de 2011.

U.S. - Department of State (2009) - Country Reports on Terrorism 2008. Disponível em: <<http://www.state.gov/documents/organization/122599.pdf>>. Acesso em 17 de outubro de 2011.

U.S. – The National Counterterrorism Center (2010) - 2009 Report on Terrorism. Disponível em: <http://www.nctc.gov/witsbanner/docs/2009_report_on_terrorism.pdf>. Acesso em 17 de outubro de 2011.

WAINBERG, Jacques A. **Mídia e Terror**. São Paulo: Editora Paulus, 2005.

WIKTOROWICZ, Quintan. A Genealogy of Radical Islam. **Studies in Conflict & Terrorism**, Vol 28, pp. 75-97, 2005. Disponível em: <<http://www.intellectualltakeout.org/sites/www.intellectualltakeout.org/files/A%20Genealogy%20of%20Radical%20Islam.pdf>>. Acesso em 2 de agosto de 2011.

ANEXOS

ANEXO A – Discurso de 23 de Agosto de 1996

“Expel the Polytheists from the Arabian peninsula”

A letter from Sheik Osama bin Muhammad bin Laden to his Muslim Brothers across the world, and particularly those in the Arabian peninsula.

Praise be to God. We beseech Him for help and forgiveness. We seek refuge in God from the evil of our souls and our bad deeds. He whom God guides will not go astray, and he whom He leads astray can have no guide. I testify that there is no god but God alone, who has no partners. And I testify that Muhammad is His Servant and Prophet.

“You who believe, be mindful of God, as is His due, and make sure you devote yourselves to Him, to your dying moment”.

“People, be mindful of your Lord, who created you from a single soul, and from it created its mate, and from the pair of them spread countless men and women far and wide; be mindful of God, in whose name you make requests of one another. Beware of the severing ties of kindship: God is always watching over you”.

“Believers, be mindful of God, speak in a direct fashion and to good purpose, and He will put your deeds right for you and forgive you yours sins. Whoever obeys God and His Messenger will truly achieve a great triumph”.

Shu’ayb said: “I cannot succeed without God’s help: I trust in Him, and always turn to Him”.

Thanks be to God, who said: “[Believers], you are the best community singled out for people: you order what is right, forbid what is wrong, and you believe in God.”

And blessings and peace upon His Servant and Prophet, who said: “The people are close to an all-encompassing punishment from God if they see the oppressor and fail to restrain him”.

It is no secret to you, my brothers, that the people of Islam have been afflicted with oppression, hostility, and injustice by the Judeo-Christian alliance and its supporters. This shows our enemies’ belief that Muslims’ blood is the cheapest and that their property and wealth is merely loot. Your blood has been spilt in Palestine and Iraq, and the horrific image of the massacre in Qana in Lebanon are still fresh in people’s minds. The massacres that have taken place in Tajikistan, Burma, Kashmir, Assam, the Philippines, Fatani, Ogaden, Somalia, Eritrea, Chechnya, and Bosnia-

Herzegovina send shivers down our spines and stir up our passions. All this happened before the eyes and ears of the world, but the blatant imperial arrogance of America, under the cover of the immoral United Nations, has prevented the dispossessed from arming themselves.

So the people of Islam realized that they were the fundamental target of the hostility of the Judeo-Crusader alliance. All the false propaganda about the supposed rights of Islam was abandoned in the face of the attacks and massacres committed against Muslims everywhere, the latest and most serious of which – the greatest disaster to befall the Muslims since the death of the Prophet Muhammad – is the occupation of Saudi Arabia, which is the cornerstone of the Islamic world, place of revelation, source of the Prophetic mission, and home of the Noble Ka'ba where Muslims direct their prayers.

Despite this, it was occupied by the armies of the Christians, the Americans, and their allies.

I meet you today in the midst of this gloomy scenario, but also in light of the tremendous, blessed awakening that has swept across the world, and particularly the Islamic world. After the scholars of Islam underwent and enforced absence – enforced due to the oppressive Crusader campaign led by America in the fear that these scholars will incite our Islamic *umma* against its enemies, in the same way as did the pious scholars of old (God bless their souls) such as ibn Taymiyya and al-Izz ibn Abd al-Salam – this Judeo-Crusader alliance undertook to kill and arrest the righteous scholars and hardworking preachers. May God sanctify who He wishes. They killed the *mujahid* Sheikn Abdallah Azzam, they arrested Sheikh Ahmed Yassin in Jerusalem, and they killed the *mujahid* Sheikh Omar Abd al-Rahman in America, as well as arresting – on the advice of America – a large numbers of scholars, preachers and youth in Saudi Arabia.

The most prominent of these were Sheikh Salman al-Auda and Sheikh Safar al-Hawali and their brothers.

This injustice was inflicted on us, too, as we were prevented from talking to Muslims and were hounded out Saudi Arabia to Pakistan, Sudan, and then Afghanistan. That is what led to this long absence of mine, but by the grace of God there became available a safe base in Khurasan, high in the peaks of the Hindu Kush, the very same peaks upon which were smashed, by the grace of God, the largest infidel military force in the world, and on which the myth of the great powers perished before the cries of the holy warriors: God is greatest!

And today, in the same peaks of Afghanistan, we work to do away with the injustice that has befallen our *umma* at the hands of the Judeo-Crusader alliance, especially after its occupation of Jerusalem and its appropriation of Saudi Arabia. We pray to God that He might bless us with victory – He is our protector and is well capable of doing so.

And so here we are today, working and discussing with each other to find ways of rectifying what has happened to the Islamic world generally and Saudi Arabia in particular. We need to study the appropriate paths to take in order to restore things to good order, and to restore to the people their rights after the considerable damage and harm inflicted on their life and religion. This has afflicted every section of society, whether civilian or military or security personnel, whether employees or merchants, young or old, university students, graduates or the unemployed, who now represent a broad section of society numbering hundreds of thousands. The situation in Saudi Arabia has begun to resemble a huge volcano that is about to explode and destroy unbelief and corruption, wherever it comes from. The

two explosions in Riyadh and Khobar are merely warning signs pointing to this destructive torrent which is produced by bitter repression, terrible injustice, and the humiliating poverty that we see today.

People are struggling even with the basics of everyday life, and everyone talks frankly about economic recession, price inflation, mounting debts, and prison overcrowding. Low-income government employees talk to you about their debts in the tens or hundreds of thousands of riyals, whilst complaining that the riyal's value is declining dramatically. Domestic debts owed by the government to its citizens have reached 340 billion riyals, and are rising daily due to usurious interest, let alone all the foreign debt. People are wondering: are we really the biggest source of oil in the world? They feel that God is bringing this torture upon them because they have not spoken out against the regime's injustice and illegitimate behavior, the most prominent aspects of which are its failure to rule in accordance with God's law, its depriving of legal rights to its servants, its permitting the American occupiers into Saudi Arabia, and its unjustly throwing them in prison. The regime has desecrated its legitimacy through many of its own actions, the most important being:

1. Its suspension of the ruling of Islamic law and replacement thereof with man-made laws, and its entering into a bloody confrontation with the righteous scholars and pious youth. May God sanctify whom He pleases.
2. Its inability to protect the land and its allowing the enemies of God to occupy it for years in the form of the American Crusaders, who have become the principal reason for all aspects of our land's disastrous predicament.

The voices of the shadows have spoken up, their eyes uncovering the veil of injustice and their noses smelling the stench of corruption. The voices of reform have spoken up, calling for the situation to be put right: they have sent petitions, testimonies, and requests for reform. In the year 1411 AH, at the time of the Gulf War, a petition was sent to the king with around 400 signatures calling for reform in the country, but he made a mockery of them by completely ignoring their advice, and the situation went from bad to worse.

Brother Muslims in Saudi Arabia, does it make any sense at all that our country is the biggest purchaser of weapons from America in the world and America's biggest trading partner in the region, while at the very same time the Americans are occupying Saudi Arabia and supporting – with money, arms, and manpower – their Jewish brothers in the occupation of Palestine and their murder and expulsion of Muslims there? Depriving these occupiers of the huge returns they receive from their trade with us is a very important way of supporting the *jihad* against them, and we expect you to boycott all Americans goods.

Men of the radiant future of our umma of Muhammad, raise the banner of jihad up high against the Judeo-American alliance that has occupied the holy places of Islam. God told his Prophet: "He will not let the deeds of those who are killed for His cause come to nothing; He will guide them and put them in a good state." And the Prophet said: "There are one hundred levels in Heaven that God has prepared for the holy warriors who have died for Him, between two levels as between the earth and the sky." And the *al-Jami al-Sahih* notes that the Prophet said: "The best martyrs are those who stay in the battle line and do not turn their faces away until they are killed. They will achieve the highest level of Heaven, and their Lord will look kindly upon them. When your Lord looks kindly upon a slave in the world, He will not hold him to account". And he said: "The martyr has a guarantee from God: He

forgives him at the first drop of his blood and shows him his seat in Heaven. He decorates him with the jewels of faith, protects him from the torment of the grave, keeps him safe on the day of the judgment, places a crown of dignity on his head with the finest rubies in the world, marries him to seventy-two of the pure virgins of paradise and intercedes on behalf of seventy of his relatives”, as related by Ahmad al-Tirmidhi in a authoritative *hadith*”.

I say to the youth of Islam who have waged *jihad* in Afghanistan and Bosnia-Herzegovina, with their financial, spiritual, linguistic, and scholarly resources, that the battle is not yet over I remind them of what Gabriel said to the Prophet, after the battle of Ahzab: When the Messenger of God, prayers and peace be upon him, departed to Medina and laid down his sword, Gabriel came to him and said: “You have laid down your sword? By God, the angels have not yet laid down their swords. Get up and go with whoever is with you to the Bani Qurayza, and I will go ahead of you to shake their fortresses and strike fear into them. So, Gabriel went off, accompanied by his pageant of angels, the Prophet, and his holy warriors and helpers”. This is as it was told by al-Bukhari.

I say to our Muslim brothers across the world: your brothers in Saudi Arabia and Palestine are calling for your help and asking you to share with them in the *jihad* against the enemies of God, your enemies the Israelis and Americans. They are asking you to defy them in whatever way you possibly can, so as to expel them in defeat and humiliation from the holy places of Islam. God Almighty has said: “If they seek help from you against persecution, it is your duty to assist them”.

Cavalry of Islam, be mounted! This is a difficult time, so you yourselves must be tough. You should know that your coming-together and cooperation in order to liberate the holy places of Islam is the right step towards unification of the world of our *umma* under the banner of God’s unity. At this point we can only raise our palms humbly to ask God Almighty to provide good fortune and success in this matter.

Lord, bless your slave and messenger Muhammad, and his family and companions. Our final prayer is to praise to God, Lord of the worlds.

Your brother in Islam,
Osama bin Muhammad bin Laden.

ANEXO B – Discurso de Fevereiro de 1998

Sheikh Osamah bin Muhammad bin Laden
Ayman al-Zawahiri, amir of the Jihad Group in Egypt
Abu-Yasir Rif’ai Ahmad Taha, Egyptian Islamic Group
Sheikh Rahman, amir of the Jihad Movement in Bangladesh

Praise be to God, revealer of the Book, controller of the clouds, defeater of factionalism, who says in His Book: “When the forbidden months are over, wherever you find the polytheists, kill them, seize them, besiege them, ambush them.” Prayers and peace be upon our Prophet Muhammad bin Abdallah, who said: “I have been sent a sword in my hands so that only God may be worshipped, God who placed my livelihood under the shadow of my spear and who condemns those who disobey my orders to servility and humiliation.”

Ever since God made the Arabian peninsula flat, created desert in it and surrounded it with seas, it has never suffered such a calamity as these Crusader hordes that have spread through it like locusts, consuming its wealth and destroying

its fertility. All this at a time when nations have joined forces against the Muslims as if fighting over a bowl of food. When the matter is this grave and support is scarce, we must discuss current events and agree collectively on how best to settle the issue.

There is now no longer any debate about three well acknowledged and commonly agreed facts that require no further proof, but we will repeat them so that people remember them. They are as follows:

Firstly, for over seven years America has occupied the holiest parts of the Islamic lands, the Arabian peninsula, plundering its wealth, dictating to its leaders, humiliating its people, terrorizing its neighbours and turning its bases there into a spearhead with which to fight the neighbours Muslim peoples.

Some might have disputed the reality of this occupation before, but all the people of the Arabian peninsula have now acknowledged it. There is no clearer proof than America's excessive aggression against the people of Iraq, using the Peninsula as a base. It is true that all its leaders have rejected such use of their lands, but they are powerless.

Secondly, despite the great devastation inflicted upon the Iraqi people at the hands of the Judeo-Crusader alliance, and despite the terrible number of deaths – over one million – despite all this, the Americans are trying to repeat these horrific massacres again, as if they are not satisfied with the long period of sanctions after the vicious war, or with all the fragmentation and destruction.

Today they come to annihilate what is left of this people and humiliate their Muslim neighbours.

Thirdly, while these wars are being waged by the Americans for religious and economic purposes, they also serve the interests of the petty Jewish state, diverting attention from its occupation of Jerusalem and its murder of Muslims there.

There is no better proof of this than their eagerness to destroy Iraq, the strongest neighbouring Arab state, and their efforts to fragment all the states in the region, like Iraq, Saudi Arabia, Egypt, and Sudan, into paper mini-states whose weakness and disunity will guarantee Israel's survival and the continuation of the brutal Crusader occupation of the Peninsula.

All these American crimes and sins are a clear proclamation of war against God, his Messenger, and the Muslims. Religious scholars throughout Islamic history have agreed that jihad is an individual duty when an enemy attacks Muslim countries. This was related by the Imam ibn Qudama in "The Resource," by Imam al-Kisa'i in "The Marvels," by al-Qurtubi in his exegesis, and by the Sheikh of Islam when he states in his chronicles that "As for fighting to repel an enemy, which is the strongest way to defend freedom and religion, it is agreed that this is a duty. After faith, there is no greater duty than fighting an enemy who is corrupting religion and the world."

On this basis, and in accordance with God's will, we pronounce to all Muslims the following judgment:

To kill the American and their allies – civilians and military – is an individual duty incumbent upon every Muslim in all countries, in order to liberate the al-Aqsa Mosque and the Holy Mosque from their grip, so that their armies leave all the territory of Islam, defeated, broken, and unable to threaten any Muslim. This is in accordance with the words of God Almighty: "Fight the idolators at any time, if they first fight you;" "Fight them until there is no more persecution and until worship is devoted to God;" "Why should you not fight in God's cause and for those oppressed men, women, and children who cry out: 'Lord, rescue us from this town whose people are oppressors! By Your grace, give us a protector and a helper!'"

With God's permission we call on everyone who believes in God and wants reward to comply with His will to kill the Americans and seize their money wherever and whenever they find them. We also call on the religious scholars, their leaders, their youth, and their soldiers, to launch the raid on the soldiers of Satan, the Americans, and whichever devil's supporters are allied with them, to rout those behind them so that they will not forget it.

God Almighty said: "Believers, respond to God and His Messenger when he calls you to that which gives you life. Know that God comes between a man and his heart, and that you will be gathered to Him."

God Almighty said: "Believers, why, when it is said to you, 'Go and fight in God's way,' do you dig your heels into the earth? Do you prefer this world to the life come? How small the enjoyment of this world is, compared with the life to come! If you do not go out and fight, God will punish you severely and put others in your place, but you cannot harm Him in any way: God has power over all things."

God Almighty also said: "Do not lose heart or despair – if you are true believers you will have the upper hand."

ANEXO C – Discurso de 21 de Outubro de 2001

Osama bin Laden: May God greet you.

Taysir Alluni: A question that is repeated on the tongues of a lot of people all around the world: The USA claims that it has convincing proof of your involvement in the events of New York and Washington. What is your answer to that?

Osama bin Laden: Praise be to God, the Lord of the Worlds. May God's Peace and Blessings be upon Muhammad, his pure family and his noble Companions. To proceed: As far as concerns [America's] description of these attacks as terrorist acts, that description is wrong. These young men, for whom God has created a path, have shifted the battle to the heart of the United States, and they have destroyed its most outstanding landmarks, its economic and military landmarks, by the grace of God. And they have done this because of our words – and we have previously incited and roused them to action – in self-defense, defense of our brothers and sons in Palestine, and in order to free our holy sanctuaries. And if inciting for these reasons is terrorism, and if killing those that kill our sons is terrorism, then let history witness that we are terrorists.

Taysir Alluni: Alright, but Sheikh, those who monitor your speeches and documents have noted the oath you have given recently, in which you said, word for word: "I swear to Almighty God who raised the heavens, that neither America nor anyone who lives there will be able to dream of security until we live it as a reality in Palestine." So, it is easy for any follower of these events to make a connection between the terrorist events that happened in New York and Washington, and your previous statement. So what is your opinion on these observations?

Osama bin Laden: Making connections is easy. If this implies that we have incited these attacks, then yes, we've been inciting for years, and we have released decrees and documents concerning this issue, and other incitements which were published and broadcast in the media. So if they mean, or if you mean, that there is a

connections as a result of our incitement, then that is true. So we incite, and incitement is a duty – and God has asked it from the best of humans, the Prophet.

God said: “Then fight [O Muhammad] in the Cause of God, you are not help responsible except for yourself, and incite the believers [to fight along with you] – it may be that God will restrain the evil might of the disbelievers. And God is Stronger in Might and Stronger in punishing.”

And what He meant is fighting and combat against the disbelievers. So this connection is indeed right. We have incited and urged the killing of Americans and Jews. That is true.

Taysir Alluni: Now, Sheikh Osama bin Laden, the al-Qaeda organization is today facing a state that dominates the world militarily, politically, and technologically. The material capabilities of the al-Qaeda organization don't come remotely close to the capabilities of the USA, so by what logic can an organization of this kind defeat the USA – militarily, for example?

Osama bin Laden: I say the battle isn't between the al-Qaeda organization and the global Crusaders. Rather, the battle is between Muslims – the people of Islam – and the global Crusaders. And that organization, with the grace of God, used to work with our Afghan mujahidin brothers, and people used to ask us: “How will you defeat the Soviet Empire?” And at that time, the Soviet Empire was a mighty power that scared the whole world – NATO used to shake in fear in front of the Soviet Empire. So where now is that strong force that God sent to us and our mujahidin brothers?

The Soviet Empire has become – with God's grace – a figment of the imagination. Today, there is no more Soviet Empire; it split into smaller states and only Russia is left. So the One God, who sustained us with one of His helping Hands and stabilized us to defeat the Soviet Empire, is capable of sustaining us again and of allowing us to defeat America on the same land, and with the same sayings. So we believe that the defeat of America is something achievable – with the permission of God – and it is easier for us – with the permission of God – than the defeat of the Soviet Empire previously.

Taysir Alluni: How do you think it's easy? Why do you think it's easier?

Osama bin Laden: We have already fought them – like our brothers who have engaged in battle with the Americans, as in Somalia. We have not yet found a significant force of note. There is a great aura about America, which it uses to scare people before it engages in battle. So our brothers that were here in Afghanistan tried to overcome this, and God has cleared the path for them through some of the mujahidin in Somalia. So America left, dragging behind it tails of humiliation, defeat, and loss, without looking back; it retreated unexpectedly, and it forgot all that great media enthusiasm about the New World Order, and how it was the master of that order, and could do whatever it pleased. It forgot all that and picked up its armies and retreated in defeat, with God's grace. So we fought against the Russians for ten years from 1979 until 1989; we then we continued against the Communists in Afghanistan. Today we are at the end of the second week [of the bombing], and what a difference there is, like night and day, between both battles. So we implore God to sustain us with one of His helping Hands and to break America, for He is capable of that.

Taysir Alluni: In connection to Afghanistan, you have said that you will defeat America in this country. Don't you think that the existence of the al-Qaeda organization on the land of Afghanistan is making the Afghan people pay a high price?

Osama bin Laden: Well, this view is partial and incomplete, and only from one perspective. When we first arrived in Afghanistan, and when assistance came to aid the mujahidin victory, after the Russians entered, in 1399 AH [1979], the Saudi government officially asked us to not enter Afghanistan. Due to my arrival in Afghanistan, and due to my family's closeness to the Saudi governmental system, a letter arrived commanding Osama not to enter Afghanistan, and to stay with the immigrants in Peshawar, because if the Russians were to capture or imprison him, it would be construed as proof of Saudi backing for the mujahidin against the Soviet Empire. During that time, the whole world shook in fear from the Soviet Empire – and I am not exaggerating about this prohibition [to enter Afghanistan], as it was damaging to the Saudi government, from their point of view. They were forced to issue the prohibition as a result of their policies. So when we joined the Afghans for the first time, we endured what we had to endure, in our desire to awaken the Islamic self, and to safeguard the Muslim children and offspring here, and for victory for the religion. And this is a duty incumbent on all Muslims, not just the Afghans. So if I, or some of my brothers that came to perform jihad, have acted upon this duty, [which is] to bring victory to our brothers in Palestine, it does not mean that bin Laden alone has to endure this, but that it is a duty on all of our umma to do so, because it is in the Way of God, and jihad is today obligatory for all of us, Afghans and others, and it is true that they endure, but this is an Islamic duty for them and others to support this... [interjection by Taysir Allumi]

Taysir Alluni: Let's get back to the question...

Osama bin Laden: ... and in addition to the matters related to the bombing of the Afghans [and those who] say that [the bombing] is only because of us [the mujahidin], the reason for it is not down to me. America didn't start by taking my money and didn't hurt me personally at all, but it made claims about me as a result of our incitement against the Jews and the Americans, in protection of our Islamic umma. And it is a known fact that America is against the establishment of any Islamic state; the Commander of the Faithful [Mullah Omar] has declared this on more than one occasion, as have a lot of the prominent students, which shows that they are being targeted because of their religion, not just because of the presence of Osama bin Laden. And as Omar has said, the British invaded and were defeated in Afghanistan before bin Laden was to be found here, and the Russians came, before we did, and now the Americans have come, and we implore God to defeat them like He defeated their previous allies.

Taysir Alluni: Let us go back to the transgressions that happened in New York and Washington. What is your analysis about what happened – its effect on America, and its effect on the Islamic world? Please note that this question is in two parts.

Osama bin Laden: I say that the events that happened on Tuesday September 11 in New York and Washington are truly great events by any measure, and their repercussions are not yet over. And if the fall of the twin towers was a huge event,

then consider the events that followed it ... let us talk about the economic effects, which are still continuing. According to their own admission, the share of the losses on the Wall Street Market reached 16 per cent. They said that this number is a record, which has never happened since the market opened more than 230 years ago. A collapse of this scale has never happened before. The gross amount that is traded in that market reaches \$4 trillion. So if we multiply 16 per cent by \$4 trillion to find out the loss that affected the stocks, it reaches \$640 billion of losses from stocks, with God's grace, an amount that is equivalent to the budget of Sudan for 640 years. They have lost this through an attack that happened with the permission of God, lasting one hour only. The daily income of the American nation is \$20 billion. The first week [after the attack] they didn't work at all as a result of the psychological shock of the attack, and even today some still don't work because of it. So if you multiply \$20 billion by 1 week, it comes to \$140 billion – and the actual amount is even bigger than this. If you add it to the \$640 billion, we've reached how much? Approximately \$800 billion. The cost of building and construction losses? Let us say more than \$30 billion. So far, they have fired or liquidated more than 170,000 employees from airline companies, including airfreight companies and commercial airlines. American studies and analysis have mentioned that 70 per cent of the American people are still suffering from depression and psychological trauma as a result of the incident of the two towers, and the attack on the Defense Ministry, the Pentagon. One of the well-known American hotel companies, Intercontinental, has fired 20,000 employees, thanks to God's grace. These repercussions cannot be calculated by anyone, due to their very large – and increasing – scale, multitude, and complexity, so watch as the amount reaches no less than \$1 trillion by the lowest estimate, due to these successful and blessed attacks. We implore God to accept those brothers within the ranks of the martyrs, and to admit them to the highest levels of Paradise.

But I mention that there are also other events that took place, bigger, greater, and more dangerous than the collapse of the towers. It is that this Western civilization, which is backed by America, has lost its values and appeal. The immense materialistic towers, which preach Freedom, Human Rights, and Equality, were destroyed. These values were revealed as a total mockery, as was made clear when the US government interfered and banned the media outlets from airing our words (which don't exceed a few minutes), because they felt that the truth started to appear to the American people, and that we aren't really terrorists in the way they want to define the term, but rather because we are being violated in Palestine, in Iraq, in Lebanon, in Sudan, in Somalia, in Kashmir, in the Philippines, and throughout the world, and that this is a reaction from the young men of our umma against the violations of the British Government. So, they declared what they declared, and they ordered what they ordered, and they forgot everything they mentioned about free speech, and unbiased opinion and all those matters. So I say that freedom and human rights in America have been sent to the guillotine with no prospect of return, unless these values are quickly reinstated. The government will take the American people and West in general into a choking life, into a unsupportable hell, because of the fact that it has very strong ties with and are under the payroll of, the Zionist lobby, which serves the needs of the Israel, which kills our sons and our children without right so that it can keep on ruling with total control.

Taysir Alluni: There has been a clash of opinions regarding the effects of these actions [the 9/11 attacks] on the Islamic world. There are some who have made statements that have been accepted in the Islamic world: you hear all the official

statements saying that those attacks are terrorist actions and that these people are innocent civilians, and that the attacks are unacceptable, and that they don't concord with the modern Islamic religion, and so on. So what is your opinion on what you have been able to follow of news concerning the Islamic world's reaction to the network that you own or run all around the world?

Osama bin Laden: I say that the events have proved very clearly the magnitude of the terrorism America inflicts in the world. Bush admitted that there can only be two kinds of people: one kind being Bush and his followers; and any nation that doesn't follow the Bush government, or the World Crusade, is guaranteed to be included with the terrorists. What kind of the terrorism is more terrifying and evident than this? A lot of countries that can't speak for themselves followed this powerful world terrorism, and were also forced to say at the beginning that they were with him [Bush], even though they all know without any doubt that we are fighting to protect our brothers and our holy sanctuaries. So the declarations of the leaders, both in the East and West, stated that the causes and roots of terrorism have to be removed. When they were asked to identify these causes, they mentioned the Palestine issue. We are part of a rightful cause, but in fear of America, these countries could not say that our cause is just – so they call us terrorists, and then ask us to fix the Palestine issue. In light of these recent attacks and what ensued from them, Bush and Blair quickly reacted and said that now is the time to create an independent nation for Palestine. Amazing! And yet there was apparently no suitable time in the last 10 years to address this issue before the [9/11] attacks happened? They evidently won't wisen up without the language of beating and killings. So, as they kill us, without a doubt we have to kill them, until we obtain a balance in terror. This is the first time, in recent years, that the balance of terror has evened out between the Muslims and the Americans; previously, the Americans did to us whatever they pleased, and the victim wasn't even allowed to complain. And the Clinton comes out and tells us that Israel has the right to defend itself, after the slaughter of Qana. They didn't even give the Israelis a warning! And when the new President Bush came [into office] with Minister Colin Powell, they said within the first months of their rule that they would move the US embassy from Tel Aviv to Jerusalem, and that Jerusalem would be the eternal capital of Israel, and the Congress and the Senate applauded them. That is hypocrisy beyond any hypocrisy, and a clear violation. They will not come to their senses unless the attacks fall on their heads and, with the grace of God, until the battle has moved inside America. We will strive to maintain the fight until victory is attained or until we meet God [through martyrdom].

Taysir Alluni: But Sheikh, from what I see from your answers, you always concentrate on Palestine and the Palestinian issue. So let me ask you this question. In your latest statements, or more precisely in a statement that appeared a few years ago that preached the killing of Jews and Crusaders (and we remember that the tittle had between quotes a famous hadith, "Expel the polytheists from the Arabian peninsula"), you concentrated on the expulsion of the Americans from the Arabian peninsula. But in your latest statements we see less mention of this. You have instead foregrounded the Palestinian issue – or as you like to call it the "Aqsa issue" – and have relegated, so to speak, the issue of Saudi Arabia. So what is your opinion or argument on this matter?

Osama bin Laden: I say that jihad is without doubt mandatory for all Muslims, to free al-Aqsa, or to save the weak in Palestine, Lebanon, Iraq, and all Islamic lands; there is no doubt that freeing the Arabian peninsula from the polytheists is also compulsory. And concerning this talk about Osama pushing the Palestinian issue to the forefront: that is not true. The humble servant [bin Laden] made a speech in the year 1407 AH [1986] that urged Muslims to boycott American products, and I used to say that the Americans take our money and give it to the Jews, so they can kill our children with it in Palestine. Such boycotting is mandatory for all Muslims, as is freeing the Arabian peninsula from the polytheists, and there are a lot of mandatory things in jihad – such as Kashmir, for example, and the battlefield that was created a few years ago, the title of which was called: “The World Islamic Front for Jihad Against the Jews and Crusaders.” So our mention of these two issues [Palestine and Saudi Arabia] is of the utmost importance. Some of the events of recent times might foreground a certain issue, so we move in that direction, without ignoring the other.

Taysir Alluni: What are the events that have pushed you towards the Palestinian issue?

Osama bin Laden: In recent times, the new rise of the blessed intifada, the intifada of Rajab. It helped focus us on this issue, and was the biggest reason for our foregrounding it; in this we only strive to do our duty so as not to feel religiously ashamed. All the above issues affect each other. The attack on the Americans concerning the Palestine issue helps in regards to the Saudi Arabia issue, and vice versa, as does attacking the Americans because they are considered to be a protective shield for the Jews in the areas of Tabuk and the eastern regions of Saudi Arabia.

Taysir Alluni: Alright Sheikh, now, to move on to the Jews and the Crusaders: you have as you say written legal rulings concerning the duty of jihad against the Jews and Crusaders. From what we have seen from other legal rulings written by scholars, there are some that support you, but there are also some who have argued and protested against your legal rulings. They ask what grounds we can have for killing a Jew, just because of this religion? Or the Crusader or the Nazarene [Christian], should he be killed first because of his religion? Your legal rulings have differed from and don't have any relation to the legal rulings of the other scholars.

Osama bin Laden: I will say that these issues have resulted in a lot of legal rulings from the Muslims. In Palistan, there are a lot of the legal rulings issued by scholars (one of the greatest being Mufti Nizamuddin Shamzai), and in the land of the Arabs, more precisely Saudi Arabia, a lot of approved and repeated legal rulings appeared. One of the best of them is that of Sheikh Hamud bin Abdallah bin Uqla al-Shu'aybi, may God bless his life, who is one of the greatest scholars in Saudi Arabia; he urges the duty of fighting the Americans and fighting the Israelis in Palestine, making [attacks on] their blood and wealth permissible. There also appeared a fatwa from Sheikh Sulayman al-Ulwan, and a book written by one of the students of knowledge, The Thuth About the Modern Crusader Wars, in which he denounced those who say that this fighting is invalid, and those who disagree with true Islamic law, and spoke against other wrongdoings. Yes, he wrote well, and we implore God to bless him.

Taysir Alluni: What about the killing of innocent civilians?

Osama bin Laden: It is very strange for Americans and other educated people to talk about the killing of innocent civilians. I mean, who said that our children and civilians are not innocents, and that the shedding of their blood is permissible? Whenever we kill their civilians, the whole world yells at us from east to west, and America starts putting pressure on its allies and puppets. Who said that our blood isn't blood and that their blood is blood? What about the people that have been killed in our lands for decades? More than 1,000,000 children died in Iraq, and they are still dying, so why do we not hear people that cry or protest, or anyone who reassures or anyone who sends condolences? And it is said in truth by our Prophet in the authentic hadith: "A woman has entered hell because of a cat she tied up without giving it food or without letting it eat from the blessings of the earth." And that is just because of a cat, so what about the millions of Muslims that are getting killed? Where are the [comments of the] educated? Where are the writers? Where are the scholars? Where are the free? Where are the ones who have one atom of faith in their hearts? How is it that these people are moved when civilians die in America, and not when we are being killed everyday? Everyday in Palestine, children are killed. There is a great misconception in people today, which needs to be corrected by every means possible, and the numbers [who have died] need to be recalculated. There is a strong instinct in humans to lean towards the powerful without knowing it, so when they talk about us, they know we will not answer them, and if they stand in the ranks of the governments and the Americans, they will think that they will feel something that we don't.

A long time ago, one of the kings that ruled ancient Arabs killed an Arab, and people became inured to the idea that kings kill humans. So the brother of the deceased went to the king and killed him. After this victory, the people were astonished, and said: "You are able to kill a king just because of your brother?" So who permitted the rule of that king?" These are both equal souls, and the blood of Muslims is equal, but in those times some people's blood was more equal than others, so that gentle man replied: "My brother is my king." And today all our brothers in Palestine are our king, so we kill the kings of disbelief and the kings of the Crusaders, and the civilians among the disbelievers, in response to the amount of our sons they kill: this is correct in both religion and logic.

Taysir Alluni: So you say that this is an eye for an eye? They kill our innocents, so we kill theirs?

Osama bin Laden: Yes, so we kill their innocents – this is valid both religiously and logically. But some of the people who talk about this issue, discuss it from a religious point of view...

Taysir Alluni: What is their proof?

Osama bin Laden: They say that the killing of innocents is wrong and invalid, and for proof, they say that the Prophet forbade the killing of children and women, and that is true. It is valid and has been laid down by the Prophet in an authentic Tradition...

Taysir Alluni: This is precisely what I'm talking about! This is exactly what I'm asking you about!

Osama bin Laden: ... but this forbidding of the killing children and innocents is not set in stone, and there are other writings that uphold it.

God's saying: "And if you punish (your enemy, O you believers in the Oneness of God), then punish them with the like of that with which you were afflicted..."

The scholars and people of the knowledge, amongst them Sahib al-Ikhtiyarat [ibn Taymiyya] and ibn al-Qayyim, and Shawaani, and many others, Qurtubi – may Gad bless him – in his Qur'an commentary, say that if the disbelievers were to kill our children and women, then we should not feel ashamed to do the same to them, mainly to deter them from trying to kill our children and women again. And that is from a religious perspective, and those who speak without any knowledge of Islamic law, saying that killing a child is not valid and whatnot, and in the full knowledge that those young men, for whom God has cleared the way, didn't set out to kill children, but rather attacked the biggest center of military power in the world, the Pentagon, which contains more than 64,000 workers, a military base which has a big concentration of army and intelligence... [interjection by Taysir Alluni]

Taysir Alluni: What about the World Trade Center...?

Osama bin Laden: As for the World Trade Center, the ones who were attacked and who died in it were part of a financial power. It wasn't a children's school! Neither was it a residence. And the general consensus is that most of the people who were in the towers were men that backed the biggest financial force in the world, which spreads mischief throughout the world. And those individuals should stand before God, and rethink and redo their calculations. We treat others like they treat us. Those who kill our women and our innocent, we kill their women and innocent, until they stop doing so.

Taysir Alluni: Moving on, Sheikh Osama, the media and security services say that you lead a network with a very big reach, which some say spreads over 40 or 50 countries, and that the al-Qaeda organization has substantial resources, which you use a lot to order missions. [They say] that you support many Islamic organizations or movements, which some describe as "terrorist". The question that we ask you is, what is the magnitude of the involvement of the al-Qaeda organization, and what is the type of involvement that exists between the al-Qaeda organization and Osama bin Laden?

Osama bin Laden: I say response to this what I have stated before, that this matter isn't about any specific person, and that it is not about the al-Qaeda organization. We are the children of an Islamic Nation, with the Prophet Muhammad as its leader; our Lord is one, our Prophet is one, our direction of prayer is one, we are one umma, and our Book [the Qur'an] is one. And this blessed Book, together with the hadith of our noble Prophet, has religiously commanded us with the brotherhood of faith, and all the true believers are brothers. So the situation is not as the West portrays it: that there exists an "organization" with a specific name, such as "al-Qaeda", and so on. That particular name is very old, and came about quite independently of me. Brother Abu Ubaida al-Banshiri created a military base to train the young men to fight against the Soviet empire, which was truly vicious, arrogant, brutal, and terrorized the faithful. So this place was called "The Base", as in a training base, and the name grew from this. We aren't separated from the umma. We are the children of an umma, and an inseparable part of it, from those public demonstrations which spread from the Far

East, from the Philippines, to Indonesia, to Malaysia, to India, to Pakistan, reaching Mauritania – and so we are discussing the conscience of our umma.

These young men that have sacrificed themselves in New York and Washington, these are the ones that speak the truth about the conscience of our umma, and they are its living conscience, which sees that it is imperative to take revenge against the evildoers and transgressors and criminals and terrorists, who terrorize the true believers. So, not all terrorism is restrained or ill-advised. There is terrorism that is ill-advised and there is terrorism that is a good act. So, in their definition of the word, if a criminal or a thief feels that he is terrorized by the police, do we label the police terrorists and say they terrorized the thief? No, the terrorism of the police towards the criminals is a good act, and the terrorism that is being exercised by the criminals against the true believers is wrong and ill-advised. So America and Israel practice ill-advised terrorism, and we practise good terrorism, because it deters those from killing our children in Palestine and other places.

Taysir Alluni: Now, Sheikh Osama, what is your strategy concerning the Arab states? We have seen that some Arab states have discussed what happened in New York and Washington and have backed the American claims against you, opposing what happened in New York and Washington. Some Arab states were very strong in their criticism. The latest speech of the Saudi Interior Minister, for example, warned against you personally, and warned against the following of your curriculum and what you say. So do you have a specific strategy for Arab nations? And what is your answer to the latest declaration by the Saudi Interior Minister?

Osama bin Laden: I assure you that we are a part of this umma, that our goal is the victory of the umma, and struggle is to remove mischief, inequality, irresponsibility, and to emphasize the importance of avoiding these things, and the removal of the man-made laws that America has forced on its collaborators in the region, so that our umma can be ruled by the Book that has been sent down by its Creator, God. So I listened to some of the words of the Interior Minister and he blamed us directly, also saying that “those people call Muslims disbelievers” – we seek God’s refuge from this. We think that Muslims are Muslims, and we don’t call any Muslims disbelievers unless they specifically commit one of the well-known great sins of Islam, in full knowledge that this is one of the wrongful actions in religion.

So I say that, in general, our concern is that our umma unites either under the Words of the Book of God or His Prophet, and that this nation should establish the righteous caliphate of our umma, which has been prophesied by our Prophet in his authentic hadith: that the righteous caliph will return with the permission of God. The umma is asked to unite itself in the face of this Crusaders’ campaign, the strongest, most powerful, and most ferocious Crusaders’ campaign to fall on the Islamic umma since the dawn of Islamic history. There have been past Crusader wars, but there have never been campaigns like this one before.

So Bush has declared in his own words: “Crusade attack.” The odd thing about this is that he has taken the words right out of our mouth [that this war is a crusade]. Some people also believe what is said about us, like the [Saudi] Minister’s words, that we declare other Muslims to be unbelievers – we seek God’s refuge from this. But, when Bush speaks, people make apologies for him and they say that he didn’t mean to say that this war is a Crusade, even though he himself said that is was! So the world today is split in two parts, as Bush said: either you are with us, or you are with terrorism. Either you are with the Crusade, or you are with Islam. Bush’s

image today is of him being in the front of the line, yelling and carrying his big cross. And I swear by God Almighty, that whoever walks behind Bush or his plan has rejected the teachings of Muhammad, and this ruling is one of the clearest rulings in the Book of God and the hadith of the Prophet; and I advise, as I and many other scholars have advised before, that the proof for this is the Almighty's words while addressing to the true believers: "O you who believe! Take not the Jews and the Christians as allies, they are but allies to one another. And if any amongst you takes them as allies, then surely he is one of them..." and this is the ruling: "And if any amongst you takes them as allies, then surely he is one of them..." "Verily, God guides not those people who are evil-doers."

The scholars of knowledge have said that whoever takes the disbelievers as allies has become a disbeliever, and the biggest sign of alliance is favoring their victory, in speaking, discussing, and writing. So whoever walks behind Bush and his campaign against the Muslims has disbelieved in God and His Prophet. God also says in the verse that follows the previous one:

Yet you [Prophet] will see the perverse at heart rushing to them for protection, saying, "We are afraid fortune may turn against us." But God may well bring about triumph or some other event of His own making: then they will rue the secrets they harbored in their hearts, and the believers will say, "Are these the men who swore by God using their strongest oaths that they were with you? All they did was in vain: they have lost everything.

Ibn Kathir has said in his commentary: Many companions of the Prophet didn't know that the spearhead of the hypocrites was the disbeliever and hypocrite, Abdallah ibn Ubayy ibn Salul. So when arguments occurred between the Muslims and the Jews, and when the Prophet decided to punish the Jews, the spearhead of hypocrisy [Abdallah ibn Salul] moved and stood with the Jews, in the way of the Prophet, so these verses were handed down for this reason. So those who the disbelievers ally themselves with have disbelieved in God and His Prophet. I add the following verse, to stress what I previously stated, because he who allies himself with the disbelievers has become an apostate, as this verse shows:

You who believe, if any of you go back on your faith, God will soon replace you with people He loves and who love Him, people who are humble towards the believers, hard on the disbelievers, and who strive in God's way without fearing anyone's reproach. Such is God's favor. He grants it to whoever He will. God has endless bounty and knowledge.

So I tell the Muslims to be very wary and careful about befriending Jews and Christians. Whoever helps them do so with one word, let him be devout to God, and to renew this faith so he can repent about what he did...

Taysir Alluni: Even one word?

Osama bin Laden: Even one word, whoever upholds them with one word...

Taysir Alluni: Falls into this apostasy?

Osama bin Laden: Falls into apostasy, a terrible apostasy, and there is no might nor power except with God...

Taysir Alluni: But Sheikh, a big part of our umma falls into this...

Osama bin Laden: No... No, it is not a big part. This is the rule of God, and a clear statement in His generous Book, and it is one of the clearest of rulings.

Taysir Alluni: And the Arab and Islamic governments...?

Osama bin Laden: Anyone that... there is no point naming names. If you know the truth, you will know its followers. You will not know the truth by looking at men; it is in the Book of God, which is one of the constants for us. If the world becomes full of people who want to change things in it, that won't affect us or change our convictions at all. It is either truth or it is mischief. Either it is Islam or either is it disbelief. So these verses... [interjection by Taysir Alluni]

Taysir Alluni: Just to make things clear, if you please. Isn't it possible to forgive those states that are considered to be impotent and weak? Let us take the state of Qatar, for example. The state of Qatar is a small state, whose Foreign Minister once said that he is surrounded by a supreme force that can wipe out his existence with ease. Therefore, he is forced to become an ally of America and others. Isn't it possible to forgive such states? Like Kuwait, for example? Or Bahrain?

Osama bin Laden: Concerning these matters, the matters that concern Islam, the matters concerning the killing of true believers and Muslims... what these aforementioned states do, who use compulsion as an excuse, is not the same compulsion that is allowed by Islamic law. Their type of compulsion is not permitted by religion. Now let's say (for example), if the Emir of Qatar came and he ordered one of his men to kill your son, and we then asked that soldier why he killed the son of brother Taysir, he says: "Well brother, I have been forced to do it! And you know, brother Taysir, you mean a great deal to me, but I have been compelled to kill your son!" So the blood of the Muslims will be shed with these kind of excuses, with this kind of compulsion that isn't backed by Islamic law. The soul of that soldier isn't better than the soul of your son. If he is killed, he will be killed by violation and oppression, but he [the soldier] is not allowed to obey the tyrant by killing your son. So this kind of compulsion isn't permitted by religion.

Taysir Alluni: What is your opinion about what is being said concerning your analogies and the "Clash of Civilizations?" Your constant use and repetition of the word "Crusade" and "Crusader" shows that you uphold this saying, the "Clash of Civilizations".

Osama bin Laden: I say that there is no doubt about this. This [Clash of Civilizations] is a very clear matter, proven in the Qur'an and traditions of the Prophet, and any true believer who claims to be faithful shouldn't doubt these truths, no matter what anybody says about them. What goes for us is whatever is found in the Book of God and the hadith of the Prophet. But the Jews and America have come up with a fairytale that they transmit to the Muslims, and they've unfortunately been followed by the local rulers [of the Muslims] and a lot of people who are close to them, by using "world peace" as an excuse. That is a fairytale that has no substance whatsoever!

Taysir Alluni: ... Peace?

Osama bin Laden: The peace that they foist on Muslims is in order to ready and prepare them to be slaughtered, and still the killing goes on. So, if we try to defend

ourselves, they call us “terrorists”, and the slaughter still goes on. So it is said that the Prophet observed in truth: “The Hour will not come until the Muslims fight the Jews and kill them. When a Jew hides behind a rock or a tree, it will say: ‘O Muslim, O Servant of God! There is a Jew behind me, come and kill him!’ All the trees will do this except the boxthorn, because it is the tree of the Jews.” And whoever claims that there is permanent peace between us and the Jews has disbelieved what has been sent down through Muhammad; the battle is between us and the enemies of Islam, and it will go on until the Hour – and as for the so – called “Peace” or “Peace award”, that is a gimmick that is given to the biggest bloodshedders. That man, Begin, the perpetrator of the Deir Yassin massacre, was awarded the [Nobel] Peace Prize. That traitor Anwar al-Sadat, the one that sold the land and the [Palestinian] issue and the blood of the martyrs, was awarded the Peace Prize.

So we are in a time, as is said in truth by our Prophet in this authentic tradition: “There will come upon the people years of deceit in which the liar will be believed, the truthful disbelieved, the treacherous trusted and the trustworthy held to be treacherous, and the despicable will speak out. It was said: ‘Who are the despicable ones?’ He said: ‘The lowly, ignoble man who speaks out about public affairs.’” And unfortunately, this situation is prevailing upon the Islamic world today, with its big leaders, and its famous rulers – it is a trick; they [the rulers] trick people and lie to them, but with the permission of God, God’s liberation and release is close, and the promised victory is close – God willing.

Taysir Alluni: So we can deduce from the words of Sheikh Osama bin Laden that he refers to the ordeal that Afghanistan is going through right now, and the war that America is waging with its allies, that falls within the compass of a battle between the Crusaders – or those whom you call Crusaders – and Islam. How do you see an exit from this ordeal?

Osama bin Laden: As I have mentioned today, we are in a strong and brutal battle, between us and the Jews, with Israel being the spearhead, and its backers among the Zionists and Crusaders. So we have not hesitated to kill the Jews who conquered the sanctuary of our Prophet. And those who kill our children, women, and brothers night and day, and whoever stands in the aggressors’ ranks, has only himself to blame. So if you mean: how can we exit from this ordeal, this is in the hands of others. It is like this: we have been violated, so our first duty is to remove this violation. So whoever violated us, let him remove the violation. It appears to us, from the writing of the Prophet, that we will have to fight the Jews under his name and on this land, in this blessed land which contains the sanctuary of our Prophet [Palestine]. And the United States has involved itself and its people again and again for more than 53 years, and recognized and supported Israel, and dispatched a general air supply line in 1393 AH [1973] during the days Nixon, from America to Tel Aviv, with weapons, aid, and men, which affected the outcome of the battle, so how could we not fight it [America]? It is incumbent upon every Muslim to fight it. So if it wants to survive, we have offered some simple advice, but America has terrorized and it has erased its own values.

The Americans have made laughable claims. They said that there are hidden messages intended for terrorists in bin Laden’s statements. It is as if we are living in a time of carrier-pigeons, without the existence of telephones, without travelers, without the Internet, without regular mail, without faxes, without email. This is just farcical; words which belittle people’s intellects. We swore that America could never

dream of safety, until safety becomes a reality for us living in Palestine. That has exposed the American government, and that it exists as an agent of Israel, and puts Israel's needs before the needs of its own people. So the situation is straightforward: America won't be able to leave this ordeal unless it pulls out of the Arabian peninsula, and it ceases its meddling in Palestine, and throughout the Islamic world. If we gave this equation to any child in any American school, he would easily solve it within a second. But, according to Bush's actions, the equation won't be solved unless our swords fall on their heads, with the permission of God.

Taysir Alluni: Alright, Sheikh Osama, do you have any message you want to address to the viewers?

Osama bin Laden: I say: Concerning this ordeal and this battle between Islam and the Crusaders, I want to reiterate that we will continue this jihad and the incitement of our umma to it, until we bring it about, while blessing us, and the war, as we have been promised, that is going on between us and the Jews. So any nation that joins the Jewish trenches has only itself to blame, as Sheikh Sulaiman Abu-Ghaith has declared in some of his previous statements concerning America and Britain; he did not set this in stone, but indeed gave some of other nations a chance to review their calculations. What is Japan's concern? What is making Japan join this hard, strong, and ferocious war? It is a blatant violation of our children in Palestine, and Japan didn't predict that it would be at war with us, so it should review its position. What is the concern of Australia in the farthest south with the case of these weak Afghans? And these weak Palestinians? What is Germany's concern with this war? Besides disbelief, this is a war which, like previous wars, is reviving the Crusades. Richard the Lionheart, Barbarossa from Germany, and Louis from France – the case is similar today, when they all immediately went forward the day Bush lifted the cross. The Crusader nations went forward. What is the concern of the Arab nations in this Crusaders' War? They involved themselves with it openly, without disguise, in broad daylight. They have accepted the rule of the cross. Everyone that supports Bush with one word, even without offering help and aid, and whatever else that is described as facilities, is nothing but a traitor. They change its name, by not calling it military aid, and then join in killing our sons – and they tell us that this is not facilitation and help? How can we believe that this system is collecting aid to help the weak Afghans, all the while openly giving Saudi Arabia to the Americans and their allies? How can we believe these states, when they are one of the main reasons for the deaths of more than one million children?

I say to the people who walk behind these rulers, don't you have hearts? Don't you have faith? How can you declare faith while you are helping those fornicating disbelievers against the children of Islam. You help them against our children in Iraq and Palestine. I say to those who talk about the innocents in America, they haven't tasted yet the heat of the loss of children, and they haven't seen the look on the faces of the children in Palestine and elsewhere. By what right are our families in Palestine denied safety? The helicopters hunt them while they are in their homes, while they are amongst their women and children; everyday the bodies and wounded are removed. So these fools cry about the deaths of Americans, and they don't cry about the deaths of our sons? Don't they fear receiving a similar punishment? And our Prophet said in truth: "He who does not supply the jihad, or well look after a warrior's family when he is away, will be smitten by God with a sudden calamity." So let them fear God, and repent, and let them remove the siege from those innocent

children. So the Westerners are free to choose. Europe wants to enter the war – that is their prerogative, but our duty is to fight whoever is in the ranks of the Jews. America and the American people are free; they have entered the trench, and they will get what is coming to them.

And concerning us, we are in worship and in jihad. It is said in truth about our Prophet: “Verily a man’s standing firm in the ranks for one hour (in jihad) in the Way of God, the Mighty and Majestic, is more virtuous than 60 years of worship.” So what can be better than this? Under the price of God, we ask the Almighty to accept us and you, and concerning the Muslims, I tell them to trust in the victory of God, and to answer the call of God, and the order of His Prophet, with jihad against world unbelief. And I swear by God, happy are those who are martyred today, happy are those who are honored to stand under the banner of Muhammad, under the banner of Islam, to fight the world Crusade. So let every person amongst them come forward to fight those Jews and Americans, the killing of whom is among the most important duties and most pressing things, and let them remember the teaching of the Prophet, when he said to the child ibn Abbas: “Young man, I shall teach you some words of advice: Be mindful of God, and God will protect you. Be mindful of God, and you will find Him in front of you. If you ask, ask of God; If you seek help, seek help of God. Know that if the world were to gather together to benefit you with anything, it would benefit you only with something that God had already prescribed for you, and that if they gather together to harm you anything, they would harm you only with something God had already prescribed for you. The pens have been lifted and the pages have dried.” So don’t discuss the killing of Americans with anyone, trust in the divine favor of God, and remember your appointment with God in the presence of the Best of Prophets.

And in conclusion, I would like to dedicate a call to the brothers in Pakistan, to the position of the Pakistani government, with much sorrow. Pakistan is one of the biggest pillars of this unlucky alliance, this Crusaders’ Alliance. So the movement of our brothers in Pakistan will lead – with the permission of God – to a big attack on this unlucky Crusader Alliance. So whoever has stood with America, by aiding them with material or immaterial things, this constitutes disbelief and the biggest rejection of the creed and teachings of Islam. And it is a duty incumbent on the brothers in Pakistan to make a strong and purposeful move, for the sake of victory of the religion of God, and the victory of the Prophet Muhammad. And the Islam of today is calling them – Oh Islam! Oh Islam! Oh Islam!

ANEXO D – Discurso de 03 de Novembro de 2001

Paise be to God. We beseech Him for help and forgiveness. We seek refuge in God from the evil of our souls and our bad deeds. He whom God guides will not go astray, and he whom He leads astray can have no guide. I testify that there is no god but God alone, who has no equal.

In the midst of these tumultuous events, after these great attacks that struck America at its heart in New York and in Washington, there was enormous and unprecedented media coverage, which has conveyed people’s views on events. People have been divided into two camps: those who support the attacks against American arrogance and tyranny, and those who condemn them. Shortly afterwards, when the United States launched this unjust campaign against the Islamic Emirate of Afghanistan, people were again divided: one section supported these unjust campaigns, and the other condemned and rejected them.

These major events that have divided people into two camps are of great concern to Muslims, since many of the rulings pertain to them, and they are of significant relevance as concerns Islam and acts contrary to it. It is therefore necessary for Muslims to understand the nature and reality of this struggle, in order to decide which side to take.

The mass demonstrations from the easternmost point in the Islamic world to its westernmost point, from Indonesia, the Philippines, Bangladesh, India, and Pakistan to the Arab world and finally to Nigeria and Mauritania, show that this war is fundamentally religious in nature. The Muslims of the East have responded to and sympathized with other Muslims against the Crusader people of the West. Those who try to hide this clear and evident reality, which the entire world knows to be true, are deceiving the Islamic nation and trying to deflect their attention from the real nature of the struggle. This reality is established in the book of God Almighty and in the teachings of our Prophet. We cannot ignore this enmity between us and the infidels, since it is a doctrinal one. We must show loyalty to the believers and those who profess that there is no god but God, and we must renounce the idolaters, infidels, and heretics (against whom I seek God's help). God Almighty said "And the Jews and Christians will not be satisfied with you until you follow their faith." So the issue is one of faith and doctrine, not of a "war on terror," as Bush and Blair depict it. Many thieves belonging to this nation were captured, and no one moved. However, these masses from the furthest east to the furthest west do not move for bin Laden's sake but for the sake of their religion, because they know that they are in the right, and that they are resisting the strongest, fiercest, most dangerous and violent Crusader campaign against Islam since Muhammad was sent. In light of this clear and evident fact Muslims must know where they stand in relation to this war.

After American politicians had spoken, and American newspapers and television channels overflowed with evident Crusader hatred in this campaign against Islam and its people, Bush left no room for the doubts or media opinion. He stated clearly that this war is a Crusader war. He said this in front of the whole world so as to emphasize this fact. Those who maintain that this war is against terrorism, what is this terrorism that they talk about at a time when people of the umma have been slaughtered for decades, in response to which we do not hear a single voice or action of resistance? When the victim starts to avenge the innocent children in Palestine, Iraq, southern Sudan, Somalia, Kashmir, and the Philippines, the hypocrites and rulers' jurists stand up and defend this blatant unbelief – I seek God's help against them all. The masses have understood the issue, but some still flatter those who have conspired with the infidels to prevent the Islamic nation from undertaking the duty of jihad to reassert the authority of God's word. For the truth is that Bush has fought a Crusade and raised his banner high, and stood at the front of the procession. All those who have stood behind him in this campaign have committed one of the ten contraventions of Islam. The people of knowledge have agreed that allegiance to the infidels and their supporters against the believers is among the biggest contraventions of Islam. There is no strength or power save with God.

Look at this war that began some says ago against Afghanistan. Is it a single, unrelated event, or is it part of a long series of Crusader wars against the Islamic world? Since World War One, which ended over 83 years ago, the entire Islamic world has fallen under the Crusader banners, under the British, French, and Italian governments. They divided up the whole world between them, and Palestine fell into the hands of the British. From that day to this, more than 83 years later, our brothers and sons have been tortured in Palestine. Hundreds of thousands of them have been

killed, hundreds of thousands detained. Then look at recent events, for example in Chechnya. This Muslims nation has been attacked by the Russian predator, which believes in the Orthodox Christian creed. The Russians have exterminated an entire people and forced them into the mountains, where they have been devoured by disease and freezing winter, and yet no one has done anything about it. Then there is the genocidal war in Bosnia that took place in front of the whole world's eyes and ears. For several years, even in the heart of Europe, our brothers were murdered, our women raped, and our children slaughtered in the safe havens of the United Nations, and with its knowledge and cooperation. Those who refer our tragedies today to the United Nations, and want us to resolve them through it, are hypocrites who are trying to deceive God and His Prophet and those who believe. Aren't our tragedies actually a result of the United Nations' actions? Who issued the decision to partition Palestine in 1947 and gave Islamic lands to the Jews? It was the United Nations. Those who maintain that they are the leaders of the Arabs and are still part of the United Nations are contravening what was revealed to Muhammad. Those who refer to international legitimacy have contravened the legitimacy of the Qur'an and the teachings of the Prophet. For it is at the hands of this same United Nations that we have suffered so much. No Muslim, nor anyone in his right mind, should appeal to it under any circumstances. It is merely an agent of this crime by which we are massacred daily, and which it does nothing to stop. For more than fifty years, our brothers in Kashmir have been tortured, slaughtered, killed, and raped. Their blood has been shed and their houses broken into, and yet still the United Nations has done nothing. And today, without any evidence, the United Nations passes resolutions in support of tyrannical, oppressive America, against these poor people who have emerged from a ruinous war at the hands of the Soviet Union. Look at the second Chechen war that is still going on today. An entire people is once again being subjected to war by this Russian predator. The humanitarian agencies, even the American ones, have called on President Clinton to stop supporting Russia, but Clinton says that this will not serve American interests. A year ago Putin called on the Crusaders and Jews to stand by him, telling them that they should support him and thank him for waging war against Islam. The enemies are speaking very clearly and yet the leaders of the region hide and are ashamed to support their brothers. And what is worse, they even prevent Muslims from helping their own brothers. Look at the position of the West and the United Nations with regard to events in Indonesia. They moved to partition the most populous nation in the Islamic world. That criminal Kofi Annan publicly put pressure on the Indonesian government, telling it that it had 24 hours to partition and separate East Timor from Indonesia, otherwise he would have to introduce military forces to do it. The Crusader armies of Australia were on the shores of Indonesia and they did in fact intervene and separate East Timor, which is part of the Islamic world.

We should therefore see events not as isolated incidents, but as part of a long chain of conspiracies, a war of annihilation in all senses of the word. On the pretext of reconstruction, 13,000 of our brothers were killed in Somalia. In southern Sudan hundreds of thousands were killed, and as for events in Palestine and Iraq, words cannot do them justice. More than a million children have been killed in Iraq, and the killing continues. As for what is happening these days in Palestine, may God help us. No one, not even animals, would put up with what is going on there. One of my confidants told me that he saw a butcher slaughtering a camel in front of another camel. When it saw the blood coming out of its brother it got so agitated and enraged that it bit the man's hand and tore it right off.

How can the poor mothers in Palestine bear the murder of their children at the hands of the oppressive Jewish policemen, with American support American aeroplanes and tanks? Those who distinguish between America and Israel are true enemies of the umma. They are traitors who have betrayed God, His Prophet, and their umma, who have betrayed its trust and who numb its senses. These battles cannot be seen in isolation from each other, but must be seen as part of the great series of fierce and ugly Crusader wars against Islam.

Every Muslim must stand under the banner that says: "There is no god but God and Muhammad is His Prophet." I would remind you of what our Prophet told ibn Abbas, may God be pleased with him. He said: "Boy, I am going to teach you something. Remember God, and He will protect you. Remember God, and you will find him on your side. If you ask for something, ask God. If you seek help, seek God's help. You should know that if the umma comes together to help you in some way, it can only do so with something that God has already decided for you. If it comes together to harm you, the same applies. God decides man's fate."

I tell the Muslims who have given everything in these last weeks to continue along your path. For your stand with us gives strength to us and to your brothers in Afghanistan. Give more efforts in the struggle against this unprecedented global crime.

O Muslims, fear God and help your religion, for Islam is calling you. May God bear witness that I have conveyed the message.

Peace, and all God's mercy and blessing, be upon you.

ANEXO E – Discurso de 12 de Novembro de 2002

Peace be upon those who follow true guidance.

The road to safety begins with the cessation of hostilities, and reciprocal treatment is a part of justice. The events that have taken place since the attacks on Washington and New York, like the killing of the Germans in Tunisia, the French in Karachi, the bombing of the giant French tanker in Yemen, the killing of marines in Failaka and of the British and Australians in the Bali explosions, the recent operation in Moscow, and various other operations here and there: these are all reactions in kind perpetrated by the zealous sons of Islam in defense of their religion and in response to the order of their Lord and their Prophet.

What Bush – the pharaoh of the age – is doing, killing our sons in Iraq, and what America's ally Israel is doing, using American aeroplanes to bomb houses in Palestine with old men, women, and children in them, was enough for the sane leaders among you to distance themselves from this criminal gang. Our people have suffered murder and torture in Palestine for nearly a century. But as soon as we defend them the world gets agitated and joins forces against the Muslims under the false and unjust pretext of fighting terrorism.

Why are your governments allying themselves against the Muslims with the criminal gang in the White House? Don't they know that this gang is the biggest murderer of our age?

This Rumsfeld, the butcher of Vietnam, is responsible for the deaths of two million, as well as injuries to many others. And as for Cheney and Powell, they have reaped more murder and destruction in Baghdad than Hulagu the Tatar.

Why are your governments, especially those of Britain, France, Italy, Canada,

Germany, and Australia, allying themselves with America in its attacks on us in Afghanistan?

We warned Australia beforehand not to take part in the war in Afghanistan, as well as about its disgraceful attempts to separate East Timor, but it ignored the warning until it woke up to the sound of explosions in Bali. Its government then falsely contended that Australians had not been targeted.

If it pains you to see your victims and your allies' victims in Tunisia, Karachi, Failaka, and Oman, then remember that our children are murdered daily in Palestine and Iraq. Remember our victims in the mosques of Khost, and the deliberate murder of our people at weddings in Afghanistan. If it pains you to see your victims in Moscow, then remember ours in Chechnya.

How long will fear, killing, destruction, displacement, orphaning, and widowing be our sole destiny, while security, stability, and happiness is yours?

This is injustice. The time has come to settle accounts. Just as you kill, so you shall be killed; just as you bomb, so you shall be bombed. And there will be more to come.

With God's will, the Islamic umma has started to strike back with its own sons, who have given their pledge to God that they will continue the jihad with word and deed so long as they have eyes to see or blood in their veins, in order to establish truth and eradicate falsehood.

Finally, I call upon God to help us achieve the victory of His religion and to continue the jihad for Him until we meet Him and He is content with us. For He is the guarantor of that and well capable of it.

Our final prayer is thanks to God, Lord of the Worlds.

ANEXO F – Discurso de 14 de Fevereiro de 2003

Praise be to God, who revealed the Verse of the Sword to His servant and Messenger in order to establish Truth and eradicate falsehood. Praise be to God, who has said: "When the forbidden months are over, wherever you find the polytheists, kill them, seize them, besiege them, ambush them – but if they turn [to God], maintain the prayer, and pay the prescribed alms, let them go on their way, for God is most forgiving and merciful." Praise be to God, who has said: "Fight them: God will punish them at your hands, He will disgrace them, He will help you to conquer them, He will heal the believer's feelings." And prayers and peace and blessings be upon our Prophet Muhammad, who said, "I was sent with a sword in my hands so that only God Almighty is worshipped without equal. He put my sustenance in the shadow of my spear, and disgraced and humiliated those who oppose my order. He who imitates another is no better than them." He also said: "Banish the polytheists from the Arabian peninsula."

As I speak, the blood of Muslims continues to be shed in vain in Palestine, Chechnya, Philippines, Kashmir, and Sudan, and our children are dying because of the American sanctions in Iraq. As I speak, our wounds have yet to heal from the Crusader wars of the last century against the Islamic world, or from the Sykes-Picot Agreement of 1916 between France and Britain, which brought about the dissection of the Islamic world into fragments. The Crusader's agents are still in power to this day, in light of a new Sykes-Picot agreement, the Bush-Blair axis, which has the same banner and objective, namely the banner of the Cross and the objective of destroying and looting of our beloved Prophet's umma.

The Bush-Blair axis claims that it wants to annihilate terrorism, but it is no longer a secret – even to the masses – that it really wants to annihilate Islam. Furthermore, in their speeches and statements, the rulers of the region affirm their support for Bush in his “war on terror”, i.e. his war on Islam and Muslims. This is clear treachery against our religious community and our umma, relying on the blessing of the government-backed scholars and corrupt ministers. Nor can there be any doubt that the current preparation for an attack on Iraq is anything other than the latest in a continuous series of aggressions on the countries of the region, including Syria, Iran, Egypt, and Sudan. However, the focus on dividing up Saudi Arabia takes up the lion’s share of their plan. It is well known that this is an old strategic aim of theirs, ever since Saudi Arabia’s client status was transferred from Britain to the United States sixty years ago. America tried to fulfil his aim three decades ago in the aftermath of the war of Ramadan 10th, when President Nixon threatened to invade Saudi Arabia in its entirety, although by the grace of God he wasn’t able to do so at the time. However, with the onset of the second Gulf War America has established seriously important military bases all over Saudi Arabia, and near the capital in particular. Their only remaining task was to divide the country up, and it seems as if the time for that has now arrived. “God is sufficient for us and He is a great guardian.” The conclusion is that America’s objective of general control over the region, and of division of Saudi Arabia in particular, is no passing summer cloud but a strategic goal of America’s cunning policy that cannot be ignored. And what have the governments of the region done to resist this hostile strategic goal? Nothing, except to increase their client status towards the Crusaders, in addition to regular meeting of Arab interior ministers to fight against the mujahidin and to make life difficult for the honorable preachers and scholars who are trying to alert our umma to the need to defend itself. One of the most important objectives of this new Crusader campaign, after dividing up the region, is to prepare it for the establishment of what is called the state of Greater Israel, which would incorporate large parts of Iraq and Egypt within its borders, as well as Syria, Lebanon, and Jordan, the whole of Palestine, and a large part of Saudi Arabia. Do you know what harm and suffering Greater Israel will bring down upon the region? What is happening to our people in Palestine is just a small example of what they want to repeat in the rest of the region courtesy of the Zionist-American alliance: murder of men, women, and children, incarceration, terrorism, destruction of houses, bulldozing of fields and razing of factories. People are living in constant fear and alarm, expecting death to come at any moment from a missile or bomb destroying their house and killing their womenfolk. How will we respond to our Lord on the Day of Judgment?

Not even valiant fighting men could put up with what is happening there, so how can poor mothers stand by watching their children killed in front of them? “We belong to God, and to Him we shall return.” “He is sufficient for us and He is a great guardian.” Oh Lord, I declare You innocent of [i.e., not responsible for] the actions of these Jews, Christians, theacherous rulers, and those under their rule, and I apologize to You for these men who are failing to support our religion. The creation of Greater Israel will entail Jewish domination over the countries of the region. What will explain to you who the Jews are? The Jews are those who slandered the Creator, so how do you think they deal with God’s creation? They killed the Prophets and broke their promises. Of them God has said: “How is it that whenever they made a covenant or a pledge, some of them throw it away? In fact, most of them do not believe.” These Jews are masters of usury and leaders in treachery. They will leave you nothing, either in this world or the next. Of them God said: “Do they have any

share of what He possesses? If they did they would not give away so much as the groove of a date stone.” These Jews believe as part of their religion that people are their slaves, and whoever denies their religion deserves to be killed. Of them God said: “[That is] because they say ‘We are under no obligation toward the gentiles’ – they tell a lie against God and they know it.”

These are some of the characteristics of the Jews, so beware of them. These, too, are some of the features of the Crusaders plan, so resist it. Now how can we stop the infidels’ evil and save the Muslim lands? To answer this question I say – and success is with God – what the righteous servant and Prophet of God, Shu’aib, said: “I only want to put things right as far as I can. I cannot succeed without God’s help: I trust in Him, and always turn to Him.” And so the way to stop the infidels’ evil is jihad for the sake of God. As He said: “So [Prophet] fight in God’s way. You are accountable only for yourself. Urge the believers on. God may well curb the power of the disbelievers, for He is stronger in might and more terrible in punishment.” To begin with I bring you the good news that today, by the grace of God, our umma possesses enormous powers, sufficient to rescue Palestine and the rest of the Muslim lands. However, these powers have been fettered and we must work to release them. For our umma has been promised victory. If it has been delayed, that is only because of our sins and our failure to help God. As God said: “You who believe! If you help God, He will help you, and make you stand firm.” Our umma has also been promised victory over the Jews, as our Prophet told us: “The Day of Judgment will not come until the Muslims fight and kill the Jews. They [the Jews] will hide behind rocks and trees, and the rocks and trees will say: Oh Muslim, oh servant of God, there is a Jew behind me, so come and kill him. This is except for the boxthorn tree, which is the tree of the Jews.”

This hadith of the Prophet also contains a warning that the struggle against the enemy will be decided by fighting and killing, not by paralysis of the powers of our umma for decades through other means, like the deceptive idea of democracy. Along with this good news, I should tell you about something to help us in our jihad for the sake of God. Among them are stories of the battles and wars during the last two decades in which the Muslims were victorious, raising the self-confidence of the sons of our umma. This is because it is very important to mobilize our umma to defend itself against the Zionist-Crusader alliance. In fact, the Islamic umma is the greatest human power, if only the religion were properly established. History has shown in recent centuries that it is able to fight and resist the so-called superpowers. But before discussing this I should mention an incident which is relevant to the subject of fighting the superpowers. Historians tell us that al-Muthanna al-Shaibani came to Medina seeking the Caliph Umar’s support in fighting the Persians. For these days Umar petitioned people’s help, but not a single person came forward. Realizing the fear in people’s hearts at the difficulty of fighting a superpower, Umar told al-Muthanna to describe how God had granted him victory against the Persians in order to rid them of their fear. So al-Muthanna began to tell them what had happened and to motivate them, saying: “O you people, don’t let them frighten you, for we have defeated and humiliated the Persians, capturing the best parts of the agricultural region of Iraq. We outwitted them and gained ascendancy over them.”

So the people were inspired. Abu Ubeid al-Thaqafi stood up and was given the banner by Umar, and the people followed him into battle. And I say, like these noble men: O you people, don’t let America and its army frighten you, for by God we have struck them and defeated them time and again. They are the most cowardly people in battle. We have seen while fighting to defend ourselves against the American

enemy that it depends mainly on psychological warfare, in light of the huge propaganda machine that it possesses, as well as on intense aerial bombardment, which hides its most conspicuous Achilles heel, namely the fear, cowardice, and lack of fighting spirit of the American soldiers. If I had longer, I would tell you some almost unbelievable things that happened when we fought them in Tora Bora in Afghanistan, and I pray to God that He will give us time to discuss them in detail.

To begin with, I could remind you of the defeat of some of the superpowers at the hands of the mujahidin, in particular the defeat of the former Soviet Union, which took place, by the grace of God, after ten years of fierce fighting at the hands of the sons of Afghanistan and their Muslim supporters. Likewise the defeat of the Russians in Chechnya, where the mujahidin provided the most amazing examples of self-sacrifice and, with their Arab brothers and helpers, smashed the arrogance of the Russians and inflicted upon them defeat after defeat. The Russians withdrew in disarray after the first war, and then came back with American support. But still they are suffering crushing defeats at the hands of a small group of believers, and we pray to God to help them stand firm and be victorious.

I could also remind you of the defeat of the American forces in the year 1982, when the sons of Israel destroyed Lebanon, and the Lebanese resisted. They sent a truck loaded with explosives into a US marine base in Beirut, sending more than 240 of them to Hell, the worst possible fate. Then, after the Second Gulf War, America put her armies into Somalia and killed 13,000 Muslims there, and there is no strength or power save in God. But then the lions of Islam, the Afghan Arabs and their brothers leapt on them and rubbed their arrogance in the mud, killing many of them, destroying their tanks and downing their planes. So America and her allies fled in the dark of night, without disturbing anyone, praise and glory be to God. During that time, the youth of jihad prepared explosives against the Americans in Aden, and when they went off all the coward Americans could do was run away in less than 24 hours. Then in the year 1995 there was an explosion in Riyadh that killed four Americans, the clear message of which was that the sons of the region objected to the American policy of supporting the Jews and occupying Saudi Arabia. Then in the following year, another explosion in Khobar killed 19 Americans and wounded more than 400, and the Americans were forced to move their biggest bases from the cities to the desert. Then after that, in 1998, the mujahidin gave America a clear warning to stop supporting the Jews and to leave Saudi Arabia, but the enemy rejected it and the mujahidin were able, by the grace of God, to deal them two mighty blows in East Africa. After that, America was warned once again and failed to respond, so God helped the mujahidin to successfully implement a great martyrdom operation, demolishing the American destroyer USS Cole in Aden. This operation was a solid blow in the face of the American military and also exposed the fact that the Yemeni government was a collaborator, like the rest of the region's governments.

Then when they saw the gang of criminals in the White House misrepresenting the truth, whose idiotic leader claims that we despise their way of life – although the truth that the Pharaoh of the age is hiding is that we strike them because of their injustice towards us in the Islamic world, especially in Palestine and Iraq, and their occupation of Saudi Arabia – the mujahidin decided to overcome this obfuscation and to bring the battle right into their heartland. And on that blessed Tuesday, the 23rd of Jumada ath-thani 1422, which corresponds to September 11 2001, the Zionist-American alliance was mowing down our sons and our people in the blessed land of al-Aqsa, at the hands of the Jews but with American planes and tanks, and our sons in Iraq were dying as a result of the oppressive sanctions of America and its agents,

while the Islamic world was very long way from properly establishing Islam. Amidst all this frustration, despair, and procrastination among Muslims – except for those upon whom God had been merciful – and amidst all this injustice, arrogance, and aggression on the part of the Zionist-American alliance, while “Uncle Sam” was committing these reckless transgressions and terrible oppression in contempt of everyone, going through the world without paying attention to anyone else and thinking that nothing could attack it, disaster struck it. What will explain to you what disaster is? There came a group of young believers with dishevelled hair and dusty feet, who had been chased all over the world. But God had guided them, firmed up their belief and “inscribed faith into their hearts,” so they “did not fear anyone’s reproach.” They sought to be with God, and deprived themselves of sleep while injustice was being done. They poured out the water of life, not the water of shame. So they attacked the enemy with their own planes in a brave and beautiful operation, the like of which humanity has never seen before, destroying the idols of America. They struck at the very heart of the Ministry of Defense, and they hit the American economy right at its heart, too. They rubbed American’s nose in the dirt, and wiped its arrogance in the mud. As the twin towers of New York collapsed, something even greater and more enormous collapsed with them: the myth of the great America and the myth of democracy. It became clear to all that America’s values are the lowest, and the myth of the “land of the free” was destroyed, as was the myth of American national security and the CIA, all praise and glory to God. One of the most important positive effects of our attacks on New York and Washington was to expose the reality of the struggle between the Crusaders and the Muslims, and to demonstrate the enormous hostility that the Crusaders feel towards us. The attacks revealed the American wolf in its true ugliness. The entire world woke up from its slumber, and the Muslims realized the importance of the doctrine of friendship and enmity in God. The spirit of brotherhood in faith amongst Muslims was strengthened, which can be considered a great step towards unification of the Muslims under the word of God and establishing the rightly guided Caliphate with the permission of God. It also became clear to people that America, this unjust power, can be struck down and humiliated. And for the first time, most of the American population is aware of the reality of the Palestinian issue, and that what happened to them in Manhattan was a result of the unjust policies of their government. We can conclude that America is a superpower, with enormous military strength and vast economic power, but that all this is built on foundations of straw. So it is possible to target those foundations and focus on their weakest points which, even if you strike only one-tenth of them, then the whole edifice will totter and sway, and relinquish its unjust leadership of the world. This group of young Muslims, despite the fact that the international alliance stands against them, were able to prove to the world that it is possible to resist and to fight the so-called superpowers. They were able to defend their religion and to promote the causes of their umma more than the governments and peoples of fifty countries in the Islamic world have done. For they took the path of jihad to help their religion, as Abu Hilala said:

For victory there are reasons, and also for defeat
 And all who inherit eternity have profited.
 The paths of nobility are many, but the shortest
 Is the one that sheds blood far and wide.

There are many examples like these young heroes in our umma today, by the grace of God, but they are restrained, and we must all pull together to unfetter them

so they can become true mujahidin for the sake of God, because jihad is the way to honor our umma and [preserve] its security.

There are many shackles and obstacles preventing the youth of our umma from setting off on the jihad, but we will only discuss the most important ones. Let me mention the authentic Prophetic hadith that benefits whoever is guided by it and destroys whoever strays from it. The Prophet said: "Those who came before you perished because when one of their nobles stole, they let him go, and when one of their weak men stole, they punished him." So think about it, people of insight, for this is one of the reasons for our predicament, and there is no strength or power save in God. I should also mention the story of how Khalid ibn Walid converted to Islam, so that minds can be freed from following the blind. After he had converted late in life, Khalid was asked: "Where was your mind, that you did not see the light of Prophecy right before you for twenty years?" And he replied: "There were men in front of us whose dreams were like mountains." Imam Ahmad [ibn Hanbal] said: "It is only from a lack of understanding that a man would blindly follow other men and their religion."

The most significant of these shackles and obstacles in our present time are the rules, the false witnesses among the scholars of evil, the corrupt court ministers, the writers-for-hire and others like them. As for the rulers, everyone is already agreed on their impotence and their treachery. But as for those who ask people to put themselves in the hands of these rulers, despite everything, we say to them: when did the peoples of these countries actually remove their support from these rulers, so that they could be advised to renew their support? The fact is that it never happened, and the result, as you can see is the hegemony of the infidels over us. For it has been said:

Those who betray when the going is good

Will be unable to manage when the going is bad.

Our dispute with these rulers is not one that can be resolved piecemeal. No, we are talking about the central point of Islam, the testimony that there is no god but God and that Muhammad is His Prophet. These rulers have contravened this testimony from its very root through their client status towards the infidels, through their imposition of man-made legislation, as well as through their acceptance of, and appeals to, the heretical United Nations. Their authority has fallen foul of Islamic law for some time, and there is no way we should remain under it. There isn't enough time to discuss this issue properly here, but in any case we have mentioned what religious scholars have said in Communiqué 17 of the Committee for Advice and Reform. Following this we say: can a Muslim tell other Muslims to pledge themselves to Karzai and cooperate with him to establish Islam, to remove injustice and to foil America in its designs? Impossible and inconceivable, since Karzai is a quisling brought in by America, and supporting him against Muslims is one of the ten acts contradictory to Islam that put the perpetrator beyond the pale of his religious community. And here we should ask ourselves: what is the difference between a Persian Karzai and an Arab Karzai? Who was it that installed the rulers of the Gulf States? It was the Crusaders, the same people who installed the Karzai of Pakistan, who installed the Karzai of Kuwait, the Karzai of Bahrain, Qatar, and others. Who was it that installed the Karzai of Riyadh and brought him in, even though he had been a refugee from Kuwait a century earlier, to fight on their side against the Ottoman state and its governor, ibn Rashid? It was the Crusaders, and they are still holding us prisoner today. There is no difference between the Karzai of Riyadh and the Karzai of Kabul, "Learn from this, all you with insight." God Almighty said: "Are

your disbelievers any better than these? Were you given an exemption in the Scripture?”

These rulers who want to solve our issues – the most important of which is Palestine – through the United Nations or by the orders of the United States, as happened with Prince Abdallah’s initiative in Beirut, on which all Arabs agreed, which sold the blood of the martyrs and the land of Palestine to please the Jews and Americans and support them against the Muslims – these rulers have betrayed God and His Prophet, and they have gone beyond the pale of the religious community and betrayed our umma. I also say that those who want to solve our issues through these weak and treacherous leaders are guilty of self-deception and have also deceived our umma. They have come to rely on those who are unjust and in clear error. The best you can say of them is that they are weak and profligate. All Muslims should try to advise them, but if this advise is not accepted, then they should warn them and beware of them. Muslims also have a duty to dissociate themselves from these tyrants, for it is no secret that to do so is not just a gratuitous action but one of the pillars of monotheism without which there can be no faith. For God said: “Whoever rejects false gods and believes in God has grasped the firmest handhold, one that will never break. God is all hearing and all knowing.”

As for scholars of evil, corrupt court ministers, writers-for-hire and the like, it has been said: in every era there is a state and there will be men – and these are the followers of the state – who distort the truth and make false testimony, even in the sacred land, in the sacred house, and in the sacred month. They claim that the treacherous rulers are our righteous guardians and they say this in order to strengthen the pillars of the state. These people have erred from the path, so we must reject them and warn them. Indeed, the state focuses on its own scholars and gives them coverage on religious programs where they give juridical decrees on minor issues which the state requires to increase its legitimacy. That is what happened on the day when the King of Saudi Arabia allowed the Americans into the country. He ordered his scholars to give their calamitous juridical decrees that contravened Islam and insulted the intelligence of Muslims while supporting this treacherous deed in that great disaster. They duly issued them. Our umma is still suffering today from that disastrous decision and those deceitful, sycophantic ruling. Whoever has read about the righteous imams in previous times of strife, like Imam Ahmad ibn Hanbal and others, would know the difference between genuine scholars and sycophants, as can be read in the Biographies of the Distinguished Righteous Men and elsewhere. As the poet said:

If we stitch together this life by tearing apart the next,
Then neither the next life nor this will be ours.

As for the second obstacle, this constitutes the scholars and preachers who love the truth and hate falsehood, yet refrain from jihad. So they chose to prevent the youth from jihad, and there is no strength or power save in God. They saw falsehood spreading and increasing, so they summoned each other to undertake their duty of helping the truth, enjoining good and forbidding evil. Many were guided by them, and they have become knowledgeable – may God reward them well for this – but falsehood never thrives in the presence of truth and those who represent it. So it was made legal for them to be persecuted, terrorized, and prevented from speaking in public or giving lessons. They were fired from their jobs and then those who insisted on continuing to enjoin good and forbid evil were imprisoned. This strong pressure gradually led to a deviation from the path – except among those upon whom God was merciful – which is only to be expected, since no one can take the right decision

in such circumstances, especially from the point of view of personal security. God's Prophet said: "A judge cannot make a judgment between two people when he is angry." That is when he is angry, so what about when he is frightened? The intimidation practised by Arab states on their peoples has destroyed life in all its dimensions, including religious affairs. Religion is advice, but there can be no advice without security. This fear has divided people into groups, some of whom we will discuss here. One group relapsed and joined the side of the state, becoming its client. Another group thought it would not be able to continue preaching and teaching, or that it would no longer be safe – and nor would their persons, their honor, and their property, if they did not praise and extol the tyrant. So they made a corrupt choice, going into manifest error and leading many others the same way.

And another organization was protected by God from conforming with and praising the thaitorous leaders. They made sure to stay under the banner of enjoining good and forbidding evil, and made laudable efforts in calling people to God. But they were not fully prepared for the aforementioned pressures, which were very great indeed, particularly the costs of emigration and jihad. The opportunity was available to them more than two decades ago but they didn't take it, thus reducing their ability to take the right decisions – except for those on whom God was merciful – in those tense times. That is why, even now, we see some of them still refraining from taking up jihad and resistance. Helping to establish our religion incurs great costs, as is clearly illustrated in God's Book, and in the life of His Messenger and his noble companions. Whoever cannot live up to this will not be able to help Islam, as was mentioned by God in His Holy Book: "You who believe, if any of you renounce your faith, God will soon replace you with people He loves and who love Him, people who are humble towards the believers, and hard on the infidels, people who strive for the sake of God without fearing reproach from anyone." In the incident that occurred between the Prophet and Waraqa bin Nawfal, Waraqa said: "How I hope that I will be alive when your people banish you." The Prophet said: "Would they really do that?" and Waraqa said: "Yes, since no one like you has appeared without facing hostility. If I see the day when that happens, I will give you full support." So, one who wants to embrace his religion fully ends up criticizing the people of falsehood, rather than coexisting – as we can see – with them, while he who wants to support his religion ends up striving to help himself and others, as Waraqa said: "If I see the day when that happens, I will give you full support." This was the case on the day of the pledge of Aqaba, for the victory of religion cannot be covered by lessons alone, but through time and money, as God's commodity is expensive. There is a world of difference between sitting and giving lessons on the one hand, and giving our souls and heads for the victory of God. That is why al-Abbas bin Abd al-Muttalib, who still followed the religion of his people, wanted to be sure of his nephew Muhammad's position with the Helpers. So he said to them: "If you really are a people of power, endurance, vision in war, and independence, with hostility toward the Arabs, one and all, then they will unite against you." So I tell you: these characteristics were required for the people of faith to protect the Messenger of God, just as they are required today to protect his religion. When al-Abbas had finished speaking, al-Bara bin Ma'rur, who was one of the Helpers, said: "We have heard what you said, and by God if there was anything in our hearts other than what we say, then we would have said it, but we want to be faithful and true and to give our lives to protect the Messenger of God." So I tell you that this is how religion should be. It is based on loyalty, truthfulness and giving up your life to follow a certain path. When the people got up to pledge their allegiance, As'ad bin Zarara said: "Just a minute, people of Yathrib. We should not

pledge our lives in obedience before we know that he is the Messenger of God. If we do not expel him today, it would mean a parting of the ways with all Arabs; it would mean that you and some of your best men would be killed. If you are ready to do this, then take him, and may your reward be with God. If you are afraid for yourselves, then expel him, for he has more excuse than you before God.” So they said: “Stretch out your hand, for by God we will never break or forsake this pledge.”

These are the traits of those who want to protect and establish the religion of Islam. And today, this is what the mujahidin say to the scholars and preachers who love the truth and do not appease falsehood. You have raised the banner of Islam, and you know that it is in truth the religion of God’s Messenger. Your doing so means opposition to all Arab and non-Arab governments on earth; it means that your best men will be killed and that you will constantly be at war. If you can bear this patiently, then protect the banner and may your reward be with God. But if you fear for yourselves at all, then leave the banner of defense and resistance, but you will be more forgivable before God if you do not come between the youth of our umma and their jihad for the sake of God.

We will now discuss what are the duties of Muslims in the face of this Zionist-Crusader war against our Islamic umma. God Almighty said: “So [Prophet] fight in God’s way. You are accountable only for yourself. Urge the believers on. God may well curb the power of the disbelievers, for He is stronger in might and more terrible in punishment.” Today the most important duty after faith is to repel and fight the enemy aggressor. The Sheikh of Islam [ibn Taymiyya] said: “As for repelling the enemy aggressor who corrupts religion and the world, there is no greater duty after faith than uncompromising struggle against him.” So jihad is obligatory today on our entire umma, for our umma will stand in sin until her sons, her money, and her energies provide what it takes to establish a jihad that repels the evil of the infidels from [harming] all the Muslims in Palestine and elsewhere. So it is a duty for Muslims to wage jihad to the best of their abilities, to confirm the truth and to lay bare falsehood. God’s Messenger said in the Sahih of Muslim: “Whoever fights them with his hand is a believer, whoever does so with his tongue is a believer, whoever does so with his heart is a believer, and beyond that there is not so much as a mustard seed’s worth of faith.”

This great tradition of the Prophet applies to all believers, for inasmuch as we are believers then we are also mujahidin for the sake of God and our religion. The believer who cannot wage jihad with his hand or his tongue, must do so with his heart, which entails continuing to hate the enemies of God and calling for jihad against them, continuing to be friends with the believers and the mujahidin and praying for them, and helping them to feel the brotherhood of faith that joins Muslims everywhere from east to west. He must help them to feel that faith lies in one single tent, and that the infidels are in another tent, so that God blesses our umma with a state that includes all Muslims under its authority, with His permission. He should give himself for the sake of God with both his hand and his tongue, although this is only the weakest part of faith. He should boycott the goods of America and her allies, and he should be very wary that he does not support falsehood, for helping the infidels over Muslims – even with a single word – is clear unbelief, as the religious scholars have decreed. He must also be wary not to end up among those about whom God said: “They are miserly, and they order others to be the same,” or those of whom He said: “God knows exactly who among you hinder others, who say to their brothers ‘Come and join us’, who hardly ever come out to fight,” for he should not combine the sin of refraining from jihad with that of betrayal.

If individual jihad is an obligation upon our entire umma today, then it is even more so for the youth than it is for the old. Financial jihad, likewise, is an obligation today, particularly for those who have the resources, rather than those who don't. It is part of God's grace to our umma today that He has opened the hearts of many of the youth to pursue jihad for His sake, and to provide for His religion and His servants. So our umma has a duty to assist and encourage them, and to facilitate their affairs so that they can defend it from injustice, shame, and sin. It also has a duty to maintain the jihad that exists today and to help it with all its might, for this jihad is very dear to us is Palestine, Chechnya, Afghanistan, Kashmir, Indonesia, the Philippines, and other lands of Islam. The banner of jihad will only remain aloft in these states, despite the enemies' fierce attacks, by the grace of God and by the indescribable dedication of the mujahidin, giving their blood, sweat, and tears. We pray to God to accept them as martyrs.

I bring you the good news that the jihad in Afghanistan is going well today, and that things are improving for the mujahidin, by the grace of God. Here we are in the third year of fighting, and America has not been able to achieve its goals. Instead it has become embroiled in an Afghan quagmire. And as for what America considered to be victories in the first months of the war, after they captured some cities as a result of the withdrawal of the mujahidin, it is no secret to military experts generally, and to those who know Afghanistan particularly, that this was a tactical withdrawal in line with the nature of the Taliban state and the Afghans generally throughout their long history of guerrilla warfare. For the Taliban had no official army with which it could defend these cities, and that is why the Afghans resorted to their hidden powers of guerrilla warfare from the depths of their rugged mountains. This is the same tactic by which they previously conquered, by the grace of God, the army of the USSR, [a victory] which was ensured after they began to use guerrilla warfare and increased the rate of operations to two a day. So the Americans are in a sorry plight today, unable either to protect their forces or to form a government that can protect its own leader, let alone others. And by the grace of God, all the mujahidin have been organized together this past year, all of them eager for the jihad and recognizing it as their duty. If it were not for a lack of resources, it would have been easy for them to increase the amount of daily operations to the previous level in the jihad against the Russians, which would be unbearable for the Americans. So the umma has a duty today to support the jihad generally, while Palestine and Afghanistan are the most important axes that should be focused on, to bleed the Jews, the allies of America, and to bleed the Americans, the allies of the Jews. America's defeat in Afghanistan, with God's permission, will be the beginning of the end for it. With God's will, you will not suffer any harm from us, nor from our brothers the Afghan mujahidin, and we hope we will not suffer any harm from you.

The umma today is at a crucial point, and it must not show weakness or transgress. The ranks of Muslims in it should unite against the ranks of infidels, and it should show repentance for all its sins. At this tense and important time, it should also forsake the life of frivolity and decadence, and stand up and prepare for the real life of killing, fighting, striking, and injuring. You have the words of the Sheikh of Islam at a time of strife similar to that which we are in now: "You should know, may God reform you, that the Prophet is widely reputed to have said: 'Until the Day of Judgment there always be a group among my umma that manifests the truth, unharmed by those who have abandoned or quarrelled with them.' This dispute divides people into three groups: the victorious party, who are the mujahidin against these corrupt people; the opposing party, and those biased towards them, who show

contempt for Muslims; and the disloyal party, who refrain from jihad, even if they otherwise follow Islam correctly. So every man should decide whether he is with the victorious party, or with either of the other two, since there is no fourth party.” The Sheikh went on to say: “By God, even if the first generation of Emigrants and Helpers, like Abu Bakr, Umar, Uthman, Ali, and others, were here at this time, their greatest deed would be jihad against this criminal people. Such a raid as this is only missed by those whose trade has lost out and who have been humiliated and deprived of great fortune in this life and the next.” And here he ended his speech.

So, then, I urge the youth to think for themselves about jihad, for they are the first of those obliged to pursue it today, as al-Shatbi has pointed out.

And know that targeting Americans and Jews the length and breadth of the earth is one of the greatest duties and one of the best ways to be close to God Almighty. I also urge the youth to pay attention to the truthful scholars and dedicated preachers, and to make use of their need for secrecy, especially in the military operations of jihad.

I bring you all – and those in Palestine particularly – the good news that your mujahidin brothers are sticking to the path of jihad to target the Jews and Americans, and that with the permission of God Almighty, the Mombasa operation was just the beginning of the deluge. We will not forsake you, so keep fighting for the blessing of God. We are with you, fighting with God’s permission. Before I finish, I will urge myself and my brothers in faith to jihad for the sake of God with these words:

I shall lead my steed
and hurl us both at the target.
Oh Lord, if my end is nigh,
may my tomb not be draped
in green mantles.
No, let it be the belly of an eagle,
perched up on high with his kin.
So let me be a martyr,
dwelling in a high mountain pass
among a band of knights who,
united in devotion to God,
descend to face armies.
When they leave this world,
they leave trouble behind,
and meet their Day of Judgment,
as told in the Scriptures.

In conclusion, I urge my Muslim brothers and myself to be devoted to God Almighty both outwardly and inwardly, to keep praying and to be humble before Him. “Lord, give us good in this world and in the Hereafter, and protect us from the torment of the Fire.” We ask God Almighty to free our prisoners, especially the two Sheikhs Omar Abdul Rahman and Sa’id bin Zu’air, from the hands of the Americans and their collaborators and to free our brothers from Guantanamo Bay. We ask Him to help the mujahidin in Palestine stand firm and give them victory. We ask him to help them and all other Muslim lands against our enemy, and I urge both you and myself always to have God in our minds, and to read and reflect upon the Qur’an, for it contains moral lessons, cures, guidance, and mercy. God said: “People, a teaching from your Lord has come to you, a healing for what is in [your] hearts, and guidance and mercy for

the believers.” “God always prevails in His purpose, though most people do not realize it.” Our final prayer is praise be to God, Lord of the worlds.

ANEXO G – Discurso de 04 de Janeiro de 2004

Thanksgiving and praise are due to God alone, we seek aid from Him alone; and we beseech forgiveness of our sins from Him only; and consign ourselves to the protection of God against the evil of our souls and against all offenses. Truly, whomsoever God guides on the straight path – and He puts him only on the straight path who sincerely desires to walk along that way – no one can lead him astray. And whoever God deflects – and He deflects only him who yearns to be deflected – no one can put him on the straight path. And I bear witness that there is no god except God and I testify that Muhammad is the bondman of God and His Messenger.

“You who believe, be mindful of God, as is His due, and make sure you devote yourselves to Him, to your dying moment.”

From Osama bin Muhammad bin Laden to his brothers and sisters in the Islamic nation, God’s peace, prayers, and blessings be upon you.

My message to you concerns inciting and continuing to urge for jihad to repulse the grand plots that have been hatched against our nation, some of which have been made particularly evident, such as the occupation of the Crusaders, with the help of the apostates, of Baghdad, the house of the caliphate, under the pretext [that it possesses] weapons of mass destruction. There is also the savage attempt to destroy the al-Aqsa Mosque and destroy jihad and the mujahidin in beloved Palestine, by employing the pretext of the road map and the Geneva peace initiative.

This is in addition to the crusader media campaigns against the Islamic nation. These campaigns show how malicious are the evils they harbor against the nation in general and against the people of Saudi Arabia in particular. The Americans’ intentions have also become clear in their statements about the need to change the beliefs, curricula, and morals of Muslims in order to become more tolerant, as they put it. In clearer terms, it is a religious-economic war. They want the believers to desist from worshipping God so that they can enslave them, occupy their countries, and loot their wealth. It is strange that they want to dictate democracy and Americanize our culture through their jet bombers. Therefore, what is yet to come [from them] is even more malicious and devilish. The occupation of Iraq is a link in the Zionist-Crusader chain of evil. Then comes the full occupation of the rest of the Gulf states to set the stage for controlling and dominating the whole world. For the big powers believe that the Gulf and the Gulf states are the key to controlling the world, due to the presence of the largest oil reserves there.

The occupation of Baghdad is only one practical stage in what the United States has already through and planned. The entire region was targeted in the past, it is being targeted now, and will remain targeted in the future.

What have we prepared for that? The current Zionist-Crusader campaign against the umma is the most dangerous and rabid ever, since it threatens the entire umma, its religion, and presence. Did Bush not say that it is a Crusader war? Did he not say that the war will continue for many years and target 60 states? Is the Islamic world not around 60 states? Do you not realize this? Did they not say that they want to change the region’s ideology, which vents hatred against the Americans? What they mean by this is Islam and its peak. They know full well that they will not enjoy our wealth and land as long as we remain mujahidin Muslims. So, learn this and keep it in your mind.

O Muslims: The situation is serious, and the misfortune is momentous. By God, my highest wish is to safeguard your religion and your worldly life. You are my brothers in religion and my family in kinship. An honest person would not cheat his people. So, lend me your ears and open up your hearts to me in order that we may examine these pitch-black misfortunes, and so that we may consider how we can find a way out of these adversities and calamities.

To talk about that, let me tell you what God's messenger Shu'ayb – may God's peace and prayers be upon him – told his people: "I only want to put things right as far as I can. I cannot succeed without God's help: I trust Him, and always turn to Him."

In so doing, I seek God's assistance and trust to enforce His will, no matter what the consequences are. I seek the truth and fear nobody in championing rightfulness. I seek the approval of God, even if this angers some people. Our life's term will come to an end and our sustenance is predestined by God. So, why should one fear telling the truth and championing rightfulness? No one should desist from championing jihad when it becomes obligatory, except those who have lost their direction, humiliated themselves, and deprived themselves of unmatched reward. Therefore, the first step to emerge from this dilemma is to return to God Almighty, pray for His forgiveness, turn in repentance to Him, and follow the path of his great Qur'an and the tradition of his faithful messenger, may God's peace and prayers be upon him.

We should also look for the main reasons that diverted from within the march along the straight path, and identify the active forces that caused this deviation. We will find, without much effort, that these reasons are the princes, ulema, and preachers of evil, and those who have done injustice to the Islamic action, as well as the media persons of these states and those who followed them. The bitter truth is that the princes have managed to seduce many of the individuals in these groups, and have muffled the voices of those who refused to join them.

Since telling the truth and differentiating between right and falsehood are part of the teachings of the Qur'an and the Prophet's hadith, in order that people would not confuse falsehood and truth and thus stray from the right path, God said: "Do not mix truth with falsehood, or hide the truth when you know it."

To remove any ambiguity, things have to be called by their true names and described by their religious terms, especially when we talk about the forces that impact upon the umma's progress. This helps us gain a clear image of these forces and their actions, and makes it easier for us to deal with them, since judging things comes after knowing about them. Therefore, religious terms should be used when describing the ruler who does not follow God's revelations and path, and champions the infidels by extending military facilities to them, or implements United Nations resolutions against Islam and Muslims. Those should be called infidels and renegades. Those forces that consciously support tyrants through their own free will are partners in the injustice being done to Muslims. I appeal to the people of the Islamic action to oust their leaders who supported those tyrants, and select strong and honest leaders who can shoulder their duties under the current difficult circumstances and defend the Islamic nation. The media people who belittle religious duties such as jihad and other rituals are atheists and renegades. This is as far as concerns those forces that have diverted the course of our march from within.

As to how to resist these enemy forces from outside, we must look back at the previous Crusader wars against our countries to learn lessons that will help us

confront this onslaught, understand the most important causes of these attacks, and learn how they were resulsed and resisted.

I say that the West's occupation of our country is old, yet new, and that the confrontation and conflict between us and them started centuries ago. This confrontation and conflict will go on because the conflict between right and falsehood will continue until Judgment Day. Such a confrontation is good for both the countries and peoples. God says: "If God did not drive some back by means of others, the earth would be completely corrupt..." Those who interpret the Qur'an say that this verse means that had the believers not fought the infidels, the latter would have defeated the believers and the earth would have been corrupted by their ill deeds. So, pay attention to the importance of conflict.

There can be no dialogue with the occupiers except with weapons. If we look at the nature of the conflict between us and the West, we find that when they invaded our countries more than 2,500 years ago they did not have a sound religion or ethics. Their motive was to steal and plunder. Our ancestors in Bilad al-Sham remained under occupation for more than ten decades. We defeated them only after the mission of our Prophet Muhammad. It was the true commitment to Islam that reshaped the Arab character, liberated it from pre-Islamic concepts, enlightened hearts and minds, and released energies. At that time, neither the Arabs nor anybody else could stand in the way of the battalions of faith. The Persians, Tartars, Turks, Romans, and Berbers collapsed in front of the shouts of "God is great". We were the pioneers of the world. We rescued the people from the worship of human beings, for the worship of the God of people.

When our adherence to our religion weakened and our rulers became corrupt, we became weak and the Romans returned, waging their infamous Crusader wars. They occupied the al-Aqsa Mosque, but after 90 years we regained our strength when we returned to our religion. Thus, with the help of God, we regained the al-Aqsa Mosque at the hands of a wise leader who persued a sound approach. The leader was Salah-al-Din, may God bestow his mercy on him, and the approach was Islam, whose pinnacle is jihad in the cause of God. This is what we need today, and should seek to do. Islamic countries in the past century were not liberated from Crusaders' military occupation except through jihad in the cause of God. Under the pretext of fighting terrorism, the West today is doing its utmost to tarnish jihad and kill anyone seeking jihad. The West is supported in this endeavor by hypocrites. This is because they all know that jihad is the effective power to foil all their conspiracies. Jihad is the path, so seek it. This is because if we seek to deter them by any means other than Islam, we would be like the one who goes round in circles. We would also be like our forefathers, the Al-Ghasasinah. The concern of their elders was to be appointed officers for the Byzantines and to be named kings in order to safeguard the interests of the Byzantines by killing their brothers of the peninsula's Arabs. Such is the case of the new Al-Ghasasinah; namely, Arab rulers.

Muslims, if you do not punish the Crusaders for their sins in Jerusalem and Iraq, they shall defeat you because of your failure. They will also rob you of the land of the Two Holy Sanctuaries. Today [they robbed you] of Baghdad, and tomorrow they will rob you of Riyadh and so forth unless God deems otherwise. Sufficient unto us is God.

What then is the way to stop this tremendous onslaught? As you may recall, the umma made several attempts in recent decades to resist the Zionist-Crusader alliance to liberate Palestine. The republics and kingdoms embraced several earthly

religions in the region, like pan-Arabism, socialism, communism, democracy, and other doctrines.

These material forces have proved beyond any shadow of doubt that they surrendered to the US-led Zionist-Crusader alliance. The people followed these forces for a long time, only to find they are still where they were at the start. We have had enough of chasing mirages. Cease manipulating the minds of the people.

In such hard times, some reformers maintain that all popular and official forces should unite, and that all government forces should unite with all their peoples. Everyone would do what is needed from him in order to ward off this Zionist-Crusader onslaught. The question strongly raised is: Are the governments in the Islamic world capable of pursuing this duty of defending the faith and umma and renouncing allegiance to the USA? Let us have an objective look at these governments' history with regard to the umma's crucial issues, in order to understand their policies, so that we will not be led into a dead end and so that we will not experience what we have endured for many decades.

1. They [the Arab governments'] position on the Crusader aggression in World War One was as follows: When they [the Crusaders] attacked the Islamic world and sought to topple the Ottoman state, these rulers rose up against the Ottoman state, divided the Muslims, and made an effective contribution in terms of fighting this state, thus leading to its fall under the Crusader occupation and division into more than 50 countries. The prominent role in this treason was played by King Abd-al-Aziz al-Saud and Al-Sharif Hussain and his sons.

2. The Palestine Question: The position of these rulers on this pivotal issue has for nine decades been based on pledging to the British to allow the Jews to establish a state on the land of Palestine, letting down the people of Palestine, and misleading them on several occasions into laying down their weapons. The most prominent of these attempts was made by King Abd-al-Aziz al-Saud. When the Zionist organization, or the so-called United Nations, issued its resolution on dividing Palestine and establishing a Jewish state in it, the Arab rulers stood idly by. Even today, the members of this organization remain. They have done nothing, except for shameful actions, to prevent this from happening. A fabricated war erupted after the Jewish state was established one year after the resolution was passed to partition [Palestine]. Then, the Arab rulers agreed to sign a temporary truce in response to the request of the United States, which asked them to sign a permanent truce after one year. Thus, they almost buried Palestine and its people alive, but God protected them.

The conspiracies continued, including the Madrid conference and what came after it. The efforts continued to abort the first intifada. In the Sharm al-Sheikh conference in 1416 Hegira, they supported the Jews and Christians against our oppressed people in Palestine. In addition, the Beirut initiative recognized the Jews and a large part of the land they occupied in Palestine. The most recent conspiracy is the road map. In the course of these conspiracies, they gave some money to the people of Palestine to throw dust in their eyes. History attests that they have restored nothing of Palestine during the past nine decades.

What is surprising, and disgusting as well, is the position of those rulers toward the families of the mujahidin who carried out martyrdom operations. While these families were expecting good deeds from them, the rulers responded with evil. Not only did they condemn the martyrdom operations, but they also came up with something that is more annoying and distressing. Look at the conditions of these families in Palestine as well as the conditions of our sisters the windows, whose

husbands were killed by the Jews. Some of them sacrificed their sons for the sake of Islam and Islamic sanctuaries. After the possessors of thrones and armies abandoned them, the Jewish soldiers came to corrupt the land of Jerusalem, destroy the agricultural lands, and kill the people. They forced the Palestinian widow to leave her house, and destroyed its contents, not allowing her to take her precious possessions. She became homeless on roadsides, and tears filled her eyes, not knowing where to take her children and those of her son – whom we consider a martyr, but God knows best – as a result of her suffering and dire distress.

Thanks to God, some kindhearted people from Saudi Arabia and other countries were sending alms to the families of those widows and orphans to ease their suffering and distress. Unfortunately, the conceited, arrogant prince, Abdallah bin-Abd-al-Aziz, ordered that these well-doers be prevented from sending money to these families so that the martyrdom operations would stop. What kind of heart is that to issue such an order? It is a heart of a human being, or is it a heart made of stone? What kind of meanness it is to prevent small amounts of money from reaching a widow, an orphan, or a poor person? Can such cruel-hearted people bring us good or defend our countries and peoples? Those hypocrites, worshippers of money, claim that they are our leaders and will defend us.

I am surprised how those calling for reform say that the way to righteousness and defending our countries and peoples comes through these apostate leaders. I say to these people: If you have an excuse preventing you from jihad, it should not give you the right to stand beside those unjust leaders and thus be responsible for your sins and the sins of those whom you misled. Fear God for your sake and for your nation's sake. God does not need your flattery and praise for the tyrants for the sake of His religion. God Almighty says: "So do not yield to those who deny the truth they want to compromise with them and then they will compromise with you". It is better for a person to be at the bottom of right than to be at the peak of wrong.

3. The Gulf states proved their total inability to resist the Iraqi forces. As is well known, they sought help from the Crusaders, led by the United States. How can these states stand up to the United States and the Iraqi forces, which are being formed these days under American command?

The decision made by Jabir al-Sabah and his comrades following the Iraqi invasion of Kuwait – when they fled the country – is the same decision that will be made by all the Gulf rulers, unless they reach an agreement with the United States to leave their thrones and be given other jobs to deceive the people and protect US interests, pledging not to ask about oil revenues, as happened with their agents in the transitional Iraqi Governing Council. What proves their defeatism and submission to the occupier is their acceptance to receive IGC members and cooperate with them.

In short, these states came to America's help and backed it in its attack against an Arab state which is bound to them by covenants of joint defense agreements. They reiterated these covenants at the Arab League just a few days before the US attack, only to violate them utterly. This shows their positions on the umma's basic causes.

4. These regimes wavered too much before taking a stand on using force and attacking Iraq. At times they totally rejected participation and at other times they fell into line with the UN. Then they went back to their first option – and in fact, the lack of participation [in the invasion of Iraq] was in line with domestic opinion in these states. However, they finally submitted and succumbed to US pressure, opening their air, land, and sea bases to contribute toward the US campaign, despite the immense

repercussions of this move. The most important of these repercussions is that this is a sin against one of the Islamic tenets and high treason against the umma. Such a move must also stir up popular anger and pave the way for bringing down these treacherous, apostate, and powerless regimes. The most significant danger in their view was the prospect that the door would be opened for armed forces from abroad to bring down dictatorial regimes, especially after they had seen the arrest of their former confederate in treason and collaboration with the United States, which ordered him to ignite the first Gulf war against Iran, which fought back. The war consumed everything, plunging the region into a chaos from which it has not emerged to this day. The wars that followed were repercussions of this war.

These states are aware that their turn will come. They do not have the will to make the difficult decision to confront [US] aggression, in addition to their belief that they do not possess the material resources for that. Indeed, they were prevented from establishing a large military force when they were forced to sign secret pledges and documents long ago.

5. What shows their position toward the umma's causes is the support they provided to the United States by opening their bases for its crusader campaign against Afghanistan; this is obvious support for the infidels against an Islamic country, and a cardinal sin that renders one an infidel.

6. One of the obvious facts that showed what kind of position the Gulf rulers were ready to take when they came under US pressure to hand over oilfields to the United States was their collective support for Zayid's Initiative, which called on Saddam Hussein to hand over Iraq, its people, and its oil to the United States; to leave power; and to accept political asylum under the pretext of sparing Iraqi people bloodshed. Saud al-Faisal repeatedly and shamelessly underlined this principle. Ostensibly, and based on what has been said, this apparently shows that if they come under US pressure and face a US desire to occupy the oil regions, the Gulf rulers, including the ruler of Riyadh, will take the same stand.

7. The most obvious reflection of the rulers' attitude towards resistance to this aggression in the stance adopted by their leader when US tanks entered the Arabian peninsula and its waters were disturbed by the Crusader aircraft carriers that came carrying the most sophisticated ammunitions and weapons, to occupy the region. Their leader, who taught them submission, came out to address the public in order to instil into the nation submission, humiliation, and subjugation, and said: "these troop concentrations are not for war". How shameful is this?

If you do not know, that is a calamity. If you do, the calamity is greater.

In short, the ruler who believes in some of the aforementioned deeds cannot defend the country. How can he do so if he believes in all of them and has done these things time and again? Those who believe in the principle of supporting the infidels against Muslims, leaving the blood, honor, and property of their brothers to be easy prey for their enemy in order to remain safe, claiming that they love their brothers but are being compelled to take such a path – this compulsion cannot of course be regarded as legitimate from the perspective of sharia – are in fact qualified to take the same course against one another in the Gulf states.

Indeed, this principle is liable to be embraced in the internal affairs of state.

For example, the Riyadh ruler is capable of abandoning the eastern, central, and other provinces to the Americans. Likewise, he is capable of abandoning the northern province and part of the western province to Jews, in exchange for keeping Jazan, Samitah, and Abu Arish. Those who read and understood the histories of kings know that they are capable of committing more than these concessions, except

those who enjoyed the mercy of God. Indeed, the rulers have practically started to sell out the sons of the land by pursuing and imprisoning them, and by unjustly and wrongly accusing them of becoming like the Al-Khawarij sect, who held Muslims to be infidels and went to excess in killing them. We hold them to be martyrs. Sufficient unto them is God.

All this happened before the Riyadh explosions in Rabi al-Awwal of this year [May 2003], which the regime cites as a pretext for its actions. This campaign came as part of a drive to implement the US orders in the hope that they will win its approval, even though Saudi Arabia was the regime which provoked the youths by opening up the country for the Crusaders in violation of religion, in disregard for the Muslims' sentiments, and in defiance of the manliness of the men of Saudi Arabia. Consequently, it was the regime which really disturbed security. Because this statement cannot accommodate all my thoughts in this regard, I discussed this issue in a special message addressed to Saudi Arabia, which I hope will reach you soon.

What sums up the situation of the nation, the ferocious attacks of the enemies against it, the treason of the atheistic rulers, their betrayal of religion, their tyrannical treatment of their peoples, and the failure of Islamic groups to wage jihad are the following lines of poetry which are mostly written by Dr Yustuf Abu Hilala, who says:

The great nation has become a plaything in the priest and the rabbi.

It is like a nation that, in terms of stading [on its own two feet], it makes no difference regardless of whether it remains idle or stands up.

Now that calamities are eliminating it, its leaders are sitting on their thrones like dusty skeletons.

Jerusalem, woe unto Jerusalem, its chastity has been desecrated, and Muslims have chosen not to engage in jihad.

Baghdad, O house of the caliphate, woe unto you, why has your chastity been defiled by rabble?

Why did those who betrayed their religion yesterday choose to turn a blind eye to the raids on your sanctuaries?

Are you ferocious lions when dealing with the people, and rabbits and ostriches when it comes to dealing with Jews?

I no longer have a home whose shelter I can seek, for my homeland has been desecrated and set on fire.

O my nation, I am a bird who has seen a thicket, may I sing? Will I be blamed if I do?

Am I to blame if I present you with a fact; namely, that the rulers are our mortal enemies?

They are unbelievers; yet, they are called the servants and imams of Muslims.

They pretend to be our support, when, in point of fact, they are our disease and death.

They Crusaders' army has enveloped the universe; where are the pious, magnanimous, and audacious men?

Based on the above, the extent of the real danger, which the region in general and the Arabian peninsula in particular is being exposed to, is evident. It has become clear that the Gulf rulers are not qualified to apply religion and defend Muslims. In fact, they have provided evidence that they are implementing the schemes of the enemies of the umma and religion and that they are qualified to abandon its countries and peoples. Now, after we have become aware of the rulers' approach, we should

examine the policy they have been pursuing. Anyone who examines the policy of those rulers will easily see that they follow their whims and desires, and their personal interests and Crusader loyalties.

Commitment to Islam is not one of the constants in their policies and religious practices. They believe in a part of the Book and reject the rest in conformity with their whims to keep their thrones, a grievous act of infidelity, as Almighty God demonstrates in the following Qur'anic verse: "So do you believe in some parts of scripture and not others? The punishment for those of you who do this will be nothing but disgrace in this life and on the Day of Resurrection they will be condemned to the harshed torment: God is not unaware of what you do do.

To these rulers, the only major objective is remaining in power. Therefore, the flaw does not involve a secondary issue, such as personal corruption, which is confined to the palace of the ruler. The flaw is in their fundamental approach.

This [approach] came about when a malicious belief and destructive principle spread in most walks of life, so that absolute supremacy and obedience became due to the ruler, and not to the religion of God. This means that slavery is imposed by the ruler and not by Almighty God. This is the important reality that the rulers manipulate, even if they use Islam as a cover, particularly in some countries, where they assigned an army of ulema, preachers, writers, and the entire mass media for about a century to exaggerate the meaning of obedience to the ruler, deviating from the restrictions to this concept as stipulated in God's religion. Therefore, the ruler became an idol to be worshipped instead of God – this is the current situation in Saudi Arabia. If any of the ulema refuses to flatter the rulers, his fate will be prison until he is forced to flatter them. In other countries they use parliaments and democracy as a cover for this.

Thus, all Arab countries currently suffer from great deterioration in all walks of life, in both religious and worldly matters. It is enough to know that the economy of all Arab countries is weaker than the economy of one country that had once been part of our [Islamic] world when we used to truly adhere to Islam. That country is the lost al-Andalus. Spain is an infidel country, but its economy is stronger than ours because the ruler there is accountable. In our countries, there is no accountability or punishment, but only obedience to the rulers and prayers of long life for them.

We have reached this miserable situation because many of us lack the correct and comprehensive understanding of the religion of Islam. Many of us understand Islam to mean performing some acts of worship, such as prayer and fasting. Despite the great importance of these rituals, the religion of Islam encompasses all the affairs of life, including the religious and the worldly, such as economic, military, and political affairs, as well as the scales by which we weigh the actions of men – rulers, ulema, and others – and how to deal with the ruler in line with the rules set by God for him, which the ruler should not violate. These rulers also proscribe the enacting of legislation contrary to God's will, allegiance to infidels and supporting them against Muslims, or tampering with – or embezzling huge amounts of – the nation's money. Many people think that this is part of the ruler's authority, and do not know that these actions by the ruler are in fact some of the cardinal sins in our sharia that should not be tolerated. Furthermore, a ruler's enacting legislation contrary to God's will, and his allegiance to the infidels, constitute a greater atheism, which drives him away from faith, and necessitates a considered and planned uprising against him.

Had these rulers read the Qur'an and Prophet Muhammad's traditions, and had they learned lessons from them – which is what we should do – this would have become very clear to them in several texts. Among these texts is a tradition by Uday

bin-Hatim, who converted to Christianity before Islam. He thought, as do many people, that following the leaders and ulema in allowing what has been forbidden by God, and banning what has been allowed by God, is not worship of these leaders and ulema, and is not atheism, because this does not mean praying or fasting for them. However, when bin-Hatim came to the Messenger of God, while he was reading this Qur'anic verse: "They take their rabbis and their monks as lords," he said that he told the Prophet: "They did not worship them." The Prophet answered: "Yes, but they forbade what is allowed and allowed what has been forbidden, and followed the. Therefore, this is what they worship."

Be attentive to this verse, because both this verse and tradition clearly show that obedience to the ruler, a scholar, or anyone else in allowing what has been forbidden by God, and banning what God has allowed, is tantamount to worshipping them rather than God. This is a greater polytheism and drives the person away from faith: may God protect us and you from this.

This is what Almighty God disassociates himself from when he says: "Praise and glory to Him: He is far above whatever they set up as partners with Him;" he then says "But they were commanded to serve only One God: There is no god but Him." This shows that issuing legislation concerning what is allowed and what is banned is a type of worship. This is one of the most important traits of God and one of the most important prerequisites for testifying that there is no god but God, the first and most important pillar of Islam. This is a serious warning to those who think that Islam consists of mere words uttered, in which one testifies that there is no god but God, but who do not know that these words have requirements that, if they do not heed them, they would not be properly committed to the testimony that there is no god but God. The gist here is that the absence of a comprehensive understanding of God's religion as a system for all walks of life, including Islam's way of holding the rulers accountable – because if they follow God's religion things become good for the country and its people – is one of the greatest flaws in the nation at present. We should be fully aware of this issue and start the march of reform today, in order to follow the right path. We should not continue in this deviant path for yet another century.

One of the beneficial books that explained the previous Qur'anic verse is *The Book of Faith* by Sheikh ibn Taymiyya, may God have mercy on his soul; and also the book titled *Faith al-Mujid* by Sheikh Abd-al-Rahman bin-Hasan al-Shaykh, may God have mercy on his soul; and the book entitled *Concepts that Should be Corrected*, by Sheikh Muhammad Qutb. These showed that the rulers are incapable and treacherous, and that they have not followed the right path of Islam but followed their wishes and lusts – this is the reason for the setbacks in the nation's march during the past decades. Therefore, it is clear to us that the solution [to these problems] lies in adhering to the religion of God, by which God granted us pride in the past centuries, and installing a strong and faithful leadership that applies the Qur'an among us and raises the true banner of jihad.

The honest people who are concerned about this situation – such as the ulema, leaders who are obeyed among their people, dignitaries, notables, and merchants – should get together and meet in a safe place away from the shadow of these oppressive regimes and form a council for *Ahl al-Hall wa al-Aqd* to fill the vacuum caused by these religiously invalid regimes and their mental deficiency. The people have the right to appoint an imam. The people also have the right to make him correct his course if he deviates from it and to remove him if he does something that warrants this, such as apostasy and treason.

This temporary council should be made up of the minimum number of available personnel, who should be tough on the rest of the nation, except what the religion permits in case of necessity, until the situation improves and the number is increased, God willing. The council's policy should be based on the book of God and the tradition of this Prophet. It should start by directing Muslims to the important priorities at this critical stage, and lead them to a safe haven, provided that their top priority is uniting opinions under the word of monotheism and defending Islam, its people and countries, and urging Muslims to prepare for and carry out jihad.

The people should be given easy access to arms, particularly light weapons; anti-armored rockets, such as RPGs; and tank mines; as well as the declaration of a general mobilization in the nation to prepare for repulsing the raid of the Romans, which started in Iraq; no one knows where it will end. God suffices us and He is our best support.

My brothers in faith, we should be certain that our success and happiness in this world and in the hereafter lies in implementing Islam and carrying out jihad. Our pride and happiness lie in these things, based on the true Prophet's saying that was related by Abu Dawud citing ibn Umar. The Prophet says: "if you practise Tabaiya al-Ainiya, followed the tails of cows, satisfied yourselves with agriculture, and abandoned jihad, God will cover you with humiliation and will not remove it until you return to your religion."

Caliph Umar told Abu-Ubaydah: "We are a people whom God made powerful through Islam, and if we seek strength from other sources God will humiliate us." Therefore the advocates of reform should know that reforming and uniting the nation under Islam cannot be achieved through lectures and books only, but through a practical plan involving the entire nation, each according to his own capabilities, beginning with prayer to God and ending with fighting in the cause of God, for fighting in the cause of God is an indivisible part of our religion. In fact, it is the pinnacle of religion. So, how can religion survive without its apex? It is a pressing need of our nation's life, glory, and survival. Although our enemy lies, our religion tells the truth when it stipulates: You fight, so you exist. This is what they teach their children, but they tell us the contrary. Moreover, fighting comes about through the big powers' need for survival. Just read history if you want – including the history of America, which has ignited dozens of wars throughout only six decades. This is because this was one of its most pressing needs. When the United States makes a sincere decision to stop wars in the world, it knows before anyone else that day will mark the beginning of its collapse and the disintegration of its states. This day is coming, God willing. So, beware of any call for laying down arms on the pretext of achieving peace. This is because this will be a call to humiliate us. Only a hypocrite or an ignorant person can promote such calls.

Before concluding, I urge the Muslim youths to carry out jihad, particularly in Palestine and Iraq. I also call on them to be patient and pious, and to weaken the enemy by inflicting wounds on it, along with protecting Muslims during these actions. They also should be careful not to expand on applying the law regarding the use of human shields, for this should be left to their honest ulema on a case-by-case basis. We beseech God to grant us victory through patience and piety. May God make us patient and pious.

Concluding, I would like to say a few words to Muslim youth, words which we heard from your grandfathers who had been tested by events throughout many years in Palestine, and who had been witness to many initiatives, conspiracies, calamities, and calls for peace. I just want to remind you of these words, which are: My son, they

will talk to you about peace; do not listen to such calls, because although I once believed them I am still living in a tent. "God always prevails in His purpose, though most people do not realize it." "Our Lord, give us good in this world and in the Hereafter, and protect us from the torment of the Fire!" O God, I beseech you to strengthen the mujahidin everywhere, particularly in Palestine, Iraq, Kashmir, Chechnya, and Afghanistan. We beseech God to grant them success, to strengthen them, to unite their ranks, and to grant them victory over their enemies, especially since no one grants them victory except Almighty God. O God, we beseech you to put this nation's feet firmly on the right path in order to strengthen those who obey you and to humiliate those who disobey you. Praise be to God, Lord of the worlds. May God's prayer and peace be on the last of the Prophet and messengers.